

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
ESCOLA DE ARQUITETURA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Paula Lemos Vilaça Faria

**DOMESTICIDADES E CONTRA-DOMESTICIDADES:  
CRÔNICAS E CACARECOS DE VIDAS CONFINADAS**

**BELO HORIZONTE**

**2024**

Paula Lemos Vilaça Faria

**DOMESTICIDADES E CONTRA-DOMESTICIDADES:  
CRÔNICAS E CACARECOS DE VIDAS CONFINADAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, na Linha de Pesquisa de Teoria, Produção e Experiência do Espaço e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof. Doutora Marcela Silviano Brandão Lopes

**BELO HORIZONTE**

**2024**

## FICHA CATALOGRÁFICA

F224d Faria, Paula Lemos Vilaça.  
Domesticidades e contra-domesticidades [manuscrito] : crônicas e cacarecos de vidas confinadas / Paula Lemos Vilaça Faria. - 2024.  
161 p. : il.

Orientadora: Marcela Silviano Brandão Lopes.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

1. Espaço (Arquitetura) - Teses. 2. Percepção espacial - Teses. 3. Arquitetura e literatura - Teses. 4. COVID-19 Pandemia, 2020- - Teses. I. Lopes, Marcela Silviano Brandão. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.

CDD 711.13



FOLHA DE APROVAÇÃO

**Domesticidades e contra-domesticidades: crônicas e cacarecos de vidas confinadas**

**PAULA LEMOS VILAÇA FARIA**

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da UFMG como requisito para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração: Teoria, produção e experiência do espaço.

Aprovada em 2 de julho de 2024, pela Comissão constituída pelos membros:

Profa. Dra. Marcela Silviano Brandão Lopes - Orientadora  
EA-UFMG

Profa. Dra. Junia Cambraia Mortimer  
EA-UFMG

Profa. Dra. Laura Fonseca de Castro  
PUC MG

Belo Horizonte, 2 de julho de 2024.

## AGRADECIMENTOS

A escolha por tratar de um tema que perpassa um período bastante confuso e até mesmo doloroso para muitas pessoas vem bastante de uma vontade de dar sentido à ele. Em um nível pessoal, minha própria trajetória acadêmica foi atravessada pela pandemia, que, quando declarada, eu estava ainda no nono período da graduação em Arquitetura e Urbanismo, elaborando a monografia para o trabalho de conclusão de curso. Naquele momento eu já sabia que existia uma vontade de escrever vinda de uma paixão pela literatura, mas ainda não sabia o que fazer com esse ímpeto em um momento em que me tornava arquiteta sem poder sair do espaço do apartamento que foi dividido com colegas e depois com meu companheiro. Por ironia ou não, quando saiu o resultado do processo seletivo de do NPGAU, eu estava com COVID, me impossibilitando de comemorar imediatamente esse novo passo em minha trajetória. Quando a OMS declarou oficialmente o fim da pandemia, eu já estava em meu segundo semestre como mestranda. Ou seja, estava dentro de uma universidade quando tudo começou e quando tudo se encerrou, trazendo uma sensação de nunca ter saído do ambiente acadêmico no final das contas. Por esse e outros motivos, é impossível dizer que foi um processo tranquilo. Viver no turbilhão de emoções que chega para todos ao trabalhar como pesquisador no Brasil só é possível com o apoio daqueles que estão por perto durante essa empreitada.

Por isso agradeço primeiramente aos meus avós, aqueles que vieram antes de mim e de onde eu vim. E aos meus pais, que acreditaram e me lembraram constantemente do quanto eu era capaz. A escrita e a leitura estão presentes em minha vida desde criança, mas também me precedem em gerações de mulheres que são professoras e que sempre acreditaram na importância da educação.

Agradeço ao meu companheiro Rafael por me apoiar nessa escolha pela pesquisa e ouvir, incansavelmente, minhas tentativas de pôr em palavras ditas em voz alta linhas de raciocínio ainda em construção inúmeras vezes. Rafael também me deu colo em todos os momentos de desespero não só com o mestrado, mas nos momentos em que as autocobranças e a própria academia acabaram me atropelando.

Sou muito grata a todas as minhas amigas e amigos, especialmente Pedro, por sempre estar aqui e acreditar em mim, além de escutar, já que uma coisa que pesquisador gosta é de falar; e Petrus, também pela presença e escuta, mas também por, mesmo em outro

departamento de pós-graduação, me ajudar a resolver as burocracias que chegavam e trocar figurinhas sobre o trabalho de pesquisador e seus altos e baixos.

Agradeço aos meus colegas de mestrado, que ingressaram comigo no NPGAU e me ajudaram a não me sentir sozinha e a lidar com os momentos difíceis. Estive rodeada de pesquisadoras e pesquisadores extremamente dedicados e talentosos durante esses dois anos, pessoas que trabalham muito e acreditam que a pesquisa é essencial para a produção de conhecimento no país.

Agradeço ao colegiado e à coordenação do NPGAU, por terem me acolhido em um momento delicado da pesquisa e terem me incentivado a não desistir. Agradeço também à Escola de Arquitetura da UFMG como um todo e a todos os funcionários que mantêm o edifício funcionando.

Agradeço a todas as professoras e professores que tive a oportunidade de conhecer e com quem aprendi muito em todo o meu caminho. E não digo apenas aqueles da pós-graduação, aqui agradeço a todos, desde os professores de Literatura e História do colégio, que me despertaram interesses que me acompanham até hoje; como os da graduação em Arquitetura e Urbanismo, que me incentivaram e inspiraram a me tornar pesquisadora.

Por fim, agradeço à minha orientadora, a professora Marcela Brandão, que entrou nessa história tentando entender minha cabeça e ajudando a clarear minhas ideias quando nem eu mesma estava conseguindo enxergá-las. Marcela disse, ao se debruçar pela primeira vez por todo o material que eu havia escrito até a metade do mestrado, que eu tinha um jeito de cronista de escrever. Acredito que esse texto partiu dessa coragem de expor essa identidade em texto, não só pela forma, mas como um modo de compreender o mundo, ao assumir de vez essa voz que já existia há tempos, de quem gosta de ler e de contar histórias.

\*\*\*

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo elencar novas formas de compreender a produção do espaço doméstico, tanto pela materialidade quanto pela linguagem que a descreve, a partir de reflexões e narrativas construídas sobre a casa no período de isolamento durante a pandemia de COVID-19 entre os anos de 2020 e 2023. Parte-se do pressuposto que, na quarentena, as noções de privado e público tornaram-se ainda mais ambivalentes, na medida em que atividades previamente realizadas fora de casa foram concentradas do lado de dentro para uma grande parcela da população mundial. Houve, assim, com o auxílio de algumas tecnologias, uma invasão maior do digital no mundo físico, e, conseqüentemente, uma hibridação das vivências espaciais, borrando os limites já turvos entre trabalho, estudo e lazer. Muitas crônicas foram escritas sobre o cotidiano dessa casa híbrida, e será a partir delas que este trabalho pretende pôr em suspenso esse momento e analisá-lo com mais cuidado, investigando como o ato de narrar pode trazer à arquitetura maneiras diferentes de compreensão do espaço. A escrita desta pesquisa será também sob a forma de crônica, tendo a casa e as domesticidades do confinamento como fio condutor, seguindo os rastros das formas de ocupar o lugar que antes possuía a conotação principal de refúgio, mas se tornou muitas outras coisas: um híbrido, uma casa ciborgue.

Palavras-chave: Domesticidade; morar; pandemia; literatura; crônicas.

## **ABSTRACT**

This research aims to list new ways of understanding the production of domestic space, both through materiality and through the language that describes it, based on reflections and narratives constructed about the house in the period of isolation during the COVID-19 pandemic between the years 2020 and 2023. It is assumed that, throughout quarantine, the notions of private and public became even more ambivalent, as activities previously carried out outside the home were concentrated indoors for a large portion of the population worldwide. Thereby, with the help of some technologies, there was a greater invasion of the digital into the physical world, and, consequently, a hybridization of spatial experiences, blurring the already blurred boundaries between work, study and leisure. Many chronicles were written about the daily life of this hybrid house, and it is from them that this work intends to put this moment on hold and analyze it more carefully, investigating how the act of narrating can bring different ways of understanding space to architecture. The writing of this research will also be in the form of a chronicle, with the house and the domesticities of confinement as a guiding thread, following the traces of ways of occupying the place that previously had the main connotation of refuge, but became many other things: a hybrid, a cyborg house.

Key words: Domesticity; inhabit; pandemics; literature; chronicles.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Painel da série Isolamento, da quadrinista Helô D'Angelo .....	54
Figura 02 - Painel da série Isolamento, da quadrinista Helô D'Angelo .....	54
Figura 03 - Interior do quarto da House of the Future .....	72
Figura 04 - Interior do quarto da Underground House .....	74
Figura 05 - Essenciais do isolamento de Luciana.....	91
Figura 06 - Essenciais do isolamento de Valeria .....	91
Figura 07 - Brasil, 2021.....	92
Figura 08 - Modelo Anna criada após uma pesquisa da universidade Leeds.....	113
Figura 09 - Jornada dupla das mulheres - Think Olga.....	130
Figura 10 - O que você faz o dia inteiro? - Revista TPM e Fala Feminina .....	131

## SUMÁRIO

Introdução .....	11
Prólogo.....	25
Capítulo 1 - OMS declara pandemia de coronavírus ou o dia em que a terra parou .....	37
Capítulo 2 - Distanciamento social: tão longe, tão perto .....	52
Capítulo 3 - Higienização das mãos e etiqueta respiratória: somos anfíbios.....	65
Capítulo 4 - Uso de máscaras: casa, função e ficção.....	84
Capítulo 5 - Esperando o novo normal .....	99
Capítulo 6 - Especialistas chegaram à conclusão de que o vírus não representa mais uma ameaça sanitária internacional (por enquanto) .....	117
Epílogo .....	136
Referências.....	152

## INTRODUÇÃO

Estudar a arquitetura de forma interdisciplinar veio de um interesse pessoal em diferentes manifestações artísticas e culturais, principalmente artes visuais, cinema e literatura. À medida que foi compreendido que esse interesse poderia também se traduzir como uma ferramenta para a mobilização de diferentes áreas pertinentes ao estudo tanto da teoria quanto da prática arquitetônica, essa amálgama de saberes foi assimilada e passou a ser uma parte fundamental dessa prática acadêmica e profissional. A investigação das relações entre arquitetura e ficções surgiu primeiramente em uma iniciação científica realizada durante a graduação em Arquitetura e Urbanismo, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MG), orientada pelo professor Paulo Waisberg. O trabalho do professor Paulo com cenografia também abriu portas a serem exploradas além da formação que vinha sendo construída naquele momento dentro da universidade, levando à busca por formações livres nessa área. A curiosidade em relação a forma como narrativas constroem espacialidades arquitetônicas, principalmente na ficção científica, interesse de longa data tanto meu quanto do meu orientador, foi o ponto de partida para utilizar a casa como objeto de pesquisa a partir de narrativas ficcionais com vestígios dos contextos socioespaciais dos seus autores e da época em que foram escritas. Como produto dessa inquietação e desses primeiros passos como pesquisadora, foi produzido e publicado um artigo em que a partir de dois contos dos escritores Ray Bradbury e Philip K. Dick, analisava-se a representação ficcional da casa considerada tradicional do subúrbio estadunidense do final da década de 1960 e suas relações com a arquitetura naquele mesmo contexto<sup>1</sup>.

Esse contato inicial com a metodologia de pesquisa também proporcionou a apresentação do trabalho em um congresso internacional e a participação em uma mostra interna da instituição, trazendo a oportunidade de ver essa discussão se abrir para outros pesquisadores. A literatura de ficção tem sido utilizada em projetos de arquitetura e cenografia desde então, sendo também a temática e fio condutor do trabalho de conclusão de curso apresentado para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura, também pela PUC MG: uma estrutura efêmera concebida a partir de fontes da literatura popular e das artes visuais para a sua construção.

---

<sup>1</sup> FARIA, Paula Lemos Vilaça. Do humans dream of android houses? Science fiction architecture as a symbol of rise and fall of Modernism. In: Congresso SIGraDi 2020, 2020, Medellín. Blucher Design Proceedings. São Paulo: Editora Blucher, 2020. p. 713. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/348054575\\_Do\\_humans\\_dream\\_of\\_android\\_houses\\_Science\\_fiction\\_architecture\\_as\\_a\\_symbol\\_of\\_rise\\_and\\_fall\\_of\\_Modernism](https://www.researchgate.net/publication/348054575_Do_humans_dream_of_android_houses_Science_fiction_architecture_as_a_symbol_of_rise_and_fall_of_Modernism). Acesso em: 04/07/2024.

Posteriormente, em 2021, já arquiteta formada, mas um tanto estagnada pelo contexto da pandemia de COVID-19, o interesse em dar continuidade a essas inquietações na forma de um mestrado começou a se desenhar de forma mais concreta. Dando continuidade às formações livres realizadas como aluna de graduação, a modalidade remota trouxe a possibilidade de realizar pontes com profissionais de diferentes localidades, propiciando a participação em alguns cursos, como o “Mulheres Artistas na História da Arte”, ministrado de forma independente pela Prof. Mestre pela UFRJ Isabel Carvalho. Essa formação trouxe uma enorme construção de repertório, complementando e até mesmo subvertendo um pouco a formação tradicional em História da Arte oferecida dentro do curso de Arquitetura. Me tornei também aluna de Artes Visuais do CEFART (Centro de Formação Artística e Tecnológica), da Fundação Clóvis Salgado, dentro do qual caminhei entre as áreas de Expografia, Curadoria e Arte Educação, possibilitando uma continuidade em minha trajetória como pesquisadora nos momentos seguintes ao fim da graduação, e deixando vivos os interesses que estavam colocados desde o ingresso na universidade.

O fato de poder realizar formações à distância, com as próprias universidades atuando de forma remota, trouxe a oportunidade de participar de uma disciplina isolada dentro do programa de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP), intitulada “Cultura Visual e Arquitetura”, ministrada pelo Prof. Dr. Eduardo Augusto Costa e pela Profa. Dra. Junia Cambraia Mortimer. A partir das referências dessa disciplina, assim como dos cursos livres voltados para História da Arte sob a perspectiva de gênero, os interesses de pesquisa foram assumindo um viés crítico com essa nova lente. Com isso, dando continuidade a essas investigações foi produzido um artigo para essa disciplina, no qual a economia do cuidado e o trabalho reprodutivo se tornaram parte dessa construção de uma proposta de pesquisa para um mestrado. “A casa como substantivo feminino: atividades de manutenção e perspectivas futuristas”<sup>2</sup>, apresentado e publicado nos anais do 7º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia (CIACT) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), delineou a proposta inicial de pesquisa apresentada para o ingresso no processo seletivo de mestrado no Núcleo de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFMG em 2022.

---

<sup>2</sup> FARIA, Paula Lemos Vilaça. A casa como substantivo feminino: atividades de manutenção e perspectivas futuristas. Anais do 7º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais. 1. ed. Belo Horizonte: EdUEMG, 2022. ISSN: 2674-7847. p. 186-195. DOI: 10.5281/zenodo.7489770. Disponível em: [https://zenodo.org/records/7489770#.Y64fBLlv\\_qt](https://zenodo.org/records/7489770#.Y64fBLlv_qt). Acesso em: 04/07/2024.

Essa ideia partia de uma análise que propunha investigar a generificação da tecnologia no espaço da casa, com base na literatura de ficção científica estadunidense do século XX, com foco em dois contos dos mesmos Ray Bradbury e Philip K. Dick, trabalhados na iniciação científica mencionada anteriormente. A partir disso, era proposto observar seus desdobramentos em projetos de arquitetura contemporâneos e posteriores às obras de ficção analisadas.

A casa, compreendida literal e metaforicamente como um substantivo feminino, estava colocada como ponto chave para pensar a arquitetura de forma interdisciplinar, analisando de forma crítica as tecnologias utilizadas em seu cotidiano e sua organização socioespacial no território doméstico. Propunha-se também fazer um paralelo com perspectivas do presente e do futuro na produção arquitetônica, de forma a vislumbrar como a prática de projeto reproduz e repete padrões de gênero ao materializar espacialmente estruturas que perpetuam opressões e segregações. A referência bibliográfica escolhida, do livro de Vânia Carneiro de Carvalho “Gênero e Artefato: O Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material - São Paulo, 1870-1920”, em um de seus primeiros capítulos coloca a perspectiva de gênero na ocupação das casas burguesas, a partir dos objetos e dos cômodos ali presentes. Essa análise é de extrema importância para compreender como a casa é palco de interações sociais que reproduzem costumes de determinada época. Carvalho pontua como a dicotomia entre masculino e feminino se dá também entre funções dentro da arquitetura construída da casa, colocando-a como grande articuladora dos papéis de gênero construídos socialmente. Outros pontos importantes de sua obra são suas fontes de pesquisa, que vão além de documentos e objetos encontrados em museus, e se encontram também na literatura da época. A autora pontua como capazes de auxiliar a compreender a sociedade em funcionamento pela inferência nos romances e contos, “uma fonte insuperável para a análise de situações muito dinâmicas, quando se pode observar como as diferenças de gênero são produzidas no momento da ação”<sup>3</sup>.

Além dessa bibliografia, o tema da generificação da tecnologia no espaço da casa se deu por um aprofundamento nos estudos posteriores à iniciação, a partir da leitura de teóricas feministas como bell hooks e Silvia Federici, autoras que falam consideravelmente sobre o trabalho doméstico feminino de forma interseccional à classe e à raça. A leitura de textos como “Constituir o lar: um espaço de resistência”, da pensadora estadunidense bell hooks,

---

<sup>3</sup> CARVALHO, Vânia Carneiro de. Gênero e Artefato: O Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material - São Paulo, 1870-1920. – 1 ed., 1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2020. p. 36.

traz a possibilidade de compreender como a organização espacial da casa, principalmente nos EUA, se constitui numa espécie de palco privado para a performatividade do gênero, raça e classe imposta pela sociedade, quando “uma vez que o machismo delega às mulheres a tarefa de criar e sustentar um ambiente doméstico, tem sido sobretudo responsabilidade das mulheres negras construir lares como espaços de acolhimento e cuidado face à dura e brutal realidade de opressão racista e da dominação machista”<sup>4</sup>. hooks coloca a casa como um espaço dentro do qual pessoas negras são sujeitos, uma vez que fora dela são, na maioria das vezes, objetos, e pontua o trabalho do cuidado como resistência. Mas esse mesmo trabalho adquire outros contornos quando executados em outra casa, a de patrões por exemplo, assim como quando executado por mulheres brancas. Em todos esses contextos, a casa é o palco, mesmo que mude sua localização e os recursos para o desempenho das atividades, e são as mulheres que fazem a contrarregragem, demarcando o gênero no espaço físico.

A pensadora marxista Silvia Federici, no texto “A reestruturação do trabalho doméstico e da reprodução nos Estados Unidos nos anos 1970”, fala como essas atividades são invisíveis uma vez que não são remuneradas. A autora pontua as décadas de 1960 e 1970 como época na qual esse trabalho foi o principal campo de batalha das mulheres, interferindo na ocupação do mercado de trabalho formal. A tecnologia, principalmente com finalidade de uso dentro das casas, é colocada no texto como catalisadora dessa suposta “liberação da mulher”, mas segundo Federici “a exceção do forno microondas e dos processadores de comida, poucas inovações tecnológicas entraram nos lares na década de 1970 para justificar o crescimento recorde das mulheres na força de trabalho assalariado”<sup>5</sup>. Em suas notas, ela diz que todo esse aparato que deveria poupar trabalho muitas vezes aumentava a carga das mulheres. Após o *baby boom* da década de 1950, a casa adquiriu em seu desenho indicativos da tendência de expulsar de casa a maior parte de suas funções reprodutivas, nos móveis, na tendência à modulação das unidades habitacionais e da cozinha integrada “virtualmente inexistente”<sup>6</sup>. Porém, a inovação em termos de economia de trabalho mais revolucionária da época foram os contraceptivos.

É questionado inicialmente onde estavam as traquitanas das histórias de ficção científica, e por que elas não chegaram de fato às mulheres, a não ser quando se relacionavam

---

<sup>4</sup> hooks, bell. Constituir o lar: um espaço de resistência In: bell hooks. Anseios: raça, gênero e políticas culturais. Tradução: Jamille Pinheiro. – São Paulo: Elefante, 2019. p. 105.

<sup>5</sup> FEDERICI, Silvia. A reestruturação do trabalho doméstico e da reprodução nos Estados Unidos nos anos 1970 [1980]. In: Silvia Federici. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução: Coletivo Sycorax. – São Paulo: Elefante, 2019. p. 93.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 100.

a seu gênero e atividades consideradas principais: cozinhar e se reproduzir. Atualmente a tecnologia que se vislumbrava como um sonho em histórias da ficção científica se tornaram bastante factíveis. Ainda que palpáveis a uma parcela pequena da população mundial, uma vez que ainda há um percentual enorme de casas sem saneamento básico<sup>7</sup>, por exemplo, a automatização já faz parte da rotina de muita gente<sup>8</sup>. Porém, questões sobre como a arquitetura se coloca diante desse paralelo entre imaginação e realidade e como a produção tecnológica caminha em relação à produção do espaço doméstico foram levantadas como de extrema necessidade para se pensar como projetar de acordo com a contemporaneidade, uma vez que os limites entre espaço físico e espaço digital tem se tornado ambíguos, principalmente após um tempo considerável de isolamento forçado dentro do espaço da casa. Pensar a arquitetura de forma interdisciplinar se tornou de fato um ponto de inflexão para entendê-la como um produto social, não apenas fruto do que a construção civil pode proporcionar. Assim, pretendia-se avaliar de forma crítica as condições da arquitetura doméstica e a tecnologia utilizada dentro de seus espaços em atender às demandas socioculturais e socioespaciais, seu papel como mantenedora de estruturas intrincadas aos papéis de gênero e seu potencial em materializar as mudanças urgentes de nosso tempo.

Porém, a partir das disciplinas cursadas no primeiro semestre do mestrado, assim como uma continuidade de estudos de bibliografias selecionadas, a pesquisa tomou um novo rumo, mas que não se desvinculou totalmente de algumas dessas ideias pensadas inicialmente na proposta e nas investigações anteriores ao ingresso na pós-graduação. As disciplinas “Arquitetura como interface”, “Construindo paisagens narrativas” e “Arquitetura, tecnologias e culturas digitais”, ministradas pelos professores Ana Paula Baltazar, Jonathan Charley e José Cabral Filho, respectivamente, trouxeram assuntos correlatos ao que foi pensado como ponto de partida, mas dessa vez, dando mais corpo às indagações voltadas para a tecnologia.

Na primeira, vários conceitos foram colocados para discussão, como participação, recepção e produção ligadas ao espaço, levando ao primeiro embate com o tema inicial e

---

<sup>7</sup> “Primeira infância e saneamento básico têm a ver com o futuro das crianças?”, Adrimauro Gemaque.

Disponível em:

<https://www.ecodebate.com.br/2022/02/18/primeira-infancia-e-saneamento-basico-tem-a-ver-com-o-futuro-das-criancas/>. Acesso em: 21/02/2022.

<sup>8</sup> SALEH, Dayane. Automação de residências cresce ano após ano. *Revista Haus*. 2023. Disponível em: <https://revistahaus.com.br/haus/anuario-imobiliario/2023-anuario-imobiliario/automacao-de-residencias-cresce-a-no-apos-ano/>. Acesso em: 09/03/2024.

levando à produção de outro texto<sup>9</sup> publicado e apresentado na oitava edição do Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia (CIACT) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Essa casa pensada inicialmente, num contexto de pós-guerra nos Estados Unidos, parou de fazer sentido, uma vez que estava bem longe da realidade onde me situo como pesquisadora, distante também de onde gostaria de me debruçar. A proposta de análise das representações nessas e em outras narrativas do norte global foram deixadas de lado por um momento para dar lugar a outras possibilidades que surgiram posteriormente. Mas ainda assim, o interesse em compreender a domesticidade sob o viés de gênero não foi totalmente abandonado, tanto que a escolha de Beatriz Colomina, professora de arquitetura, diretora do programa de Ph.D em arquitetura e diretora fundadora do programa de Mídia e Modernidade da Universidade de Princeton, entre a bibliografia fornecida pela professora Ana Paula Baltazar foi um grande achado para a pesquisa e os novos rumos que seriam tomados dali em diante.

Na segunda disciplina, o estudo de tecnologia a partir do filósofo Vilém Flusser demarcou outra guinada nas investigações, principalmente no tocante à filosofia do design produzida pelo autor. O estudo de Flusser trouxe para a contemporaneidade um foco maior de interesse, ainda que a ponte com a ficção e a arquitetura do pós-guerra estadunidense deixasse algumas pulgas atrás da orelha em sua correlação com o presente e as narrativas. Na disciplina do professor Jonathan, essas narrativas ganharam força, não só as do passado, mas também indagações sobre quais os imaginários do presente, uma vez que a pandemia havia se imposto quase como uma ficção científica transformada em realidade.

Com essa bagagem, o recorte foi se afinando para a casa do isolamento, aquela em que as noções de dentro e fora passaram a ser ambivalentes e mais complexas. No pós-guerra, a ameaça nuclear levou à produção de arquiteturas quase como ficções especulativas, preparadas para se isolarem em si mesmas e protegerem seus habitantes. A maioria desses projetos foram parar em feiras mundiais e em exposições, não sendo construídos de fato como espaços de morar. Esse imaginário apocalíptico no norte global, ainda que distante do contexto brasileiro, por exemplo, de sessenta anos atrás, passou a ser um tópico relevante para a pesquisa. A casa como um objeto de estudo, metamorfoseada em abrigo para ameaças externas passou a soar familiar demais ao ser colocada em paralelo com as indagações sobre a

---

<sup>9</sup> FARIA, Paula Lemos Vilaça. Para além da cerca branca: a mulher no subúrbio estadunidense em duas obras distópicas de ficção. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA e SEMINÁRIO DE ARTES DIGITAIS, 8, 2023, Belo Horizonte. Anais do 8º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais. Belo Horizonte: EdUEMG, 2023.

pandemia. Mas não só a casa como espacialidade, mas também a linguagem utilizada para explicar e tentar compreender uma domesticidade extremamente interiorizada em um cenário de um vírus altamente contagioso rondando o exterior à ela.

Esse modo de fazer pesquisa, em que as questões vão se juntando e se esbarrando até encontrarem um nó que as une, se assemelha com o que Colomina, uma das principais referências para esta pesquisa, diz no prefácio do livro “Arquitetura, sexualidade e mídia”. Colomina expõe seu próprio método de pensar por imagens, mas também fala sobre suas obsessões de pesquisa, “um conjunto de perguntas do qual nunca nos desprendemos.”<sup>10</sup> Seus questionamentos envolvendo as temáticas de privacidade, sexualidade e mídia permearam seus primeiros textos até se tornarem seu doutorado, assim como o que ela estava escrevendo naquele momento. Ela fala bastante sobre sua escrita como característica de uma arquiteta, e que “as próprias palavras podem ser habitadas”<sup>11</sup>. Foi possível perceber então uma aproximação entre meu modo de trabalho e o de Colomina, utilizando da interdisciplinaridade como parte de seu método para investigar e compreender a arquitetura.

Eu acho que com cada texto eu quero, ou me vejo, desfazendo os usuais limites da disciplina – enxergando o não arquitetônico dentro da arquitetura, e o arquitetônico fora da arquitetura. Romper com os limites da disciplina e escrever de uma maneira mais atmosférica não é uma forma de afrouxamento, mas uma maneira de ser mais precisa, de sintonizar com as questões complicadas e enigmáticas que organizam secretamente o discurso arquitetônico, mesmo que estejam reprimidas. Escrever atmosféricamente sobre o reprimido para poder ver a arquitetura de um modo diferente, como pela primeira vez: enxergar arquitetura no *Na cama pela paz* de Yoko Ono e John Lennon, em uma revista de entretenimento masculino, num catálogo de produtos industriais, no retoque de fotografias; e, em ordem reversa, enxergar sexualidade em plantas e cortes. Eu escrevo sobre essas coisas não para dar uma resposta ou fazer um julgamento. Pelo contrário, escrevo sobre elas porque ainda são perguntas para mim. (Colomina, 2023, p. 16)

As organizadoras do livro, Marian Rosa van Bodegraven e Marianna Boghosian Al Assal, mencionam no texto de apresentação do mesmo que “[...] não apenas o conteúdo da escrita de Colomina desafia lógicas vangloriosas da arquitetura moderna, mas que seu processo de trabalho também questiona a lógica de um estudo acadêmico como um produto final hermético, e não como um processo.”<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> COLOMINA, Beatriz. Ainda escrevendo. In: Beatriz Colomina. Marian Rosa van Bodegraven e Marianna Boghosian Al Assal (org.). *Arquitetura, sexualidade e mídia*. Tradução: Marian Rosa van Bodegraven – São Paulo: Editora Escola da Cidade / Editora WMF Martins Fontes, 2023. p. 15-17.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 16.

<sup>12</sup> BODEGRAVEN, Marian Rosa van. ASSAL, Marianna Boghosian Al. Apresentação. In: Beatriz Colomina. Marian Rosa van Bodegraven e Marianna Boghosian Al Assal (org.). *Arquitetura, sexualidade e mídia*. Tradução: Marian Rosa van Bodegraven – São Paulo: Editora Escola da Cidade / Editora WMF Martins Fontes, 2023. p. 9.

Portanto, a investigação dessas domesticidades nesse contexto se dá a partir de questionamentos anteriores, perguntas e obsessões, assim como uma curiosidade que surgiu no meio desse processo de pesquisa em entender a casa em um momento em que sua interiorização tradicional já é ambígua. Como a domesticidade ligada ao refúgio do lar, a uma privacidade e espaço destinado ao descanso se encontra com a imposição da superposição de outras atividades e de uma esfera pública dentro de si? Como a casa pode ser percebida em um momento de isolamento devido à uma ameaça sanitária em que as fronteiras de dentro e fora são bastante demarcadas, mas simultaneamente borradas dado o uso ininterrupto de tecnologias que nos conectam com o mundo exterior a ela? Como as diferentes percepções por parte de quem mora, não de quem projeta, constrói diferentes manifestações de múltiplas domesticidades? Como conceber a domesticidade no século XXI, com seus hibridismos novas relações dentro e fora do espaço da casa? Essa investigação faz um exercício de tentar responder ou pelo menos discutir essas questões dentro do recorte temporal estabelecido e com o fôlego possível dentro da duração de uma pesquisa de mestrado.

De maneira análoga às divisões de gênero textual, essa dissertação de mestrado assume um caráter de crônica. “A crônica é um gênero textual curto escrito em prosa, geralmente produzido para meios de comunicação, por exemplo, jornais, revistas, etc. Além de ser um texto curto, possui uma "vida curta", ou seja, as crônicas tratam de acontecimentos corriqueiros do cotidiano.”<sup>13</sup> Destaco a definição que diz sobre “acontecimentos corriqueiros do cotidiano” para abrir uma discussão metodológica, a partir da qual se faz uma defesa do uso dessa forma, a partir da qual a domesticidade é compreendida dentro da produção e experiência do espaço, pelo corpo que habita e pelas palavras que tentam explicá-lo. Porém, “vida curta” não se aplica a esse ensaio de uma metodologia que se propõe a ser de uma leitura mais fluida, obtendo talvez uma vida mais longa do que a linguagem dura e até mesmo inacessível reforçada dentro do meio acadêmico. Durante a pandemia, o corriqueiro é subvertido, uma vez que o estado da vida passou a ser uma espécie de exceção, uma temporalidade ancorada na esperança angustiada de terminar.

Mas ainda assim, trazer a discussão desse morar excepcional para o âmbito do cotidiano, a partir da necessidade imposta de se adaptar a esse contexto dado sem aviso prévio, possui um peso muito grande para se pensar como nossas adaptações do espaço perpassam a forma como se fala sobre ele para além da linguagem da arquitetura. Por isso, o

---

<sup>13</sup> FERNANDES, Márcia. Crônica: características, tipos e exemplos. *Toda Matéria*. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/cronica/#:~:text=A%20cr%C3%B4nica%20%C3%A9%20um%20g%C3%AAnero.de%20acontecimentos%20corriqueiros%20do%20cotidiano>. Acesso em: 27/10/23.

tom cronista é assumido para tratar desse momento e dessas noções de espacialidades de maneira breve, ainda que tenha impactos enormes ainda em discussão, tanto em escalas maiores quanto menores, dos estudos sobre COVID longa à percepção individual de cada um de como foi habitar no isolamento devido à uma pandemia.

A escolha das referências bibliográficas parte primeiramente do referencial fornecido pelas disciplinas de pós-graduação, principalmente os textos de Beatriz Colomina e Vilém Flusser, destacados anteriormente, mas também de Foucault, Byung-Chul Han, Pierre Dardot, Christian Laval e Silvia Federici. A eles são trazidos vários outros teóricos, como Jonathan Crary, Paul Virilio e Guilherme Wisnik, que complementam os primeiros e abrem portas para outros pensadores que são trabalhados ao longo desta dissertação.

Somando-se a essas referências, foram escolhidos textos acessados inicialmente durante a pandemia, sem o rigor inicial da pesquisa, mas que provocaram inquietações sobre o morar no isolamento. O interesse prévio em literatura, mencionado anteriormente, levou à construção de um arquivo contínuo catalogando escritores e textos produzidos nesse período, a partir do qual foram analisados e selecionados aqueles que possuíam uma coerência maior com os objetivos desta pesquisa – arquivo este que segue em construção, mesmo com o encerramento deste trabalho.

Ao revisitá-lo com o olhar de pesquisadora, foi feito um filtro a partir dos anos da pandemia (2020 a 2023), privilegiando narrativas de autores brasileiros como disparadores das questões a serem trabalhadas em cada capítulo. Dessa forma, esse processo de catalogação passou também pela análise dos arquivos disponíveis *online* dos autores previamente selecionados, a partir da qual novos textos foram encontrados e somados a esse conjunto. Muito desse arquivo passou então a ser construído em diálogo com as leituras teóricas, ao perceber pontos de interseção para a discussão de aspectos da domesticidade que viriam a ser evidenciados nas análises propostas.

Escritoras como Aline Valek, Carla Soares, Luciana Andrade, Bárbara Bom Angelo, Carolina Ruhman Sandler, Luisa Pinheiro, além do escritor Julián Fuks, passaram por esse processo de busca de textos dentro dos recortes estabelecidos, uma vez que já haviam sido selecionadas a partir do contato inicial que contribuiu com as primeiras provocações. O impacto gerado pela escrita de cada uma, assim como a própria menção a outras autoras em seus textos, tornou possível uma espécie de mapeamento dessa constelação de escritoras que utilizam do meio digital das *newsletters* – textos curtos publicados em plataformas como Substack e Mailchimp e enviados para inscritos via email – para publicarem seus textos sobre

diversos assuntos, mas que se encontram aqui em um eixo temático demarcado: o morar durante a pandemia. A utilização do termo constelação inclusive se deve ao texto “Pensar por constelações”<sup>14</sup>, de Rita Velloso, em que a arquiteta e professora utiliza do pensamento de Benjamin para realizar associações por este modo de pensar:

Por "constelação", Benjamin designava a relação entre os componentes as estrelas de um conjunto – as linhas imaginárias que desenham um agrupamento constelar –, relação essa que se define não apenas pela proximidade entre as estrelas, mas também pela possibilidade de significado que o conjunto adquire, o sentido que lhe pode ser atribuído. (Velloso, 2018, p. 101)

A ampliação até mesmo de outras fontes encaradas aqui como análogas, como é o caso dos quadrinhos de Helô D’Angelo e dos contos de Vinícius Portella, passam inclusive também por esse satélite de menções e recomendações dessas autoras, tornando-as muito mais do que apenas disparadoras ou escritoras dos textos aqui analisados. Essa curadoria para além dos escritos foi de grande utilidade como forma de obtenção de informações complementares ao que cada uma tinha a dizer, possibilitando agregar trabalhos de outras naturezas à pesquisa, a partir do momento em que também se encontravam no mesmo eixo dessa investigação.

É pertinente ressaltar que dentro desses filtros, um aspecto importante foi a análise da linguagem utilizada por pessoas não arquitetas para descrever os espaços e seus modos de morar durante o período escolhido, trazendo outras formas de perceber a arquitetura sem uma formação prévia dentro da área. Essa escolha é bastante relevante como ferramenta de análise da arquitetura cotidiana sob outros pontos de vista, privilegiando a recepção dos espaços “prontos”, ainda que as domesticidades estejam em constante construção e adaptação em relação a inúmeros fatores, como a própria pandemia. Outras referências muito preciosas nesses anos de pesquisa são aquelas voltadas para a escrita. A leitura sobre o ato de escrever, partir de vozes notáveis da literatura atual como Annie Ernaux, Elena Ferrante e Rosa Montero, entre outras, em meio ao material bruto utilizado como fonte e objeto de investigação foi essencial para a construção dessa linguagem utilizada aqui e em outros trabalhos, portanto não poderia deixar de mencioná-la.

Os poemas de Ana Martins Marques abrindo os capítulos, ainda que fujam do recorte temporal mencionado, foram escolhidos também pelo interesse prévio em literatura e pela força das palavras da autora ao se debruçar sobre a poesia do morar na troca de correspondências que compõem o livro “Como se fosse a casa (uma correspondência)”. Os poemas de Marques ilustram em outra linguagem as múltiplas formas de percepção do morar

---

<sup>14</sup> VELLOSO, Rita. Pensar por constelações. In: Paola Berenstein Jacques e Margareth da Silva Pereira (orgs.). Nebulosas do pensamento urbanístico: Tomo I. - modos de pensar. – Salvador: EDUFBA, 2018. p. 98-121.

e do cotidiano. Essa abertura para a poesia também levou à produção de pequenos textos autorais experimentais em formato de crônica na abertura dos capítulos, trazendo o olhar da própria pesquisadora, desta vez arquiteta com roupa de cronista. Esses relatos curtos, além de uma forma particular de narrar os momentos vividos durante o período de análise, são também um esforço de se colocar nesse lugar de escrever com a linguagem utilizada como objeto de pesquisa de forma mais direta, não apenas assumindo o tom próximo da crônica como é feito no restante do texto.

É importante também mencionar que essa “impregnação” do objeto no texto de análise se dá também de uma forma planejada. É arbitrária a tentativa de capturar o leitor como em uma contação de histórias, em uma linguagem que tenta ser mais acessível do que é comumente utilizado em textos acadêmicos. Sendo assim, essa dissertação possui várias vozes e narradores, partindo das obras escolhidas, da Paula cronista e da Paula pesquisadora que traz o tom da crônica para o texto acadêmico. A utilização desses recursos narrativos se respalda em parte na discussão proposta pela editora e mestre em crítica textual Vanessa Ferrari ao escrever em “O lugar das palavras: primeiros embates do narrador contemporâneo” sobre o que a autora chama de narrador erudito. Ferrari elabora uma crítica contundente em relação aos modos de escrever e utilizar a linguagem em textos acadêmicos, que tradicionalmente se distanciam do leitor ao utilizar termos obscuros e uma complexidade textual que podem se tornar “arranjos antiliterários”. Suas observações sobre esse tipo de narrador foram de extrema importância para a escrita deste trabalho.

Ainda que os textos de ficção e não ficção tenham finalidades diferentes e operem com regras próprias, a ferramenta é a mesma. Relativizar a importância da linguagem é abrir mão do meio mais eficiente e duradouro para compartilhar ideias. Mais que isso, é escolher uma ferramenta assumindo que ela será subaproveitada. Há muitos exemplos de escritores que discutem temas complexos e, através da linguagem, fazem o que Pinker chamou de “princípio da igualdade”. Se o autor faz uso da clareza e introduz os elementos certos para o entendimento geral, o leitor “se sente um gênio, se a escrita é ruim, o leitor se sente um estúpido”. Ao atrelar a complexidade sintática a uma mente singular, igualmente complexa, a boa narrativa à dificuldade de compreensão, apostando no leitor inseguro de suas habilidades interpretativas – “se não entendo, o problema está em mim” –, questões extraliterárias estão conduzindo as escolhas. (Ferrari, 2023, p. 77)

Dito isso, essa dissertação se estrutura em um prólogo, seis capítulos e considerações finais, com parte dos títulos retirada de um texto informativo publicado no site do Governo

Brasileiro intitulado “Como se proteger? Confira medidas não farmacológicas de prevenção e controle da pandemia do novo coronavírus”<sup>15</sup>.

O prólogo se dedica a uma apresentação da pesquisa com foco nas narrativas e na apresentação das referências bibliográficas principais utilizadas como fontes, sendo ela a coletânea de ensaios “Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno”, organizada por Fabiane Secches, o livro “Futuros em gestação: cidade, política e pandemia”, organizado por Guilherme Wisnik e Tuca Vieira e o livro “Domesticidades”, de Renata Marquez e Wellington Cançado. Ao adentrar no tema, pontuando esse referencial, emerge também o material específico da literatura para dar início às discussões que serão discutidas nos capítulos seguintes. Discute-se aqui também os temores do “fim da crônica” de Julián Fuks, posto em xeque por várias escritoras que permaneceram escrevendo durante o isolamento e contando suas experiências da pandemia.

O primeiro capítulo, “OMS declara pandemia de coronavírus ou o dia em que a terra parou”, se debruça sobre as especificidades do vírus da COVID-19 e das relações entre o isolamento imposto pela doença. Questões como biopoder e poder disciplinar a partir de Foucault em “Microfísica do Poder”, assim como a análise de seu pensamento através de Thamy Pogrebinski, em “Foucault, para além do poder disciplinar e do biopoder”. A partir dele, outros autores são levantados para analisar como os mecanismos de poder atuam no sujeito neoliberal no contexto da pandemia, sendo eles Jonathan Crary, com “24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono”, Byung-Chul Han e suas obras “Não-coisas: reviravoltas do mundo da vida”, “Favor fechar os olhos: em busca de outro tempo”, “Sociedade da transparência”, “Sociedade do Cansaço” e “No enxame: perspectivas do digital”. Também fazem parte dessa análise Vilém Flusser e “A não coisa [1]”, Peter Pál Pelbart em “Espectros da catástrofe” e Beatriz Colomina com textos do livro “Arquitetura, sexualidade e mídia”. Nesse primeiro capítulo, há um diálogo com a jornalista Bárbara Bom Angelo e o arquiteto Guilherme Wisnik em escritos sobre a pandemia em seu início.

O segundo capítulo, “Distanciamento social: tão longe, tão perto”, parte da história em quadrinhos “Isolamento”, da quadrinista Helô D’Angelo, como disparador para a discussão da ambiguidade entre janelas físicas e janelas virtuais enfatizada durante a quarentena. A escritora Aline Valek também compõe essa conversa, a partir da qual é feita uma reflexão conjunta ao texto “O Espaço Crítico”, do filósofo francês Paul Virilio.

---

<sup>15</sup> Governo do Brasil. Como se proteger? Confira medidas não farmacológicas de prevenção e controle da pandemia do novo coronavírus. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/como-se-protger>. Acesso em: 26/10/2023.

O terceiro capítulo, “Higienização das mãos e etiqueta respiratória: somos anfíbios”, parte de outro texto também da escritora Aline Valek e sua dificuldade de imaginar o futuro durante a pandemia, ao ser solicitada a escrever a respeito. A partir de Valek, são trazidas duas arquiteturas-ficções como objetos de análise, partindo principalmente de Beatriz Colomina e os livros “Domesticity at War” e “Arquitetura, mídia e sexualidade”. Essas duas casas se juntam à análise de uma arquitetura da paranoia como a materialização de questões da época em que foram projetadas, comparando-as com o contexto da pandemia.

O quarto capítulo, “Uso de máscaras: casa, função e ficção”, parte do texto da escritora Carla Soares e seus incômodos com sua casa durante o isolamento. Outras autoras como Luciana Andrade e a artista visual Paula Zuccotti também são trabalhadas nesta seção. Dessa forma, é retomado o livro “Domesticidades”, de Renata Marquez e Wellington Cançado, para discutir os espaços de morar insuficientes dentro das cidades, assim como o texto “Nos processos de domesticidade, a superposição de práticas cotidianas no mesmo espaço arquitetônico”, de Carlos A. C. Lemos.

O quinto capítulo, “Esperando o novo normal”, parte do texto dos escritores Vinícius Portella, Luciana Andrade, Luisa Pinheiro e Carolina Ruhman Sandler, discutindo esse termo criado ao longo da pandemia. Já abordando seu período final e como esse “novo normal” não chegou, questiona-se principalmente como a tecnologia proporcionou uma abertura quase infinita às experiências dentro do meio digital, ainda que com a restrição espacial, mas ainda assim não conseguiu substituir o meio físico e seus impactos no cotidiano doméstico. É utilizado um episódio do podcast Tecnocracia, de Guilherme Felitti, sobre a ideia de “novo normal”, e do podcast Trabalhadora, da Rádio Batente, assim como a compreensão do termo por outros pensadores. Outros textos de Colomina, também do livro “Arquitetura, mídia e sexualidade” são utilizados aqui como base para a discussão. A metáfora de “O Aleph”, conto de Jorge Luís Borges, utilizada por Portella também é emprestada para a discussão neste capítulo.

O sexto capítulo, “Especialistas chegaram à conclusão de que o vírus não representa mais uma ameaça sanitária internacional (por enquanto)”, parte de textos de Natália Timerman e novamente Luisa Pinheiro para discutir essa passagem para esse período de transição, posterior ao isolamento e os resquícios da pandemia no cotidiano. Aqui é trazida a questão da Economia do Cuidado evidenciada ao longo do isolamento, que borrou também os limites entre trabalho produtivo e reprodutivo. Partindo da economista Isabella Callegari, são colocadas na discussão Silvia Federici em “O ponto zero da revolução: trabalho doméstico,

reprodução e luta feminista” e Alessandra Mezzadri em “The informal labours of social reproduction” e “ On the value of social reproduction: informal labours, the majority world and the need for inclusive theories and politics” para essa análise.

No epílogo, amarrando as discussões de cada capítulo, é proposta então uma definição contemporânea de domesticidade, a partir das contingências e encruzilhadas exacerbadas durante esses anos de isolamento. É trazida a filósofa Donna Haraway e seu “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX” para falar desse modo híbrido de experienciar o espaço. Assume-se então o encerramento da pesquisa, mas também a impossibilidade de esgotamento do tema. É tomada emprestada a expressão “concluindo, mas sem ser conclusivo”<sup>16</sup>, utilizada por Daniel Munduruku em um texto pertencente à mesma coletânea mencionada anteriormente, “Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno”, da qual foram utilizados outros escritos de outros autores.

---

<sup>16</sup> MUNDURUKU, Daniel. In: Fabiane Secches (org.). Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno. – 1. ed. – São Paulo: Editora Instante, 2022. p. 38.

## PRÓLOGO

Apenas ficar aqui  
por força ficar aqui  
até que a palavra morar  
faça sentido  
(Marques, 2017, p. 21)

A escritora e pesquisadora brasileira Ana Rüsche, em um texto sobre o livro “Floresta é o nome do mundo”, da escritora estadunidense de ficção científica Ursula K. Le Guin, diz que durante a pandemia, assim como em obras de ficção desse gênero, experimentamos um desmoronar de mundos. Da janela de sua casa, Ana observava um charco ser destruído para dar lugar a alguma casa de veraneio “para turistas ligarem suas caixas de som duas vezes ao ano”<sup>17</sup>. A escritora ainda diz que, nesse período, “talvez pelo fato de as gentes não brancas finalmente sentirem o silêncio que ronda a extrema fragilidade da vida, a pauta ecológica retornou com força”<sup>18</sup>. O texto está no livro “Depois do fim: Conversas sobre literatura e antropoceno”, organizado por Fabiane Secches e publicado em 2022, com uma coletânea de textos de escritores brasileiros sobre escrever na contemporaneidade. Muitos dos autores selecionados no livro contam sobre as maneiras como recorrem à literatura como uma ferramenta para compreender o mundo e até mesmo com potencial de catalisar mudanças. Muitos mencionam a pandemia em seus textos, assim como a crise climática, o colapso da sociedade vivendo sob o capitalismo e a continuidade da vida diante desses temas nem um pouco otimistas. Essas questões também foram debatidas durante o Seminário de Cultura e Realidade Contemporânea realizado pela Escola da Cidade em 2020 de forma remota, trazendo convidados de diferentes áreas para falar das possibilidades de futuro em um presente pausado. Essas discussões também viraram um livro, intitulado “Futuros em gestação: cidade, política de pandemia”, organizado por Guilherme Wisnik e Tuca Vieira. Essas duas referências são cruciais para a escrita deste trabalho. Ambas partem do ponto da necessidade de se pensar o futuro a partir da fissura provocada pela pandemia nas paredes da “vida normal”. Essas coletâneas também são relevantes em termos de elaboração do presente, presente este que parte de 2020 e vai até 2023, e sobre o qual essa dissertação também

---

<sup>17</sup> RÜSCHE, Ana. Floresta é o nome do mundo: Capitaloceno e resistência na obra de Ursula K. Le Guin. In: Fabiane Secches (org.). Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno. – 1. ed. – São Paulo: Editora Instante, 2022. p. 41.

<sup>18</sup> Ibidem.

pretende discutir e somar às reflexões existentes, mas desta vez, partindo das narrativas escritas sobre e durante esse período confinado.

Voltando para o texto de Rüsche, a escritora fala bastante sobre a forma como a ficção científica pode ser de certa forma aprisionadora historicamente, imaginando o presente em diferentes épocas. Ursula, uma escritora e ativista ferrenha na segunda metade do século XX, utilizava da literatura como um recurso para descrever seu desespero com o que se passava na Guerra do Vietnã, por exemplo. Rüsche diz que nosso presente histórico no Brasil no período da pandemia também pode ser considerado sufocante de inúmeras maneiras, “como se tudo se resumisse a florestas dizimadas, vidas perdidas e autoritarismo galopando feroz”<sup>19</sup>. Com isso, a escritora traz o alerta de outra escritora, dessa vez Susan Sontag, mencionando que o efeito que “a fantasia pode causar é normalizar o que é psicologicamente insuportável, fazendo com que nos habituamos a isso”<sup>20</sup>. Dessa forma, pensar a distopia como uma espécie de resignação com o presente, como único caminho possível diante da catástrofe iminente pode não ser a melhor saída para se elaborar o momento em que vivemos. Rüsche diz que talvez a saída seja sonhar sonhos mais ambiciosos, que superem o apocalipse contínuo da vida no capitalismo.

Isolada em casa, quando o sol se põe deslumbrante entre os prédios, é comum pensar na Ursula. Imagino seus dedos digitando a máquina de escrever para calar as metralhadoras em todas as florestas do mundo. Durante a pandemia, minha casa é uma nave, me transportando em direção ao futuro arrastado dos dias. (Rüsche, 2022, p. 48.)

Essa análise sobre a ficção científica demonstra uma guinada em quais escritos passaram a ser mais relevantes ao analisar as narrativas durante a pandemia. Não que o gênero da ficção especulativa deixe de ter sua relevância, ele foi e sempre será um grande recurso e um grande aliado para se pensar as espacialidades por meio de suas narrativas, e acaba por ser também uma constante quando a realidade parece ser distópica demais, mas outros gêneros literários passaram a ser mais condizentes para falar sobre o presente durante o confinamento. A ficção científica não deixa de ser importante neste trabalho, ela apenas não é mais a protagonista. A noção de aprisionamento histórico explicitada por Rüsche é somada ao aprisionamento físico, em um contexto que se parece com muitas cenas descritas em ficções desse tipo escritas por inúmeros autores. E, ainda que a imaginação possa estar em um ponto

---

<sup>19</sup> Ibidem, p. 46.

<sup>20</sup> SONTAG, Susan. “The imagination of Disaster”. In: LATHAM, Rob (org.). *Science Fiction Criticism: An Anthology of Essential Writings*. Nova York: Bloomsbury, 2017. *apud* RÜSCHE, Ana. Floresta é o nome do mundo: Capitaloceno e resistência na obra de Ursula K. Le Guin. In: Fabiane Secches (org.). *Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno* – 1. ed. – São Paulo: Editora Instante, 2022. p. 41.

crítico para sonhar novos futuros possíveis que extrapolam o fatalismo da sociedade, a forma escolhida como objeto de análise para contar sobre o trauma coletivo que atravessou nossas vidas durante os anos de isolamento, é menos ambiciosa e até mesmo menos linear e contínua como um romance de ficção científica. Entram em cena a crônica e o conto, que olham para a materialidade e para as tramas do cotidiano. Sua temporalidade mais breve que um romance não significa que sejam dotadas de menos profundidade ou que não possam explorar recursos ficcionais para narrar o cotidiano. A escritora estadunidense Joan Didion diz que “contamos histórias para poder viver”<sup>21</sup>, e a vida em confinamento levou alguns escritores a uma espécie de ímpeto da escrita que abrangesse esse período de isolamento dentro de um espaço que não necessariamente estava preparado para abrigar tantos sentidos além do morar. O que foi dito sobre existir e habitar nesse cotidiano arrastado, olhando por janelas de casas que parecem naves espaciais como menciona Ana Rüsche no fragmento posto anteriormente, navegando por dias intermináveis, é onde se debruça essa dissertação.

Assim, escrever sobre as formas como as domesticidades foram escritas e descritas entre os anos de 2020 a 2023 é estudar a linguagem sobre arquitetura e a linguagem da arquitetura e do morar durante esse período. Uma casa é feita de cimento e de tijolos, mas também é construída pela forma como é narrada, como se mora, como se percebe o espaço material e se traduz a argamassa do espaço vivido em palavras. E o ato de contar histórias e experimentar o espaço através das narrativas, traz consigo uma percepção o escritor Paulo Scott, ao falar de “O direito à literatura” de Antonio Candido: “se tudo é linguagem, também no espectro do jogo econômico e bélico de todas as contextualizações, é no emprego da linguagem, e na linguagem acolhida e desenvolvida pela literatura, que podem estar as soluções”<sup>22</sup>. Mas aqui, solução não é o melhor termo para o que está sendo abordado. Analisar as domesticidades narradas durante a pandemia é uma possibilidade de tentar compreender como a arquitetura constrói os cenários para a vida cotidiana, assim como indagar as formas como ela possibilita a vivência da casa em momentos em que não se pode sair dela.

A definição de domesticidade, segundo o Dicionário Online de Português é definida como “estado ou qualidade do que é doméstico”<sup>23</sup>, e pode ser também sinônimo de coabitação

---

<sup>21</sup> DIDION, Joan. O álbum branco. In: Joan Didion. O álbum branco. Tradução: Camila Von Holdefer. – Duque de Caxias, RJ: HarperCollins Brasil, 2021. p. 11.

<sup>22</sup> SCOTT, Paulo. Linguagem, intemperança e direito à literatura: o direito que precisa ser buscado. In: Fabiane Secches (org.). Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno. – 1. ed. – São Paulo: Editora Instante, 2022. p. 92.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.dicio.com.br/domesticidade/>. Acesso em: 06/01/2024.

ou convivência. Ao procurar a palavra no Google, o significado oferecido pelo Dicionário Oxford Languages diz que se trata da “vida privada, circunscrita à casa de uma pessoa e/ou às suas particularidades”<sup>24</sup>. No dicionário Michaelis<sup>25</sup>, a palavra “casa” possui vinte e um verbetes. Dentre eles, “construção destinada a moradia”, “domicílio de um grupo de pessoas que vivem sob o mesmo teto”, “local que se destina a reuniões temáticas” e “reunião de objetos indispensáveis a um domicílio” são os mais pertinentes ao que será analisado nesta pesquisa. Além desses, é digno de nota – e de uma discussão mais adiante – outro verbete que possui um exemplo de uso que descreve a casa como um “Conjunto de assuntos domésticos: *A mãe é responsável pela administração da casa*”. Essa associação imediata de casa como espaço que abriga a domesticidade é bem antiga, principalmente a partir do momento em que passa a ser um lugar associado à propriedade do indivíduo que consta nas bases da fundação do capital. Esse espaço da moradia pode ser compreendido segundo Fuão:

A morada antes de nada é uma das coisas mais próprias do próprio, a propriedade do humano. Não é a casa como propriedade que me refiro, mas o sentido de propriedade como singularidade da necessidade da vida de cada um, de um direito natural de querer ter ou não ter. A casa, desde sua mais remota concepção ocidental abrigou os corpos conformando as aldeias, os vilarejos, as cidades com sua ordem disciplinar de limites, ordens, leis e hierarquia, paredes, aberturas, muros e cercas. (Fuão, 2023)

A casa associada à palavra limite é um dos temas que entram também nessa discussão, levando em consideração o quanto essa delimitação de dentro/fora foi ambígua no contexto do isolamento social imposto pela OMS devido à pandemia de COVID-19 em 2020. Aqui se parte também de uma análise em um recorte daqueles que puderam ficar nesse espaço no período crítico da quarentena, se protegendo do vírus e realizando a maior parte de suas atividades de forma remota dentro de casa. Mas também vale ressaltar que aqui se investiga como essa separação, material e percebida por meio das formas em que foi descrita, cheia de protocolos recomendados por instituições de saúde e auto impostos para acessar e sair do espaço doméstico, também se tornou parte do cotidiano daqueles que precisaram sair para realizar atividades na condição chamada convencionalmente de presencial.

Esse processo que aqui será chamado de despressurização não recebe esse nome de forma leviana, e volta para a ficção científica, uma vez que remete à mecanismos presentes em naves espaciais de muitas histórias, mas também foi uma ação do cotidiano nas nossas próprias naves espaciais que chamamos de casa durante a pandemia, trazendo Rüsche mais

<sup>24</sup> Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 06/01/2024.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=casa>. Acesso em: 25/05/2023.

uma vez. As ações de descontaminação recomendadas por organizações sanitárias para a entrada e saída de casa foram desde instruções de como fazer o uso correto de máscaras descartáveis ao sair – “antes de tocar na máscara, limpe as mãos com um higienizador à base de álcool ou água e sabão”<sup>26</sup> e “após o uso, retire a máscara; remova as presilhas elásticas por trás das orelhas, mantendo a máscara afastada do rosto e das roupas, para evitar tocar nas superfícies potencialmente contaminadas da máscara”<sup>27</sup> – à orientação de sempre levar consigo álcool em gel, evitar a manipulação de cédulas e moedas e dar preferência para sapatos que pudessem ser lavados.<sup>28</sup> Houveram também orientações quase ritualísticas para o retorno à casa: “retire as roupas que estiver vestindo e coloca-as para lavar”, “limpe as embalagens que trouxer, ou objetos de maior contato, como celular e óculos”, com ênfase no corpo do indivíduo, e “deixe os ambientes de sua casa ventilados”<sup>29</sup>, com ênfase no espaço adentrado.

Dessa forma, além dos elementos pessoais da paisagem doméstica de cada um, assim como os objetos comuns que fazem parte dessa transição de dentro para fora de casa, como as chaves, as sacolas os guarda chuvas, máscaras e frascos de álcool em gel passaram a se tornar uma objetos familiares próximos aos locais de entrada e saída, para cumprirem suas funções nos rituais de despressurização. O ambiente doméstico passou a ter, a partir desses e de outros objetos desse universo, vestígios de uma forma de morar em que sair e chegar em casa carregava pesos diferentes do cotidiano em que não havia quarentena, enfatizando a casa como o local em que, além de simbolicamente se despir do mundo exterior, despia-se de elementos de proteção individual voltados para a saúde, demarcando-a como a espacialidade dentro da qual se estava protegido.

No livro “Domesticidades”, publicado em 2010 e de autoria de Renata Marquez e Wellington Cançado, é por meio de fotografias que é criado

um guia portátil para visitas remotas aos lugares não visitáveis das cidades, aos espaços cotidianos alheios, às formas de habitar particulares e à privacidade anônima: um manual de navegação para expedições rumo ao espaço insuspeitado da vida doméstica contemporânea. (Marquez, Cançado, 2010, p. 1)

---

<sup>26</sup> Disponível em: <https://sbpt.org.br/portal/covid-19-oms/>. Acesso em: 08/06/2023.

<sup>27</sup> Ibidem

<sup>28</sup> Laboratório Behring. Disponível em:

<https://www.laboratoriobehring.com.br/noticias/cuidados-ao-sair-e-voltar-para-casa-durante-a-pandemia>. Acesso em: 08/06/2023.

<sup>29</sup> Ibidem.

Com imagens de espaços internos residenciais de Belo Horizonte, o “guia de código aberto”<sup>30</sup> mostra fragmentos a partir de alguns tópicos recorrentes em casas brasileiras, como as cerâmicas 10x10 nos banheiros, bichos de pelúcia que se espreguiçam pelos cômodos e até mesmo a luz e como ela banha e ocupa os espaços através das janelas. A maioria das fotos vem de sites de imobiliárias e sua “ecologia online”<sup>31</sup>, com seus termos de descrição próprios que visam a locação ou venda dos imóveis registrados. Mas há uma frase bastante peculiar em um dos textos de introdução do livro intitulado “Intimidades anônimas”, que diz que

A internet é um espaço público redundante no qual nada está salvo de ser apropriado, manipulado, remixado, recontextualizado. Lugar privilegiado para o exibicionismo anônimo da vida privada, onde paisagens de diferentes intimidades podem ser negociadas exponencialmente, estudadas cientificamente, capturadas artisticamente e também bisbilhotadas ocasionalmente. (Marquez, Cançado, 2010, p. 6)

No intervalo de quase uma década que separa o recorte deste texto em relação ao livro, é possível perceber que, ainda que as imagens presentes nos sites das imobiliárias não tenham mudado tanto, “o exibicionismo anônimo da vida privada”<sup>32</sup> não é mais tão anônimo assim. As redes sociais modificaram a forma como se expõe a nossa intimidade, e durante a pandemia, por meio de muitas chamadas de vídeo e o próprio registro autônomo do cotidiano publicado em plataformas de imagem como o Instagram, os espaços de refúgio da casa foram escancarados, como se as visitas para quem se fala para não reparar na bagunça estivessem sempre presentes, porém enxergando pela lente da câmera, reparando na paisagem doméstica enquadrada por ela.

O registro visual, mas também o registro escrito desses pequenos fragmentos da vida cotidiana, como nas pinturas da série “Envolvimentos”<sup>33</sup> da artista brasileira Wanda Pimentel, mostram os recortes da domesticidade e os objetos que a compõem. E, essa multiplicidade de atividades concentradas no espaço doméstico subverteu muitos dos sentidos da domesticidade como algo privado, levando a casa e os sujeitos que nela moram a se adaptarem a esse morar meio híbrido. A polissemia entra como um termo no qual o habitar passa a ter outros sentidos durante o isolamento, a nave espacial de Ana Rüsche ou um barco à deriva navegando pelos dias, dentro do qual se descansa, trabalha, se diverte, se entretém.

---

<sup>30</sup> MARQUEZ, Renata. CANÇADO, Wellington. Domesticidades - Guia de Bolso. Instituto Cidades Criativas / ICC. Belo Horizonte, 2010. p. 1.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 5.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 5.

<sup>33</sup> Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. Wanda Pimentel: envolvimentos. Curadoria Adriano Pedrosa, Camila Bechelany; organização Adriano Pedrosa; textos Camila Bechelany... [et al.] – São Paulo: MASP, 2017.

Em 2020, a *The New York Times Magazine* criou o Projeto Decamerão, inspirado no livro do século XIV “O Decamerão”, de Giovanni Boccaccio. A obra surgiu como inspiração a partir do momento em que exemplares começaram a esgotar nas livrarias dos Estados Unidos, no momento em que o isolamento social imposto pela pandemia começava a acontecer. A obra de Boccaccio é “uma coleção de histórias dentro da história, contadas por e para um grupo de mulheres e homens que se abrigaram fora de Florença enquanto a peste assolava a cidade.”<sup>34</sup> A revista estadunidense então se inspirou nesses escritos e seu contexto para publicar histórias escritas durante a quarentena, convidando escritores de diversas partes do mundo para publicá-las. Caitlin Roper, no prefácio do livro que reúne esses contos diz que:

Quando as histórias começaram a chegar, por mais que estivéssemos imersos numa das experiências mais assustadoras de nossas vidas, sabíamos que esses escritores estavam produzindo arte. Não estávamos preparados para a intensidade com que seriam capazes de transformar o horror do momento atual em algo tão poderoso. Foi um lembrete de que as melhores obras de ficção podem nos transportar para longe de nós mesmos e, ao mesmo tempo, de certa forma, nos ajudar a compreender exatamente onde estamos. (Roper, 2020, p. 15)

Nessa coletânea de narrativas pandêmicas, há um conto do escritor e jornalista brasileiro Julián Fuks, chamado “No tempo da morte, a morte do tempo”. Alguns dos autores escolhidos dentro desse compilado extrapolam o presente em histórias que pendem para o lado ficcional, voltando-se até mesmo para a ficção científica e o gênero policial. Já Fuks se encaixa no grupo de autores que narram a partir de um olhar cronicizado do cotidiano, tentando entender os primeiros momentos de um isolamento, em que “o tempo parou de fazer sentido”.<sup>35</sup>

Tudo eu observava pela janela, passeando o olhar entre os apartamentos vizinhos, me distraindo com aquela vida em frestas que a paisagem me oferecia. No exato momento da morte do tempo, se bem me lembro, eu estava deitado na rede contemplando apenas as ruas vazias. Senti que aquele instante se desgarrava do anterior e do seguinte, eternizava-se em sua insignificância, ganhava peso. O que se produzia era um inchaço do presente, como se seu vulto engordasse tanto que ocultasse o passado e bloqueasse a vista do futuro inteiro. Mesmo dos dias próximos, dias ensolarados de liberdade e inocência, já me restavam apenas lembranças remotas, carregadas de nostalgia, à beira do esquecimento. Quanto ao futuro, era tão incerto que se cancelava completamente, tornando insensato todo plano que eu concebesse, todo amor que cobiçasse, todo livro que almejasse escrever. A paralisia do tempo, eu percebia, tomava de uma vez as casas e os corpos, condenando à imobilidade também as pernas, os braços, as mãos, a existência. (Fuks, 2020, p. 254)

<sup>34</sup> ROPER, Caitlin. Prefácio. In: *The New York Times Magazine*. O Projeto Decamerão: 29 histórias da pandemia. Tradução: Isabela Sampaio ... [et al] – 1ª ed. – Rio de Janeiro, Rocco, 2021. p. 12.

<sup>35</sup> FUKS, Julián. No tempo da morte, a morte do tempo. In: *The New York Times Magazine*. O Projeto Decamerão: 29 histórias da pandemia. Tradução: Isabela Sampaio ... [et al] – 1ª ed. – Rio de Janeiro, Rocco, 2021. p. 253.

Fuks prossegue em seu relato bastante melancólico contando dos momentos em que o Brasil contabilizava mil e uma mortes, demonstrando sua indignação com a gestão do governo, violenta e estapafúrdia. Suas frustrações e um sentimento de impotência diante da realidade ficam claras em sua história, que em determinado momento a claustrofobia e a solidão do autor, assim como uma necessidade de ver o rosto de outro alguém, o leva a sair de casa, levando-o inconscientemente para a casa de seus pais. Nessa casa, respeitando as distâncias recomendadas, os três conversaram por horas no jardim, onde Fuks diz ter conseguido sentir um apaziguamento momentâneo diante do cenário desolador que se impunha.

Não lembro o que conversamos, mas é vívida a lembrança da imagem que compunham diante dos meus olhos, seus rostos pálidos vincados pelas décadas, ao fundo a casa da minha infância, suas paredes manchadas pelos anos de desatenção alegre, acima do telhado a copa da árvore que plantamos juntos, num dia remoto que se fazia presente. Naquela casa morava o tempo, e só de estar ali pude sentir que ele seguiria correndo, numa cadeia incontível de acontecimentos, e que um dia o tempo apagaria os obscuros homens que nos governam, e apagaria os meus pais, e apagaria também a mim, e seguiria correndo pelas ruas, pelas praças, pela cidade inteira, deixando em seu rastro um futuro inteiro. Podia haver algo de vertiginoso e terrível no pensamento, mas, não sei, naquele instante, a certeza do tempo só me ofereceu um apaziguamento. (Fuks, 2020, p. 257)

Assim como Fuks, muitos escritores brasileiros escreveram sobre esse período com uma linguagem bastante similar, a partir de seus contextos particulares, narrando por meio da crônica os dias que iam se seguindo meio sem rumo durante o isolamento. A maioria dos textos selecionados como objeto de análise foram publicados na internet e escritos em sua maioria por mulheres, muitas vezes em *newsletters* com o formato de crônica ou ensaio em que narravam seu cotidiano a partir da pandemia, mas levantando questões relacionadas ao espaço de morar e à domesticidade.

O contato com esses textos, ainda que inicialmente sem a finalidade inicial de uso para uma pesquisa, se deu durante a pandemia, temática que perpassa muitas dessas leituras e que se tornou um assunto inevitável para a proposta, uma vez que evidenciou questões da domesticidade e da economia do cuidado no Brasil. Ao perceber a forma como questionamentos dessa inserção forçada no espaço da casa passou a ocupar esses escritos, foi levantada a questão do potencial dessas narrativas para preencher lacunas historiográficas do que se entende e é estudado na produção do espaço doméstico.

Em agosto de 2023, Fuks escreveu o texto “Adeus à crônica: sobre o fim silencioso e tímido de um gênero literário”<sup>36</sup>, em que diz que o gênero, depois de ter entrado em crise décadas atrás, se aproxima do fim.

Seu tempo é outro, há um descompasso de ritmos. Devota da lentidão, apreciadora da indolência e da preguiça, a crônica já não resiste à velocidade, aos imperativos da produtividade, seja no trabalho, na diversão ou no vício. A crônica não sabe existir neste mundo alucinado que já não alucina. [...] A morte da crônica é a morte da literatura em sua face cotidiana, da literatura mansa desprovida de ambições e ganâncias e cobiças. É a morte de um olhar discreto e franco sobre a vida, agora bem mais pálida, insossa, ignóbil, triste. O fim da crônica nos deixa quase reféns dos assuntos sérios e dos risos histriônicos, sem mais meios sorrisos, sem graças furtivas, e sem tampouco a melancolia vaga das palavras ainda não tão trágicas, só levemente infelizes. A agonia da crônica nos aparta dos acontecimentos mínimos, nos priva da imaginação e do devaneio tão bem nutridos pelos assuntos esqueléticos. Nos deixa apenas na presunçosa companhia da ideia, ou, pior ainda, na extravagante presença da polêmica. (Fuks, 2023)

Fuks segue ressentido culpando o leitor, como se houvesse um desinteresse, como se o leitor não estivesse presente. “Eu não sei se lhe perdoou a pressa, a impaciência, a gravidade que você tenta compensar com uma busca obsessiva por uma distração fácil, um prazer mais imediato, mais garantido.”<sup>37</sup>, diz. E encerra o texto com um consolo e uma “certeza especulativa” de que esse definhamento da crônica encontrará uma maneira de deixá-la permanecer.

Em contraponto, várias mulheres escritoras questionaram essa declaração de morte do gênero literário, uma vez que, para além dos meios impressos e considerados formais, como a publicação do conto em tons de crônica da pandemia de Fuks na *The New York Magazine*, esse tipo de texto continua vivíssimo, principalmente pela escrita feminina. A escritora e jornalista Carolina Ruhman Sandler diz:

A minha sensação é que Fuks olhou mais para a grande imprensa, mais para os grandes cronistas do passado, e não percebeu que a nova crônica agora tem outra cara: é digital e feminina. Eu leio quase que exclusivamente newsletters de mulheres que trazem justamente o olhar discreto e franco sobre a vida que Fuks falou. Ao abrir cada edição, encontro uma reflexão nova sobre a vida, a maternidade, a escrita, o corpo feminino, a literatura e a música. Mas será que não existe aí uma visão machista e reducionista sobre o que é literatura, o que é a Crônica De Verdade? (Sandler, 2023.)<sup>38</sup>

<sup>36</sup> FUKS, Julián. Adeus à crônica: sobre o fim silencioso e tímido de um gênero literário. *Ecoa Uol*. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/julian-fuks/2023/08/05/adeus-a-cronica-sobre-o-fim-silencioso-e-timido-de-um-genero-literario.htm>. Acesso em: 04/09/2023.

<sup>37</sup> Ibidem.

<sup>38</sup> SANDLER, Carolina Ruhman. A crônica está viva - e ela mora no Substack. *Vou te falar*. Disponível em: [https://voutefalar.substack.com/p/a-cronica-esta-viva-e-ela-mora-no?utm\\_source=profile&utm\\_medium=reader2](https://voutefalar.substack.com/p/a-cronica-esta-viva-e-ela-mora-no?utm_source=profile&utm_medium=reader2). Acesso em: 04/09/2023.

Sandler menciona a escritora estadunidense Melissa Febos e seu livro “Body Work” para falar sobre a literatura escrita por mulheres:

Numa tradução livre, "O fato de esses tópicos do corpo, do interior emocional, do doméstico, do sexual e do relacional serem todos subvalorizados em termos literários intelectuais e estarem todos associados às esferas femininas do ser não é uma coincidência. Esse preconceito contra a escrita pessoal é, muitas vezes, um mecanismo sexista, baseado no falso binômio entre o emocional (feminino) e o intelectual (masculino), com a intenção de subordinar o primeiro." (Sandler, 2023)

Sandler defende que, na plataforma Substack, é possível que as mulheres possam celebrar e escrever suas histórias sobre seus corpos e seu cotidiano sob seus pontos de vista próprios. Além disso, essa forma de publicar no meio digital possibilita a criação de uma comunidade de leitoras e leitores, abrindo as narrativas para conversas que se ampliam, além de também poderem ser remuneradas por seus escritos. Para a também escritora Gaía Passarelli, a crônica “está viva e bem, obrigada.”<sup>39</sup>

Crônica é um gênero flexível que pode ter definição meio elusiva, o que justificaria uma constatação imediatista, tipo “a crônica morreu”. É um texto normalmente breve, comumente ligado ao cotidiano, quase sempre se valendo da cadência da língua falada. A crônica pt-br, muito próxima da grande imprensa ao longo de décadas, deu grande visibilidade a uma lista de gigantes que inclui Paulo Mendes Campos, Clarice Lispector e os Rubens Braga e Fonseca. Mas melhor deixar a definição para quem entende delas. Como Antonio Candido e Alexandre Eulálio: “(A crônica) Está em toda a imprensa brasileira, de 150 anos para cá. O professor Antonio Candido observa: ‘Até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e pela originalidade com que aqui se desenvolveu’. Alexandre Eulálio, um sábio, explicou essa origem estrangeira: ‘É nosso familiar *essay*, possui tradição de primeira ordem, cultivada desde o amanhecer do periodismo nacional pelos maiores poetas e prosistas da época’. Veio, pois, de um tipo de texto comum na imprensa inglesa do século XIX, afável, pessoal, sem-cerimônia e, no entanto, pertinente.” Se formos pensar nesses termos, basta procurar fora dos jornalões (respirando por aparelhos) e portalões (dependentes de caçar cliques) para encontrar toda uma saudabilidade de textos afáveis, pessoais, sem cerimônia e pertinentes. [...] Agora, além disso, muita gente tem usado o formato newsletter para escrever diretamente para quem quer ler, sem atravessamentos de editores, na mesma energia da literatura blogueira do começo dos anos 00. Um bolo onde há muitas crônicas, como as minhas. A qualidade e pertinência do que é publicado de forma alternativa/independente varia, é claro. Mas a ‘cena’ de newsletters, formada por cronistas (mas não só!) já é diversa o suficiente, em seus temas e formas, para incluir os talentos de Carol Bensimon, Aline Valek, Stephanie Borges e Ronaldo Bressane. (Passarelli, 2023)

É a partir dessa percepção do potencial narrativo desses relatos do cotidiano que se busca entender as lacunas deixadas por sua invisibilidade em meios mais consolidados de escrita. E com eles, investigar os vestígios da domesticidade narrados por essas escritoras dentro do espaço da casa, equilibrando a tarefa de escrever com as relacionadas ao trabalho

<sup>39</sup> PASSARELLI, Gaía. essa coisa da crônica. *Tá todo mundo tentando*. Disponível em: [https://www.gaiapassarelli.com/p/cronica?utm\\_source=substack&utm\\_campaign=post\\_embed&utm\\_medium=web](https://www.gaiapassarelli.com/p/cronica?utm_source=substack&utm_campaign=post_embed&utm_medium=web). Acesso em: 04/09/2023.

reprodutivo e produtivo, e até mesmo misturando os dois em suas narrativas. Escrevendo muitas vezes sem um quarto só para si, como diz Gloria Anzaldúa em seu texto de 1981 “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo”, aqui se fala bastante sobre histórias contadas ao trancar-se no banheiro, nos intervalos possíveis entre as tarefas domésticas e de cuidado ou até mesmo enquanto as executa, começando por um momento em que o espaço dentro do qual essas mesmas mulheres habitavam impunha uma condição de impossibilidade de sair.

A escritora Carla Soares, no texto chamado “Falar de si mesma: o vivido narrado também é literatura?”<sup>40</sup> diz:

A historiografia e a 'estoriografia', essa das artes literárias, são ambas marcadas por esse viés: falamos dos grandes acontecimentos, das grandes questões filosóficas que assombram toda a gente, das civilizações e da história da humanidade (o que quase sempre significa a porção das pessoas que viviam no pedaço ocidental-europeu). Falamos das grandes vitórias, dos declínios, e das grandes descobertas e mitos. E no entanto, saber desses eventos não nos dá uma boa dimensão de como as pessoas, em cada época, de fato viviam o dia-a-dia. Essa vivência do cotidiano está sempre na margem, no interstício, que tentamos espiar a partir de coisas secundárias a todo esse enredo. A vida social nunca aparece nessas narrativas porque ela é feita de miudezas: de pequenos saberes, de pequenos fazeres e acontecimentos. A vida é feita de cotidiano, banalidades, repetições e experiências íntimas. Quando insistimos em desvalorizar essas miudezas que vivenciamos, e que formam uma parte importante do que é viver a vida, construímos e valorizamos narrativas que não correspondem àquilo que se passa conosco. A vida é roupa sendo estendida no varal; é correr atrás do ônibus que está passando no ponto; é uma conversa sobre o tempo dentro do elevador e a decisão de todo dia do que fazer pra comer no jantar. Não olhar pra essas banalidades é o que torna ainda maior nosso sentimento de discrepância entre como achamos que a vida deveria ser e como a vida é. Falar das miudezas cotidianas é colocar o mundo numa escala mais do nosso tamanho. É essencialmente reconhecer nossa humanidade, e abrir a porta para nos tornarmos mais humanos. (Soares, 2023)

Para o filósofo e crítico alemão Walter Benjamin, ao falar do surgimento de espacialidades interiores, “habitar significa deixar rastros”<sup>41</sup>:

No interior, eles são acentuados. Colchas e cobertores, fronhas e estojos em que os objetos de uso cotidiano imprimam a sua marca são imaginados em grande quantidade. Também os rastros do morador ficam impressos no interior. Daí nasce a história de detetive, que persegue esses rastros [...]. Os criminosos dos primeiros romances de detetive não são cavalheiros nem apaches, mas pessoas pertencentes à burguesia. (Benjamin, 2000, p. 38)

E assim como toda casa possui seus cacarecos, pistas para elucidar o cotidiano no espaço que possuem histórias próprias de porque são objetos de valor colocados a enfeitar os

<sup>40</sup> SOARES, Carla. Falar de si mesma: o vivido narrado também é literatura? . *Outra cozinha*. Disponível em: [https://outracozinha.substack.com/p/falar-de-si-mesma-o-vivido-narrado?r=61rvw&utm\\_campaign=post&utm\\_medium=web&utm\\_source=substack&utm\\_redirect=true](https://outracozinha.substack.com/p/falar-de-si-mesma-o-vivido-narrado?r=61rvw&utm_campaign=post&utm_medium=web&utm_source=substack&utm_redirect=true). Acesso em: 11/01/2023.

<sup>41</sup> BENJAMIN, Walter. Paris, a capital do século XIX. In: KOTHE, Flavio; FERNANDES, Florestan. Walter Benjamin. Sociologia. São Paulo: Ática, 1985, p. 38.

cômodos ou pelo menos dignos de serem mantidos, a escrita passa por esse processo de acumulação. E além dos textos utilizados como pontos de partida, essa dissertação não passa incólume aos textos-cacarecos lidos ainda sem a pretensão de se tornarem referência bibliográfica, mas que foram guardados na bolsa de quem escreve, tal qual descrita pela escritora Ursula K. Le Guin<sup>42</sup>. A escritora, que quando começou a escrever, começou também a carregar um

[...] enorme saco pesado de coisas, minha bolsa cheia de chorões e desastrosos, e pequenos grãos de coisas menores que uma semente de mostarda, e redes intrincadamente tecidas que, quando laboriosamente desatadas, revelam conter uma pedrinha azul, um cronômetro funcionando imperturbavelmente, contando o tempo de outro mundo, e o crânio de um rato; cheio de começos sem fim, de iniciações, de perdas, de transformações e traduções, e muito mais artimanhas do que conflitos, muitos menos triunfos do que armadilhas e delírios; cheio de naves espaciais que ficam presas, missões que falham, e pessoas que não entendem. (Le Guin, 2021, p. 23)

A essa colcha de retalhos guardados, que quando bordada cobre o leito onde se dorme e se sonha com o futuro através das histórias, soma-se a fala da escritora italiana Elena Ferrante:

Na escrita, tudo tem uma longa história atrás de si. Até a minha insurreição, a minha desmarginação, a minha ânsia, faz parte de um ímpeto que me precede e vai além de mim. Por isso, quando falo do meu eu que escreve, eu deveria logo acrescentar que estou falando do meu eu que leu, mesmo quando se tratou de uma leitura distraída, a mais furtiva das leituras. E devo destacar que cada livro lido levava dentro de si uma multidão de outras escritas que, de maneira consciente ou inadvertida, capturei. Enfim, escrever sobre as próprias alegrias e feridas e noção do mundo significa escrever de todas as formas, sempre, sabendo que você é o produto, bom ou ruim, de encontros-confrontos, buscados e ocasionais, com as coisas dos outros. O erro mais grave do eu que escreve, a mais grave ingenuidade, é a Robinsonada, ou seja, imaginar-se um Robinson que se contenta com a vida na ilha deserta fingindo que os cacarecos trazidos do navio não contribuíram para o seu êxito; ou um Homero que não confessa a si mesmo que está trabalhando com materiais de elaboração e transmissão oral. Nós não fazemos, mas refazemos "vida viva". E assim que nos damos conta disso, se não somos covardes, tentamos desesperadamente contar a verdadeira "vida viva". (Ferrante, 2023, p. 82-83).

Portanto, pretende-se pensar a domesticidade como um refazer da vida viva pela escrita dos dias. Refazer a vida viva do espaço onde se mora por meio das palavras, principalmente quando a morte ronda o lado de fora.

---

<sup>42</sup> LE GUIN, Ursula K. A teoria da bolsa da ficção. Tradução: Luciana Chierigati, Vivian Chierigati Costa; introdução de Juliana Fausto; posfácio de Luciana Chierigati. – São Paulo: n-1 edições, 2021. p. 23.

## CAPÍTULO 1

### OMS DECLARA PANDEMIA DE CORONAVÍRUS OU O DIA EM QUE A TERRA PAROU

e depois isto:  
ensaios de morar  
onde melhor nos convém  
experimentos de ajuste  
do corpo à arquitetura  
ligeiro desconforto  
e desamparo infinito  
(Marques, 2017, p. 20)

Eu me lembro bem dos últimos dias daquela fatídica semana em que foi imposta a quarentena. Naquela época – e ao falar nesses termos, parecem ser mais anos atrás do que de fato são –, eu usava agendas de papel com afinco. Essa semana tinha aquela sensação de satisfação e alegria do final do carnaval, em que o êxtase de ter vivido muito aqueles cinco dias ainda estava no corpo, mesmo com a vida cotidiana de começo oficial de ano estivesse se impondo, mesmo corpo que ainda sentia a ressaca, a dor nos pés e o restante de purpurina que no final das contas sempre permanece por um tempo indeterminado. Naquela semana, o semestre letivo da universidade, que insistia em começar antes do carnaval, retornava com um lamúrio para que o ano começasse de vez, afinal, era o penúltimo de todos no curso. Naquela semana, continuei indo para um estágio que não via muito futuro. Naquela semana, na sexta-feira, saí com um amigo para tomar uma cerveja perto da faculdade. No sábado, com outro para um café. E à noite, eu e meu namorado fomos comer uma pizza. Sei até as roupas que usei nesses encontros, tenho fotos desses dois momentos nas minhas redes sociais, a vida vibrava com o otimismo carnavalesco. Na segunda-feira seguinte, assim como nos dias posteriores, quando as aulas foram interrompidas, não sou capaz de lembrar o que aconteceu. A memória prega peças na gente, se lembrando de especificidades e se esquecendo de eventos completos e que possuem um caráter de marco temporal nas nossas vidas.

\*\*\*

Segundo o Ministério da Saúde do Governo do Brasil, “a Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global.”<sup>43</sup> O coronavírus SARS-CoV-2 se trata de

---

<sup>43</sup> Ministério da Saúde do Governo do Brasil. O que é a COVID-19? Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em 14/07/2023.

Um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovirus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos. (Ministério da Saúde do Governo do Brasil, 2023.)<sup>44</sup>

Em março de 2020 a Organização Mundial de Saúde declarou que a doença causada pelo SARS-CoV-2 se tratava de uma pandemia, que “se refere ao momento em que uma doença já está espalhada por diversos continentes com transmissão sustentada entre as pessoas.”<sup>45</sup> No Brasil, já havia sido decretada emergência sanitária em fevereiro, antes da confirmação do primeiro caso no país. Assim como em outras doenças causadas por vírus respiratórios, a COVID-19 pode ser transmitida por contato, gotículas ou aerossóis, sendo a primeira “infecção por meio do contato direto com uma pessoa infectada (por exemplo, durante um aperto de mão seguido do toque nos olhos, nariz ou boca), ou com objetos e superfícies contaminados (fômites)”<sup>46</sup>. A segunda se dá pela “exposição a gotículas respiratórias expelidas, contendo vírus, por uma pessoa infectada quando ela tosse ou espirra, principalmente quando ela se encontra a menos de 1 metro de distância da outra”<sup>47</sup> e a terceira “por meio de gotículas respiratórias menores (aerossóis) contendo vírus e que podem permanecer suspensas no ar, serem levadas por distâncias maiores que 1 metro e por períodos mais longos (geralmente horas)”<sup>48</sup>.

Segundo o Ministério da Saúde, a epidemiologia do vírus possibilita uma maior transmissão por meio do contato próximo, levando às recomendações das organizações de saúde de diferentes países para que todos permanecessem em casa nos primeiros meses de forma rigorosa, saindo apenas para atividades essenciais, variando suas regras de cidade para cidade. Pelo fato de o vírus possuir um período de permanência em espaços fechados, podendo contaminar as pessoas ali presentes, medidas ligadas a atividades coletivas foram tomadas. Muitas empresas voltadas para atividades não essenciais foram forçadas a adotar o trabalho remoto, por meio do qual seus funcionários poderiam trabalhar de casa, sem o risco de exposição à doença tanto nos ambientes de trabalho quanto nos deslocamentos até ele, como nos transportes públicos, por exemplo. O ensino tanto básico quanto fundamental e médio também precisou se adaptar ao modo remoto, dentro do que foi possível entre escolas

---

<sup>44</sup> Ibidem.

<sup>45</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 14/07/2023.

<sup>46</sup> Ministério da Saúde do Governo do Brasil. Como é transmitido? Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/como-e-transmitido>. Acesso em: 14/07/2023.

<sup>47</sup> Ibidem.

<sup>48</sup> Ibidem.

públicas e privadas, com maiores ou menores recursos para essa adaptação. Cursos de graduação e pós-graduação, ainda que alguns já possuíssem modalidades à distância antes do decreto da pandemia, migraram também para aulas online em plataformas digitais. Além dessas atividades, os momentos de lazer ou de outros tipos de ensino, atividades físicas, tratamentos com psicólogos e psiquiatras, reuniões entre amigos e familiares, por exemplo, foram suspensas presencialmente, levando à sua execução também dentro do espaço da casa com a mesma mediação por plataformas digitais. Esse período também modificou em larga escala as nossas relações, tanto familiares, quanto com o trabalho, com nós mesmos e com o espaço onde moramos.

Durante a pandemia, termos médicos passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas, com entendimento em maior ou menor grau, em relação à contaminação pelo coronavírus mencionada anteriormente, assim como *fake news*<sup>49</sup> que circularam tanto quanto o vírus. O filósofo coreano Byung-Chul Han inclusive faz esse mesmo paralelo da comunicação digital como algo viral no livro “No Enxame: perspectivas do digital”:

A comunicação digital toma não apenas forma espectral, mas também viral. Ela é contagiante na medida em que ela ocorre imediatamente em planos emocionais ou afetivos. O contágio é uma comunicação pós-hermenêutica, que não dá verdadeiramente nada a ler ou pensar. Ela não pressupõe nenhuma leitura, que se deixa acelerar apenas de maneira limitada. Uma informação ou um conteúdo, mesmo com significância muito pequena, se espalha rapidamente na internet como uma epidemia ou pandemia. Nenhuma outra mídia é capaz desse contágio viral. A mídia escrita é lenta demais para isso. (Han, 2018, p. 98-99)

O corpo foi objeto de escrutínio no dia a dia de forma intensa, na busca por sintomas que poderiam “acusar” a presença desse microrganismo altamente contagioso. Confinados em casa ou transitando pelos espaços da cidade, os protocolos para a observação da presença do vírus nos organismos se tornaram parte do cotidiano, desde medidores de temperatura corporal na porta de shoppings ao escrutínio individualizado ao se sentir algum dos sintomas da doença.

Para auxiliar a compreensão de alguns conceitos e os modos que o poder circulou durante a pandemia, assim como numa tentativa de tentar explicar as implicações de um isolamento, é colocado inicialmente nessa conversa o pensamento do filósofo francês Michel Foucault, em seu livro “A Microfísica do Poder”, de 1979, que destina um capítulo para discorrer sobre o nascimento da medicina social. Foucault reconstitui as três etapas de

---

<sup>49</sup> CALDAS, Ana Carolina. 'Pandemia de fake news' dificulta combate ao coronavírus no Brasil, alertam especialistas. *Brasil de Fato*. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/10/30/pandemia-de-fake-news-dificulta-combate-ao-coronavirus-no-brasil-alertam-especialistas>. Acesso em: 30/11/2023.

formação da medicina social, sendo elas a medicina de estado, a medicina urbana e a medicina da força de trabalho, possuindo berços na Alemanha, França e Inglaterra respectivamente. Ao falar da construção da medicina urbana francesa especificamente, o filósofo diz sobre o nascimento do medo dos centros urbanos:

[...] medo da cidade, angústia diante da cidade que vai se caracterizar por vários elementos: medo das oficinas e fábricas que estão se construindo, do amontoamento da população, das casas altas demais, da população numerosa demais; medo também das epidemias urbanas, dos cemitérios que se tornam cada vez mais numerosos e invadem pouco a pouco a cidade; medo dos esgotos, das caves e sobre as quais são construídas as casas que estão sempre correndo perigo de desmoronar. (Foucault, 1979. p. 51)

A partir dessa “inquietude político-sanitária que se forma à medida que se desenvolve o tecido urbano”<sup>50</sup>, são criados os mecanismos de dominação desses fenômenos médicos e políticos que incomodavam principalmente a burguesia. Nasce então o modelo da quarentena, assumindo dois modelos de organização médica preexistentes, suscitados pela lepra e pela peste. A forma assumida pelo combate à lepra, assim como na Idade Média, consistia na exclusão do doente, expulsando-o do lugar comum e exilado com outros doentes. Seguindo uma lógica um tanto religiosa, os que ficavam nas cidades estavam sendo purificados a partir do exílio dos contaminados, assim como foi feito com os ditos loucos e criminosos. Já o mecanismo a partir da peste consistia em um posicionamento a partir do qual a medicina não excluía os doentes para fora do meio urbano, mas sim, colocava os sujeitos isolados, individualizados, de forma a poder vigiá-los de forma mais eficaz, esquadrihando o estado de saúde de cada um, registrando a doença como uma forma de controle.

Essa “análise minuciosa da cidade” dita por Foucault assume um caráter não mais religioso, mas militar, levando aos sofisticados métodos de higiene pública que aperfeiçoaram o modelo da quarentena da peste para as cidades do século XVIII. Surge nesse momento também o conceito de salubridade como “base material e social capaz de assegurar a melhor saúde possível dos indivíduos”<sup>51</sup>. Passando para o refinamento do exemplo inglês, Foucault fala da figura do pobre colocada como um tipo de ameaça urbana no final do século XIX, por razões políticas principalmente. É criada na Inglaterra a Lei dos Pobres, tornando a medicina social por meio da legislação que atuaria no controle da plebe, que em contrapartida se beneficiaria de um sistema de assistência enquanto se sujeitava aos mecanismos de esquadrihamento da medicina, impedindo-a de intervir em sua própria saúde por si mesma.

<sup>50</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. – Rio de Janeiro: Editora GRAAL, 1979. p. 51.

<sup>51</sup> *Ibidem*. p. 55.

Dessa forma, os ricos se beneficiaram com os pobres domados sanitariamente, protegendo-se das doenças dos menos privilegiados por um “cordão autoritário” nos centros urbanos, que separava as classes. Nessa esteira de intervenção, nasce o controle da vacinação, os registros e controles das doenças com potencial para se tornarem epidêmicas e o mapeamento dos espaços insalubres considerados perigosos. Foucault encerra sua fala sobre a medicina social enfatizando o sucesso do modelo inglês, pontuando que:

[...] a medicina social inglesa, esta é sua originalidade, permitiu a realização de três sistemas médicos superpostos e coexistentes; uma medicina assistencial destinada aos mais pobres, uma medicina administrativa encarregada de problemas gerais como vacinação, as epidemias, etc., e uma medicina privada que beneficiava quem tinha meios para pagá-la. Enquanto o sistema alemão da medicina de Estado era pouco flexível e a medicina urbana francesa era um projeto geral de controle sem instrumento preciso de poder, o sistema Inglês possibilitava a organização de uma medicina com faces e formas de poder diferente segundo se tratasse da medicina assistencial, administrativa e privada, setores bem delimitado que permitiram, durante o final do século XIX e primeira metade do século XX, a existência de um esquadramento médico bastante completo. (Foucault, 1979, p. 57)

Foucault, segundo a pesquisadora Thamy Pogrebinschi, traz também uma noção sobre o poder que “perpassa o Estado, que vai além dele, para buscar no micro e não no macro os elementos moleculares de sua realização cotidiana.”<sup>52</sup> Uma de suas facetas é encabeçada pelo que Foucault chama de poder disciplinar, que possui a capacidade de adestramento do corpo social. Uma de suas características é sua invisibilidade, que deixa em evidência os sujeitos de sua submissão, tornando-se um mecanismo bastante eficaz no controle das pessoas. Dessa forma, são estabelecidos três dispositivos principais disciplinadores, sendo eles o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e o exame. O primeiro é, em linhas gerais, a vigilância, que possui a capacidade de generalizar a disciplina, trazendo a famosa imagem do Panóptico de Bentham, que possui como objetivo

[...] fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são portadores. (Foucault apud Pogrebinschi, 2004, p. 192)

Pogrebinschi ainda completa:

A potencialidade da vigilância, sua possibilidade apenas, é por si suficiente para que o poder disciplinar se exerça justamente porque com ela uma sujeição real nasce de uma relação fictícia. Esse caráter ficcional, por assim dizer, decorre do fato de que, ao saberem-se sujeitos a um único olhar a tudo pode ver permanentemente, os indivíduos disciplinam-se a si mesmos, e o fazem constantemente em simetria à

---

<sup>52</sup> POGREBINSCHI, T. Foucault, para além do poder disciplinar e do biopoder. Lua Nova Nº 63. 2004. p. 185.

permanência desse olhar onipresente. Na medida em que a visibilidade constante dos indivíduos e a invisibilidade permanente do poder disciplinar fazem com que os indivíduos se adestrem, se ajustem e se corrijam inicialmente por moto próprio, pode-se afirmar que a vigilância substitui a violência e a força. Sem essas, passa a ser ainda possível se falar em um adestramento ou readestramento espiritual, das almas, e não dos corpos. (Pogrebinschi, 2004, p. 193)

O segundo dispositivo é a sanção normalizadora, que tem como função a diferenciação, hierarquização, homogeneização e exclusão dos indivíduos, normalizando-os juntamente com seu comportamento. Seu objetivo é punir os desvios à norma corrigindo aqueles que dela escapam. Por último, tem-se o exame, que articula os dois dispositivos já mencionados, colocando os sujeitos sob o escrutínio de uma análise classificatória, deixando-os completamente visíveis por meio da diferenciação. Pogrebinschi diz que esses três mecanismos funcionam como um “laboratório de poder, proporcionando um aumento de saber em todas as suas frentes”<sup>53</sup>. Assim, o biopoder e o poder disciplinar descritos por Foucault se complementam atuando em diferentes escalas, sendo o poder disciplinar um atuador fundamental nos corpos dos indivíduos, e o biopoder de natureza coletiva, perpassando pela vida dos sujeitos. É pelo biopoder que os centros urbanos e a população entram em um regime de controle, como dito por Foucault ao descrever o método inglês da criação da medicina social, com seus mecanismos arbitrários de intervenção e regulação no corpo político, com o suposto objetivo de evitar as mazelas como as doenças e as mortes.

Nesse período de pandemia, com uma quarentena respeitada por uma parcela da população que podia ficar em casa, mas também com uma parcela que também podia mas não ficou, ignorando as medidas de restrição devido ao coronavírus, a noção de vigilância, sanção normalizadora e exame permearam o dia a dia do isolamento de muitas pessoas. Ainda que exista uma arbitrariedade na criação das instituições sanitárias explicitadas por Foucault, o combate à contaminação se deu pelas vacinas e pelo respeito parcial das medidas dadas por organizações de saúde. Porém, uma eficácia maior da proteção da população foi impedida por essa mesma arbitrariedade, uma vez que, de modo geral, as camadas mais pobres da população seguiram trabalhando para manter os serviços destinados às classes média e alta funcionando, expondo-se mais ao vírus e não podendo se dar ao “luxo” de se isolar em casa e se proteger melhor da contaminação iminente.

Essa condição de proteção, na verdade, foi um sinal de privilégio social. Imensas camadas mais vulneráveis da população mundial não puderam ficar em casa, pois viviam a premência de ter de correr atrás de trabalho e sustento no mundo real, isto é, fora das possibilidades abertas (apenas para alguns) pela via remota da internet. Ou, mesmo, não tinham condições de proteção em casa, vivendo em espaços

---

<sup>53</sup> Ibidem, p. 194.

exíguos e compartilhados com muita gente. Ou, ainda, em situações mais extremas não tinham nem sequer uma casa onde se abrigar. (Wisnik, 2022, p. 26)

Além disso, em um contexto de hibridização das atividades, com o digital sendo parte do cotidiano pandêmico de muitos, houve um incessante monitoramento de si e dos outros. Um ponto importante ao se falar do isolamento imposto pela COVID-19 é a forma como a cidade, palco das lutas urbanas, passou a ter também enfaticamente uma conotação de espaço ameaçador. Esquadrinhada continuamente dessa mesma forma arbitrária, em espaços seguros ou não, em termos de aglomerações ou circulação do vírus, essa espacialidade se tornou uma espécie de abstração, um palco abandonado enquanto boa parte de seus atores se voltaram para seus espaços privados, suas casas, a partir das quais seguiram a vida imersos em outro tipo de abstração, dessa vez, uma vida a partir do espaço digital.

A cidade em sua palpabilidade, sua experimentação sensorial se tornou um risco por sua materialidade, dominada pelo medo do vírus e em um estado pausado numa esperança de “voltar ao normal”. Deste modo, o espaço percebido como “seguro” para o convívio se afasta do urbano na desmaterialização do mesmo e pelo afastamento das diferenças e das contingências cotidianas. No entanto, os espaços domésticos permanecem extremamente materiais principalmente pelo medo de contaminá-lo. A ausência de um limite físico claro a partir de uma ameaça viral que pode invadir o organismo, tem até mesmo em seu nome possibilidades metonímicas com a experiência digital, privilegiada em seus espaços informacionais, mas menos palpáveis, menos materiais. Assim foi viabilizado que as atividades seguissem remotamente para alguns, por essa suposta segurança física de estar em casa, protegido do desconhecido. O urbano se desmaterializa, na forma de afastamento, proibição e medo, enquanto o doméstico sustenta o auge do corpo no contato imediato e na polivalência cotidiana.

O filósofo Vilém Flusser em seu texto “A não-coisa (1)”, de 1989, descreve a forma como a materialidade física passou a dar lugar a materialidades mais abstratas no cotidiano em sociedade. Flusser faz um comentário sobre como a resolução de problemas e o ir ao encontro de objetos é uma forma de perceber a vida anteriormente, dizendo que “[...] os problemas eram solucionados quando as coisas que resistiam obstinadamente eram transformadas em dóceis, e a isso era chamado ‘produção’; ou então ao serem superados - o que era identificado como progresso”<sup>54</sup>. Em seguida o autor diz que essa situação mudou a

---

<sup>54</sup> FLUSSER, Vilém. A não coisa [1] (1989). In: O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação. Org. Rafael Cardoso. Tradução: Raquel Abi-Sâmara. – São Paulo: Ubu Editora, 2017. p. 49.

partir do momento que as informações imateriais, que ele chama de não-coisas, passaram a invadir e suplantar o espaço dominado pelos objetos, as coisas em si:

As imagens eletrônicas na tela de televisão, os dados armazenados no computador, os rolos de filmes e microfimes, hologramas e programas são tão "impalpáveis" (software) que qualquer tentativa de agarrá-los com as mãos fracassa. Essas não coisas são, no sentido preciso da palavra, "inapreensíveis". São apenas decodificáveis. E é bem verdade que, como as antigas informações, parecem também estar inscritas nas coisas: em tubos de raios catódicos, em celuloídes, em microchips, em raios laser. Ainda que isso possa ser admitido "ontologicamente", trata-se de fato de uma ilusão "existencial". A base material desse novo tipo de informação é desprezível do ponto de vista existencial. Uma prova disso é o fato de que o hardware está se tornando cada vez mais barato, ao passo que o software, mais caro. (Flusser, 1989 [2017], p. 50-51)

Para Flusser, o consumo de informações tem sido priorizado em detrimento do consumo de coisas. Ele diz também que ao aprendermos como melhorar a alimentação das máquinas com informações, todas as coisas que ele classifica como palpáveis se tornarão "trastes inúteis", inclusive casas e imagens. Porém, ainda que fale do poder material que os detentores de informações privilegiadas o contexto geopolítico possuem, como a capacidade de construir usinas hidrelétricas e sistemas informáticos de gerenciamento, parece que o autor se precipita ao colocar tudo no mesmo lugar, construindo certa universalidade em seu ponto de vista.

Para a professora australiana McKenzie Wark, em seu livro "O capital está morto", essa transição que prioriza as informações em detrimento de uma materialidade também delimita uma nova forma do capitalismo, como algo ainda pior do que estava estabelecido. Mas para Wark é bastante claro como o que é chamado de informação tem sim sua materialidade específica, ainda que seja percebido como algo etéreo:

Ao contrário do entendimento popular, não há nada de ideal ou imaterial nisso. A informação só existe quando há um substrato material de matéria e energia para armazená-la, transmiti-la e processá-la. A informação faz parte de um mundo material. Mas é uma parte estranha. A palavra informação não é nova, mas a ciência da informação é muito nova; é uma criação do pós-guerra. A informação agora é uma força organizadora tão difundida que se infiltrou em nossa visão de mundo. O que consideramos "tecnologia" nos dias de hoje, muitas vezes significa, na verdade, tecnologias que instrumentalizam a informação. Esses são tipos específicos de aparelhos que coletam, classificam, gerenciam e processam informações para que possam ser usadas para controlar outras coisas no mundo. A tecnologia da informação é uma espécie de meta-tecnologia, projetada para observar, medir, registrar, controlar e prever o que coisas, pessoas ou mesmo outras informações podem, querem ou devem fazer. (Wark, 2022, p. 12)

Trazendo para o contexto do isolamento social, as coisas, partindo da definição de Flusser, se tornaram superfícies de contato perigosas pelo seu risco de contato, mas em contrapartida, constituíram fisicamente as barreiras de proteção. A casa, mas também sua

imagem simbólica como um abrigo diante da ameaça do vírus, teve uma espécie de status assegurado de importância, principalmente por não estar disponível em sua forma mais básica e até mesmo em termos de qualidade de forma igualitária a todos. Essa dicotomia do isolamento e suas manifestações simbólicas também trouxeram discussões no âmbito moral para alguns indivíduos, de modo que dentro do discurso individualizado do “a minha parte eu fiz”, muitas contradições materiais são impostas se não for analisado de forma cuidadosa. Voltando à Foucault, a vigilância passou a se movimentar entre os indivíduos, tal qual sua noção de poder como uma força circular.

Byung-Chul Han segue a linha de raciocínio de Flusser, discutindo a presença maior de “não-coisas” no cotidiano atual, mas trazendo a questão da síndrome da fadiga pelo excesso de informação, de não-coisas que esgotam o sujeito cada vez mais individualizado, auto-vigilante e isolado com sua “memória desnarrativizada”. Assim ele descreve a sociedade do cansaço, mas também da transparência, na qual com sua atenção dispersa, o sujeito se insere em um contínuo de informações ininterruptas. Esse consumo, observado durante a pandemia, não exatamente espacializado, mas a partir de um espaço isolado, se relaciona com o que Han diz em:

O sujeito de desempenho continua disciplinado. Ele tem atrás de si o estágio disciplinar. O poder eleva o nível de produtividade que é intencionado através da técnica disciplinar, o imperativo do dever. Mas em relação à elevação da produtividade não há qualquer ruptura; há apenas continuidade. (Han, 2017, p. 25-26)

O pensamento de Flusser, ainda que seja bastante válido ao ser transposto para o momento contemporâneo para contribuir para algumas discussões, demarca também um inegável distanciamento temporal que impacta em sua análise da tecnologia como algo que libertaria o homem para o jogo e um fruir distante do trabalho. Como observado por Han em “No Enxame: Perspectivas do Digital”, Flusser possuía uma visão um otimista demais do futuro da tecnologia, em que essa imaterialidade das “não-coisas” possibilitaria que as pessoas tivessem mais tempo para realizar atividade de uma vida digital e digital que traria tempo para o ócio.

Permanece oculto a Flusser o princípio do desempenho, que frustra novamente a aproximação entre trabalho e jogo. Ele priva o lúdico de todo jogo e o transforma novamente em trabalho. O jogador se dopa e se explora, até que ele se arruine com isso. A era do digital não é uma era do ócio, mas sim do desempenho. [...] A utopia do jogo e do ócio de Flusser se mostra como a distopia do desempenho e da exploração. O ócio começa lá, onde o trabalho cessa inteiramente. O tempo do ócio é um outro tempo. O imperativo neoliberal do desempenho transforma o tempo em tempo de trabalho. Ele totaliza o tempo de trabalho. A pausa é apenas uma fase do

tempo de trabalho. Hoje não temos nenhum outro tempo senão o tempo de trabalho. Assim, o trazemos não apenas para as [nossas] férias, mas também para o [nosso] sono. Por isso dormimos inquietos hoje. Os sujeitos de desempenho esgotados adormecem do mesmo modo com que uma perna adormece. [...] Hoje somos, de fato, livres das máquinas da época industrial, que nos escravizavam e nos exploravam, mas os aparatos digitais produzem uma nova coação, uma nova exploração. Eles nos exploram ainda mais eficientemente na medida em que eles, por causa de sua mobilidade, transformam todo lugar em um local de trabalho e todo o tempo em tempo de trabalho. A liberdade da mobilidade se inverte na coação fatal de ter de trabalhar em todo lugar. (Han, 2018, p. 63-65)

O professor e filósofo britânico Mark Fisher, fala dessa mudança da estruturação da vida nesse novo estágio do capital e desse privilégio do fluxo de informação, não-coisas, em que as separações entre vida e trabalho são obliteradas pela rotina de trabalho que toma todo o tempo disponível das pessoas:

Mas na era pós-fordista, quando a linha de montagem transforma-se em "fluxo de informação", é comunicando que se trabalha. Conforme ensina Norbert Wiener, comunicação e controle se envolvem mutuamente. Trabalho e vida tornam-se inseparáveis. O capital te acompanha até nos sonhos. O tempo para de ser linear, torna-se caótico, fragmentado em divisões puntiformes. Na medida em que a produção e a distribuição são reestruturadas, também é reestruturado o sistema nervoso. Para funcionar com eficiência como um componente do modo de produção just-in-time [por demanda], é necessário desenvolver uma capacidade de responder a eventos imprevisíveis, é preciso aprender a viver em condições de total instabilidade, de "precariedade", para usar um neologismo horroroso. Períodos de trabalho alternam-se com dias de desemprego. De repente, você se vê preso em uma série de empregos de curto prazo, impossibilitado de planejar o futuro. (Fisher, 2020, p. 62-63)

A partir desse gancho de Fisher com sua menção a esse capital que nos acompanha até enquanto dormimos, é trazido o professor estadunidense Jonathan Crary, voltado para a formação da cultura visual contemporânea. Em seu livro de 2016, “24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono”, Crary também fala da acumulação de informações em detrimento da anterior acumulação de coisas, pois “agora nossos corpos e identidades assimilam uma superabundância de serviços, imagens, procedimentos e produtos químicos em nível tóxico e muitas vezes fatal”<sup>55</sup>. Em sua análise desse mundo iluminado e transparente, o autor explica a partir de alguns exemplos a forma como um ambiente 24/7 (24 horas por dia, 7 dias por semana) é um modelo maquínico a-social, uma “miragem capitalista final da pós-história”. Ainda no primeiro capítulo, Crary ainda fala da desmaterialização das fronteiras entre o que ele chama de tempo privado e tempo profissional, assim como a diferenciação entre trabalho e consumo.

---

<sup>55</sup> CRARY, Jonathan. 24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono. Tradução: Joaquim Toledo Jr. – São Paulo: Ubu Editora, 2016. p. 19.

Outra questão levantada por Crary em seu livro soma-se à discussão proposta por Wark mencionada anteriormente. O autor fala sobre as transformações do capital até o momento contemporâneo, retomando também o pensamento de Marx, ao dizer:

Por volta de 1858, Marx faria algumas de suas formulações cruciais sobre o significado dessas transformações: "E da natureza do capital mover-se para além de todas as barreiras espaciais. A criação das condições físicas de troca – de meios de comunicação e transporte – devém uma necessidade para o capital em uma dimensão totalmente diferente – a anulação do espaço pelo tempo". (Crary, 2016, p. 74)

Seus apontamentos seguem ao longo do livro direcionados principalmente à organização temporal imposta pelo sistema capitalista, que esgota o indivíduo inclusive do chamado “estado de abandono” proporcionado pelo período de sono. Mas é inevitável associar essas dissoluções de fronteiras com o espaço onde são inscritas essas atividades temporais. A localidade se torna permeável, quase um não-lugar, uma vez que o espaço informacional das não-coisas pode ser percebido como imaterial.

Devido à permeabilidade, ou mesmo à indistinção, entre tempos de trabalho e de lazer, habilidades e gestos que seriam restritos ao local de trabalho agora integram universalmente a tessitura 24/7 de nossa vida eletrônica. A ubiquidade das interfaces tecnológicas inevitavelmente leva os usuários a buscar maior fluência e adaptação. Mas a competência adquirida com cada aplicativo ou ferramenta particular na verdade potencializa a harmonização com as exigências funcionais intrínsecas que visam reduzir continuamente o tempo de cada troca ou operação. (Crary, 2016, p. 66)

Assim como “o regime 24/7 mina paulatinamente as distinções entre dia e noite, claro e escuro, ação e repouso”<sup>56</sup>, a concentração espacial de todas essas tarefas a partir do ensino e trabalho remotos, bem como a possibilidade de “encontros” de lazer a partir de um mesmo espaço, aqui se tratando da casa, também trouxe uma exaustão ainda maior no período de isolamento. Aqui, mais do que um regime ininterrupto de ações num espaço confinado, esse espaço materialmente pode ser reduzido a uma tela, na qual abas de diferentes núcleos da vida cotidiana permanecem abertas simultaneamente, como metáfora dos termos do gerenciador de tarefas do Windows<sup>57</sup>, consumindo dados e memória da máquina utilizada. Esse amontoado de hardware e software que sofre com esse uso prolongado, um estado de máquina transposto para seu usuário, muitas vezes retirado do papel de sujeito, que passa a

<sup>56</sup> Ibidem, p. 26.

<sup>57</sup> O sistema operacional *Windows* se popularizou na década de 1990 por ser um tipo de interface facilitadora e democrática para acessar uma linguagem desconhecida de programação. Sobre essa “janela interiorizada”, Byung-Chul Han diz, fazendo um jogo de palavras com o modo de funcionamento do próprio sistema: “*Windows* são janelas com portas, que se comunicam com outras *Windows* sem espaços ou instâncias intermediárias. Por meio de *Windows* não lançamos o olhar apenas a um espaço público, mas sim a outras *Windows*.” HAN, Byung-Chul. No enxame: perspectivas do digital. Tradução: Lucas Machado. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 36-37.

desempenhar suas atividades em termos equivalentes. Crary até faz uma analogia espacial similar ao comparar o estado do planeta com um “shopping center de escolhas, tarefas, seleções e digressões infinitas, aberto o tempo todo”<sup>58</sup>, mas em 2023 não é necessário ir a outro espaço para vivenciar essa experiência – nem mesmo ter contato com outras pessoas.

É claro que ninguém pode fazer compras, jogar games, trabalhar, escrever no blog, fazer downloads ou enviar mensagens de texto num regime 24/7. No entanto, uma vez que não existe momento, lugar ou situação na qual não podemos fazer compras, consumir ou explorar recursos da rede, o não tempo 24/7 se insinua incessantemente em todos os aspectos da vida social e pessoal. Já não existem, por exemplo, circunstâncias que não podem ser gravadas ou arquivadas em imagens ou informações digitais. A disseminação e a adoção de tecnologias wireless, que aniquilam a unicidade dos lugares e dos acontecimentos, é simplesmente um efeito colateral de novas exigências institucionais. Ao espolar as tessituras complexas e as indeterminações do tempo humano, o 24/7 nos incita a uma identificação insustentável e autodestrutiva com suas exigências fantasmagóricas; ele solicita um investimento sem prazo, mas sempre incompleto, nos diversos produtos que facilitam essa identificação. (Crary, 2016, p. 40)

Essa espécie de ausência do outro em termos de convivência física foi latente num período de isolamento durante o qual ocupar o espaço fora do âmbito doméstico e de forma coletiva era considerado um risco. Dessa maneira, o sujeito esteve ainda mais isolado da esfera política num contexto em que o próprio confinamento teceu uma série de imbricamentos nesse sentido. Jonathan Crary traz também para a conversa Hannah Arendt:

Para um indivíduo ter relevância política, deve haver um equilíbrio, um movimento pendular entre a exposição ofuscante, estridente, da atividade pública, e a esfera protegida, blindada, da vida doméstica ou privada, do que ela chama de “trevas da existência resguardada”. Em outro momento ela [Hannah Arendt] se refere à “meia-luz que ilumina a nossa vida privada e íntima”. Sem o espaço ou o tempo da privacidade, longe da “luz implacável e crua da constante presença de outros no mundo público”, não se pode alimentar a singularidade do eu, um eu capaz de fazer uma contribuição substancial para os debates a respeito do bem comum. (Crary, 2016, p. 31)

A questão é que essa “esfera protegida e blindada da vida doméstica” não possui mais o caráter de resguardo como é colocado por Arendt. Há um *continuum* de iluminação que é alimentado voluntariamente pelo indivíduo, que foi induzido a expor principalmente esse nesga de privacidade doméstica de sua casa como pano de fundo para as atividades realizadas remotamente. Essa é uma das modificações das domesticidades que ficaram mais nítidas durante a pandemia, levando o espaço doméstico e seus moradores a se adaptarem a esse morar não mais totalmente privado, uma vez que o digital ampliou essa espacialidade para a esfera do virtual, ainda que fisicamente possa continuar mantendo determinados graus de privacidade. Como uma domesticidade dupla, a separação entre um âmbito e outro também

---

<sup>58</sup> Ibidem, p. 27.

deixou de ser nítida, somando-se a dispositivos de vigilância pré-existentes, porém mais invisíveis transitando entre essa ambiguidade.

Passou a se exacerbar uma hiper presença do Outro<sup>59</sup> na medida em que existiu um imperativo efetivado e impulsionado previamente pelas redes sociais de produção de imagem e de sujeito do desempenho (entre *likes*, visualizações, compartilhamentos e até mesmo na simples presença nas redes), mas dessa vez, exposto a partir da casa na esfera pública do âmbito virtual. Não que já não existisse o hábito da superexposição e supervigilância, como, retomando Han:

Se os presos do panóptico de Bentham têm ciência de estarem constantemente sendo observados por um vigia, ilusoriamente os habitantes do panóptico digital imaginam estar em total liberdade. (Han, 2017, p. 106-107)

Em outro texto, que complementa a análise dessa questão aqui abordada, Han ainda diz:

Hoje uma nova mudança de paradigma se realiza. O panóptico digital não é uma sociedade disciplinar biopolítica, mas sim uma sociedade da transparência psicopolítica. E, no lugar do biopoder, entra o *psicopoder*. (Han, 2018, p. 130)

Somando-se à vigilância, outro ponto levantado por Han em “No Enxame: perspectivas do digital” é a partir do pensamento de Sartre sobre como se dá a comunicação digital e a imposição de uma distância que segue intransponível, ainda que pareça amenizar o distanciamento físico. O outro na tela é não é um outro palpável ou de fato presente, que aponta para um olhar faltante, ainda que exista a sugestão de um olhar ininterrupto:

A comunicação digital é uma comunicação pobre de olhar. Em um ensaio por ocasião do décimo aniversário do Skype, o autor [Sartre] nota: O videotelefone cria a ilusão da presença e tornou a separação espacial entre amantes mais suportável. Mas a distância que persiste é sempre perceptível — da maneira mais clara, talvez, em um pequeno deslocamento. Isso porque não é possível, no Skype, olhar um ao outro. Quando se vê nos olhos o rosto na tela, o outro crê que se olhe levemente para baixo, pois a câmera está instalada na extremidade superior do computador. A essa bela característica própria ao encontro imediato, de que ver a alguém é sempre também sinônimo de ser visto, se contrapõe uma assimetria do olhar. Graças ao Skype podemos estar próximos 24 horas por dia, mas olhamos continuamente um através do outro". (Han, 2018, p. 47)

---

<sup>59</sup> Essa ideia de Outro, com letra maiúscula, parte da conceituação de Dardot e Laval, no capítulo “A fábrica do sujeito neoliberal”, pertencente ao livro “A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal”, ao dizerem que: “As novas técnicas da ‘empresa pessoal’ chegam ao cúmulo da alienação ao pretender suprimir qualquer sentimento de alienação: obedecer ao próprio desejo ou ao Outro que fala em voz baixa dentro de nós dá no mesmo. Nesse sentido, a gestão moderna é um governo ‘lacaniano’: o desejo do sujeito é o desejo do Outro. Desde que o poder moderno se torne o Outro do sujeito. A construção das figuras tutelares do mercado, da empresa e do dinheiro tende exatamente a isso. Mas é isso sobretudo que se consegue obter com as técnicas refinadas de motivação, estímulo e incentivo.” (Dardot, Laval, 2016, p. 322)

Beatriz Colomina, no texto “A parede cindida: voyeurismo doméstico”, diz que “arquitetura não é simplesmente uma plataforma que acomoda o sujeito que a vê. É um mecanismo de observação que produz o sujeito. Ela precede e emoldura seu ocupante.”<sup>60</sup> Colomina ainda diz em uma entrevista chamada “Observar, descrever, questionar”<sup>61</sup>, trazendo a figura da cama como elemento central para pensar essa organização espacial da casa como extremamente interiorizada, mas atravessada pela vigilância:

E então a cama se tornou um espaço público, um espaço que uniu público e privado. Na verdade, você está sendo exposto. Talvez te olhem pela câmera, algumas pessoas até colocam um post-it. Mesmo quando pensa que não está trabalhando, porque está relaxando com seu laptop, pesquisando suas férias em alguma ilha ou algo assim, você está trabalhando. Você está gerando dados que serão então monetizados por todas essas novas economias. Então, mesmo quando pensa que não, você está sempre trabalhando. Alguém está rastreando seus movimentos e sua localização. Mesmo quando você está no que é supostamente o espaço mais privado – a cama –, talvez esteja, simultaneamente, no espaço mais público de agora. (Colomina, 2023, p. 115)

No livro “Futuros em gestação: cidade, política de pandemia”, organizado por Guilherme Wisnik e Tuca Vieira, que reúne as entrevistas do Seminário de Arte e Cultura, realizado em 2020, mencionado anteriormente, possui em seu texto de abertura um trecho em que Wisnik relembra uma música de Raul Seixas e Cláudio Roberto chamada “O dia em que a terra parou”. “[...] Todas as pessoas do planeta inteiro resolveram que ninguém ia sair de casa”.<sup>62</sup>

Assim, se na epifania onírica de Raul Seixas algo profundo de repente se revela no modo como a engrenagem da vida cotidiana é quebrada em sua cadeia causal, porque o professor já “não tinha mais nada pra ensinar”, assim como o médico não tinha mais doença pra curar, no Brasil real de 2020 o conhecimento dos professores e dos médicos era agora atacado e boicotado por um governo obscurantista que elegeu a “guerra cultural” como uma de suas principais frentes de ação e subjugou a ciência à religião, praticando uma eugenia deliberada que levou à morte em massa dos mais vulneráveis. Portanto, se a pandemia de coronavírus parecia inicialmente colocar toda a população mundial em um mesmo barco, reforçando os laços de coletividade e solidariedade contra um inimigo comum na contracorrente do individualismo capitalista, o que fomos percebendo, à medida que o ano avançava era que as desigualdades e privilégios aumentavam de forma ainda mais dramática e radical. Havia finalmente um álibi socialmente aceito para se transformar exclusão em extermínio. E, enquanto as ruas estavam vazias e quietas, ou sequestradas pelas forças reacionárias e negacionistas, as centenas de milhares de vidas perdidas eram percebidas pela sociedade como meros números, na frieza impessoal das estatísticas. (Wisnik, 2022, p. 27)

<sup>60</sup> COLOMINA, Beatriz. A parede cindida: voyeurismo doméstico. In: Beatriz Colomina. Marian Rosa van Bodegraven e Marianna Boghosian Al Assal (org.). Arquitetura, sexualidade e mídia. Tradução: Marian Rosa van Bodegraven – São Paulo: Editora Escola da Cidade / Editora WMF Martins Fontes, 2023. p. 31.

<sup>61</sup> COLOMINA, Beatriz. Observar, descrever, questionar. In: Beatriz Colomina. Marian Rosa van Bodegraven e Marianna Boghosian Al Assal (org.). Arquitetura, sexualidade e mídia. Tradução: Marian Rosa van Bodegraven – São Paulo: Editora Escola da Cidade / Editora WMF Martins Fontes, 2023. pp. 106-130.

<sup>62</sup> SEIXAS, Raul. O dia em que a terra parou. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/raul-seixas/48325/>. Acesso em: 10/01/2024.

A escritora e jornalista Bárbara Bom Angelo se pergunta também em um texto<sup>63</sup> do começo do isolamento:

Estamos no começo ou no meio da quarentena? Já não conto mais os dias porque não vejo utilidade em contar sem saber em qual número vamos parar. Vamos nessa até o fim de maio? Junho? Ou setembro mesmo, como alertou o Ministério da Saúde? (Angelo, 2020)

Esse “dia da marmota” infinito que foi a quarentena, é situado por Wisnik e Angelo para além do tempo, sendo também um lugar físico, “um frame do escritório da minha casa, uma espécie de labirinto dos espelhos, onde eu me vi encerrado por tanto tempo, um tempo que não passava nunca.”<sup>64</sup>

---

<sup>63</sup> ANGELO, Bárbara Bom. #113. *Queria ser grande, mas desisti*. Disponível em: <https://queriasergrande.substack.com/p/113-queria-ser-grande-mas-desisti>. Acesso em: 07/04/2024.

<sup>64</sup> WISNIK, Guilherme. Para onde ia o mundo no momento em que, de repente, ele parecia não ir mais a lugar algum? In: Guilherme Wisnik e Tuca Vieira (org.). *Futuros em gestação: cidade, política e pandemia*. – São Paulo: Editora Escola da Cidade / WMF Martins Fontes Ltda. 2022. p. 30.

## CAPÍTULO 2

### DISTANCIAMENTO SOCIAL: TÃO LONGE, TÃO PERTO

Duas pessoas dançando  
a mesma música  
em dias diferentes  
formam um par?  
(Marques, 2017, p. 7)

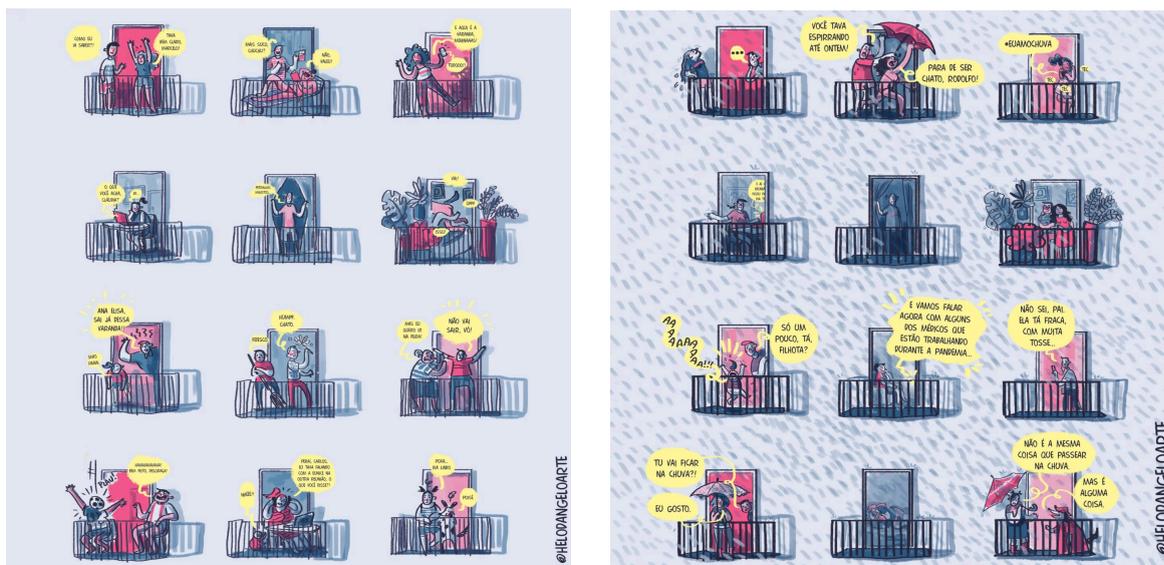
Nos primeiros dias, eu ainda dividia o apartamento próximo à faculdade com uma colega. Não demorou muito para que ela voltasse para a cidade onde nasceu. Meu estágio continuou presencial por um tempo, o absurdo da situação se deu quando minha antiga chefe me encontrou no escritório pagando algumas horas, e eu sendo a única a ir de ônibus, me viu como uma ameaça em potencial, mesmo que o pessoal lá não se importasse tanto em seguir rigorosamente o isolamento. Quando as aulas migraram para o modo remoto, me lembro da angústia de não conseguir entender o conteúdo das disciplinas daquela forma, com a certeza absoluta de que se a professora desenhasse ao meu lado, ensinando a parcelar o solo, eu compreenderia. O cursor na tela obliterando o lápis no papel. Em uma dos encontros remotos do grupo de trabalho para essa disciplina pelo zoom, recebi uma ligação do estágio em que me avisaram que seria dispensada. A câmera ligada, o áudio não, discussões sobre quem ficaria com cada parte da tarefa, tudo isso ao mesmo tempo. Estava em dois lugares ao mesmo tempo? Na faculdade e no trabalho? Os dias foram se estendendo. Eram muitos dias. Não era coisa de duas semanas. Não era coisa de um mês. Não me lembro quanto tempo fiquei sem ver meus pais, que moravam em outra cidade. Meu namorado, que naquela época também dividia outro apartamento com outras pessoas, passou a ficar mais tempo na minha casa. Um dia, um amigo que também morava nesses termos, com colegas que também haviam debandado para suas respectivas cidades naquele começo, me pediu para passar alguns dias na minha casa porque precisava ver outra pessoa, conviver com alguém. E é engraçado falar disso da convivência, já que a gente conversava todos os dias, inclusive com outros amigos. Até fizemos um encontro com todos daquele grupo de forma remota. Eu sinceramente tenho certo pavor daquele som metálico estridente de vozes sobrepostas, ainda tem um gosto amargo. A cacofonia de todos falando alto juntos numa mesa de bar é definitivamente muito melhor. Duas pessoas dançando a mesma música em lugares diferentes ou respeitando a distância de um metro formam um par?

\*\*\*

Logo antes do início da pandemia, em 2020, me mudei para um apartamento no primeiro andar de um prédio num bairro tranquilo em São Paulo. Ou melhor, eu achava que era tranquilo. Poucas semanas depois da minha mudança, a pandemia começou e obrigou quase todo mundo a ficar em casa. E assim, os sons da vizinhança mudaram completamente: os passarinhos tímidos deram lugar a novos barulhos; novas conversas, exclamações, gritos, brigas, instrumentos musicais, cantos, panelaços. E minha janela, que dava para um monte de outras janelas, recebia esses sons e os jogava direto nos meus ouvidos sensíveis. (D'Angelo, 2022, p. 3)

A partir dessas observações, a quadrinista e ilustradora paulista Helô D'Angelo passou a transformar em tirinhas as cenas que via de sua janela, criando histórias e publicando em suas redes sociais semanalmente em formato novelesco, acompanhando toda a duração da pandemia. Essas histórias foram reunidas em uma única história em quadrinhos e tornaram uma publicação impressa chamada “Isolamento”. Dividida em três partes, a primeira se passa nos primeiros meses de confinamento, a segunda após a liberação da primeira dose da vacina para alguns grupos e uma retomada parcial de algumas atividades, e a terceira mostrando a vida depois do retorno a uma vida “normal”. No primeiro quadrinho, em uma vista de fachada são apresentadas ao leitor doze janelas com pequenos núcleos de personagens os quais acompanhamos o desenrolar de suas vidas nesses quase três anos de pandemia. Como a própria autora, o leitor é colocado como observador da vida alheia, como um *voyeur*, alguém na janela oposta ao condomínio Isla Bonita, um espectador do desenrolar das histórias de seus vizinhos.

Nessas janelas, observa-se um casal em que um dos membros é negacionista da doença e o outro segue as orientações das instituições de saúde; um casal que descobre uma gravidez no meio deste período; uma influencer que é cancelada na internet e resolve se reinventar; uma moça soterrada pelo trabalho à distância que depois resolve se demitir; um senhor de idade também negacionista da pandemia, mas que sente saudade da filha e aos trancos e barrancos vai mudando de ideia; um casal que se casa durante o confinamento; um criança e seu pai que se desdobra para acompanhar as aulas à distância e entreter a filha; um casal em que um dos membros é um profissional da área da saúde trabalhando sem parar; uma avó e seu neto; dois amigos de outro estado que dividem apartamento; uma mãe solo de um bebê, fazendo malabarismos com o trabalho reprodutivo e o trabalho produtivo; e por fim, uma jovem e seu cachorro.



**Figuras 01 e 02: Painéis da série Isolamento, obra da quadrinista Helô D'Angelo**

Disponível em:

<https://vitalizado.com/hq/papo-com-helo-dangelo-autora-de-isolamento-gosto-de-tecer-finais-para-historias-que-ouvimos-pela-metade/>

Acesso em: 31/01/2024

Entre alguns blocos de quadrinhos, Helô escreve alguns textos curtos contextualizando o momento em que foram escritos, adaptando o contexto das publicações nas redes sociais (Instagram e Twitter) em que mostrava seu trabalho, simultâneos às notícias nos anos de pandemia, a partir dos quais supunha-se que seus seguidores-leitores estivessem inteirados, de forma a situar o leitor de qualquer época na linearidade das histórias no livro impresso. Dos primeiros painéis contra o governo vigente se contrapondo às réplicas dos apoiadores do então presidente, a ilustradora vai deixando transparecer em suas narrativas suas próprias angústias em relação às incertezas da pandemia e do que estava por vir. Há uma fidelidade poética do passar dos dias que a autora cria que, mesmo ao reler os quadrinhos em um momento já um tanto distante de seu fim, traz uma melancolia amarga daquelas semanas e meses que pareciam iguais, se arrastando de maneira interminável.

Em junho de 2020, quando o Brasil atingiu o número de 50 mil mortos, Helô contou como aquela parecia uma situação limite, que não seria ultrapassada. O artista plástico e escritor Nuno Ramos, em uma entrevista de maio de 2020 a Guilherme Wisnik, também diz dessa inédita ausência de limite, “uma perda absoluta de contorno, de limite, de chão. Então, a ideia de uma queda sem fim, de um poço sem fim, parece verdadeira, porque você nunca pisa.”<sup>65</sup>

<sup>65</sup> RAMOS, Nuno. A destruição minuciosa de tudo. In: Guilherme Wisnik e Tuca Vieira (org.). Futuros em gestação: cidade, política e pandemia. – São Paulo: Editora Escola da Cidade / WMF Martins Fontes Ltda. 2022. p. 182.

Helô, em uma entrevista de abril de 2021<sup>66</sup>, diz que o apartamento para o qual se mudou pouco antes do começo do isolamento no Brasil era no primeiro andar de um edifício situado no topo de um morro, tornando a sua janela um “camarote de um anfiteatro”<sup>67</sup> voltado para a vizinhança. Como uma boa observadora, parte dos elementos narrativos e dos personagens de seus quadrinhos são inspirados no que via acontecendo de sua janela. A quadrinista inclusive diz que ser um bom fofoqueiro é uma característica importante para quem conta histórias, e que pode trazer um bom material para se tornarem algo mais verossímil. “Então, nesse sentido, acho que para além da inspiração eu gosto de tecer finais para essas histórias que ouvimos pela metade”<sup>68</sup>, diz. Outra questão levantada pelo entrevistador, é a semelhança das varandas da HQ com contas em redes sociais, que o leva a perguntar se há um pouco dos “vizinhos de rede” em suas histórias, ao que Helô responde:

Que boa pergunta! Com certeza, muito da inspiração para a HQ vem de outras fontes que não os vizinhos em si. E como passamos muito tempo pendurados nessas “janelas” das redes sociais, acredito que muito das histórias vindas das redes se derrama para Isolamento. Principalmente as histórias mais gerais, como o sentimento das pessoas naquele momento específico – um período de muitos panelaços, ou um período de recorde de mortes, por exemplo –, e algumas específicas, como a de uma blogueira que, ao ser cancelada, começa um caminho de autocuidado e terapia. Pra citar Drummond, acho que são vários sentimentos do mundo que eu desenho na HQ, e como o mundo está restrito às janelas (reais ou virtuais), acabo usando o material que chega para mim. (D’Angelo, 2021)

Assim como D’Angelo, a escritora Aline Valek fala sobre esse lugar de espera e de uma relação com os vizinhos em um texto chamado “Hora da Sincronia”<sup>69</sup>.

Alguém gritou GOL da janela (devia ser jogo do Palmeiras, sempre é algo com Palmeiras). A vizinha de outro prédio entendeu outra coisa, foi catar a panela e começou a gritar um “Fora Bolsonaro!” fora de hora. Errada não está. Não acho errado gritar da janela, precisamos normalizar e ressignificar o grito na janela, especialmente quando vivemos em confinamento. Você pode até me dizer “perai, depende” e poderíamos pensar em quais situações seria aceitável ou não gritar na janela, como hipotéticos legisladores do urro. Em linhas gerais, o grito na janela socialmente aceito é aquele que pertence a mais de uma pessoa, aquele que convida para gritar junto. O grito que é confortável porque todos estão sincronizados no mesmo sentimento, no mesmo assunto. Estão assistindo à mesma cena: um jogo de futebol, um desastre político e humanitário, os últimos segundos do ano. Já o grito solitário é incômodo porque não se sabe o que o motivou. Quem ouve fica de fora do

<sup>66</sup> VITRAL, Ramon. Papo com Helô D’Angelo, autora de Isolamento: “Gosto de tecer finais para histórias que ouvimos pela metade”. *Vitralizando*. Disponível em: <https://vitralizado.com/hq/papo-com-helo-dangelo-autora-de-isolamento-gosto-de-tecer-finais-para-historias-que-ouvimos-pela-metade/>. Acesso em: 18/01/2024.

<sup>67</sup> D’ANGELO, Helô. In: Ramon Vitral. Papo com Helô D’Angelo, autora de Isolamento: “Gosto de tecer finais para histórias que ouvimos pela metade”. *Vitralizando*. Disponível em: <https://vitralizado.com/hq/papo-com-helo-dangelo-autora-de-isolamento-gosto-de-tecer-finais-para-historias-que-ouvimos-pela-metade/>. Acesso em: 18/01/2024.

<sup>68</sup> Ibidem.

<sup>69</sup> VALEK, Aline. Hora da sincronia. *Uma palavra*. Disponível em: <https://alinevalek.substack.com/p/hora-da-sincronia>. Acesso em: 23/03/2024.

sentimento e, de fora, o grito perde o significado, a força catártica e terapêutica, tornando-se apenas uma agressão sonora. Por exemplo: Uma vizinha começou a gritar que não aguenta mais, que está cansada, entre outras palavras indistinguíveis de desespero. Como alguém que já esteve nesse lugar, inclusive gritando as mesmas palavras, respeitei demais. Solta mesmo, solta tudo. Cheguei perto da janela, na miúda, para tentar identificar (sem sucesso) a proveniência dos gritos. O que vi foram os outros vizinhos também na janela, tentando fazer o mesmo, mas fingindo que não. Climão geral. Talvez estivessem calados mais por empatia do que por irritação com o barulho na vizinhança. Talvez porque numa situação dessas o que dá para fazer é sincronizar na mesma atenção silenciosa, sendo ela de reprovação ou não. Mas eu aposto na curiosidade. Pegar uma fofoca pela metade é de enlouquecer. Gritar pode não resolver nenhum problema, mas e daí? Pelo menos libera um pouco do sentimento reprimido aí dentro, seja ele qual for. Se não quiser incomodar os vizinhos ou expor sua intimidade, a dica é: espere a hora das panelas, sincronize com os vizinhos e solte tudo. Urrar pela janela é autocuidado, minha gente. Um ano de pandemia é tempo o suficiente para você se tornar uma pessoa completamente diferente; por outro lado, nem esse tempo é capaz de mudar outras coisas. Feito os painelaços noturnos que continuam com o mesmo vigor do ano passado, motivados pelo ódio ao pequi roído que nos governa. (Valek, 2021)

Valek, assim como D'Angelo, diz dessa curiosidade em entender “fofocas pela metade”, em um momento em que a maioria das pessoas estava ilhada em casa, mas também gritar junto nos momentos em que os sentimentos são os mesmos. O grito da janela, seja em protesto ou seja como uma maneira de colocar para fora as angústias de se viver uma pandemia, traz consigo a possibilidade de interagir numa tentativa de sincronia com o outro, ainda que sem vê-lo. As janelas das casas nas cidades ganharam uma função quase como um canal de comunicação pública e manifestação política, uma vez que ir às ruas não era a melhor opção. E foi a partir dessas janelas e das virtuais, como respondido por D'Angelo na entrevista mencionada anteriormente, que se deu o contato com o mundo exterior ao confinamento individualizado de cada unidade habitacional.

Em uma entrevista à revista Gama<sup>70</sup>, o arquiteto e professor Guilherme Wisnik é perguntado sobre as mudanças em sua relação com a janela de sua casa se “há mais mundo entrando ou saindo por ela”<sup>71</sup>. Wisnik responde:

Acho que é um canal de mão dupla o que a janela representa hoje, o elo de ligação com o mundo exterior. Talvez não seja um acaso a gente usar “janela” para as telas que abrimos com frequência cada vez maior para a comunicação no mundo virtual. Eu tenho a sorte de morar num daqueles prédios de arquitetura moderna, dos anos 1960, com janelas grandes. Na sala, por exemplo, ela é contínua, com caixilhos do piso ao teto. Nesse momento em que precisamos tanto de janelas, dá para dizer que as minhas me dão bastante abertura. (Wisnik *apud* Coutinho, 2020)

A entrevista prossegue, juntamente com outro entrevistado, o artista Felipe Morozini, e ambos falam da casa em que se encontram isolados. Wisnik inclusive menciona o filme

<sup>70</sup> COUTINHO, Tato. Janelas abertas: lugar de fala. Revista Gama. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/sociedade/janelas-abertas/lugar-de-fala/>. Acesso em: 08/04/2024.

<sup>71</sup> *Ibidem*.

Janela Indiscreta (1954), de Alfred Hitchcock, ao falar desse observar o outro e ser observado em sua relação com os vizinhos. O enredo do filme se dá quando um fotógrafo confinado em seu apartamento por estar com a perna imobilizada começa a observar a vida de seus vizinhos, até o momento em que passa a suspeitar que um crime foi cometido por eles. Entre gritos aleatórios e em uníssono, como os ditos por Valek, e cambaleando entre histórias vistas em fragmentos de janelas materiais e imateriais como D'Angelo e Wisnik, todas essas aberturas nos fizeram companhia nesse estado de espera, como o personagem de Hitchcock, isolados, observando e sendo observados de formas indiscretas.

Colomina, no texto “A parede cindida”, resgata a etimologia da palavra janela, ou *window* em inglês, citando Klein e *A Complete Etymological Dictionary of The English Language*<sup>72</sup>:

A etimologia da palavra *window* (janela) revela que ela combina *wind* (vento) e *eye* (olho) (ventilação e luz nos termos de Le Corbusier). Como observou Georges Teyssot, a palavra combina "um elemento do exterior e um aspecto de interioridade". A separação na qual a moradia se baseia é a possibilidade de um ser se instalar. (Colomina, 2023, p. 75)

A associação das janelas físicas e virtuais feita pela quadrinista e por Wisnik, assim como a composição da palavra, são bastante pertinentes ao se pensar em como o espaço é descrito durante o isolamento. Apesar da distinção feita na resposta, essa mistura cotidiana entre o real e virtual traz o questionamento da própria percepção do que podem ser janelas atualmente. Colomina, nesse mesmo texto, menciona o arquiteto, urbanista e filósofo francês Paul Virilio, que traz pontos importantes em relação às modificações da construção e percepção dos espaços e da forma arquitetônica com o surgimento de interfaces eletrônicas dentro do espaço doméstico. Sumarizando parte do pensamento de Virilio, Colomina menciona a questão das janelas em relação ao olhar ao dizer que “o olho é uma ‘porta’ para a arquitetura; a ‘porta’ é, claro, um elemento arquitetônico, a primeira forma de uma ‘janela’”<sup>73</sup>.

Há uma dupla constante entre espaço e tempo nas análises do filósofo, e, ainda que Virilio tenha feito essas observações nos anos 1980, levando em conta o cinema, os primeiros

<sup>72</sup> KLEIN, E. *A Complete Etymological Dictionary of the English Language*. Amsterdam, Londres, Nova York, 1966. Citado em FRANK, Ellen Eve. *Literary Architecture*. Berkeley: University of California Press, 1979, p. 263; e em TEYSSOT, Georges. *Water and Gas on all Floors*. Lotus, n. 44, 1984, p. 90. *apud* COLOMINA, Beatriz. *A parede cindida: voyeurismo doméstico*. In: Beatriz Colomina. Marian Rosa van Bodegraven e Marianna Boghosian Al Assal (org.). *Arquitetura, sexualidade e mídia*. Tradução: Marian Rosa van Bodegraven – São Paulo: Editora Escola da Cidade / Editora WMF Martins Fontes, 2023. p. 75.

<sup>73</sup> VIRILIO, Paul. *The Third Window: An Interview with Paul Virilio*. In: SCHNEIDER, Cynthia; WALLIS, Brian (eds.). *Global Television*. Nova York, Cambridge: Wedge Press e MIT Press, 1988, p. 191. *apud* COLOMINA, Beatriz. *A parede cindida: voyeurismo doméstico*. In: Beatriz Colomina. Marian Rosa van Bodegraven e Marianna Boghosian Al Assal (org.). *Arquitetura, sexualidade e mídia*. Tradução: Marian Rosa van Bodegraven – São Paulo: Editora Escola da Cidade / Editora WMF Martins Fontes, 2023. p. 81.

passos da internet e a onipresença da televisão, existem algumas demarcações contextuais bastante pertinentes ao se pensar as espacialidades durante o isolamento imposto pela COVID-19. Partindo dos paralelos de Walter Benjamin entre cinema e arquitetura, o filósofo comenta que:

É admirável observar aqui o quanto Benjamin renega à arquitetura a sua essência, que no entanto é exatamente a ocultação, a propriedade de abrigar das intempéries, mas igualmente dos olhares. Para ele, o arquitetônico não é mais da ordem da resistência, dos materiais, das aparências, mas antes da ordem da transparência, da ubiquidade e da instantaneidade, qualidades míticas que prefiguram as qualidades da grande libertação política e social. (Virilio, 2014, p. 67)

Mais adiante, Virilio, ainda partindo do pressuposto de Benjamin de que o cinema explode as possibilidades do espaço e o amplia com o grande plano da câmera, “permitindo-nos empreender viagens aventurosas entre as ruínas arremessadas à distância.”<sup>74</sup> Essa metáfora de um espaço fragmentado e projetado à distância através da técnica, diz não de uma distância física, mas de um “sistema aberto cujos limites objetivos não são percebidos por ninguém”<sup>75</sup>. Virilio está falando sobre uma previsão para o sistema de telecomunicações, a partir da qual

[...] a referência à residência burguesa não é mais à sua alimentação energética ou de outro tipo, a arquitetura é apenas um cruzamento, um ponto nodal, um polo de fixação onde a inércia começa a renovar a antiga sedentariedade dos habitantes das cidades, cidadãos de direito para quem a liberdade de ir e vir é subitamente substituída pela liberação de uma recepção a domicílio... [...] O novo "escritório" não é mais o cômodo à parte, este apartado arquitetural, tendo se tornado uma simples tela. O espaço reservado ao trabalho e ao estudo no apartamento burguês passou ser o terminal de um escritório-visor em que aparecem e desaparecem instantaneamente os dados de uma teleinformação na qual três dimensões do espaço construído são transferidas as duas dimensões de uma tela ou, antes, de uma interface que não somente substitui o volume do antigo cômodo, com sua mobília, sua arrumação, seus documentos e plano de trabalho, mas que economiza também o deslocamento mais ou menos distante de seu ocupante. Esta transformação da qual o confinamento inercial do novo escritório tornou-se o polo de gravidade, centro nodal de nossa sociedade (tecnoburocrática), explica, se necessário, o atual remanejamento "pós-industrial". (Virilio, 2014, p. 68-69)

As observações do filósofo são consolidadas pela transformação das telecomunicações ao ponto do que são hoje, com a internet e sua ubiquidade, superando a televisão e as outras técnicas abordadas por ele, renovando de forma contínua o sedentarismo dos habitantes das cidades. Ao se pensar que o isolamento devido à pandemia é uma espécie de sedentariedade em um estado exceção, pode-se inferir também uma exacerbação de uma condição que já estava dada. Sua percepção do teletrabalho reduzido de fato à uma tela, é

<sup>74</sup> BENJAMIN *apud* VIRILIO.

<sup>75</sup> VIRILIO, Paul. O Espaço Crítico: e as perspectivas do tempo real. – 2. ed. – Edição revista e aumentada pelo autor. Tradução: Paulo Roberto Pires. – São Paulo: Editora 34, 2014. p. 68.

percebida hoje nas múltiplas telas-janelas que permeiam nosso cotidiano, confundindo-se assim como diz a quadrinista Helô D'Angelo ao misturar as janelas dos vizinhos de prédio com a dos vizinhos das redes sociais, com as segundas em um estado quase permanente de abertura, sempre com luzes acesas e onipresentes. Atualmente, *online* pode ser tanto um advérbio de tempo quanto de lugar, abrangendo esse estado em que físico e digital se emaranham no cotidiano e dentro das casas. Enquanto isso, aproximar o tempo nas telecomunicações segue sendo inversamente um afastamento no espaço,

dissipar ao longe estas ruínas esparsas que não são mais somente os fragmentos do universo concentracionário denunciado por Benjamin, mas ainda as pessoas, os teletrabalhadores, objetos e sujeitos de uma transmutação energética e cinemática na qual a visão não é mais unicamente a da produção industrial, mas a da representação à distância, a desta redução estrutural e pós-industrial que afeta o conjunto das relações de vizinhança, e a respeito da qual o filósofo alemão dizia ainda que: “cada dia fica mais irresistível a necessidade de se possuir o objeto, de tão perto quanto possível, na imagem ou antes na sua cópia, na sua reprodução.” Aqui, suspeitamos, as noções de dimensão e proximidade não são tanto as do espaço físico, mas as deste tempo de exposição (fotográfica, cinematográfica ou infográfica), noções deste tempo de resposta quase instantâneo, independentemente da distância entre os interlocutores... Aproximar para “desconstruir” estruturalmente ou para “dissipar ao longe”, aqui, as funções do olho e da arma se confundem, já que, por definição, a resolução da imagem transmitida é instantaneamente sua redução, mas uma redução que afeta não somente o conteúdo da representação, a forma-imagem projetada, mas ainda o espaço construído e a forma do território, de onde esta promoção da organização do tempo, a organização cronopolítica das sociedades avançadas. (Virilio, 2014, p. 69-70)

Virilio diz que há uma fratura morfológica e arquitetônica, uma vez que a fragmentação e a decupagem do espaço físico em dimensões geométricas, pelas separações geográficas e do espaço construído, são substituídas por um corte momentâneo e quase imperceptível pelo tempo das telecomunicações. Há uma inércia devido à concentração no tempo real relativo à emissão e à recepção através dos meios, em detrimento da, ou renovando a forma como se dá a concentração prévia no espaço real de morar em conjunto em uma vizinhança, característica da arquitetura das cidades. O povoamento do tempo passa a ter um peso maior que o povoamento do espaço urbano, levando a noção de proximidade a receber outros significados.

Quando a Organização Mundial de Saúde utiliza o termo “distanciamento social”, ele acaba por ser um tanto ambíguo. Apesar de certa eficácia ao manter parte da população dentro de casa, as sociabilidades não se distanciaram, muito pelo contrário, procuraram outros meios aos quais se ancorar. A transferência do espaço construído da cidade para o espaço construído na virtualidade das plataformas digitais se tornou um campo comum para aproximações entre as pessoas isoladas em suas casas. Mas, apesar do exemplo das narrativas da quadrinista da

qual partimos, não necessariamente essa sociabilidade se alia a uma aproximação da vizinhança com o contingenciamento das possibilidades de transitar por outros espaços urbanos. O próprio ponto de partida da autora e da observadora das histórias dos vizinhos reforça o individualismo que já estava posto antes de se decretar o isolamento físico.

Paul Virilio também traz em seu texto algumas noções bastante interessantes para essa discussão a partir das consequências dessa fragmentação do espaço em pequenas células quase autônomas e individuais referentes à divisão estrutural de uma residência em cômodos. O filósofo, para falar de uma “fratura na qual o arquitetônico sofre uma série de distorções topológicas cujos efeitos não percebemos nitidamente”<sup>76</sup>, utiliza em sua observação paredes, janelas, portas e chaminés para explicitar os acessos ao espaço da casa. Porém, todas essas possíveis aberturas são denominadas janelas.

A primeira delas, segundo Virilio, seria a porta, pois ela é a responsável por esse acesso à realidade da residência, sendo sua origem. Pode-se pensar que seria a porta-janela responsável pela binariedade dentro/fora, pois há necessariamente uma permeabilidade e uma penetrabilidade para que esse acesso aconteça. Já a segunda janela seria aquela surgiria de forma tardia, uma vez que nas primeiras casas ou habitats não havia uma abertura específica para a iluminação, a não ser por chaminés. Essa janela-interface viria a aparecer então “nos locais de culto, através dos claustros, antes de se popularizar nas casas rurais e sobretudo nos palácios e na residência burguesa.”<sup>77</sup> A terceira janela seria a tela da televisão, “removível e portátil que se abre sobre um ‘falso-dia’”.<sup>78</sup> Uma de suas características que mais a diferencia das outras duas é o fato de não se voltar para um exterior imediato, para sua vizinhança, e sim ser uma abertura introvertida, mas que se abre para exteriores e horizontes mais distantes que seu entorno.

Resumamos: se a "porta-janela" constitui uma abertura, um limiar para o acesso imediato e indiferenciado das pessoas, dos objetos, da luz do dia e da visão direta, ao mesmo tempo que funciona como uma ventilação baixa, em ligação com a ventilação alta da chaminé, a janela especializada é mais seletiva, interrompe a passagem dos corpos, é uma perfuração, uma abertura "mediata" para a iluminação solar e para as vistas ampliadas. Quanto à tela da televisão, trata-se de um seletor de imagens eletrônicas, uma mídia audiovisual, para uma iluminação indireta, a do tubo catódico. Logo, se a porta é, a um só tempo, a origem da residência, necessariamente penetrável, e a da janela especializada, ela é ainda o primeiro móvel, já que é na vertical o que poderia ser na horizontal (com a ponte levadiça, por exemplo), um batente, uma portinhola, ou seja, uma porta que transporta, para dentro ou para fora, no vai e vem, o que é perfeitamente ilustrado pelo movimento circular da "porta-giratória", primeiro veículo técnico da residência do século XIX,

---

<sup>76</sup> Ibidem, p. 74.

<sup>77</sup> Ibidem, p. 74.

<sup>78</sup> Ibidem, p. 74.

preunciando o elevador. A porta do automóvel constitui portanto a segunda porta, a porta de um transporte externo aos muros que completa o efeito de distorção da tela e da terceira janela. Meios de acesso físico e de comunicação à distância, as mídias audiovisuais e automóveis se fundem aqui para desintegrar a estrutura arquitetônica tradicional. De fato, assim como o televisor sobre sua mesa, diante da poltrona, não é um objeto independente da abertura de paredes, a garagem não deveria ser considerada como um volume estranho, separado dos outros cômodos. Ambos são limiares de transformação que provocam a anamorfose das estruturas construídas (arquiteturais e urbanísticas). Componentes da mobília, assim como as cadeiras, as camas ou as diversas disposições dos móveis, os meios de transporte e de telecomunicação contribuem portanto para dissipar a estabilidade, a estática do equilíbrio imobiliário. Fenômeno de substituição acelerada, a residência contemporânea tornou-se o cruzamento dos *mass-media*, de tal forma que a garagem poderia muito bem substituir a casa, esta "residência" que em sua origem era nada mais do que o "estacionamento" dos móveis do nômade... (Virilio, 2014, p. 74-75)

Mas, a garagem não obteve essa autonomia em relação à residência tornando o automóvel esse cômodo isolado dito pelo filósofo, que segue discutindo se haverá uma dissolução do imóvel a partir dessas células fragmentadas de um espaço arquitetônico previamente uno, somadas à autonomização da janela pela tela da tv.

A atopia domiciliar já não é perceptível na conurbação das cidades e dos subúrbios?... O desenvolvimento pretensamente "funcional" da planta arquitetural moderna, com seus espaços funcionais/desfuncionais, sua divisão em cômodos principais e secundários, não seria efeito de real dos diferentes meios de acesso (porta, janela, escada, elevador...), mas ainda o efeito dos meios de comunicação automóvel e das telecomunicações audiovisuais?... Quanto à evolução recente das tecnologias avançadas, coloca-se ainda esta última questão: Se a residência é nada mais do que a anamorfose do limiar, onde irá parar a instrumentação do habitat? (Virilio, 2014, p. 76)

Virilio ainda pontua que essas tecnologias também avançam no tempo para a criação de um dia falso suplementar, uma vez que essas janelas dos dispositivos tecnológicos possuem esse poder de artificialidade. Para Jonathan Crary, mencionado no capítulo anterior, dentro da noção do capitalismo 24/7 a última fronteira a ser colonizada da existência humana é a do sono e o devaneio (sonhar acordado), levando a uma incessante iluminação de todas as dimensões para que a alternância entre noite e dia seja substituída por um dia infinito. A janela-tela da TV de Paul Virilio era apenas o começo para sua dispersão em outras telas, mini janelas que não mais se ancoram apenas em elementos arquitetônicos como paredes e mobiliário. As janelas estão também na palma da mão, trazendo a dimensão do corpo como suporte para essa interface com o espaço externo. Tempo e espaço se distorcem nessa lógica, permanecendo em um continuum ininterrupto, sem a fragmentação do espaço e do tempo entre período diurno e noturno. O filósofo diz que “o tempo ‘contínuo’ é talvez o tempo da cronologia ou da história, mas não o do cotidiano”<sup>79</sup>, ressaltando a importância da interrupção

---

<sup>79</sup> Ibidem, p. 77.

para a estruturação do tempo para os indivíduos isolados e em sua coletividade, sendo mais cara até do que os limites físicos que provocam suas interrupções próprias.

Durante a quarentena, o limite físico se tornou bastante demarcado, enquanto o limite do tempo se tornou turvo, principalmente pela concentração das atividades do dia dia em um único espaço, o da casa, de portas fechadas e ainda mais introvertida, sem a possibilidade de saída e com a demanda desse fluxo contínuo de trabalho, estudo, lazer e descanso em uma temporalidade ainda mais lisa, com outro tipo de fragmentação, sem demarcações nítidas e sem necessariamente seguir a divisão entre dia e noite.

Observemos que hoje em dia a tecnologia desempenha um papel análogo ao criar novas interrupções de todas as formas, uma modificação do tempo próprio, uma distorção do dia astronômico que traz consequências tanto para a organização do espaço urbano quanto para o espaço da arquitetura, já que a janela tende a ter precedência sobre a porta. Ao dia solar que estruturava o espaço da vida (e também da cidade) sucedeu-se um dia químico em que a luz das velas permitira um certo desenvolvimento das atividades noturnas, e depois um dia elétrico que prolongava indefinidamente a percepção da jornada (com a reorganização da produção que nós conhecemos). Com o recente advento do dia eletrônico, este prolongamento da duração do dia e da visibilidade é duplicado por uma propagação no espaço, extensão de um CONTINUUM (audiovisual e tele-topológico) que apaga tanto os antípodas e as distâncias geográficas quanto os ângulos mortos do espaço construído com a televisão em circuito fechado. [...] De fato, ocorre com a atualidade o que já ocorreu com a modernidade: ela já passou... Ao instante da percepção direta dos objetos, das superfícies e dos volumes (naturais ou construídos), sucede uma recepção indireta e mediatizada, uma interface que escapa à duração cotidiana, ao calendário da cotidianidade. Não nos enganemos mais, portanto, pois não seremos jamais os vizinhos da proximidade televisual, os media não são nossos contemporâneos; vivemos hoje uma separação cada vez maior entre a imediatez de sua retransmissão e nossa capacidade de compreender e avaliar o instante presente. (Virilio, 2014, p. 78-79)

Essa “ausência de tempo de uma intercomunicação instantânea”<sup>80</sup> para Virilio atinge o edifício de forma a reduzi-lo a uma forma-imagem, um cenário, uma miragem. Ele utiliza também termos como “videocidade” e “urbanização televisual”<sup>81</sup> para descrever essa nova conformação em seu momento histórico, que se tornou mais aguda até os dias atuais. Quanto à casa:

Não se trata mais aqui da supremacia de um meio de informação sobre a imprensa, o rádio ou o cinema, é a casa que se transforma em uma "casa de imprensa", uma arquitetura em que a dimensão-informação se acumula e se comprime, em concorrência direta com as dimensões do espaço das atividades diárias. O esquema da vida, o enquadramento do "ponto de vista" na arquitetura das portas e pórticos, das janelas e espelhos, são substituídos por um enquadramento catódico, uma abertura indireta onde "falso-dia" eletrônico funciona como a objetiva das câmeras, a reverter não somente a ordem das aparências em benefício de uma "transparência" imperceptível, mas ainda a supremacia de determinados elementos construtivos,

---

<sup>80</sup> Ibidem, p. 80.

<sup>81</sup> Ibidem, p. 81.

concedendo assim à janela catódica o que ela retira tanto em termos de acesso como de luz do dia... (Virilio, 2014, p. 82)

Há uma semelhança na descrição acima com o que é descrito no livro de Paul B. Preciado “Pornotopia: An Essay on Playboy’s Architecture and Biopolitics” e a dinâmica política e sociocultural da Guerra Fria responsável por moldar os espaços domésticos e públicos nas cidades estadunidenses, de forma a serem utilizadas como mecanismos alienantes e simbólicos, como a lógica espacial do chamado “apartamento de solteiro” descrito por Paul Preciado, que incorporou a estética do espião ao transformar a cobertura em “um centro de operações que possibilitou que o soldado/marido se tornasse o espião/amante. (...) o artificial, impenetrável, dual, sedutor, camaleônico e sofisticado espião.”<sup>82</sup> A casa como centro de comando, “casa de imprensa”, é reforçada quase como essa nave espacial solitária navegando pelo espaço, com suas janelas estruturais voltadas para um espaço obliterado em função da supremacia das janelas das telecomunicações em seu “painel de controle”. Dessa forma, cada vez mais os regimes de visibilidade da arquitetura se tornam mais ambíguos:

Se a arquitetura, por exemplo, permite ver por intermédio materialidade da ereção dos muros, das paredes, a construção os prédios, ainda assim ela contribui para dissimular (de forma ocular) o horizonte das aparências, e interrompe tanto quanto as tecnologias de ponta descritas anteriormente, as comunicações, no encarceramento, nas zonas de sombra... Esta ocultação é, portanto, muito mais que qualquer demonstração, o denominador comum das tecnologias (antigas ou novas), o analisador privilegiado da organização do espaço e do tempo. Se o primeiro "quadro", o primeiro meio de representação ocular, é a abertura das portas e dos postigos, muito antes da pintura com cavalete, pintura que muitas vezes ficava fechada sobre si mesma, como no tríptico, por exemplo, seria preciso tentar repensar o "inconsciente visual", a natureza do abrir e do fechar, mais do que concentrar-se apenas sobre as performances demonstrativas da ótica eletrônica ou outra. Quanto a isto, é extremamente revelador observar a evolução, a extensão tridimensional da abertura de iluminação desde o antigo claustro, as janelas divididas por colunas da Idade Média, os grandes vitrais e rosáceas, estes "efeitos especiais" da arquitetura gótica, até as *bow windows* e às grandes estufas metálicas do século passado, antes de chegar às fachadas de vidro das torres de muitos andares, às paredes-cortina que são contemporâneas da invenção e do desenvolvimento da abertura catódica, para que possamos descobrir a importância desta transmutação das aparências, a futura supremacia da janela televisual sobre a porta e os meios de acesso tradicionais, supremacia que já contribui, hoje, para o declínio do espaço público e de numerosos equipamentos coletivos teatros, grandes salas de espetáculo, estádios e outros lugares que necessitavam, até o presente, da presença efetiva (coletiva e simultânea) de grande número de espectadores, declínio ligado sobretudo à retransmissão ao vivo e em cadeia global, que desvaloriza presença real de milhares, ou mesmo dezenas de milhares de pessoas, não importando o preço dos lugares, frente à concorrência dos direitos de transmissão de uma exorbitante taxa audiovisual paga pelas cadeias de televisão, a ponto de hoje se pensar seriamente em deixar de lado as arquibancadas e o público esportivo televisionando as partidas ou corridas em estádios vazios, ocupados apenas por painéis publicitários. (Virilio, 2014, p. 84-85)

---

<sup>82</sup> PRECIADO, Paul. Pornotopia: an essay on Playboy’s architecture and biopolitics – Cambridge, Massachusetts, and London, England. Distributed by The MIT Press: Zone Books, 2019. p. 35.

Dessa forma, aponta-se para uma substituição da porta pela janela, tornando-a o principal elemento arquitetônico ordenador do espaço, afetando a arquitetura “em seu princípio, sua natureza, relegando o protocolo de acesso físico (assim como a necessidade de uma presença efetiva) ao segundo plano da experiência real.”<sup>83</sup> O que Virilio denomina de primazia “protocolo de acesso”<sup>84</sup> nos soa familiar não só pela ubiquidade dessas janelas artificiais, mas também pela imposição de ações conscientes para atravessar o limiar de entrada dos espaços para evitar a contaminação pelo vírus de uma doença altamente contagiosa.

Não há porque nos surpreendermos, portanto, diante dos cenários "pós-modernos", o caráter ambíguo de uma arquitetura que se tornou superficial, a mediação do ambiente não atinge mais apenas os equipamentos de comunicação: torres de controle, central de vídeo, centro NODAL, central informática, etc., mas também o espaço íntimo, a própria natureza da domiciliação, com o desenvolvimento da teledistribuição; desenvolvimento que pode ser exemplificado pelo apartamento do presidente Servan-Schreiber (Centro Mundial de Informática), pois cada cômodo, à exceção do quarto de dormir, é dominado por um mobiliário eletrônico avançado, conjunto de computador-telex para a correspondência (ligado a um satélite), computador com jogos para crianças, computador de administração para a contabilidade doméstica, computador educativo para o aprendizado de línguas, história ou matemática, processador de textos substituindo a antiga máquina de escrever, sem falar nas televisores e videocassetes. (Virilio, 2014, p. 93)

Hoje, nem o quarto de dormir possui o privilégio de não possuir seu mobiliário eletrônico. É possível perceber aqui uma segunda alteração na percepção do morar e das domesticidades, em que as janelas são ainda mais privilegiadas do que as portas partindo da discussão de Virilio. Todos os cômodos atualmente podem possuir janelas, mesmo aqueles sem aberturas físicas para o exterior. Nos aglomeramos em enxames digitais enquanto evitamos nos aglomerarmos nos espaços da rua. Observamos de nossas janelas outras muitas enclausuradas, mas também nos enclausuramos em uma única janela que abre para infinitos horizontes a partir de nossos *smartphones*. O distanciamento social já estava claro antes mesmo de se tornar uma recomendação médica.

---

<sup>83</sup> VIRILIO, Paul. O Espaço Crítico: e as perspectivas do tempo real. – 2. ed. – Edição revista e aumentada pelo autor. Tradução: Paulo Roberto Pires. – São Paulo: Editora 34, 2014. p. 92-93.

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 93.

### CAPÍTULO 3

## HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS E ETIQUETA RESPIRATÓRIA: SOMOS ANFÍBIOS

Somos anfíbios  
sobrevivemos igualmente na casa e na rua  
respiramos na casa e respiramos na rua  
entramos em casa com os pulmões cheios de ar da rua  
em casa trocamos de pele para sair à rua  
e devolvemos depois à rua um punhado do ar da casa  
levamos coisas como quem parte em uma excursão  
adendos, próteses, maquiagem, enfeites  
saímos para a casa para fora da rua, dobramos as ruas  
para dentro de casa – o lado de fora do lado de fora –  
e não nos cega a luz súbita da rua, nossos olhos  
se adaptam, somos anfíbios,  
atravessamos sempre a rua como quem foge de casa  
no entanto saímos de casa como se fosse seguro  
que a ela voltássemos  
e voltamos, quase sempre, cheios de fuligem e árvores  
e arranha-céus e medo  
carregamos o tijolo das paisagens dormimos  
sobre o cimento dos anos  
entramos em casa como num lago quieto e fundo  
saímos à rua como se entrássemos num rio  
que sempre muda, transitamos por ambos os meios,  
ambas as vidas, acreditamos encontrar a casa em casa  
e a rua na rua, como se entre a casa e a rua houvesse  
uma língua comum, ou como se fossemos bilíngues,  
levamos à rua palavras da casa  
guardamos em casa palavras da rua, parece simples,  
fazemos isso todos os dias, somos anfíbios, às vezes respirar  
é difícil

(Marques, 2017, p. 27-28)

Não ironicamente eu me acostumei rápido ao modo remoto. Não precisar pegar ônibus no horário de pico do estágio para a faculdade era uma vantagem, por exemplo. Cozinhei mais e melhor minhas refeições e tive mais tempo para poder comer com calma entre o trabalho e as aulas online. Consegui ler bastante também. Fiz cursos que originalmente eram em lugares inviáveis presencialmente. Uma espécie de normalidade recaiu sobre os dias, as obrigações diárias não pararam, migraram, seguiram em outro lugar. Mas era o mesmo para todas. A mesma janela do notebook, a vida toda numa tela de quinze polegadas aliada a de seis polegadas como uma extensão das mãos. Confesso que apesar do medo do que viria, do

caos instalado no país e da impossibilidade de ver minha família, eu me acostumei. Outros portais foram abertos sem que eu precisasse sair daquele apartamento que abrigou três, duas e depois uma pessoa antes de virar duas de novo. Até a saturação de dias indiferenciados chegar. Até a exaustão mental de uma vida restrita e bombardeada de informações, de notícias catastróficas, de uma ausência de perspectiva de futuro. Até a concentração e desgaste da visão, que passou a ser o sentido utilizado de forma mais intensa, com os olhos se esfurelando ao olhar apenas telas. Até começar a enlouquecer. Até a perda temporária do paladar com a contaminação do vírus, em que o pânico de perder uma forma de perceber o mundo fez dias parecerem meses. Até o corpo sentir falta da rua, de cheiros, de texturas, de toques, de todos os cinco sentidos serem utilizados para além da restrição em um ambiente controlado com rigor.

\*\*\*

Em maio de 2021, a escritora Aline Valek recebeu o pedido de escrever sobre como ela via o futuro que deveríamos construir. “Eu deveria ter a resposta, eu trabalho com esse negócio de imaginar coisas que ainda não existem. Mas não vinha nada.”<sup>85</sup> No momento em que pensava formas de responder a essa questão, o comediante Paulo Gustavo havia acabado de morrer devido à infecção por COVID-19. Genocídio, chacina, luto e falta de ar eram as palavras do momento, uma vez que muitos brasileiros morriam diariamente da doença contra a qual já existia uma vacina, assim como 24 pessoas foram assassinadas em uma chacina violenta em Jacarezinho (RJ)<sup>86</sup>.

Daqui não consigo ver futuro otimista. Não que seja impossível. Um dia já soube fazer, mas ultimamente fazer o mais básico do trabalho ganha um peso muitas vezes maior, como atravessar areia movediça. Apago o texto. Preciso começar de novo, por outro caminho. Lembro que já fizeram isso antes de mim. Resolvo consultar os antigos. (Valek, 2021)

Valek fala da forma como no passado a forma de imaginar o futuro era diferente, envolvendo tecnologias como carros voadores e teletransporte. “Em alguns pontos, quase acertaram: robôs que limpam a casa, conversar por videoconferência com os amigos e familiares, telas por todos os lados, confinamento.”<sup>87</sup>, diz. A escritora menciona então,

<sup>85</sup> VALEK, Aline. Futuro tá em falta. *Uma palavra*. Disponível em: <https://alinevalek.substack.com/p/futuro-ta-em-falta>. Acesso em: 23/03/2024.

<sup>86</sup> Operação policial com 25 mortes no Jacarezinho é a mais violenta da história do RJ. *Jornal Nacional*. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/05/06/operacao-policial-com-25-mortes-no-jacarezinho-e-a-mais-violenta-da-historia-do-rj.ghml>. Acesso em: 23/03/2024.

<sup>87</sup> VALEK, Aline. Futuro tá em falta. *Uma palavra*. Disponível em: <https://alinevalek.substack.com/p/futuro-ta-em-falta>. Acesso em: 23/03/2024.

resgatando algumas imagens, a presença constante das redomas de acrílico diante das possibilidades da exploração espacial dos anos 1950 e 1960 e uma possível preocupação de lidar com uma atmosfera exterior perigosa por onde navegar. “Hoje, a atmosfera hostil já está no nosso próprio planeta.”<sup>88</sup>

Algumas ficções científicas são bastante interessantes para se colocar o período do isolamento social em perspectiva, assim como faz Aline Valek, uma vez que podemos tentar aproximações com cenários construídos por narrativas ficcionais que imaginam futuros em que ameaças biológicas são parte de uma realidade distante. Dois projetos de arquitetura em particular, que podem ser considerados ficções, narrativas imaginativas materializadas em duas arquiteturas efêmeras de quase sessenta anos atrás, se fazem bastante pertinentes para essa discussão.

Apesar do contexto de ameaça nuclear pós-segunda guerra, no qual são pensadas muitas das propostas residenciais de isolamento e proteção na Inglaterra e nos Estados Unidos, faz-se um paralelo com a rotina de descontaminação adotada recentemente contra o vírus e o contato com o “mundo exterior”. As orientações para ações de despressurização também mencionadas ao se falar da pandemia podem lembrar cenas de filmes de ficção científica em que viajantes no espaço estão prestes a pisar em um planeta desconhecido são retomadas.

Muitas histórias famosas desse gênero, como dos autores estadunidenses Philip K. Dick e Ray Bradbury, foram escritas entre as décadas de 1950 e 1960, em um cenário pós-segunda guerra mundial em que pairava a Guerra Fria e ameaças “invisíveis” como um vírus. Os dois autores trabalharam em várias de suas histórias a extrapolação da casa em possibilidades utópicas e distópicas, espelhando muitas questões da época, como a inserção de produtos automatizados no espaço doméstico ou até mesmo a inserção dos subúrbios estadunidenses e sua conformação espacial e regras tácitas como cenário e personagens de suas histórias. Nos livros de contos “Sonhos elétricos”, de K. Dick (1954), e “As Crônicas Marcianas”, de Bradbury (1958), destacam-se, “Peça de Exposição” de K. Dick e “Chuvvas leves virão” de Bradbury. A casa é uma personagem importante em ambas as narrativas, e desempenha o papel de situar determinada época e os hábitos cotidianos ali inseridos, levando em conta a perspectiva vinda do futuro. Nessas histórias, percebe-se a projeção da arquitetura e da sociedade da década de 1950, com uma construção espacial reproduzida da casa modernista dos subúrbios estadunidenses com acréscimos de tecnologias até aquele momento

---

<sup>88</sup> Ibidem.

imaginativas. Nessa transposição temporal, percebe-se que em termos de arquitetura, há grande nostalgia, não só arquitetônica, mas do que ela representava e espacializava, por mais que seja colocada como obsoleta na temporalidade de ambas as histórias. Esse distanciamento e estranhamento integra inclusive o paralelo feito com o campo teórico historiográfico e o contexto recente. Nesse mesmo período, as viagens espaciais foram recursos utilizados pelos países dos dois blocos da divisão dicotômica entre capitalismo e socialismo como forma de competição de poderio econômico e soberania tecnológica.

A primeira arquitetura-ficção aqui analisada que se utiliza dessa inspiração na ficção científica dessa época é a House Of the Future (Casa do Futuro), projetada pelos arquitetos ingleses Alison e Peter Smithson, para a Ideal Home Exhibition em março de 1956 em Londres. Comissionada pelo jornal Daily Mail, essa casa/peça de exposição ficou disponível para visitação aberta ao público por aproximadamente um mês, ainda que, segundo Beatriz Colomina tenha “desaparecido da memória de todos”<sup>89</sup>. Apesar desse esquecimento, a autora destaca que as mais extremas e influentes propostas na história da arquitetura moderna foram feitas no contexto de exposições temporárias como essa<sup>90</sup>. A tarefa dada aos Smithson era a de criar uma casa do futuro, 25 anos à frente do ano da exposição, situada no ano de 1981, como um exercício imaginativo de como seria viver e morar nessa época. A HOF (House Of The Future) teve todo o seu design pensado nesse ideal futurista vindo da ficção científica e de matérias primas contemporâneas à época, destacando-se o plástico, que emanava uma espécie de fluidez proporcionada pela tecnologia daquele momento. Todos os elementos foram meticulosamente desenhados ou encomendados pelos Smithson, desde o mobiliário de todos os cômodos às roupas de atores que encenaram o papel de moradores da casa e guiaram visitas durante a exibição – as roupas foram criadas por Teddy Tinling sob o olhar rigoroso de Alison Smithson, que era bastante talentosa também para o design de moda. Se tratando de um peça expositiva, a casa era um cenário, feita em dez dias com uma estrutura um tanto convencional por baixo de uma máscara, como no teatro<sup>91</sup>, mas bastante crível para o público.

Similar à lógica dos projetos do casal de arquitetos estadunidenses Ray e Charles Eames, Colomina pontua que “os Smithson aprenderam como transformar as imagens expostas em arquitetura: o material expositivo se tornando ele mesmo o significado da organização espacial”<sup>92</sup>. Ainda que a casa também possua referências automobilísticas

---

<sup>89</sup> COLOMINA, Beatriz. *Domesticity at war*. The MIT Press. – Cambridge, Massachusetts, 2007. p. 195.

<sup>90</sup> *Ibidem*, p. 201.

<sup>91</sup> COLOMINA, Beatriz. *Friends of the Future: A conversation with Peter Smithson*. *October 94* (Fall 2000): 24.

<sup>92</sup> COLOMINA, Beatriz. *Domesticity at war*. The MIT Press. – Cambridge, Massachusetts, 2007. p. 203.

explícitas devido ao fascínio dos Smithsons por carros e seu design e mobilidade, a casa possui um caráter de movimento mais similar a uma nave espacial ou um submarino, navegando pelo universo ou pelo oceano, num movimento mais lento e centrado em si mesmo e nos supostos perigos exteriores à ela. Colomina a descreve inclusive como uma espécie de “arquitetura da paranóia, como uma radical abstinência ou retirada combinada com uma exposição extrema”<sup>93</sup>, retomando um paralelo com o isolamento durante a pandemia, em casas que não foram desenhadas para esse tipo de situação, quase 70 anos depois da HOF que possuiu seu contexto próprio de isolamento.

Em 1956, havia um ar de prosperidade e otimismo misturado com uma preocupação extrema pela polarização devido à Guerra Fria – a paranoia citada por Colomina. A ameaça nuclear após o bombardeio pelos EUA das cidades japonesas Hiroshima e Nagasaki no final da Segunda Guerra trouxe a tensão geopolítica não só para assuntos diretamente governamentais, mas se tornou uma presença marcante e influente na mídia capitalista, inserida no espaço doméstico. Essa dinâmica política e sociocultural foi responsável por moldar os espaços domésticos e públicos nas cidades estadunidenses, mas não só por lá, como o exemplo da casa dos Smithsons, de forma a serem utilizadas como mecanismos alienantes e simbólicos, como a lógica espacial do chamado “apartamento de solteiro” de Paul Preciado, descrito anteriormente dentro de uma estética de espião em que a casa se tornava um centro de comando vigiando o exterior e a si mesma. A Guerra Fria, mais do que nunca trouxe seu vocabulário linguístico e visual para a arquitetura, e a House of The Future foi um dos primeiros projetos a incorporá-lo em seu imaginário de futuro como uma constante, sendo essa proteção de nave espacial ou submarino ainda colocada como necessária mesmo 25 anos depois.

Outro ponto interessante desse projeto foi a antecipação do desaparecimento do trabalho doméstico<sup>94</sup>, escondido por trás de aparatos tecnológicos que supostamente diminuiriam o trabalho realizado. A televisão também foi integrada ao projeto de forma literal, embutida na parede, mas também como integrante do cotidiano dessa casa futurista completamente vinculada a uma transmissão do mundo exterior sem exatamente contatá-lo. A própria disposição da comida no espaço expositivo também dizia sobre essa preocupação, colocada em embalagens plásticas esterilizadas, com seu consumo demonstrado pelos atores encenando a rotina dos possíveis moradores dessa casa. Essa domesticidade asséptica, bem

---

<sup>93</sup> Ibidem, p. 226-227.

<sup>94</sup> Ibidem, p. 209.

como os símbolos do espaço doméstico escondidos, como a cama e a mesa de jantar, recolhidos quando não estavam sendo utilizados, camuflados no chão ou na parede, também dizem bastante sobre o contexto da época.

Afinal, 1956 foi também o ano da primeira casa Playboy. A Playboy Penthouse foi publicada nas edições de setembro e outubro da revista como um cenário para o estilo de vida sexualmente liberado da Playboy. A H.O.F. relacionava-se, por um lado, com a casa dos sonhos americana dos anos 1950 retratada nas propagandas que os Smithsons colecionavam – com a dona de casa feliz rodeada de seus novos aparatos – e, por outro lado, com a casa da Playboy com casais balançando sem parar brincando com seus brinquedos. Como essas casas, a H.O.F. usou as últimas tecnologias e fez com que o trabalho doméstico desaparecesse, transformando-se em um jogo de apertar botões, uma forma de brincar. (Colomina, 2007, p. 218)<sup>95</sup>

Parece, segundo Colomina, que a casa se deixa desaparecer, principalmente por sua estrutura se voltar para dentro, e possuir pequenas frestas por onde quem estava do lado podia bisbilhotar. Como um projeto em uma exposição, a visibilidade pelo público é quase algo óbvio, não fosse essa escolha para um espaço que estava no pavilhão expositivo mas que possuía tal configuração como uma espécie de protótipo que também poderia não estar. Não por acaso, a H.O.F. era chamada de “casa de 1984”, mesmo se projetando para 1981, remetendo ao livro de George Orwell escrito em 1949. As referências ao Big Brother foram parar em um artigo de jornal da época, fazendo analogias à observação dos visitantes por meio das frestas, assim como a onipresença da TV no espaço. “Vigilância transformada em voyeurismo”<sup>96</sup>, segundo Colomina. A própria disposição da casa no pavilhão expositivo estava distante das outras, isolada após casas mais convencionais. O futuro era visto primeiro por um buraco de fechadura, com a curiosidade do voyeur que quer apenas dar uma espiada como em uma casa de bonecas. A autora associa o projeto também a uma TV tridimensional, como de fato se configuraram os reality shows *Big Brother* desde sua concepção, fechada para seu exterior mas intensamente interiorizada, aberta para o mundo por meio da mídia, como uma máquina que reproduzia midiaticamente a si mesma de forma constante, aparecendo em jornais e transmitindo seu cotidiano para os visitantes a partir dos atores, por exemplo (Colomina, 2007).

---

<sup>95</sup> Tradução livre do trecho original: “Nineteen fifty-six was, after all, also the year of the first Playboy house. The Playboy Penthouse was published in the September and October issues of the magazine as a stage set for Playboy’s sexually liberated lifestyle. The H.O.F. was related, on the one hand, to the American dream house of the 1950s as depicted in the advertisements the Smithsons collected – with the happy housewife surrounded by her new gadgets – and, on the other hand, to the Playboy house with swinging couples endlessly playing with their toys. Like those houses, the H.O.F. used the latest technologies and made housework disappear, transformed into a push-button game, a form of play.” Ibidem, p. 218.

<sup>96</sup> Ibidem, p. 219.

Assim, abstraída do exterior onde estava inserida, a casa dos Smithson na visão de Colomina não era apenas um objeto midiático, mas também, para além da nave espacial ou submarino, em maior ou menor grau um bunker, dentro do qual seus moradores se protegeriam de todas as ameaças, reais e imaginadas do “mundo lá fora”:

A H.O.F. é uma espécie de abrigo antiaéreo. Não há fora. A casa é apenas um interior. O interior de um interior de um interior. Uma caixa (o H.O.F.) dentro de outra caixa (o invólucro externo) dentro de um salão de exposições (Olympia). Como um submarino ou uma nave espacial, as paredes da nave são perfuradas em apenas um ponto-chave onde a entrada é pouco frequente e cuidadosamente controlada. A casa é totalmente fechada para o exterior, exceto pela porta de aço eletricamente (controlada do corredor ou da cozinha) que sugere fechamento hermético ao descer entre dois conjuntos de paredes muito grossas para vedar a casa pelo lado de fora. Os visitantes podem anunciar suas intenções tocando a campainha e são atendidos sem a necessidade de entrada. O carteiro e o entregador deixam seus pacotes em uma das duas escotilhas perto da porta que pode ser acessada por dentro. Os poucos visitantes autorizados a entrar encontram-se "no corredor de frente para a primeira das cortinas de fibra de vidro que podem ser fechadas para cobrir o restante da casa". A estrutura se isola suavemente do exterior perigoso com uma série de camadas profiláticas.<sup>97</sup> (Colomina, 2007, p. 227)

O vocabulário proveniente da guerra foi incorporado na divulgação da casa, sendo parte de seu universo simbólico. A comida mencionada anteriormente, por exemplo, não era apenas esterilizada e bombardeada de radioatividade para acabar com vírus e bactérias na encenação do cotidiano e descrição do projeto, mas também armazenada em grande quantidade como prevenção a possíveis períodos de escassez. Para adentrar na casa, o ar interior era “sistematicamente controlado e purificado, mas toda superfície obsessivamente higienizada de qualquer traço de sujeira, pó, ou germes”<sup>98</sup>. Toalhas de papel descartáveis, assim como espaços de secagem ao lado de chuveiro para evitar toalhas comuns, a cama revestida de nylon com temperatura regulada, sem necessidade de roupas de cama: todas as superfícies eram consideradas suspeitas e deveriam receber um cuidado meticuloso na H.O.F. Porém, como um oásis sci-fi, a casa também possuía um jardim e um sol artificial, elementos cenográficos desse futuro um tanto apocalíptico, mas que de certa forma o projeto coloca num

---

<sup>97</sup> Tradução livre do trecho original: “The H.O.F. is a kind of bomb shelter. There is no outside. The house is only an inside. The inside of an inside of an inside. A box (the H.O.F.) inside another box (the outer case) inside an exhibition hall (Olympia). Like a submarine or a spaceship, the walls of the craft are pierced at only one key point where entry is infrequent and carefully controlled. The house is entirely closed to the outside except for the electrically operated steel door (controlled from the hall or the kitchen) that suggests hermetic closure by coming down between two very thick sets of walls to seal the house from the outside. Visitors can announce their business by ringing and be answered without entry. Postman and deliveryman leave their packages in either of two hatches by the door that can be accessed from the inside. The few visitors allowed entry find themselves "in the hallway facing the first of the fibreglass curtains that can be drawn to veil the rest of the house." The structure smoothly seals itself off from the dangerous outside with a series of prophylactic layers.” Ibidem, p. 227.

<sup>98</sup> Ibidem, p. 231.

tom que poderia ser dito como otimista, mas completamente privado para aqueles que ali vivessem:

O jardim da H.O.F tem tudo a ver com a inocência e pureza de um Jardim do Éden. O papel principal da casa é filtrar o mundo e produzir um encontro quase teológico com um céu vazio, um céu tornado privado pela casa. Em certo sentido, a própria casa permite que o céu desça para tocar seu habitante. O ar da casa é purificado para dar lugar a um puro "ar ainda não respirado" que desce no vazio e depois para o corpo dos moradores – estranhamente antecipando a atual obsessão pelo ar não respirado em aviões, restaurantes e prédios públicos. Ar não respirado como medida definitiva de privacidade em um mundo cada vez mais congestionado. (Colomina, 2007, p. 235-236.)<sup>99</sup>

A H.O.F. foi projetada não só por, mas a partir do olhar dos Smithson para um ambiente hostil, em seu presente e em seu futuro fictício, onde a casa se colocava como um espaço seguro de se habitar, mas também de dar continuidade ao consumo. A intenção de reproduzir um tipo de domesticidade em “condições normais” de se habitar o mundo no bloco capitalista na verdade era morar sendo observado por um outro invisível, estando constantemente em estado de alerta.



**Figura 03: Interior do quarto da House of the Future**

Disponível em: <https://www.closed-worlds.com/house-of-the-future?lightbox=datatem-jf2ltm3a>. Acesso em: 31/01/2024.

<sup>99</sup> Tradução livre do trecho original: “The garden in the H.O.F is all about Edenic innocence and purity. The primary role of the house is to filter out the world and produce a quasi-theological encounter with an empty sky, a sky made private by the house. In a certain sense, the house allows the sky to come down to touch the inhabitant. The air of the house is cleansed to make way for a pure "as yet unbreathed air" to descend into the void and then into the body of the inhabitants-uncannily anticipating the current obsession with unbreathed air in airplanes, restaurants, and public buildings. Unbreathed air as the ultimate measure of privacy in an ever more congested world.” Ibidem, p. 235-236.

Uma crítica que Aline Valek faz a imaginários de futuro como esse materializado na House of the Future é sobre a uniformidade das representações visuais dessas possibilidades.

Essas visões utópicas ou ignoram ou parecem contar com a erradicação de toda desigualdade e até de discordância: todo mundo sempre parece muito ok em seguir o mesmo estilo de vida ou as regras dessa nova sociedade. O acesso a uma tecnologia mais avançada parecia ser a resposta para acabar com os conflitos que o povo daquela época já enfrentava (e que, mesmo décadas ou séculos depois, continuam por aqui). As representações de futuro vindas do século passado costumam levar em conta um mundo alterado pela tecnologia, cheio de coisas novas para pessoas em essências iguais, com as mesmas prioridades que as pessoas que idealizaram essas projeções. Daqui fazemos o mesmo: toda visão de futuro que tivermos estará contaminada com as nossas prioridades e anseios, porque por mais que façamos força para superar o pensamento de uma época, estamos presos a ela. De forma que eu não me espantaria se habitantes de um futuro distante viessem nos visitar, dessem uma boa olhada nas nossas ideias de utopia e nos achassem ingênuos, ou até cafonas, por continuar superestimando o bom senso das pessoas do futuro. Ainda bem que quem imagina o futuro não tem a menor obrigação de acertar. (Valek, 2021)

Cinco anos depois da exposição onde a House of The Future dos Smithson foi exibida, outro projeto residencial foi proposto em uma linha de raciocínio similar de proteger seus moradores do mundo exterior. A New York World's Fair de 1964, considerada por críticos culturais como um enorme trabalho de arte pop, de forma negativa e positiva, apresentou diversas propostas de projetos residenciais com foco em interiores, destacando-se entre elas a Underground House (Casa Subterrânea). A casa foi projetada pelo texano Jay Swayze, um “instrutor militar transformado em empreiteiro de casas luxuosas”<sup>100</sup>, que durante a Crise dos Mísseis de Cuba de 1962 foi contratado pela câmara municipal de Plainview (Texas) para construir um protótipo de abrigo antibomba com especificações do Departamento de Defesa Civil.

De modo bastante literal, Swayze descrevia seus projetos como operações militares, enfatizando um olhar tático para a construção de casas tanto quanto em seu abrigo de proteção, algo considerado necessário para o que ele chama de era nuclear. A Underground House seguia esses objetivos militares transformados em domésticos, possuindo “vantagens óbvias”, como “constância de temperatura e segurança contra perigos naturais ou causados pelo homem”<sup>101</sup>. Enterrada como um bunker para proteção máxima, a casa era isolada do ambiente exterior, não só como um abrigo afastado do seu contexto mas ainda pertencente a ele, mas como uma espécie de máquina de guerra que criava seu próprio exterior e interior. Sem janelas como interfaces entre um e outro, Swayze, considerando que ainda assim eram psicologicamente importantes para os moradores, posicionou réplicas cenográficas por meio

---

<sup>100</sup> Ibidem, p. 279.

<sup>101</sup> Ibidem, p. 280.

das quais as vistas foram substituídas por murais. Esses murais podiam ser alterados, dando a possibilidade que cada cômodo simultaneamente possuísse uma imagem diferente, de lugares diferentes, assim como modificar se seriam paisagens diurnas ou noturnas, recursos anunciados como diferenciais na publicidade do projeto.

Com essa demarcação clara estabelecida entre dentro e fora, tal qual uma concha autossuficiente, Colomina pontua como essas distinções espaciais são problematizadas nesse projeto, não sendo completamente abandonadas, mas consideradas estranhas uma para a outra. O externo, representando um risco, é abstraído do lado de dentro da casca protetora e pacífica que a casa proporciona. Sendo essa paz alcançada pelo controle do ambiente de dentro, com reguladores de ar, temperatura, ruído, e, como mencionado, da imagem desejada de um exterior simulado.



**Figura 04: Interior do quarto da Underground House**

Disponível em: <https://www.nbm.org/collections-highlight-salesmans-kit-underground-homes-company/>. Acesso em: 31/01/2024.

Colomina usa o termo “contra-domesticidade” ao falar do projeto, considerando que a paz e tranquilidade almejadas no espaço da casa só seriam possíveis por meio da concepção do espaço como pronto para um combate, sendo mais um tipo de arquitetura da paranoia, como a autora também considera a House of The Future. Essa ideia de contra-domesticidade leva ao imaginário da casa prestes a contra-atacar as ameaças possíveis no contexto em que foi pensada. Mas pode-se trazer também esse termo para os tempos atuais, com suas paranoias contemporâneas particulares. As casas não estão atualmente munidas das mesmas armas da HOF ou da Underground House, que são literais em certa medida pelo imaginário militarizado e a linguagem da época. Não que não estejamos convivendo com guerras e esse mesmo vocabulário adaptado ao contexto do século XXI, mas houve uma complementação

pelo vocabulário do digital, que ainda que também criado principalmente com fins militares, não possui essa conotação tão clara e difundida de forma ampla. A contra-domesticidade contemporânea se dá de uma forma um tanto mais imaterial, mas ainda mantendo a ideia de uma casa alerta ao exterior de si mesma mas não só, pois seus moradores estão ininterruptamente conectados com a internet, com o mundo para além de seu entorno imediato. Dessa forma, o ideal de paz e calma que Colomina diz ser desmontado por projetos como o de Swayze, também é desmontado hoje, não por um projeto específico, mas como um modo de vida em que essa tranquilidade dentro das casas é ainda mais ambígua.

Segundo a autora, as ideias de casas do futuro se voltam para as novas mídias e tecnologias, com dispositivos situados no espaço doméstico quase como em um laboratório, isolado de um ambiente externo na maioria das vezes imaginado como hostil. A radicalização da divisão entre dentro e fora é quase um recurso narrativo para dar uma qualidade primitiva às fantasias high-tech. Esse apego a esses dispositivos em imaginários de futuros no morar também é uma constante nas histórias de ficção científica, como é dito pela crítica e escritora Susan Sontag:

Os filmes de FC nos convidam a uma visão estética e desapaixonada da destruição e da violência – a uma visão *tecnológica*. Nesses filmes, as coisas, os objetos e as máquinas desempenham papel fundamental. Na cenografia desses filmes encarna-se um leque maior de valores éticos do que nas pessoas. As coisas, mais do que os seres humanos desamparados, são o locus de valores, porque nelas vemos, mais do que nas pessoas, as fontes de poder. Para os filmes de FC, o homem está nu sem seus artefatos. *Eles* representam diferentes valores, são potentes, eles é que são destruídos e são eles os instrumentos indispensáveis para repelir os invasores alienígenas ou para recuperar o ambiente danificado. (Sontag, 2020, p. 274)

Cheias de aparatos, as imagens de domesticidades futuristas vindas dos Estados Unidos e Europa ao longo do século XX enfatizam uma ilusão de controle do mundo, com espaços cheios de botões que os auto regulam e automonitoram e que supostamente dão menos trabalho através da tecnologia. Colomina destaca que todas essas imagens pressupõem uma interiorização da vida como consequência lógica naquela época, associando inclusive essa configuração ao trabalho reprodutivo realizado majoritariamente pelas mulheres:

O interior, como a própria dona de casa, era imaculadamente montado, glamoroso, irresistível, com eletrodomésticos ganhando forma de objetos para se admirar – para observar, até, como com a introdução de “janelas” nos fornos e nas máquinas de lavar. O interior tornou-se absorvente, fascinante e cativante. Por que sair? O ar-condicionado garantiu que o ar externo fosse limpo de toda poeira, impurezas e patógenos. Materiais como aço, alumínio, vidro e plástico foram apresentados como higiênicos, à prova de poeira e autolimpantes. Até mesmo visitantes e entregadores eram cuidadosamente rastreados ou totalmente afastados, como nas fantasias de geladeiras acessíveis do lado de fora da casa ou escotilhas para deixar pacotes,

correspondência, mantimentos e assim por diante. Nem o morador da casa atravessa o limite. Eles pareciam nunca sair. (Colomina, 2007, p. 283)<sup>102</sup>

Nessa mesma New York World's Fair, a Kodak, empresa do ramo de fotografia, instalou um pavilhão que continha um palco no qual os visitantes poderiam subir e tirar fotos com fundos variados como se estivesse na lua, por exemplo. A empresa também apresentou no evento um novo modelo de câmera descartável feita de plástico, a Instamatic, com as quais os usuários poderiam ver o mundo através de sua lente e de enquadramentos de sua escolha, tornando-se um objeto de consumo de massa mais acessível. Colomina utiliza o termo “privatização do olhar” ou até mesmo do “exterior”<sup>103</sup> para falar da presença da Kodak e suas câmeras não mais apenas no evento, mas na vida das pessoas. A televisão também estava onipresente na feira, com um apelo maior, e prevendo até certo ponto a obsolescência desse tipo de evento, já que ela já se colocava como o meio pelo qual dali em diante poderia ser visto o mundo todo, visto sem sair de casa. Boa parte dos eventos mais conhecidos da história ocidental americanizada dos anos 1960 foi televisionada, do assassinato e funeral do presidente dos Estados Unidos John F. Kennedy ao pouso da nave Apollo 8 na lua. A Guerra do Vietnã, antes de ser replicada em uma quantidade considerável de filmes hollywoodianos, também teve fragmentos de transmissão pela TV, quase em tempo real, direto para a sala de milhões de pessoas. Uma amálgama foi surgindo entre dentro e fora a partir da mídia transmitida, mesmo com interior e exterior demarcados. Colomina menciona as euforias e traumas coletivos gerados a partir desses eventos sendo vivenciados a partir do espaço doméstico, como uma catarse, “vida e morte na sala de estar”<sup>104</sup>. A professora estadunidense Patricia C. Philips, a partir dessa ubiquidade televisiva, questiona em um texto de 1988:

Assim como o espaço público diminuiu como um local cívico, a casa tornou-se, em muitos sentidos, um fórum mais público e aberto. O mundo público entra em cada casa como nunca antes, por meio da televisão, do rádio e do computador pessoal. Assim, os rituais que antes eram compartilhados visivelmente em um grupo agora ainda são compartilhados - mas isoladamente. Um exemplo dessa condição ambígua é a celebração anual da véspera de Ano Novo na Times Square, que é o evento mais público – a multidão reunida na 42nd Street para assistir a queda de uma maçã

---

<sup>102</sup> Tradução livre do trecho: “The inside, like the housewife herself, was immaculately put together, glamorous, irresistible, with appliances taking the shape of objects to admire-to watch, even, as with the introduction of “windows” in ovens and washing machines. The interior became all-absorbing, fascinating, captivating. Why ever go out? Air-conditioning ensured that the outside air was cleansed of all dust, impurities, pathogens. Materials such as steel, aluminum, glass, and plastic were presented as hygienic, dust proof, and self-cleaning. Even visitors and deliverymen were carefully screened or totally kept away, as with fantasies of refrigerators accessible from the outside of the house or hatches for dropping packages, mail, groceries, and so on. Not even the inhabitant of the house crossed the threshold. They seemed never to leave.” Ibidem, p. 283.

<sup>103</sup> Ibidem, p. 286.

<sup>104</sup> Ibidem, p. 287.

iluminada ou os milhões de pessoas em casa, cada uma assistindo a essa congregação na TV? (Philips, 1988)<sup>105</sup>

A televisão, a partir dali, passou a produzir um novo tipo de espacialidade, um novo tipo de visibilidade (Virilio, 1988) que deixou a casa com uma demarcação ambígua. Dentro e fora coexistem virtualmente entre cômodos enclausurados dentro dos quais a TV assume a função de um tipo de janela para outras espacialidades através da mídia. Concluindo a discussão sobre a Underground House e a New York World's Fair de 1964, capítulo final de seu livro *Domesticity at War*, Colomina diz:

A evolução da casa americana do pós-guerra exibiu implacavelmente duas trajetórias que estão representadas na feira de 1964. Por um lado, a casa ficava cada vez mais leve, como se estivesse se preparando para voar. Por outro lado, nunca decolou, mas apenas ganhou força, fortalecendo-se e afundando cada vez mais no solo. Na verdade, essas duas trajetórias são inseparáveis. A desmaterialização cada vez maior da casa e o deslocamento de suas funções tradicionais por novas tecnologias de informação foram acompanhados exatamente por uma rematerialização crescente em suas fronteiras e o surgimento de sistemas de segurança cada vez mais fechados. A casa da Guerra Fria do futuro era um veículo de fuga estacionário; o habitante do futuro era capaz de escapar sem sair. A casa finalmente se tornou o mundo inteiro. (Colomina, 2007, p. 292)<sup>106</sup>

No epílogo do livro, publicado em 2007, Colomina debate sobre a forma como a guerra virou uma constante na vida das pessoas a partir das análises feitas anteriormente. Claro que, se tratando de uma publicação voltada para o norte global, principalmente Europa e Estados Unidos, a concepção desse estado de alerta é bem diferente de países considerados subdesenvolvidos, que nunca deixaram de estar alertas em relação ao colonialismo desses mesmos países que agora se viam em uma atmosfera de paranoia ininterrupta. Porém, além dos combates não transmitidos pela mídia, boa parte dos conflitos envolvendo grandes potências mundiais passaram a acontecer por meio de guerras não visíveis. A própria noção

---

<sup>105</sup> Tradução livre do trecho: “Just as the public space has become diminished as a civic site, the home has become in many senses, a more public, open forum. The public world comes into each home as it never has before through television, radio and personal computer. So that rituals that were once shared conspicuously in a group are now still shared-but in isolation. An example of this ambiguous condition is the annual celebration of the New Year's Eve in Times Square. Which is the more public event-the throng of people gathering at 42nd Street to watch a lighted apple drop or the millions of people at home, each watching this congregation on TV?” (Philips, 1988)

<sup>106</sup> Tradução livre do trecho: “The evolution of the postwar American house relentlessly exhibited two trajectories that are represented at the 1964 fair. On the one hand, the house grew lighter and lighter, as if preparing for flight. On the other hand, it never took off but only gained strength, fortifying itself and bunkering farther down into the ground. In fact, these two trajectories are inseparable. The ever-increasing dematerialization of the house and the displacement of its traditional functions by new technologies of information were matched exactly by an increasing rematerialization at its borders and the emergence of ever-more-enclosing security systems. The cold-war house of the future was a stationary escape vehicle; the inhabitant of the future was able to escape without leaving. The house had finally become the whole world.” (Colomina, 2007, p. 292)

de internacionalização do pós-guerra trouxe uma ambiguidade na experiência da realidade, abrindo caminho para novas manifestações do capitalismo.

Mais importante – como mostraram escritores de Ernest Mandel a Thomas Pynchon –, a Segunda Guerra Mundial, em seu caráter destrutivo e impacto global, constituiu um evento inédito de homogeneização, no qual foram destruídos por completo territórios, identidades e tecidos sociais ultrapassados. Ela criou, na medida do possível, uma tábula rasa que seria a plataforma da atual fase da globalização do capitalismo. A Segunda Guerra Mundial foi o cadinho no qual se forjaram novos paradigmas de comunicação, informação e controle, e no qual se consolidaram as conexões entre pesquisa científica, corporações transnacionais e poder militar. (Crary, 2016, p. 76-77)

A casa vista como arma militar também borrou o que era definido como defesa ou ataque, assim como um abrigo onde dentro e fora possuíam limites borrados com a inserção de tecnologias da informação. Mas é importante ressaltar aqui que, apesar de os projetos analisados anteriormente se organizarem de tal forma, a maioria das casas de seus países de origem não se militarizou literalmente. Porém, ainda que sua conformação arquitetônica não tenha adquirido as formas exatas da House of the Future ou da Underground House, a ideia de um espaço doméstico sempre mobilizado para cenários de catástrofe e conectado com o mundo por meio da mídia transmitida permaneceu. Na verdade, estava em curso uma crise habitacional na segunda metade do século XX, a partir do qual a pauta do direito à habitação ganhou força em detrimento do direito à cidade, dentro da qual “cada família recebe uma caixinha onde deve se comportar bem, abrindo mão do usufruto do excedente social, isto é, dos lugares mais interessantes da cidade ou de suas centralidades”<sup>107</sup>. A noção de público e privado se misturou, se evidenciou e foi subvertida simultaneamente. Colomina diz que “as novas mídias criaram um novo senso de espaço no qual as distinções entre dentro e fora, perto e longe, colapsaram”<sup>108</sup> e que os arquitetos passaram a projetar com ainda menos distinções como essas presentes na arquitetura. A autora inclusive retoma uma frase de Le Corbusier que diz que o fora é sempre um dentro <sup>109</sup>.

Segundo Colomina, seu livro já estava com o manuscrito completo antes do atentado do 11 de setembro nos Estados Unidos. Nesse mesmo epílogo, com esse salto temporal, ela comenta a passagem das cartas de entes queridos que os soldados carregavam na guerra para

---

<sup>107</sup> KAPP, Silke. Teoria crítica da arquitetura. Tese apresentada à Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a promoção docente à classe de Professora Titular. – Belo Horizonte, 2023. p. 145.

<sup>108</sup> COLOMINA, Beatriz. Domesticity at war. The MIT Press. – Cambridge, Massachusetts, 2007. p. 299.

<sup>109</sup> Tradução livre do trecho: “The outside is always an inside”. Ibidem, p. 299.

os civis em seus celulares tentando se comunicar com pessoas distantes durante o 11/09. Segundo a autora, “o mais humano dos contatos foi proporcionado por telefones portáteis”<sup>110</sup>, levando posteriormente as empresas de telefonia a desesperadamente enviar as mensagens não entregues, evidenciando a sua importância. Em um evento completamente saturado em transmissões televisionadas, Colomina diz que a noção de público e privado se tornou obsoleta a partir do 11/09, com um novo senso de espaço construído não só pela experiência por meio da presença física no espaço do atentado, mas pela sua repetição de imagens do mesmo através das telas de TV e pela internet. “Não mais simplesmente um substituto frágil de pessoas reais, o registro digital se tornou a realidade mais sólida”<sup>111</sup>.

Em 2020, nesses quase sessenta anos distantes tanto da House of The Future quanto da Underground House, uma nova conformação do morar surge com uma premissa similar de proteção do interior em relação ao ambiente exterior. Enquanto pairava a ameaça nuclear nas casas dos anos 1950 e 1960, o perigo mais recente também era quase invisível e também simultaneamente microscópico e global. Como mencionado anteriormente, assim como na House of The Future, todo um processo de descontaminação e despressurização foi criado para atravessar a membrana formada pela casa entre interior e exterior. Mas nenhuma residência em 2020 era dotada de mecanismos tecnológicos que possibilitavam esse tipo de higienização e limpeza compulsiva como no projeto dos Smithson, levando seus moradores a uma auto regulação própria a partir das recomendações dadas pelas instituições sanitárias.

Em seu livro, Colomina coloca em paralelo os ideais do Modernismo na arquitetura ligados a questões de saúde, como ventilação, por exemplo, discutindo como muito do raciocínio de Le Corbusier era higienista. Porém, de fato, melhores condições de habitação evitavam a disseminação de doenças, assim como acesso a saneamento básico nas cidades. A pandemia de COVID-19 escancarou os abismos de precariedade socioespaciais da habitação em diferentes partes do mundo, e a parcela de pessoas que podiam de fato ficar em casa e realizar todas as suas atividades remotamente, bem como monitorar a circulação do ar ou higienizar compulsivamente as superfícies consideradas suspeitas se revelou pequena. Esse isolamento ao pé da letra, até mesmo um tanto performático como na HOF, foi um privilégio para poucos, mas que ainda assim evidenciou questões do morar em espaços confinados em um momento que não se podia sair pela ameaça invisível do vírus, muito pela transmissão constante de informações sobre a pandemia a partir de diversos veículos de mídia.

---

<sup>110</sup> Tradução livre do trecho: “The most human of contacts was enabled by portable phones.” Ibidem, p. 300.

<sup>111</sup> Tradução livre do trecho: “No longer simply a fragile substitute for real people, the digital record became the most solid reality.” Ibidem, p. 300.

Assim como a guerra do Vietnã foi vista da sala de estar de muitos estadunidenses pela TV nos anos 1960, em 2020 e diante, diariamente os jornais veiculavam o número de mortos e infectados pela COVID-19. Quem ficava em casa estava “a salvo”, ainda que utilizasse serviços que demandavam que outros trabalhadores saíssem de casa para realizá-los. Porém, a discussão sobre o espaço doméstico deste trabalho se volta para outras questões, ainda que a cisão espacial criada pelo capital para desvincular trabalho e vida seja importante para o tema.

Silke Kapp em sua tese de 2023 “Teoria Crítica da Arquitetura” discorre sobre a separação entre produção e uso da arquitetura, mas aqui levando para a esfera do consumo e recepção do espaço, essas separações espaciais e temporais se fazem pertinentes. Kapp, ao falar do distanciamento espacial menciona as “unidades domésticas que servem ao capitalismo, do sistema *putting out* ao home office”<sup>112</sup>, relembra a Carta de Atenas de 1933, onde Le Corbusier propõe a separação de produção e consumo na estrutura das cidades, delimitando espaços de trabalho, habitação, lazer e circulação. Mas como a casa, de um modo geral, passou a ser percebida e ocupada por seus moradores quando passou a concentrar em uma mesma espacialidade, múltiplas atividades, separadas dentro do contexto urbano de forma similar à proposta de Le Corbusier, previamente realizadas em espaços diferentes, ao abrigá-los dentro e a partir dela?

Essa cisão espacial favoreceu a produtividade porque ela facilita disciplinar os trabalhadores, subdividir as tarefas e obter economias de escala dos meios de produção. Ao mesmo tempo, ela obscurece o processo de produção porque torna mais difícil reconhecê-lo como processo social. A mercadoria surge no mercado como entidade de qualidades mágicas, intrínsecas, independentes do trabalho humano que a produziu. (Kapp, 2023, p. 94)

Kapp, ainda sobre esses distanciamentos, menciona a cisão institucional, que “pode até afrouxar cisões temporais e espaciais”<sup>113</sup>, por meio da qual os serviços *online* da economia capitalista ganham força quando executados a partir dos domicílios dos trabalhadores percebida como liberdade de mercado. A autora também comenta mais adiante em sua tese, se utilizando da crítica da vida cotidiana de Henri Lefebvre relacionadas às relações entre o capital e outras esferas da vida, a forma como o recolhimento à esfera privada, nesse caso a moradia, “significa que [as pessoas] estão se privando de participar da vida no sentido mais

---

<sup>112</sup> KAPP, Silke. Teoria crítica da arquitetura. Tese apresentada à Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a promoção docente à classe de Professora Titular. – Belo Horizonte, 2023. p. 93-94.

<sup>113</sup> Ibidem, p. 95.

intenso, na *polis* e na festa, e deixando de fazer sua própria história em meio a uma sociedade e como seus integrantes”<sup>114</sup>.

Em 2020, essa configuração espacial de desarticulação entre espaços públicos e privados onde os moradores se recolhiam e se abstinham dessa presença no coletivo já estava dada antes das recomendações das instituições sanitárias de evitar sair desse espaço de recolhimento, mantendo-se dentro dele por tempo indeterminado. A noção de coletividade foi deslocada para uma espacialidade virtual, ou poderia-se dizer simulada em plataformas digitais, com conotação de espaço em algum grau de materialidade física, onde as pessoas passaram a se reunir ainda que sem uma presença corpórea. As insatisfações com o gerenciamento ineficaz da pandemia por parte do governo brasileiro, por exemplo, levou a manifestações a partir de redes sociais e painéis através das janelas dos domicílios, uma vez que ir manifestar pelas ruas era inviável pelo risco de contaminação pelo vírus.

Dessa forma, a casa passou a representar também um demarcador de posicionamento político: quem desrespeitava levemente o isolamento recebia o atestado do olhar do outro de negacionista da pandemia, quem permanecia do lado de dentro estava teoricamente protegendo a si e ao outro. Mas essa dicotomia, assim como muitas outras suscitadas durante e a partir do isolamento, se revelou incompleta, uma vez que a situação trouxe inúmeras ambivalências de um cotidiano que se revelou um híbrido de espaço e temporalidade vivido em distanciamento e proximidade simultâneas. O filósofo francês Peter Szendy diz em seu texto “Tempos virais” para a Revista Piseagrama:

[...] Diante da crescente rapidez dos contágios e da multiplicação de casos graves ou fatais, as equipes de saúde estão sobrecarregadas e exaustas. A Amazon está contratando pesado para tentar atender a um volume explosivo de pedidos, enquanto os trabalhadores dos armazéns da empresa nos EUA começam uma greve para protestar contra a falta de proteção no local de trabalho. E é necessária uma intensa atividade de humanos e máquinas para o monitoramento em massa dos dados de geolocalização de telefones celulares, a fim de controlar a conformidade com o confinamento: nossa imobilidade promove uma grande mobilização. (Szendy, 2020)<sup>115</sup>

Acompanhando a migração até então temporária das atividades presenciais para o regime remoto, o trabalho foi uma das que se inseriu de forma a suscitar inúmeras discussões como a sobre produtividade em um espaço até então sem a finalidade demarcada como produtiva. Modificações no espaço da casa para torná-lo mais eficiente foram sugeridas por revistas digitais e físicas voltadas para arquitetura, assim como por profissionais da área que

---

<sup>114</sup> Ibidem, p. 144.

<sup>115</sup> SZENDY, Peter. Tempos virais. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, seção Extra! [conteúdo exclusivo online]. 2020. Disponível em: <https://piseagrama.org/extra/tempos-virais/>. Acesso em: 20/06/2023.

se utilizam das mídias digitais como plataforma de divulgação de projetos, começaram a veicular diversos materiais com a finalidade de apresentar dicas e ideias para melhorar os ambientes domésticos dentro dos quais essas tarefas seriam realizadas.

O chamado *home office*, não só como forma de produção, passou a receber uma atenção não só para o morador habitá-lo, mas como um espaço que apareceria para outras pessoas por meio da câmera em chamadas de vídeo. Apesar de serem preocupações de uma parcela pequena da população, o espaço da casa tornou-se não só o lugar de proteção do mundo exterior, assumindo uma forma quase hermeticamente fechada por meio de suas barreiras físicas, mas também uma espacialidade transmitida virtualmente.

Trazendo o texto “Afetos digitais”<sup>116</sup>, também da escritora Aline Valek, em que a autora fala um pouco sobre essa ambiguidade entre material e virtual durante a pandemia:

Viver realidades virtuais não é mais coisa de ficção que nos leva a imaginar as doideiras do futuro. Nossa vida está cada vez mais atravessada pelo mundo digital, processo acelerado pela pandemia. O que tinha tudo para ser episódio de Black Mirror é só mais um dia normal para os que tentam sobreviver a 2021. Trabalhamos em espaços digitais, levamos nossa presença virtual para encontros e eventos, compramos online, até TV assistimos pela internet. O digital está ficando mais real. [...] O virtual está ganhando peso, substância. Na economia, na produção cultural, nas nossas relações. Não que o virtual vá substituir o que é do mundo material; está mais para se tornar uma extensão. Novas tecnologias ou experiências tendem bem mais a coexistir com as antigas do que extingui-las. [...] Falar com os amigos via Zoom não vai matar as reais amizades (pelo contrário; enquanto um vírus mortal circula pelo ar, o que pode matar são encontros para ficar respirando juntos). “Mas eu prefiro o toque, o cheiro, sabe?”, alguém pode dizer, tanto em relação a livros de papel quanto a encontrar pessoas cara a cara. Óbvio que tem um sabor diferente. Mas, a essa altura, já não deveria soar ultrapassado desprezar as interações via meios digitais, como se valessem menos que as presenciais? O que fazemos online nos afeta, tem efeitos reais. (Valek, 2021)

A *House of The Future* e a *Underground House*, assim como a domesticidade em contextos similares dos anos 1950 e 1960, recebia continuamente imagens mediadas pela TV em tempo real. Já as casas do século XXI transmitem imagens de volta, num diálogo ininterrupto com o “mundo exterior”, possuindo não só a recepção, mas também a transmissão de si mesma em tempo real. E assim percebe-se uma nova forma de compreender a domesticidade no isolamento do presente, ainda que similar a vislumbres de futuros desenhados anos atrás, mesmo que em lugares e momentos diferentes do atual. Material e virtual se estendem entre si, criando relações que, como diz Valek, muitas vezes não partem de uma espacialidade, e sim de uma tela. Falar sobre a pandemia hoje é como os Smithsons

<sup>116</sup> VALEK, Aline. Afetos digitais. *Uma palavra*. Disponível em: <https://alinevalek.substack.com/p/afetos-digitais>. Acesso em: 23/03/2024.

falavam da guerra: traumas recentes, excessos de informação, mídias novas e ameaças catastróficas.

## CAPÍTULO 4

### USO DE MÁSCARAS: CASA, FUNÇÃO E FICÇÃO

Quando alugamos um apartamento alugamos  
uma paisagem alugamos vizinhos com os quais  
cruzamos no elevador a temperatura das manhãs  
determinados barulhos certas incidências  
do sol poeira alugamos as palavras  
que nos dirigem os porteiros as distâncias relativas  
dos lugares que frequentamos alugamos os lugares  
que passamos a frequentar o cheiro de tinta o toque  
dos tacos alugamos o direito de dizer que aí moramos  
o salvo-conduto para entrar e sair e mesmo a permissão  
para morrer aí alugamos a memória futura  
de um apartamento e o direito de metê-lo  
num poema  
(Marques, 2017, p. 23)

Desde que me mudei para Belo Horizonte, dividi apartamento com pelo menos outras duas pessoas. Pela proximidade com a faculdade, migrei entre repúblicas em três modalidades de quarto. Comecei alugando um DCE, ou o quarto de empregada, que cabia apenas a cama e uma escrivaninha improvisada, com armário embutido. Depois consegui quartos mais espaçosos e confortáveis. Só em meu último semestre nessa divisão de apartamentos que fiquei com uma suíte, foi um luxo ter meu próprio banheiro em um apartamento compartilhado com pessoas não tão íntimas assim. Morar desse jeito implicava geralmente habitar o quarto, como único espaço individual onde muitas tarefas eram realizadas. As áreas comuns como a cozinha e a sala eram de fato comuns, mas não necessariamente utilizadas por todos ao mesmo tempo. Durante a pandemia a situação mudou drasticamente. Me mudei para outro apartamento com meu namorado. Uma casa inteira só pra gente poder ocupar e se espalhar por todos os cômodos, sem essa compartimentação tão rígida da vida. Na procura por apartamentos na área central da cidade vimos de tudo, desde apartamentos detonadíssimos, a cubículos que nem sei se dava pra chamar de casa com tão poucos metros quadrados. Quando encontramos o apartamento onde moramos até hoje, foi quase como ganhar numa loteria imobiliária. A gente teria espaço, uma quantidade considerável de luz, um quarto pra dormir e outro para usar como escritório. Apesar de diante de tudo que vimos até encontrá-lo ele ser de fato uma joia, com o tempo essa casa mostrou

como algumas questões são uma verdadeira loteria, e essa não conseguimos ganhar. O cômodo destinado ao *home office* não recebe luz hora nenhuma. Nunca mesmo, a janela dá para o fosso central do prédio. A cozinha demandou e demanda todos os dias certos malabarismos com um espaço tão pequeno. A área de serviço também. Não digo isso com uma inocência de quem não percebeu esses problemas ao visitar o apartamento pela primeira vez, mas com uma certa tristeza de que a gente se contenta com o mínimo. Sei que esse mínimo é muito pra muita gente, de fato é, mas aí é que tá. Deveria ser?

\*\*\*

Em março de 2022, a escritora Carla Soares publicou um texto chamado “Eu adoro morar aqui”<sup>117</sup>. Seus textos, publicados na internet por meio de uma *newsletter* chamada “Outra Cozinha”, possuem um tópico em comum: investigam “o que o comer revela sobre nós”<sup>118</sup>. O texto mencionado acima na verdade foi escrito em janeiro de 2021, quando Carla morava em Belo Horizonte e a casa era um tema de escrita que estava pairando em sua mente, fugindo um pouco da temática dos alimentos, mas não indo tão longe assim. Enquanto isso, seu marido estava morando no interior do Paraná, e lhe enviava com frequência fotos de animais existentes ali, como besouros, lagartixas e passarinhos, dizendo que estava aliviado por poder estar em contato com uma paisagem mais tranquila. Esse dia a dia mais próximo à natureza revelava um abismo entre a rotina de cada um, uma vez que Carla estava isolada em um apartamento em uma cidade grande durante a pandemia de COVID-19.

Abrir logo cedo a varanda pra sentir a brisa fresca, tomar café da manhã no sol morno, estar num lugar silencioso, poder ver o céu e ter espaço pra poder abrir os braços. Enquanto ele me mostra o quanto está cercado de vida, eu sigo os dias me sentindo enclausurada num lugar em que não consigo nem ver o céu, e as noites em privação de sono por conta do barulho que não dá descanso. São coisas pequenas, então a gente tende a achar que tudo bem. Mas o acumulado dessas pequenas indignidades diárias, que a gente acha que não tem direito de sofrer justamente por causa do tamanho aparente delas, vai deixando tudo azedo. (Soares, 2022)

Carla chega a contar da ironia de um adesivo colado em uma janela localizada entre a área de serviço e o cômodo destinado a ser um quarto de empregada, que dizia “eu adoro morar aqui”.

Todos os dias de manhã, quando vou limpar as caixas de areia dos meus gatos que ficam nesse quarto, eu enxergo esse adesivo, que já estava ali antes que eu chegasse. Sinto uma vontade tremenda de arrancar todas as vezes. É um pouco pela ironia do

<sup>117</sup> SOARES, Carla. Eu adoro morar aqui. *Outra cozinha*. Disponível em: <https://outracozinha.substack.com/p/outracozinha-44-eu-adoro-morar-aqui#details>. Acesso em: 11/01/2023.

<sup>118</sup> Descrição da *newsletter* dada pela própria autora. SOARES, Carla. Cozinhandando outras ideias. *Outra cozinha*. Disponível em: <https://outracozinha.substack.com/about>. Acesso em: 11/01/2023.

lugar da casa onde ele está colado – um cômodo que provavelmente nunca serviu nem pra abrigar uma pessoa esticada confortavelmente pra dormir, e que agora está subutilizado como um depósito de aleatoriedades e banheiro de gatos. O adesivo me incomoda pelo lugar onde ele está no apartamento, mas também porque estou detestando viver neste lugar. Tenho me sentido tão limitada, sem muitas opções do que fazer dentro de casa. Tenho pensado no quanto os cômodos são inespecíficos. São um amontoado de quadrados pequenos, distribuídos um ao lado do outro e em cima de outros no prédio, sem muita diferenciação, como um monte de carros Ford T pretos enfileirados na esteira de produção. Eu olho pra eles e fico pensando no quanto esses cômodos não comportam quase nada além de ficar olhando pra telas – a da TV, a do computador e a do celular. (Soares, 2022)

A escritora prossegue seu texto comentando a ineficiência das habitações, tanto casas quanto apartamentos, que, segundo ela, não são construídas para possuírem diferentes formas além de ângulos retos e quadrados, nem para abrigar outras atividades como hobbies como jardinagem, por exemplo. “Chega até a ser difícil imaginar que tipos de *outras coisas* poderíamos fazer numa casa”<sup>119</sup>, diz. Além do abrigo para a sobrevivência, a escritora pontua como mesmo em questões consideradas básicas, as residências têm deixado a desejar, com áreas de serviço se tornando cada vez menores ou inexistentes, “um espaço imaginário conectado com a cozinha”<sup>120</sup>, e também descreve as cozinhas como sofríveis, uma vez que em imóveis para alugar são os cômodos mais desatualizados e deslocados em relação ao restante da casa, sendo geralmente pequenas, mal iluminadas, mal ventiladas e sem superfícies como bancadas ou armários suficientes para se desempenhar com qualidade o ato de cozinhar no dia a dia.

Pode parecer que uma cozinha mais ou menos é só algo com que você tem que lidar. Mas ter uma cozinha mal ajambrada é muito desestruturante. É uma tarefa cotidiana, que a gente tem oportunidade de realizar várias vezes por dia, e por isso nesses casos vira um improviso constante. Um monte de gente adora falar sobre o prazer de cozinhar, mas pouquíssimas expõem como é difícil sentir todo esse entusiasmo num lugar que não te comporta. (Soares, 2022)

Esse não caber em um espaço destinado a uma atividade essencial de sobrevivência, onde não se pode realizá-las de forma confortável, sendo também percebido pelo corpo, é um dos motivos para o desgaste e o estresse durante essa tarefa. Carla diz sobre seu incômodo em relação à como a possibilidade de espaços mais iluminados, varandas, e áreas verdes poderiam fazer da experiência de viver nas grandes cidades algo menos estéril. Porém, atualmente são itens considerados artigos de luxo pela sua indisponibilidade ou inacessibilidade para a maioria da população. Esses incômodos se tornaram gritantes durante a pandemia e a impossibilidade de sair para realizar outras atividades fora de casa, levando a

<sup>119</sup> SOARES, Carla. Eu adoro morar aqui. *Outra cozinha*. Disponível em: <https://outracozinha.substack.com/p/outracozinha-44-eu-adoro-morar-aqui#details>. Acesso em: 11/01/2023.

<sup>120</sup> Ibidem.

concentração delas em espaços insuficientes e inflexíveis, deixando a vida com essas características também.

A pandemia deixou mais claro que nossas casas não são tão confortáveis, nem abraçam tantas possibilidades. Muitas pessoas, porém, precisavam permanecer muito tempo nesses espaços bem antes da pandemia. Pessoas com mobilidade reduzida, pessoas em regime de home office, mães com crianças recém-nascidas sempre ficaram mais tempo nesses ambientes e precisavam de outras possibilidades. A proporção de opções que contempla outras funcionalidades, no entanto, sempre foi muito pequena. As nossas casas hoje na maioria das vezes são pensadas pra serem dormitórios, em que a gente deve se dirigir pra passar a noite na frente de uma tela à escolha, até dar a hora de tomar um banho e dormir pra trabalhar no dia seguinte. Por mais bem decoradas e aconchegantes que a gente tente torná-las, se a gente olhar pra estrutura bruta dos cômodos essa é a função básica de uma casa que a gente vai encontrar. É também por isso que foi tão desconfortável ter que permanecer tanto tempo nesses espaços na pandemia: porque eles não comportam que a gente crie muitos momentos de respiro nem quando a gente tem tempo pra isso. Minha imaginação fica vagando nessa possibilidade longínqua de mudança nas construções, mas a razão pra ficar sonhando não é só pelo desconforto com a minha casa neste momento, que me faz desejar que as coisas sejam bem diferentes. Os espaços que construímos são um espelho daquilo que a gente entende que precisamos, mas o contrário talvez seja ainda mais importante. Os espaços também moldam a forma como a gente é capaz de imaginar e estruturar o mundo. As construções fazem a gente organizar mentalmente como as coisas podem ser. (Soares, 2022)

Carla ainda diz que “as construções são tentativas da gente alterar uma percepção de um mundo selvagem pra algo mais confortável e gentil”<sup>121</sup>, e a pandemia trouxe a casa como um espaço “a salvo” do vírus. Mas não é possível dizer que de modo geral era uma espécie de conforto, ainda que para muitos tenha trazido algumas comodidades. A dureza e a separação pelo confinamento, segundo a autora, trouxeram uma hostilidade devido à forma de construção dos espaços onde ficamos enfiados para nossa própria proteção. Carla, ainda que não seja arquiteta de formação, possui uma compreensão muito preciosa dos elementos constituintes da linguagem visual que delimita espacialidades. Sua percepção de que a casa pode ser mais do que uma caixa onde nos interiorizamos cada vez mais e nos voltamos apenas para dentro é de extrema importância para a concepção de arquiteturas mais gentis, por meio da qual a autora sonha com modos de viver igualmente mais generosos com a própria vida:

As paredes são uma lembrança bastante sólida de como podemos nos sentir nessa relação com o mundo. É por isso, por exemplo, que uma casa sem paredes internas, em que a privacidade pras pessoas que vivem lá dentro está diminuída, pode fazer com que as pessoas tenham que aprender a ser mais aberto. Excesso de vidros e aberturas podem criar uma disposição de transparência. Lugares pequenos demais podem ensinar a nunca demandar espaço e a se contentar com pouco, ao mesmo tempo que também pode te conectar com a necessidade de ir pra fora, já que a sensação de confinamento pode ser intolerável. Alterar esses detalhes construtivos, então, faz surgir diferentes disposições e disponibilidades. Eu fico me perguntando:

---

<sup>121</sup> Ibidem.

como as nossas casas seriam se fossem um ponto de partida pra vida e não um tipo de caixa em que a gente se fecha dentro? (Soares, 2022)

Carla traz em seu texto o filósofo Alain de Botton e o livro “Arquitetura da felicidade” e suas noções dos “espaços não como um refúgio, mas incorporados ao mundo”<sup>122</sup>. O sentimento de acolhimento e presença no mundo, ausente nas construções atuais segundo a autora, demonstra como a arquitetura tem se voltado para a criação de coisas que estamos privados, como uma piada de mau gosto, onde os espaços fingem ser o que não são como um tipo de pastiche. Ela retoma modismos como os “espaços instagramáveis” dentro das casas, levando seus moradores, por exemplo, a povoarem de plantas apartamentos completamente distantes do contato com a natureza do lado de fora.

Por mais que o mundo natural nas cidades seja mesmo escasso e a gente queira ter um pouco mais de verde por perto e não saiba viver sem um vasinho de plantas, a ideia de uma *floresta* em um lugar fechado e isolado como a sala de um apartamento é uma cópia deslocada de uma coisa que não tem como existir naquele lugar fechado. Não é imitando uma floresta, com sua exuberância e excesso, que você vai encontrar conforto na cidade. A floresta é uma lembrança permanente de algo que a cidade infelizmente nunca vai poder ser. É preciso pensar em como estar mais em contato com o espaço urbano de maneira confortável, com o que ele tem de melhor, e com o que pode ser melhorado, e não dar um jeito de fugir dele. É encontrar nas experiências a melhor parte de estar nelas, em vez de arranjar a melhor rota de escape enquanto continuamos mais ou menos por ali. (Soares, 2022)

Essa fala de Carla suscita alguns pontos, ainda que seja pertinente ao se questionar a forma como há falseios da realidade nas tentativas de como implementar elementos do lado de fora do lado de dentro das casas, se torna um tanto complicada quando a possibilidade de estar em contato com a floresta, por exemplo, é suspensa, ainda que temporariamente. Ela ainda menciona a questão de como existe um costume de se prestar atenção na decoração diante da impossibilidade de mudar a matéria bruta estrutural dos espaços onde moramos, “nas miudezas de uma casa como uma expressão das nossas identidades”<sup>123</sup>. Miudezas essas que ela mesma pontua serem intervenções mais acessíveis do que as mudanças mais profundas na configuração espacial das habitações, muitas vezes alugadas.

Às vezes penso que as casas em que vivemos têm tantas faltas porque é como se dependessem da nossa insatisfação difusa, pra que a gente possa ficar comprando objetos que mudem o ambiente. E não raro, a gente termina um pouco soterrado por essas possibilidades, muitas vezes tentando destrilhar as casas das sucessivas decorações. É um sinal de que a coisa não funciona. As estruturas de onde moramos, com o perdão do trocadilho, são concretas demais. Perceber quantas mudanças poderiam ser feitas nas nossas casas, que cada vez parecem mais estranguladas por cidades apinhadas que sofrem um monte com a especulação imobiliária, pode dar uma sensação de impotência, e que mudanças nessa esfera são só uma utopia boba.

---

<sup>122</sup> Ibidem.

<sup>123</sup> Ibidem.

Mas as coisas com as quais a gente sonha, mesmo que agora não sejam acessíveis, ficam ali guardadas e vão transformando devagarinho, às vezes ao longo de gerações, o mundo que a gente vive. (SOARES, 2022)

Existem vários pontos a serem explorados nesse trecho. Um deles, retomando o livro “Domesticidades”, de Renata Marquez e Wellington Cançado, é a maneira como a presença de cacarecos, ainda que sobreposta a necessidades reais de qualidade do espaço, é uma parte relevante para a construção do morar e das domesticidades. É possível supor que, dado aprisionamento em um espaço precário durante a pandemia, não se note tanto como as miudezas tem sua poesia própria. Pode parecer um tanto deprimente ou até mesmo superficial esse apego a detalhes que muitas vezes mascaram e não riscam estruturas e problemas maiores, mas é como se esses bibelôs fossem os agrados aos olhos e um símbolo da vida como algo que existe. Sinais de que, ainda que sufocados, existem artefatos de uma experiência vivida dentro ou fora de casa que deixaram vestígios e permanecem ali, como uma arqueologia do cotidiano impressa no lado de dentro.

No capítulo “Existenzminimum”, Marquez e Cançado falam um pouco sobre a ocupação de espaços pequenos, mínimos, dentro das residências fotografadas.

Freestyle: estilos diversos e desconexos compõem o cenário residencial cotidiano programado pela pseudo-ciência arquitetônica, pelas supostas necessidades mínimas de moradores (compradores) genéricos e pela economia de meios (e de espaço). Mas, como em uma vingança histórica contra esse projeto de vida simplificada e de domesticidade perdida, o cotidiano avança sobre os cubículos exíguos amortecendo a sua funcionalidade retórica; inventa uma diversidade que não resulta de uma censura sobre si própria, de uma ascese, mas do conforto da ideia de reino: meu lar é meu castelo! (Marquez, Cançado, 2010, p. 108)

Para a historiadora Vânia Carneiro de Carvalho, no texto “As esculturas inspiradas na vida galante: um exercício de análise”, esses pequenos objetos dizem até mesmo de uma forma de relação com o espaço da casa. Carvalho, para além da discussão sobre gênero e artefatos da vida doméstica presentes no texto que serão abordadas aqui posteriormente, traz o pensamento de Jean-Pierre Warnier para o debate sobre os cacarecos que contribuem para a construção de uma domesticidade:

Jean-Pierre Warnier oferece-nos uma ferramenta metodológica muito útil para entendermos a diversidade de apropriações que fazemos do mundo material e, portanto, a diversidade identitária que essa materialidade promoveria. Ele nos diz que os objetos são como próteses do nosso corpo, mas não próteses que completam algo que um dia existiu e que agora falta, como uma perna amputada, um dente perdido. O ser humano dependeria essencialmente de próteses materiais para viver e se constituir como humano. Apoiado nas noções de técnicas do corpo lançadas por Marcel Mauss, Warnier desenvolve o conceito de síntese corporal para demonstrar que o indivíduo, ao utilizar um determinado repertório de artefatos (próteses), produz um corpo que será tão diferente de outros quanto for o conjunto de próteses

materiais que ele selecionou e articulou em uma combinação *sui generis*. Sem almejar o desenvolvimento de uma antropologia do indivíduo, como é o objetivo de Warnier, essas noções sensibilizam o historiador para o entendimento das mudanças possivelmente ocorridas nos corpos de homens e mulheres quando deixam para trás o espaço público da cidade e ingressam no ambiente doméstico de suas residências. O que muda nessa passagem? Apenas os sentidos construídos na casa com os objetos de decoração e conforto? (Carvalho, 2017, p. 257)

Carvalho retoma também em sua análise o antropólogo inglês Alfred Gell e sua noção de agenciamento das obras de arte pelo mecanismo de captura, tal qual uma armadilha, através da fascinação e do encantamento.

Ao entrar em casa, o corpo carrega consigo os efeitos das experiências vividas no exterior – diferentes movimentos, ritmos, sons, engajamentos da atenção, tensões, a memória dos esforços realizados. Não são os sentidos dos objetos que reprogramam o corpo que adentra o território doméstico, mas os próprios objetos que propiciam que novas formas de viver sejam experimentadas. (Carvalho, 2017, p. 269)

Durante a pandemia, a etnógrafa e artista visual Paula Zuccotti iniciou um projeto chamado Lockdown Essentials<sup>124</sup> (Essenciais do Confinamento) ou Arqueologia do Futuro do Lockdown Global. A proposta de Zuccotti, seguindo a linha de outros trabalhos realizados anteriormente, era inventariar objetos e fotografá-los a partir da pergunta “quais os 15 objetos que estão te ajudando nessa jornada?” A escritora Luciana Andrade<sup>125</sup> diz que

a ideia do projeto é capturar o que mudou nesse susto todo e narrar por meio dos objetos as diversas formas que as pessoas encontraram para processar esse momento tão difícil (pra mim, simplesmente não deveriam existir frases começando com ‘*o bom da pandemia é que*’, porque NÃO HÁ). a forma como trabalhamos, nos divertimos, nos conectamos, o que vestimos, o que comemos, o que priorizamos – impressionam o alcance e a profundidade das mudanças. (Andrade, 2021)

Para ela, seus essenciais do isolamento são esses:

---

<sup>124</sup> ZUCCOTTI, Paula. Future Archeology of a global lockdown. Disponível em: <https://lockdownessentials.org/>. Acesso em: 07/04/2024.

<sup>125</sup> ANDRADE, Luciana. essenciais no lockdown. *flows magazine*. Disponível em: <https://flowsmagazine.substack.com/p/os-essenciais-no-lockdown>. Acesso em: 06/04/2024.



**Figura 05: Essenciais do isolamento de Luciana**

Disponível em: <https://flowsmagazine.substack.com/p/os-essenciais-no-lockdown>. Acesso em: 07/04/2024

Zuccotti arquivou essa série de fotografias de inventários em seu site, reunindo mapeamentos de intimidades de diversos países. O Brasil possui quatro registros desses fragmentos de domesticidade em um estado de exceção. Para Valeria, em Olinda, por exemplo, esses são seus essenciais<sup>126</sup>:



**Figura 06: Essenciais do isolamento de Valeria**

Disponível em: <https://lockdownessentials.org/Valeria>. Acesso em: 07/04/2024

Acompanhado de sua lista descritiva que diz os porquês de sua escolha:

1. Celular. É meu principal meio de comunicação entre amigos e familiares, assisti lives e acessei muito as redes sociais

<sup>126</sup> ZUCCOTTI, Paula. Essenciais do isolamento de Valeria. Future Archeology of a global lockdown. Disponível em: <<https://lockdownessentials.org/Valeria>> Acesso em: 07/04/2024.

2. Remédio. Tomamos ao menor sinal de doença e/ou para ansiedade
3. Bíblia sagrada. Usamos muito para fortalecer nossa fé e aprendermos mais sobre ela
4. Álcool 70%. Passou a fazer parte do nosso dia a dia, dentro e fora de casa, nas mãos e objetos
5. Água sanitária. Essencial para higiene da casa, calçados, roupas para desinfecção, triplicamos o consumo
6. Máscara. Todos nós usamos com muita frequência, um pouco difícil, mas imprescindível
7. Forma de bolo. Aprendi e fiz muitas receitas e fiz algumas de minha própria ideia
8. Caderno. Com aulas remotas das crianças, ajudei muito nas atividades e trabalhos escolares
9. Livros. Leio com muitos mais frequência e incentivo a todos lerem também para trocarmos conhecimentos
10. Material de Costura. Faço muito, consertos em geral, criei novas peças, reaproveitei muitos tecidos
11. Jogos de Tabuleiros. Excelente opção para nos divertir em família e estimular o raciocínio utilizamos com frequência
12. Brinquedo Pet. Ficamos mais com nossos animais, interagindo melhor e nos divertindo muito
13. Flauta doce. Como sempre fui apaixonada por música aproveitei para aprender o básico de flauta doce, gostei bastante
14. Artesanato com Recicláveis. Pesquisei, criei formas de reutilização de plásticos, caixas para decoração, fiz um porta fósforo de caixa de leite líquido
15. Fone de Ouvido. Ouvi muita música, principalmente da minha playlist, muito relaxante

(Zuccotti, 2021)

Esse projeto demonstra de maneira similar à publicação de Marquez e Cançado a forma como essa coletânea de objetos é parte da construção da narrativa do espaço de morar. Talvez essa versão atualizada da pergunta como “o que você levaria para uma ilha deserta?”, como lembra Andrade, é uma reformulação: “o que você considera essencial quando sua casa é uma ilha?”. Esse apego material a partir de miudezas é constituinte da memória relativa ao vivido, e nesse caso, atrelado ao espaço vivido.



**Figura 07: Brasil, 2021**

Disponível em: <https://twitter.com/oimare/status/1398332531322261511?s=20>. Acesso em: 07/04/2024

Mas é necessário retomar os questionamentos do texto de Carla Soares, uma vez que, apesar da riqueza narrativa desses bibelôs, são pontuadas questões urgentes a partir do confinamento em espaços insuficientes para a maioria das pessoas. “As vezes é difícil se dar conta do quanto é tudo tão estéril e mínimo, e como isso torna um verdadeiro desafio ver abundância nesse tipo de cenário”<sup>127</sup>, diz em outro texto. Ainda assim, ela traz uma conclusão otimista de certa forma, defendendo o sonho e as vontades de ocupar espaços maiores além das metragens quadradas irrisórias dos apartamentos nos grandes centros urbanos.

Embora não ache que essa seja a função da ficção porque sei lá pra que ela serve, e deus me livre de ficar fissurada em função, a ficção ajuda a gente a imaginar mundos. Eu fico reparando em quanta literatura distópica foi criada no início do século XX, e agora vários desses elementos que nos davam pavor se transformaram na nossa realidade. Mundos em que somos vigiados por telas, mundos em que uma teocracia cristã é o que nos governa, mundos em que não tem mais mundo. É importante se lembrar dos pesadelos, mas também é preciso sonhar. Como o pensador indígena Ailton Krenak escreveu, se estivermos caindo é melhor usar essa sensação pra construir um paraquedas coloridos e aproveitarmos a viagem. O sonho é isso. Mesmo que as janelas de onde estou sejam pequenas e o horizonte curto, não ter medo de olhar pra fora é melhor do que acreditar que é preciso simplesmente fazer as pazes com o adesivo que diz que “eu adoro morar aqui”. Imaginar o lugar em que você adoraria viver é tornar possível que ele exista. Primeiro, no pensamento; depois, ninguém sabe. (Soares, 2022)

O arquiteto Carlos A. C. Lemos, no texto “Nos processos de domesticidade, a superposição de práticas cotidianas no mesmo espaço arquitetônico”, discorre sobre a domesticidade recebendo múltiplas atividades dentro do espaço da casa. Como um estudioso da “prática a vida doméstica”<sup>128</sup>, Lemos diz sobre sua trajetória que “primordialmente, tratava das funções essenciais próprias do abrigo residencial: garantir o sono, a alimentação e a permanência sob condições variadas. Atribuições essas que hoje chamamos nos programas de necessidades de áreas de repouso, de serviço e de estar.”<sup>129</sup>

Partindo de Brasília, na década de 1960, Lemos remonta um concurso de projeto de casas populares para serem replicadas em larga escala pelo Brasil. O arquiteto se viu bastante espantado com a casa vencedora, tanto pelo seu tamanho pequeno, “absolutamente incapaz de

<sup>127</sup> SOARES, Carla. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSUFCcUra6G/>. Acesso em: 23/01/2024.

<sup>128</sup> LEMOS, Carlos A. C. Nos processos de domesticidade, a superposição de práticas cotidianas no mesmo espaço arquitetônico. In: Flávia Brito do Nascimento, Joana Mello de Carvalho e Silva, José Tavares Correia de Lira, Silvana Barbosa Rubino (orgs.). Domesticidade, Gênero e Cultura Material – São Paulo; Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2017. p. 241.

<sup>129</sup> Ibidem.

acolher uma família de porte médio”<sup>130</sup>, quanto pelas soluções propostas do vencedor para resolver o cotidiano de “cinco coitados”<sup>131</sup>:

Os pobres usuários haveriam de ter um curso especial para torná-los aptos a manusear uma parafernália de marcenaria composta de um beliche e outro "triliche" envolvidos por portas de correr escamoteando acessos e armários, por tábuas suspensas transformáveis em mesas temporárias e por bancos de assentos de levantar para guarda de objetos e assim por diante. (Lemos, 2017, p. 242)

Segundo Lemos, essa ideia provavelmente nunca ter saído do papel, mas a partir dela resolveu investigar quais seriam as expectativas proletárias de como seria uma casa ideal, que abarcasse as diversas atividades previstas em um programa de necessidades. Em 1964, o arquiteto iniciou uma pesquisa piloto sobre o tema com alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo (FAU-USP). Posteriormente, com o auxílio da professora Maria Ruth Amaral de Sampaio, a investigação teve continuidade, voltada para a autoconstrução na cidade de São Paulo, acompanhando a evolução dessas moradias ao longo do tempo. Lemos considera os exemplos sequenciais de modos de morar que chegou através de Sampaio extremamente úteis sobre a “ocorrência de sobreposições de funções, ou de atuações, num mesmo espaço doméstico.”<sup>132</sup> Uma das análises obtidas a partir dessa sequência de casas que começa pela unidade com um só cômodo além das instalações sanitárias e termina com o apartamento luxuoso dos mais ricos é:

Entre os dois exemplos extremos aludidos situam-se as casas que varia, em crescentes números de compartimentos até chegarmos a quantidades compatíveis com o conforto dos variados milionários, cada qual com a sua personalidade ou instrução. À medida que as residências crescem em acomodações, elas sucessivamente vão representando a gradação das classes sociais. Ao longo dessa progressão vão se evidenciando continuados comportamentos, intermediários hábitos ou regras regidos pela economia ou pela educação ou expectativas de seus moradores. (Lemos, 2017, p. 242-243)

Na casa de um cômodo só, foi possível notar que se superpõem-se de forma precária todas as práticas de domesticidade.

Com os seguintes acréscimos de compartimentos, as superposições tendem a se distribuir conforme as conveniências ou circunstâncias do grupo familiar. De modo geral, podemos afirmar que em todas as residências proletárias a tendência sempre foi a aceitação da sobreposição das atuações de serviço e de estar, de lazer. Nas casas autoconstruídas, as cozinhas sempre tiveram área útil privilegiada porque ali, além do preparo das refeições, a família permanece reunida nas horas livres e ali é onde a mãe costura, passa a roupa de todos, que as crianças fazem a lição de casa e que todos ouvem o rádio, sobretudo os jogos de futebol. Ultimamente, não mais que

---

<sup>130</sup> Ibidem.

<sup>131</sup> Ibidem, p. 242.

<sup>132</sup> Ibidem, p. 242.

trinta anos, a televisão tem exigido uma localização especial. Com todos de frente para ela. A classe média, em toda a sua ampla extensão entre algo carentes e algo endinheirados, por sua vez, aceita a superposição das atuações de estar e de repouso, e o símbolo dessa tolerância é o sofá-cama. Os ricos, estes não aceitam sobreposição alguma de funções ou práticas. Cada atividade do cotidiano familiar que seja no seu espaço apropriado. (Lemos, 2017, p. 243)

Na pesquisa de Lemos é possível fazer também uma aproximação com as observações de Marquez e Cançado, uma vez que em algumas casas visitadas por ele possuem intervenções similares às que surgem em “Domesticidades”:

Efetivamente posso dar variados exemplos de superposição de que tomei conhecimento pessoalmente, e aqui me lembro de dois. O primeiro refere-se a uma casa autoconstruída na Vila Maria, que visitei nos anos 1970. Fui recebido pela dona da casa num amplo ambiente de piso vermelho cimentado impecavelmente encerado. Ao fundo, mesa de tampo de fórmica, em cujo centro imperava impassível um grande vaso de flores de plástico e, atrás dela, um guarda-louças encimado pelo aparelho de televisão. Nas minhas costas, à direita, nas proximidades da porta de entrada, estava um fogão coberto por uma capa decorada com flores à volta de um dístico qualquer louvando a felicidade do lar. Ao lado dele, o botijão de gás todo envolto por uma saia vermelha de babados, do chão até o alto, onde estava instalada uma sorridente boneca de braços abertos voltados para cima. Procurei a pia e não me espantei: a torneira era coberta integralmente por uma bonequinha portando um vestido também vermelho feito de crochê. Sala e cozinha irmanadas no capricho. (Lemos, 2017, p. 243-244)

Mais adiante em seu texto, Lemos traz um breve panorama histórico sobre os edifícios de apartamentos no Brasil, que passaram por um preconceito da classe média no início do século XX:

Somente a partir da segunda metade dos anos 1920 é que surgiram entre nós esses edifícios multirresidenciais, sempre alugados, como se suas unidades fossem autônomas, verdadeiras residências de duplo acesso, dispondo de entrada dita "social" separada da de "serviço". O Brasil, você pode não acreditar, foi o único país a instalar em seus edifícios de moradia coletiva duas circulações desde o pavimento térreo discriminando padrões de serviços e de fornecedores de mercadorias em geral. (Lemos, 2017, p. 244-245)

Lemos conta também de uma tentativa frustrada de monges de São Bento de propor habitações em pequenos apartamentos de um só quarto banheiro, como quartos de hotel em São Paulo. Esse tipo de moradia foi bastante utilizado na verdade por homens abastados da sociedade paulistana para furtivos encontros amorosos, recebendo o nome de *garçonnières*. Lemos pontua que esse precursor do que entendemos hoje como as quitinetes proliferam moderadamente a partir de 1920, mas de uma forma bastante particular no Brasil. Sua popularidade passa pela aceitação por parte da classe média da superposição de atividades domésticas em um mesmo espaço, apenas no início dos anos 1950.

Trazendo para o contexto do século XXI, o autor menciona a presença de dispositivos como o computador, que corroboram essa superposição concentrada nos

ambientes dos dormitórios nas casas de famílias de classes média e alta. Essa concentração também demarca os quartos como espaços exclusivos, isolados do restante da casa, não mais apenas para o ato de dormir. Porém, essa retirada dos espaços comuns como prioridade, traz modificações significativas para o projeto do restante de uma unidade habitacional:

Em nossos dias, os arquitetos quando equacionam com os seus clientes os programas de necessidades das moradias em vista, já de comum acordo, minimizam as chamadas "áreas de serviço", cujo centro sempre foi a cozinha. Essa é a verdade de hoje, depois de alguns milhares de anos, a função cozer deixa de ser o centro do interesse do lar, e a lareira dos *livings* das casas chiques é o símbolo dos dias primevos em que à roda do fogo se trocou o cru pelo cozido. Realmente, podemos com facilidade acompanhar a involução das zonas de trabalho das moradias provocada pelo progresso, que gradativamente retirou e retira da domesticidade atuações, levando-as para extramuros graças à operosidade da indústria surgida após à Revolução Industrial, que deu início à luta pela equiparação do gênero feminino ao machismo. Tudo isso que agora acabo de afirmar está entrelinhas no magnífico livro de Siegfried Giedion – *Mechanization Takes Command: A Contribution to Anonymous History*. Essa é uma obra fundamental para compreendermos a casa de hoje, totalmente livre da obrigatoriedade de mão de obra destinada ao manuseio de gêneros alimentícios e, sobretudo, de limpeza da parafernália ligada à produção culinária. Adeus às panelas, frigideiras e caldeirões. Hoje já existe muita gente sobrevivendo em seus domicílios neste império dos congelados, somente com o auxílio do microondas e de mais dois ou três eletrodomésticos. Em suma, ainda com a previsão de pequena pia e de diminuta máquina de lavar, pode-se ter um centro gastronômico perfeitamente sobreposto à área de convívio familiar, à zona de estar, de lazer e de receber. (Lemos, 2027, p. 247)

Aqui percebe-se a imposição que a arquitetura coloca no cotidiano, limitando as atividades de serviço como o ato de cozinhar. As questões que Carla Soares traz em seu texto são parte de um projeto de restrição espacial, que de fato cria barreiras para habitar o espaço doméstico além do descrito em um programa inicial de necessidades, solicitado muitas vezes por pessoas que no final das contas não vão morar ali. Quando Lemos diz “adeus às panelas e caldeirões” e menciona o “império de congelados”, é possível perceber também uma aproximação com o contexto recente da pandemia, principalmente a partir de uma declaração recente do presidente do Ifood, maior empresa de entregas da América Latina. Fabrício Bloisi diz que “em dez anos, ninguém mais vai cozinhar”<sup>133</sup>, em uma previsão de que o preço da comida fora de casa “compensará o abandono do fogão”<sup>134</sup>. Declarações como essa beiram o absurdo, dado o funcionamento da própria plataforma do Ifood que trabalha com a precarização de seus entregadores<sup>135</sup>, que vale ressaltar, trabalharam de forma mais intensa

---

<sup>133</sup> WIZIACK, Julio. Em dez anos, ninguém vai mais cozinhar, diz presidente do iFood. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painelsa/2024/02/em-dez-anos-ninguem-vai-mais-cozinhar-diz-presidente-do-ifood.shtml>. Acesso em: 30/03/2024.

<sup>134</sup> Ibidem.

<sup>135</sup> The Intercept Brasil. iFood: um caso mórbido de precarização. *Outras mídias*. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/ifood-um-caso-morbido-de-precarizacao/>. Acesso em: 30/03/2024.

durante a pandemia e ainda não possuem definição regulamentada de direitos trabalhistas<sup>136</sup>. Além disso, obliteram o trabalho reprodutivo implicado no ato de cozinhar ao se supor sua terceirização quase completa.

Voltando para o texto de Carlos A. C. Lemos, o autor diz que:

O já citado progresso trazido pelas sucessivas descobertas e invenções obviamente também está afetando o modo de viver em geral e, nas residências, acabou atuando nos critérios de superposição de maneira tal que, sobretudo nas moradias da classe média, as variadas categorias das atuações, todas elas, possam coexistir num mesmo ambiente. Apenas as instalações sanitárias estarão localizadas à parte. No resto da casa, tudo será permitido em qualquer lugar. Tudo será taxado como "estar". (Lemos, 2017, p. 248)

Mas que permissões de “estar” são essas, dado que esse suposto progresso também tem caminhado para a produção de espaços exíguos e ineficientes de moradia? Lemos traz novamente breve panorama histórico, dessa vez sobre as “*living rooms*” brasileiras. Desde o período colonial havia um espaço destinado a receber visitas que encontrava-se isolado do restante do ambiente íntimo das residências. Vale mencionar que esse resguardo, para além da separação de estranhos do espaço familiar, se dava principalmente para uma suposta proteção das mulheres.

Nas residências rurais havia sempre um quarto acessível por alpendre, este, o local apropriado para a intermediação entre o público e o privado. Nas cidades, esse mister de manter a família resguardada era garantido pela sala da frente, com sua janela aberta para a rua. Visitas, apenas as de familiares bastante chegados, que eram recebidos na "sala de dentro". Nesse aposento, em geral, de grandes proporções, é que se davam as refeições e as rezas coletivas, reunindo todos da família. (Lemos, 2017, p. 248)

Como um limite entre dentro e fora que não era recomendado de ser ultrapassado, a sala era o mais próximo ao exterior da moradia que as mulheres poderiam usufruir, uma vez que as ocupações masculinas eram fora de casa. Esse espaço também concentrava a temporalidade do dia até o século XIX, com o surgimento da eletricidade, que proporcionou a ocupação da sala também em períodos noturnos, modificando também a hora do jantar. Lemos também menciona a disseminação do rádio como um “grande aglutinador da família”<sup>137</sup>, em torno do qual as pessoas se reuniam para ouvir seus programas, função

---

<sup>136</sup> FILHO, Aluizio Falcão. A dura realidade que confronta direitos trabalhistas e empregos. *Exame*. Disponível em: <https://exame.com/colunistas/money-report-aluizio-falcao-filho/a-dura-realidade-que-confronta-direitos-trabalhistas-e-empregos/>. Acesso em: 30/03/2024.

<sup>137</sup> LEMOS, Carlos A. C. Nos processos de domesticidade, a superposição de práticas cotidianas no mesmo espaço arquitetônico. In: Flávia Brito do Nascimento, Joana Mello de Carvalho e Silva, José Tavares Correia de Lira, Silvana Barbosa Rubino (orgs.). *Domesticidade, Gênero e Cultura Material* – São Paulo; Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2017. p. 249.

posteriormente atribuída também à televisão. Segundo Lemos, a sala de visitas ou estar passou a ser uma parte básica no programa de necessidades das casas de classe média do século XIX em diante. Ao concluir o texto, falando da contemporaneidade, o autor diz:

O computador com a sua internet subverteu tudo. Em pouco tempo, apossou-se do telefone e da televisão e, depois de alguns anos após sua divulgação, encastelou-se nos telefones celulares, para em seguida imperar nos tablets e *iPads*. Esses aparelhos de comunicação, hoje no Brasil, igualam-se ao número de habitantes. Para esses apetrechos não existem mais classes sociais, absolutamente todos são seus escravos. Conhecidos fraternizam-se com conhecidos, que também conversam com desconhecidos e estes, entre si, também se comunicam, iniciando virtualmente amizades improváveis. Todos sabem de tudo. Não há mais segredos. Essa conexão universal de mentes, em futuro próximo, fará com que sejam desnecessários encontros ou confraternizações entre pessoas, mas ainda não podemos intuir como irão perdurar amizades, namoros e amores. As casas serão mais "inteligentes", funcionando plenamente mediante simples apertos de botões ou de ordens saídas de celulares dos carros bloqueados por congestionamentos mil. E as famílias serão compostas de indivíduos portadores da mesma chave, que abrirá a fechadura única do lar. Da domesticidade de então nada sei dizer. (Lemos, 2017, p. 250)

Lemos traz vislumbres de um futuro similar às possibilidades levantadas pela *House of the Future* dos Smithsons, ainda que muitos anos depois. Mas o futuro que veio foi mais dramático: os espaços das casas brasileiras da classe média, ainda que dotados de vários privilégios, se tornaram insuficientes, pararam no tempo. Carla Soares morava de aluguel em um deles, uma realidade bastante comum no Brasil, onde esses apartamentos do século XX são atualmente oferecidos para aluguel nas grandes cidades, abrigando conjunções familiares diferentes daquelas para as quais foram propostas originalmente. As tarefas que se sobrepõem no mesmo cômodo atualmente se somam continuamente, deixando essas residências empilhadas com uma pilha ainda maior de atividades para abrigar, muitas vezes sem espaço para caber toda uma vida dentro delas. A domesticidade aqui encontra seus impasses: ainda que lidando com sua extensão ao virtual, mencionado nos capítulos anteriores, o físico também se impõe de forma dramática com o isolamento. Por mais que essa hibridização do cotidiano privilegie a concentração das atividades antes presenciais em torno e dentro de telas, as precariedades do restante dos espaços de morar também ficaram mais nítidas. Apesar de trabalho, estudo, lazer, entre outras atividades, não se situarem durante a pandemia da porta para fora, percebe-se a impossibilidade de tentar fazer caber tudo da porta para dentro.

## CAPÍTULO 5

### ESPERANDO O NOVO NORMAL

Ela imaginou que ali seria um bom lugar  
para não pensar tanto em si mesma  
prestar mais atenção  
no mundo  
um novo contrato com as coisas  
ela pensou, talvez,  
seguir rigorosamente o regulamento  
de um prédio (isso se parece  
com um plano)  
morar no fracasso de um projeto  
no futuro tal como ele era  
o passado nunca é pessoal, ela pensou,  
talvez, mas o presente sempre  
alguma beleza nisso, não propriamente  
beleza, não exatamente nisso

Envelhece mal o futuro, sempre?

(Marques, 2017, p. 33)

Quando peguei Covid, até fazer o exame que comprovasse, já previa o resultado por dois fatores: febre e uma sensação horrorosa de perda do paladar. Nessa época pelo menos uma dose da vacina já tinha sido liberada, o que aliviou a barra da doença como um todo, evitando um quadro pior. É claro que meu companheiro também se contaminou. Se já existia um estado de apreensão ininterrupta do medo da contaminação sem estar doente, com a contaminação a situação ficou ainda mais agravante. O medo do que podia acontecer ainda existia, o medo de contaminar os outros, o medo de não melhorar logo, e, mesmo que num quadro brando, existia sim um medo de morrer. A vida exigiu uma compreensão de uma contradição inerente a estar em meio a tanta coisa ao mesmo tempo, a tantos sentimentos conflitantes, como tentativa de manter a cabeça no lugar. Hoje as memórias se embaralham, acontece. Não sei se por uma Covid Longa ou por uma exaustão de uma vida que levou seu seguimento acelerado muito a sério. Uma amiga perdeu o pai nesse meio tempo para esse vírus, quando ainda não haviam vacinas disponíveis no Brasil. É inevitável pensar que de todo modo tive sorte. Não passei pela solidão do isolamento, tive companhia, tive casa, tive até algumas alegrias. Não perdi ninguém.

\*\*\*

O primeiro conto do livro “O inconsciente corporativo”, do escritor brasileiro Vinícius Portella possui o título de “Concentração”, no qual, segundo a escritora e jornalista Veronica Stigger na orelha do próprio livro, o narrador “abre uma mensagem no WhatsApp que congrega tudo numa espécie de *aleph* digital”<sup>138</sup>. Stigger segue dizendo que “[...] essa virtual abertura ao infinito que nos atrai na tecnologia, ao mesmo tempo que nos enreda, como a um inseto na teia da aranha”<sup>139</sup>. A última parte desse conto de apenas duas páginas diz:

Volta pro WhatsApp, mas chegaram mensagens novas em outros grupos. Uma delas é o print de uma interação entre um bolsonarista alucinado e um troll de esquerda, outra é o link de uma reportagem sobre uma chacina no Rio, outra é um gráfico que compara todas as pesquisas eleitorais e faz um meta-agregado complexo, outra ainda é um nexa enovelado de nexos aninhados, vórtice espiralado em que todas as conexões contêm todas as demais conexões, todas as interações apontam umas pras outras, todas as trocas circulam todas as trocas em cima das quatro ou cinco plataformas que em breve (já, já mesmo) passarão seu rolo compressor em todas as superfícies disponíveis, incluindo tudo que ainda não tá lá, tudo que é o caso se nivelando enfim na mesma maçaroca de conteúdo indistinto, ruído branco e rosa ocupando todo o espectro disponível em bloco, nada saindo jamais de dentro daqueles dutos, sem escapatória possível, nem descanso, nem fissura, nada que tem peso podendo sequer pensar em escapar a esse único molde pra moldar todos os outros, única modulação pra encontrá-los, única moldura pra congrega-los e atá-los na mesma luz nauseante (ricocheteando sem parar como luz nos cabos submarinos, agora mesmo, emanada ao seu redor como onda de rádio), único enquadro do que se pode, único filtro do que se dá. (Portella, 2023, p.12.)

No conto “O Aleph”, referenciado por Stigger, do escritor argentino Jorge Luís Borges, o narrador-protagonista também se depara com essa espacialidade abstrata situada em um local específico, capaz de abrir as infinitas possibilidades de conhecimento e de existência. Borges, um dos mais renomados autores de literatura fantástica da América Latina, é referenciado ainda em outros contos de Portella, como naquele voltado para a inteligência artificial que vai sendo criada nos moldes da Biblioteca de Babel borgiana. É curiosa a escolha de utilizar o fantástico para narrar o cotidiano imerso em tecnologia, mas ao mesmo tempo, sua proximidade com a magia em seu encantamento e captura do olhar é bastante coerente. No conto de Borges, o personagem encontra o *aleph* em determinado degrau de uma escada em um porão e tem que se agachar de uma maneira específica para vê-lo.

Esclareceu que um Aleph é um dos pontos do espaço que contém todos os outros pontos.

– Está no porão da sala de jantar – explicou, com a dicção acelerada pela angústia. – É meu, é meu: eu o descobri quando criança, antes da idade escolar. A escada do porão é empinada, meus tios tinham me proibido de descer, mas alguém disse que havia um mundo no porão. Estava se referindo, só soube depois, a um baú, mas

<sup>138</sup> STIGGER, Veronica. Texto de orelha do livro. In: Vinícius Portella. O inconsciente corporativo e outros contos. 1. ed. – São Paulo: DBA Editora, 2023.

<sup>139</sup> Ibidem.

entendi que havia um mundo. Desci secretamente, rolei pela escada proibida, caí. Ao abrir os olhos, vi o Aleph.

– O Aleph? – repeti.

– Sim, o lugar onde estão, sem se confundirem, todos os lugares do planeta, vistos de todos os ângulos. Não revelei a ninguém minha descoberta, mas voltei. O menino não podia compreender que esse privilégio lhe fora concedido para que o homem burilasse o poema! [...]

Procurei refletir.

– Mas o porão não é muito escuro?

– A verdade não penetra num entendimento rebelde. Se todos os lugares da Terra estão no Aleph, aí estarão todas as luminárias, todas as lâmpadas, todas as fontes de luz.

– Vou vê-lo imediatamente. (Borges, 2008, p. 145-146)

Hoje, com telas lisas e brilhantes, temos acesso à “alephs” na palma da mão, a qualquer hora do dia, o dia todo. Trazendo para o contexto do isolamento, essa disponibilidade de informação e de múltiplas formas de presença *online* 24/7 reforçou a ubiquidade da internet quase como algo etéreo que passou a dar liga à vida, obliterando muitas vezes o fato de que ela própria também é feita de matéria física como cabos subterrâneos que atravessam oceanos e computadores gigantescos em desertos que armazenam dados. Em um “presente infinito”<sup>140</sup>, dilatado, ela abriga “um tempo inchado e com coisas sobrepostas, meio paralisante”<sup>141</sup>, passado e futuro coexistem como no vórtice de Borges.

Não me espanta (*chocada, mas jamais chocada*) que a gente se veja em meio a tantas realizações de futuros distópicos ou relatórios que eram pra ser de tendências acontecendo agora mesmo. Coisas que antes eram projetadas como algo distante. Chegamos ao futuro e agora ele virou presente, essa masmorra do presente distópico, onde tudo é acelerado e vai meio se repetindo, assumindo rumos *previsíveis* – afinal, a gente sente e sabe onde tudo isso vai dar (e *tudo isso* pode ser qualquer coisa, do aquecimento global à epidemia de burnout, passando pelo capitalismo destruindo ainda mais etc). [...] A adesão cada vez mais automática ao novo, em vez de nos apontar um futuro, parece nos aprisionar num presente exaustivo e capitalista que se renova e oprime. a profecia da música de fim de ano, em que *o futuro já começou* meio que se realiza – mas não sei se a parte *da festa é nossa* vai rolar aqui no nosso humilde compartimento do titanic. (Andrade, 2023)

Mas esse presente infinito também se demarca pela monotonia do confinamento no mesmo espaço. As fronteiras borradas entre o trabalho que seguiu sendo realizado em regime de *home office*, por exemplo, trouxe para muitos a sensação de não saber onde começa e onde termina o trabalho. Digo onde para o espaço e para o tempo, porque o espaço é o mesmo de outras atividades, e o tempo dentro de casa também pode abrir brechas para misturar tudo.

<sup>140</sup> ANDRADE, Luciana. presente. flows magazine. Disponível em: <https://flowsmagazine.substack.com/p/presente>. Acesso em: 23/01/2024.

<sup>141</sup> Ibidem.

Para a escritora maranhense Luisa Pinheiro, no texto “Um gostinho de *home office*”<sup>142</sup>, uma das maiores questões dessa concentração das atividades em casa, foi a ausência de zonas de transição entre o que era e o que não era trabalho.

Como estabelecer uma divisão entre a casa e o escritório improvisado? Como adaptar o ritual de sair do trabalho que, em outros tempos, seria o óbvio trajeto de transporte público até em casa? Como parar de pensar na solicitação de cliente ainda não respondida se o equipamento da empresa me encara 24 horas por dia? [...] Agora sobra tempo pra pensar: será que devo me arrumar antes de começar a jornada? Será que faz sentido colocar uma roupa de trabalho? É possível se atrasar quando você não pode culpar o transporte público? Se eu bater meu ponto todos os dias às 9 vai parecer que a minha pontualidade é forçada? (Pinheiro, 2021)

Pinheiro fala primeiro da diferença entre casa e escritório improvisado, o comum acúmulo de tarefas do “novo normal”. Seus questionamentos passam também pela ausência das ações que fazem parte do trabalho, como o trajeto até ele, que a leva a migrar de maneira rápida do trabalho para o lazer ou descanso. Mas essa ausência de atrito entre uma tarefa e outra contribui para a dificuldade de experienciá-las, uma vez que há uma espécie de continuidade sem fim, em que trabalho, lazer e descanso não parecem ser tão discrepantes assim dentro de casa.

Outra questão que me inquieta é a eterna dúvida: como separar a casa do local de trabalho? Se tem uma coisa que não tem aqui é espaço sobrando, então essa divisão tem que ser feita na minha cabeça mesmo. Na falta de um ônibus pra pegar depois das seis da tarde, eu desligo o computador da firma e pego algum livro que esteja lendo pra me levar a outro lugar. É um tipo diferente de trajeto pra *sair* do trabalho, voltar à superfície e seguir com os afazeres. Tendo isso em mente, pelo menos não é todo dia que eu pego o celular pra dar uma olhada no Twitter e só meu dou conta do deslize às oito da noite. Estar em casa não significa ter disponibilidade pra fazer coisas o dia inteiro. Isso é óbvio, né? Mesmo assim, ainda estou me batendo um pouco com essa ideia. A hora do almoço não é infinita pra riscar todas tarefas pendentes da minha agenda, tipo negociar o valor de uma conta, colocar granola no forno, lavar a louça acumulada na pia desde a noite anterior. Então fico com a louça que esse é um bom serviço mecânico pra tirar as preocupações da cabeça e deixar o pensamento fluir pra outros lugares. Lavar louça é a caminhada que dá pra fazer dentro de casa. Ser *flâneur* entre as canecas do café e as panelas novas que ainda não perderam o teflon. A falta de uma obrigação formal que me tire de casa tem me deixado agoniada com o confinamento. Nem faz mais sentido contar os dias trancada nesses pouco metros quadrados. Dias de sol, convidativos para um passeio no parque aqui perto, são logo substituídos por semanas chuvosas em que eu agradeço poder ficar no meu canto, com os pés secos. (Pinheiro, 2021)

Ainda que o termo “novo normal” tenha sido um mantra veiculado nos primeiros meses da pandemia, na verdade mais parece que ele nunca existiu de fato. De novo não havia tanta coisa, além da incorporação de medidas sanitárias e da compreensão do isolamento como uma premissa temporária, mesmo que de mensurabilidade até então indefinida. As

<sup>142</sup> PINHEIRO, Luisa. Um gostinho de home office. *Doses de Tiquira*. Disponível em: <https://dosesdetiquira.substack.com/p/um-gostinho-de-home-office>. Acesso em: 07/04/2024.

ferramentas utilizadas para viabilizar o trabalho e o ensino remotos, como o Zoom por exemplo, já eram parte do “velho normal”, apesar de terem virado interesse de investimento e tivessem seu uso aumentado astronômicamente com o isolamento.

Essa suposta nova normalidade se esgotou muito rápido com o passar dos dias em confinamento e o peso da quantidade obscena de mortes no Brasil e no mundo. Houve uma saturação dessas mesmas tecnologias pré existentes com seu uso ampliado para as mais diversas atividades. A jornalista e escritora Carolina Ruhman Sandler, no texto “Você não vai abrir a câmera?”<sup>143</sup> menciona a fadiga dessa exposição online nessa rotina esmagadora imposta como algo dentro do “novo normal”.

Eu não aguento mais abrir a câmera no Zoom. Devo confessar: eu já menti e disse que a minha internet estava ruim. Nas primeiras vezes, me achei muito esperta – no início da pandemia, havia realmente muita gente cuja banda larga em casa não estava dando conta de tanta gente conectada ao mesmo tempo. O problema foi que não me atualizei com os tempos e, com horror, descobri que aquela tinha virado a típica desculpa esfarrapada da pandemia. Manjada mesmo, sabe, quase um meme. (Sandler, 2021)

A historiadora Lilia Moritz Schwarcz, no texto “De perto ninguém é normal (ou o ‘novo normal’)”<sup>144</sup>, enxerga o termo “novo normal” com desconfiança. “Sempre desconfio das expressões que fazem sucesso rápido e acabam servindo para qualquer ocasião. Afinal, o que explica tudo também explica nada”<sup>145</sup>, diz. Schwarcz conta também que esse termo não é recente, ainda que não se saiba exatamente sua origem, mas que tem tido uma associação a momentos em que a sociedade é colocada à prova para se reinventar em momentos de crise.

Crise quer dizer “decisão” e, portanto, parece “normal” que diante de grandes acidentes como esses, as sociedades mostrem sua capacidade para se alterar, mas para se “conservar” também. Durante muito tempo as ciências sociais, prioritariamente, se dedicaram a entender não como as sociedades mudam, mas sobretudo como elas têm essa incrível capacidade de se manter. Como dizia Lampedusa: “É preciso que algo mude para que tudo fique absolutamente igual”. E esse me parece ser o “novo normal”: ele representa, no meu entender, um esforço contínuo no sentido da preservação da sociedade (e de um determinado status quo), nem que, para que isso ocorra, ela seja levemente alterada. Isso porque a humanidade, em seu longo curso, sempre lutou pela manutenção. As pessoas também preferem estados de equilíbrio, de “normalidade”, do que viver no “caos” da novidade. Por isso, se é preciso que alguma coisa se altere, o melhor é que seja bem pouco. Considero, assim, o “novo normal” um movimento bastante conservador; no sentido primeiro da palavra: conservar. Afinal, esse seria um “novo normal” para quem? Qual seria o nosso coeficiente de “normalidade”? E qual a régua que mede e

<sup>143</sup> SANDLER, Carolina Ruhman. Você não vai abrir a câmera? *Vou te falar*. Disponível em: <https://voutefalar.substack.com/p/voce-nao-vai-abrir-a-camera>. Acesso em: 07/04/2024.

<sup>144</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. De perto ninguém é normal (ou o ‘novo normal’). *Revista Gama*. Disponível em: [https://gamarevista.uol.com.br/sociedade/de-perto-ninguem-e-normal-ou-o-novo-normal/?utm\\_medium=IG\\_Stories&utm\\_source=Social&utm\\_campaign=LivresGama](https://gamarevista.uol.com.br/sociedade/de-perto-ninguem-e-normal-ou-o-novo-normal/?utm_medium=IG_Stories&utm_source=Social&utm_campaign=LivresGama). Acesso em: 01/04/2024.

<sup>145</sup> Ibidem.

distingue o que é “normal” do que é “anormal”, ou, ainda, um “novo normal”? (Schwarcz, 2020)

No episódio “A sangria da tecnologia é consequência de um ‘novo normal’ que nunca chegou”<sup>146</sup> do podcast *Tecnocracia*, o jornalista Guilherme Felitti se pergunta, a partir de um paralelo com a peça “Esperando Godot”, de 1952, do dramaturgo Samuel Beckett: hoje, apesar da mudança drástica no dia a dia proporcionada pela pandemia, ao olhar ao redor, o que há ainda do cotidiano pandêmico? Felitti diz que “durante a pandemia, o mercado de tecnologia se convenceu de que estava entrando numa nova realidade onde o seu papel seria muito maior e mais importante do que já era e de que os outros setores se curvariam ainda mais ao seu poder.”<sup>147</sup> O jornalista diz que o termo “novo normal” foi criado como uma espécie de senha para “desbloquear um mundo” onde as nossas relações seriam cada vez mais mediadas pelas plataformas digitais, aumentando ainda mais a participação e poder das chamadas *big techs* na rotina de cada cidadão. Havia uma ideia de que todo o trabalho seria remoto e colaborativo por exemplo, e “a tecnologia imaginou um mundo de abundância digital e se preparou para ele; só que o ‘novo normal’ ‘godotizou-se’”<sup>148</sup>. Essa expectativa enorme do mercado não se realizou e as condições para que se concretizasse mudaram bastante.

Trazendo novamente a pesquisadora McKenzie Wark, essa vida já se encontra desde antes da pandemia instrumentalizada pelas plataformas e *big techs*, que Wark chama de uma classe dominante chamada vetorialista. Essa diferenciação que a autora faz dessa classe em relação à classe capitalista, como compreendida por Marx e muitos de seus seguidores, está no fato dessa nova classe possuir e poder controlar patentes que preservam os monopólios das tecnologias presentes em nosso cotidiano. A classe vetorialista explora então uma assimetria de informação, uma vez que detém de um conjunto delas, enquanto nós detemos apenas um mínimo pedaço em sua disponibilidade.

A classe vetorialista possui e controla o vetor, um conceito que uso para descrever, de forma abstrata, a infraestrutura na qual a informação é orientada, seja através do tempo ou do espaço. Um vetor em geometria é simplesmente uma linha de comprimento fixo, mas de posição não fixa. É uma forma de pensar uma tecnologia que tenha algo que molda o mundo de uma maneira particular, mas que pode também moldar diferentes aspectos do mundo. Você pode possuir estoques ou fluxos de informações, mas é muito melhor ter a propriedade do vetor, os protocolos legais

---

<sup>146</sup> FELITTI, Guilherme. A sangria da tecnologia é consequência de um “novo normal” que nunca chegou. *Tecnocracia*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1UbaYyNhlGpviJ8NXba2tl?si=30da8275cb62455c&nd=1&dlsi=a581abd6c55c407f>. Acesso em: 13/06/2023.

<sup>147</sup> Ibidem.

<sup>148</sup> Ibidem.

e técnicos para tornar escassas informações antes abundantes. [...] Talvez a classe vetorialista não esteja mais emergindo. Talvez seja a nova classe dominante. Pode-se argumentar que a informação sempre foi central para o capitalismo, que isso é apenas o capitalismo. Até certo ponto, pode ser mesmo. No entanto, até mesmo pensar que o capitalismo é sobre informação é uma perspectiva bastante recente. Acaba sendo uma forma de ver retrospectivamente todo o curso do capitalismo em termos de algo que só emergiu como um conceito e uma realidade instrumental como um de seus produtos tardios. O outro ponto a ser esclarecido aqui é que há uma diferença entre a informação como força de produção e a informação como uma força dominante de produção. A classe vetorialista não precisa mais possuir as outras forças produtivas. A Apple e o Google não fabricam de fato seus próprios produtos. Uma parte considerável daqueles que empregam diretamente não são trabalhadores, mas hackers, pessoas que criam novas informações, sejam de tipo técnico ou cultural, para serem incorporadas a produtos cuja fabricação pode ser oferecida a uma classe subordinada de capitalistas. (Wark, 2022, p. 64-65)

Somando-se ao pensamento de Wark, é relevante retomar as noções de Jonathan Crary ao falar de inovações da tecnologia como dispositivos de manutenção do funcionamento de estruturas de poder e controle:

Toda aparente novidade tecnológica é também uma dilatação qualitativa de acomodação e dependência a rotinas 24/7, e vem acompanhada de uma proliferação de aspectos que transformam um indivíduo em uma aplicação de novos sistemas e esquemas de controle. (Crary, 2016, p. 52)

Mais adiante, Crary ainda diz:

A habituação individual a esses ritmos acarretou consequências sociais e ambientais devastadoras e fez do ciclo incessante de deslocamento e descarte a norma coletiva. Como a perda é continuamente engendrada, a memória, atrofiada, deixa de reconhecê-la como tal. Muda a composição fundamental das narrativas de vida: em vez de uma sequência convencional de lugares e eventos associados à família, trabalho e relacionamentos, o principal fio condutor de nossa história de vida são as mercadorias eletrônicas e serviços de mídia por meio dos quais toda experiência é filtrada, gravada ou construída. À medida que desaparece a possibilidade de um único emprego ao longo da vida, o trabalho mais duradouro para a maioria das pessoas é elaborar sua relação com os dispositivos. Tudo que antes era vagamente considerado "pessoal" é reconfigurado de maneira a facilitar a invenção de si mesmo a partir de um aglomerado de identidades que existem apenas como efeitos de dispositivos tecnológicos temporários. [...] Dado que nossas contas bancárias e nossas amizades podem ser administradas por operações e gestos maquinais idênticos, há uma crescente homogeneização do que antes eram áreas de experiência inteiramente estanques. (Crary, 2016, p. 67-68)

Complementando também essa discussão com a professora e teórica feminista marxista Silvia Federici no texto de 2015 “Reencantando o mundo: tecnologia, corpo e construção dos comuns”, é possível perceber as formas como as ferramentas operam no contexto da sociedade capitalista neoliberal como ferramentas também de controle:

É importante lembrar que as tecnologias não são dispositivos neutros; envolvem, na verdade, sistemas de relações específicos, "infraestruturas sociais e físicas particulares" (Ullrich, 1992, p. 285), além de regimes disciplinares e cognitivos, capturando e incorporando os aspectos mais criativos do trabalho vivo usado no

processo de produção. Isso também vale para as tecnologias digitais. (Federici, 2015, p. 277)

Federici inclusive completa sua análise crítica sobre o uso dessas tecnologias no cotidiano falando que:

A informatização também aumentou a capacidade militar da classe capitalista e sua vigilância sobre nosso trabalho e nossa vida – consequências que fazem os benefícios do uso de computadores pessoais perderem seu brilho (Mander, 1991). É importante notar que a informatização não reduziu nem mesmo a jornada semanal de trabalho, uma promessa de todas as tecnoutopias desde a década de 1950, nem o fardo do trabalho físico. Estamos trabalhando mais do que nunca. [...] Com a informatização, a abstração e a regulação do trabalho estão chegando ao ápice, assim como a nossa alienação e dessocialização. O nível de estresse que o trabalho digital está produzindo pode ser medido pela epidemia de doenças mentais – depressão, pânico, ansiedade, déficit de atenção, dislexia – típica dos países mais avançados tecnologicamente, como os Estados Unidos. Essa epidemia também pode ser entendida como forma de resistência passiva, como recusa a obedecer, a tornar-se máquina e a aceitar os planos do capital, tal como se fossem nossos (Berardi, 2009). Em suma, a informatização aumentou o estado geral de sofrimento, materializando a ideia de "homem-máquina", de Julien de La Mettrie. Por trás da ilusão de interconectividade, a informatização produziu um novo tipo de isolamento e novas formas de distanciamento e de separação. O computador viabilizou o monitoramento, o registro e a eventual punição de todos os movimentos de milhões de pessoas durante o expediente de trabalho; as relações sociais se deterioraram enquanto passamos semanas diante de telas, abrindo mão do prazer do contato físico e das conversas presenciais; a comunicação se tornou mais rasa, já que a sedução da resposta imediata substitui cartas reflexivas por trocas superficiais. Também podemos constatar que os ritmos acelerados aos quais os computadores nos habituaram criam uma impaciência crescente em nossas interações diárias com outras pessoas, pois elas não acompanham a velocidade da máquina. (Federici, 2015, p. 278-280)

Apesar dos efeitos dessas plataformas terem demarcado seu lugar no cotidiano pandêmico, sua onipresença foi menor do que essa vontade de gurus tecnológicos que se colocaram como grandes salvadores da pátria que conceberam recursos que supostamente só trazem benefícios à sociedade enquanto enchem suas contas bancárias. A pandemia demarcou “serviços certos na hora certa”, como aponta Felitti no caso do Zoom e da Peloton, que estavam prontos para serem utilizados nesse período, mas mais do que nunca demonstrou como há uma precariedade absurda em colocar tantas esferas da vida sob a mediação de serviços não tão interessados em seus usuários. Porque, retomando: para as plataformas digitais não há sujeito, há um usuário convertido em consumidor.

Agimos dentro e contra um mundo que permanece outro para nós. Reduzidos a nada além de usuários, e nossas ações forçadas à forma mercadoria, nosso trabalho e jogo coletivos produzem um mundo sobre e contra nós, que persiste maciçamente em seus próprios hábitos de funcionamentos. Pior ainda, o trabalho humano coletivo criou um mundo para uma classe dominante, que continua fazendo não só a si mesma, mas a nós à sua imagem. (Wark, 2022, p. 29-30)

A ideia de conversão de todas as atividades de uma vida que já estava imersa nessas plataformas e nos afogaria com o isolamento, até mesmo aquelas realizadas por questões culturais seriam realizadas de forma online. “Pedalar, ioga, malhação, date”, nas palavras de Felitti, é miserável lembrar essa premissa anos depois, ainda que tenha sido parcialmente realizada por uma parcela da população. Mas mais miserável ainda é pensar como essa ideia de constrição dessas atividades ao confinamento como algo temporário até que as instituições sanitárias permitissem sua retomada nos espaços exteriores se apropriou de uma espécie de brilho futurista desse “novo normal”, em que a vida não *precisaria* estar mais lá fora, e poderia ser vivida completamente em seu interior regulada por seu usuário-morador.

Trazendo Beatriz Colomina novamente, dessa vez com o texto “O século da cama”, é possível fazer um paralelo dessa ideia de “novo normal” com suas observações sobre a forma como “as tecnologias eletrônicas em rede eliminaram todos os limites do que pode ser feito na cama”<sup>149</sup>. Essa ideia do espaço privado da casa como capaz de conter uma multiplicidade de atividades que costumam ser realizadas fora dela não é exatamente nova. Colomina retoma Walter Benjamin e o texto *Luis Felipe, ou o interieur*<sup>150</sup>, em que Benjamin fala sobre a demarcação da separação do espaço da casa e do trabalho no século XIX:

Sob Luís Filipe, o homem privado pisa o palco da história. [...] Pela primeira vez, o espaço em que vive o homem privado se contrapõe ao local de trabalho. Organiza-se no interior da moradia. O escritório é seu complemento. O homem privado, realista no escritório quer que o interior sustente as suas ilusões. Esta necessidade é tanto mais aguda quanto menos ele cogita estender os seus cálculos comerciais às suas reflexões sociais. Reprime ambas ao confirmar o seu pequeno mundo privado. Disso se originam as fantasmagorias do "interior", da interioridade. Para o homem privado o interior da residência representa o universo. Nele se reúne o longínquo e o pretérito. O seu *salon* é um camarote no teatro do mundo. (Benjamin, 1985, p. 37)

Assim como o Aleph de Borges, transformado por Portella que o transpôs para o contexto contemporâneo, Benjamin já enxergava a interioridade como capaz de conter um mundo inteiro. Colomina prossegue em seu texto dizendo dessas modificações até o século XXI:

A industrialização trouxe consigo turnos de oito horas e a radical separação entre casa e escritório/fábrica, descanso e trabalho, noite e dia. A pós-industrialização traz o trabalho de volta à casa e o estende ao quarto e à própria cama. A fantasmagoria já não envolve o quarto apenas nos papéis de parede, tecido, imagens e objetos. Agora, está nos aparelhos eletrônicos. O universo inteiro é concentrado numa pequena tela com a cama flutuando em um infinito mar de informação. Deitar-se não

<sup>149</sup> COLOMINA, Beatriz. O século da cama. In: Beatriz Colomina. Marian Rosa van Bodegraven e Marianna Boghosian Al Assal (org.). *Arquitetura, sexualidade e mídia*. Tradução: Marian Rosa van Bodegraven – São Paulo: Editora Escola da Cidade / Editora WMF Martins Fontes, 2023. p. 85.

<sup>150</sup> BENJAMIN, Walter. Paris, a capital do século XIX. In: KOTHE, Flavio; FERNANDES, Florestan. Walter Benjamin. *Sociologia*. – São Paulo: Ática, 1985, p. 37

é descansar, mas se mover. A cama passa a ser um local de ação. Mas o imobilizado voluntário não necessita de pernas. A cama se tornou a mais nova prótese e, todo um novo setor industrial é dedicado a fornecer dispositivos para facilitar trabalhar deitado: ler, escrever, mandar mensagens, gravar, transmitir, escutar, falar e, claro, comer, beber, dormir ou transar – atividades que ultimamente parecem ter se tornado o próprio trabalho. [...] Tudo o que é feito na cama se tornou trabalho. (Colomina, 2023, p. 86)

Mencionando também neste texto a figura de Hugh Hefner e sua Mansão Playboy, que personificava esse ideal da cama como um tipo de casa, uma vez que a partir dela Hefner controlava todo o restante dela, além de transformar seu leito em escritório e central de comando. Colomina traz ainda Jonathan Crary e sua noção de um mundo regido pela organização 24/7, ao dizer que a cama não se distancia muito do escritório nesse modo de viver regido pela produtividade ininterrupta.

Entre a cama inserida no local de trabalho e o local de trabalho inserido na cama, uma nova arquitetura horizontal assumiu o controle. Essa arquitetura é ampliada pelas "achatadas" redes das mídias sociais que foram integradas nos meios profissionais, de negócios e industriais em um colapso de distinções tradicionais entre público e privado, trabalho e recreação, descanso e ação. A própria cama, com colchão, roupas de cama e acessórios técnicos cada vez mais sofisticados, é a base de um ambiente intrauterino que combina um senso de interioridade profunda com o de hiper-conectividade com o mundo exterior. Não por acaso, a cama redonda de Hefner foi uma espécie de disco voador flutuando no espaço em um quarto sem janelas, como que em órbita, com a televisão pendurada em cima como referência ao planeta Terra. Redonda, a imagem clássica do universo. A cama hoje também se tornou um universo portátil, equipado com toda tecnologia de comunicação possível. Uma fantasia da metade do século passado tornou-se uma realidade em massa. Qual é a arquitetura desse novo espaço e tempo? Nos anos 1960 e 1970, arquitetos experimentais se dedicaram a equipar novos nômades móveis, em toda uma galáxia de interiores leves e portáteis, com espaços reclináveis e macios como centro de um complexo de extensões prostéticas. Todos esses projetos podem ser entendidos como camas de alta performance complementadas por mídia, atmosferas artificiais, cor, luz, cheiro... uma espécie de Melnikov pop-psicodélico, desta vez com o trabalhador dormindo dentro da cabine de controle. (Colomina, 2023, p. 92-93)

Colomina cita, entre exemplos do que seria essa cama habitada, a nave do filme *Barbarella*, ficção científica de 1968, que exemplifica o que seria essa Arquitetura Playboy. Mas também traz como exemplo o protesto de 1969 de John Lennon e Yoko Ono chamado *Bed-In for Peace* (Na cama pela paz), em que os dois artistas passaram o final de semana de sua lua de mel em Amsterdã na cama do hotel, na intenção de protestar contra guerras e promover a paz mundial de forma não violenta. Lennon e Ono receberam jornalistas da imprensa de todo o mundo e repetiram o slogan "faça amor, não faça guerra". Colomina diz:

A cama substituiu as ruas como local de protesto. Eles convidaram a imprensa do mundo todo para irem a seu quarto todo dia das nove da manhã às nove da noite, tratando a cama como um escritório no qual eles trabalhavam enquanto jornalistas afluíam e imagens eram transmitidas. Qual é a natureza desse novo interior no qual decidimos nos hospedar coletivamente? Qual é a arquitetura dessa prisão na qual dia

e noite, trabalho e lazer não são mais diferenciados e na qual estamos permanentemente sob vigilância, mesmo quando dormimos na cabine de controle? As novas mídias nos transformam em companheiros de cela, sob constante fiscalização, mesmo quando celebramos a conectividade infinita. Todos nos tornamos “recluso[s] contemporâneo[s]”, como disse Hefner meio século atrás. (Colomina, 2023, p. 93-95)

Pensar aqui no “Na cama pela paz” de 1969 traz a inevitável associação às manifestações dentro de casa durante a pandemia. Entre 2020 e 2023, os protestos se deram diante de uma impossibilidade de sair de casa, mas também são consequência de uma forma contemporânea de reagir às catástrofes do mundo. Os painéis marcaram os dias de indignações pandêmicas, mas também fazem parte de uma normalidade em que as manifestações não necessariamente exigem sair da cama, uma vez que existe um palco virtual para elas. Mas hoje já é possível dizer que as ruas na verdade não foram exatamente substituídas por protestos domésticos, uma vez que multidões de corpo presente são bem diferentes de multidões virtuais. Byung-Chul Han inclusive fala do tema em “No enxame: perspectivas do digital”:

O enxame digital não é nenhuma massa porque, nele, não habita nenhuma alma [*Seele*], nenhum espírito [*Geist*]. A alma é aglomerante e unificante. O enxame digital consiste em indivíduos singularizados. A massa é estruturada de um modo inteiramente diferente. Ela revela propriedades que não podem ser referidas aos indivíduos. Os indivíduos se fundem em uma nova unidade, na qual eles não têm mais nenhum perfil próprio. Um aglomerado contingente de pessoas ainda não forma uma massa. É primeiramente uma alma ou um espírito que os funde em uma massa fechada e homogênea. Uma alma de massa ou um espírito de massa falta inteiramente ao enxame digital. Os indivíduos que se juntam em um enxame não desenvolvem nenhum Nós. Não lhes caracteriza nenhuma consonância que leve a massa a se unir em uma massa de ação. O enxame digital, diferentemente da massa, não é em si mesmo coerente. Ele não se externa como uma voz. [...] Por isso ele é percebido como barulho. (Han, 2018, p. 27)

O bater painéis, ainda que tenha transitado entre essa zona limítrofe entre o protesto em coletividade e o protesto virtual, uma vez que a rua em si não estava em questão, demarcou uma atuação por parte de determinado grupo que supostamente estava respeitando o “novo normal” ao estar confinado. Mas também evidenciaram a individualização dessa manifestação em um momento em que essa mesma coletividade era dispersa, mas com as características de um “aglomerado sem reunião”<sup>151</sup> ditas por Han.

O homo digitalis ["homem digital"] é tudo, menos um "ninguém". Ele preserva a sua identidade privada, mesmo quando ele se comporta como parte do enxame. Ele se externa, de fato, de maneira anônima, mas via de regra ele tem um perfil e trabalha ininterruptamente em sua otimização. Em vez de ser “ninguém”, ele é um alguém penetrante, que se expõe e que compete por atenção. O ninguém do meio de massas,

<sup>151</sup> HAN, Byung-Chul. No enxame: perspectivas do digital. Tradução: Lucas Machado. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 29.

em contrapartida, não reivindica nenhuma atenção para si mesmo. A sua identidade privada é dissolvida. Ele é absorvido pela massa. É nisso que também consiste a sua fortuna. Ele não pode ser anônimo, pois ele é um ninguém. O homo digitalis, em contrapartida, apresenta-se frequentemente, de fato, anonimamente, mas não é um ninguém, mas sim alguém, a saber, um alguém anônimo. (Han, 2018, p. 28-29)

Lembrando que Han também fala dessa individualização em outros textos, como em “Sociedade do cansaço”, ao falar do desempenho compulsório e da oferta infinita de informações no meio digital, em que “o cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando.”<sup>152</sup> Retomando Silvia Federici, que também faz um aceno a essa forma atual de manifestação política e suas problemáticas, ainda que falando a partir do movimento Occupy Wall Street de 2011, a fala da autora pode se relacionar com o contexto da pandemia. Apesar da impossibilidade de sair, é importante compreender que essa forma de protesto foi uma alternativa temporária, e não deve ser percebida como um “novo normal” das formas de manifestação, principalmente em um período posterior em que as ruas podem e devem ser ocupadas novamente. Federici diz:

[...] devemos rejeitar o axioma comum nas análises sobre o movimento Occupy de que as tecnologias digitais (Twitter, Facebook) são catalisadoras da revolução global, da “Primavera Árabe” e do movimento de ocupação de praças. Sem dúvida, o Twitter pode levar milhares de pessoas às ruas, desde que elas já estejam mobilizadas. Ele não pode ditar como nos reunimos, seja de maneira contínua, seja na forma comunal e criativa como vivemos nas praças, fruto de um desejo pelo outro, de se comunicar corpo a corpo e de compartilhar um processo de reprodução. Como mostrou a experiência do movimento Occupy nos Estados Unidos, a internet pode ser um facilitador, mas a atividade transformadora não é desencadeada pelas informações transmitidas on-line, e sim acampando no mesmo espaço, resolvendo problemas e cozinhando juntos, organizando uma equipe de limpeza ou confrontando a polícia – experiências reveladoras para milhares de jovens criados em frente à tela do computador. (Federici, 2015, p. 280)

Portanto, retomando Lilia Schwarcz, é importante questionar o que seria esse padrão de normalidade do “novo normal”. Apesar de pontuar que em momentos como uma crise sanitária do porte da pandemia, exista uma espécie de aumento de consciência coletiva e pertencimento social, esse comportamento muitas vezes materializado na expressão de “estar no mesmo barco” – comumente utilizada por alguns grupos durante o isolamento<sup>153</sup> – mascara a realidade.

E é nessas horas que ao imaginarmos o nosso “normal”, o projetamos para os demais, repaginando-o como um “novo normal”. Somos, porém, um país em que mais de 20% das pessoas vivem em moradias de um cômodo, onde residem quatro

<sup>152</sup> HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Tradução: Enio Paulo Giachini. 2ª ed. ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. p. 71.

<sup>153</sup> RIBEIRO, Eduardo. ‘A pandemia não é a mesma para todos’, diz a presidente da Fiocruz. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/49388>. Acesso em: 01/04/2024.

ou mais habitantes. No Brasil, 50% das casas não têm acesso ao esgoto sanitário. Trinta e três milhões de brasileiros não contam em seus lares com abastecimento de água confiável. E, mesmo assim, definimos que no “novo normal” – que não tem tempo ou espaço – não viajaremos tanto, não compraremos tantas roupas, não seremos tão consumistas, cozinharemos (quando der) e até arrumaremos a casa. A pergunta, mais uma vez, é a seguinte: “novo normal” para quem? (Schwarcz, 2020)

Esse novo presente demarcado em 2020, como uma forma de dizer que seria assim dali em diante foi mais uma proposta delirante de futurologia essencial para o mercado de tecnologia que se coloca como capaz de impor as necessidades “desenhando delírios” que são ouvidos e admirados por “olhos embaçados”. Além disso, a fragmentação a partir da telepresença, trazendo a noção de Weissberg, tornou o controle do indivíduo difuso, mas com todas as suas partes cercadas e esquadrihadas, simultaneamente registradas a todo momento:

A "telepresença" não deveria se identificar mais com o par presença/ausência tal como inaugurado na comunicação telegráfica, que permanece um transporte de signos da presença mesmo se esta se efetua quase instantaneamente. Depois do transporte à distância pela escrita (a missiva, primeiro transporte dos signos da presença), do teletransporte em tempo real (morse, voz, imagens e sons com o audiovisual), assistimos à emergência de um outro regime de transporte que não é mais os dos signos da presença, mas do próprio meio de chegada, este último confundindo-se com o meio de partida: fenômeno que substitui a lógica da emissão/recepção pela da divisão corporal de um mesmo sujeito em diversos lugares simultaneamente. (Weissberg, 1993, p. 126)

A partir da articulação desses pensadores, é possível perceber como os mecanismos de controle em vigência durante a pandemia de COVID-19 são descendentes diretos daqueles descritos por Foucault ao falar do nascimento da medicina moderna. Porém, houve um aperfeiçoamento dos mesmos pela sociedade capitalista neoliberal, dentro da qual os sujeitos, numa situação de quarentena, se viram colocados na posição de transferir alguns métodos de controle para o espaço de suas próprias casas e para si, mas também aceitá-los vindo de outras instituições, como do trabalho a ser realizado à distância.

As referências ao Panóptico de Bentham ficaram cada vez mais nítidas mas ao mesmo tempo explodiram ao se intrincarem nessa ausência de limite entre as atividades dentro de casa, se tornando onipresentes. Um exemplo dessas novas ferramentas é discutido no episódio “O chefe pode te vigiar até em casa?”, do podcast da Rádio Batente chamado Trabalhadora<sup>154</sup>. São softwares como o Time Doctor, por exemplo, instalados em computadores fornecidos por empresas e utilizados por trabalhadores em suas casas no regime de trabalho remota. Esse tipo de monitoramento ultrapassa a linha de vigilância dentro de um espaço de

---

<sup>154</sup> Rádio Batente. O chefe pode te vigiar até em casa? *Podcast Trabalhadora*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/37r41LfG6Wt494gMZ2g3Kg?si=1-sAdzxnSkylamhrUEg38A>. Acesso em: 26/04/2026.

trabalho, invadindo a privacidade do usuário-funcionário dentro de casa, monitorando seu tempo de tela, os sites e aplicativos abertos, sua concentração ao utilizar dados obtidos pela câmera ao observar a visão dos trabalhadores ou até mesmo a ativação do microfone das máquinas sem que necessariamente eles saibam. A professora e pesquisadora da UFRJ Fernanda Bruno comenta sobre a dificuldade de traçar uma linha clara que divida a vida pessoal e psíquica da profissional nesse tipo de monitoramento em vista dessa cultura de desempenho de gestão de empresas que justifica a utilização desse tipo de mecanismo de controle. Há uma cobrança inclusive, segundo a pesquisadora, que os trabalhadores engajem psicologicamente e emocionalmente no trabalho de forma a abrir mão desses limites entre vida pessoal e profissional.

No contexto da pandemia e do *home office*, essa divisão ficou ainda mais ambígua e complexa, e, com os trabalhadores em casa, levou também a uma reflexão sobre o armazenamento dos dados de produtividade operando em determinada tarefa e como serão processados ou utilizados a longo prazo. Essa avaliação de performance cruzando dados que o trabalhador sequer sabe que estão sendo coletados e analisados algoritmicamente levanta uma questão ética que precisa urgentemente ser discutida. O episódio do podcast da Rádio Batente citado acima ainda menciona um estudo de janeiro de 2019 da Accenture, maior consultoria de gestão do mundo, que observou em que 62% das maiores corporações globais já se utilizavam desses mecanismos de coleta de dados de seus funcionários, mas que apenas 30% dessas empresas diziam ter certeza da responsabilidade do uso desses mesmos dados. Além disso, desde que esse estudo foi publicado até 2021, durante a pandemia, essas ferramentas tiveram seu uso triplicado. Bruno também diz da forma como esses métodos de vigilância são colocados como uma forma do próprio trabalhador compreender sua eficiência e dedicação e comprovar como trabalha duro, “mostrando serviço” nesse contexto. Essa ideia o leva a otimizar e investir em si mesmo e em sua produtividade em uma ilusão de que está gerindo a si mesmo, quando na verdade está atendendo a dinâmicas abusivas de empresas que levam o controle do trabalho para o restante das esferas da vida de seus empregados. O sociólogo e professor da UFABC Sérgio Amadeu, que também participa do episódio, menciona inclusive a forma como quanto mais supostamente flexíveis são os trabalhos, mais os trabalhadores estão em um estado de precariedade com contratos absurdos que invadem a sua privacidade e aumentam a sua sujeição aos mecanismos de controle.

Por outro lado, a ambivalência de outros mecanismos de controle como as voltadas à saúde pública funcionaram como ferramentas de combate à uma pandemia, ao reforçar a

quarentena como um método eficaz de combate ao vírus, por exemplo. Mas também foram úteis como uma forma de isolamento em pequenas ilhas, quase destacadas ou abstraídas da coletividade de um corpo urbano, no caso em suas próprias casas, onde houve uma espécie de sequestro do indivíduo como sujeito, aperfeiçoando as formas como o neoliberalismo atua no micro e no macro da contemporaneidade.

Em 2023, um estudo suspeito viralizou nas redes sociais. “Garras nas mãos, corcundas e olhos vermelhos: confira como serão os trabalhadores do home office daqui 70 anos”<sup>155</sup> foi o título de uma reportagem do jornal O Globo sobre uma projeção de como seria o físico das pessoas em 2100. A chamada sensacionalista é acompanhada de representações tridimensionais em que a figura de uma mulher está corcunda, com a pele pálida e enrugada e supostamente acima do peso. Esse estudo foi feito pela Universidade de Leeds na Inglaterra, mas a representação foi feita por uma empresa de móveis canadense, segundo a qual as pessoas trabalhando de casa não possuem mobiliário adequado para permanecer trabalhando à distância.



**Figura 08: Modelo Anna criada após uma pesquisa da universidade Leeds, no Reino Unido, descobrir que um terço dos trabalhadores domésticos não tem espaço de trabalho em casa**

Disponível em:

[https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2023/06/garras-nas-maos-corcundas-e-olhos-vermelhos-confira-como-serao-os-trabalhadores-do-home-office-daqui-70-anos.ghtml?utm\\_source=instagram&utm\\_medium=Social&utm\\_campaign=O+Globo](https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2023/06/garras-nas-maos-corcundas-e-olhos-vermelhos-confira-como-serao-os-trabalhadores-do-home-office-daqui-70-anos.ghtml?utm_source=instagram&utm_medium=Social&utm_campaign=O+Globo). Acesso em: 31/01/2024.

À parte da representação capacitista e gordofóbica, “a modelo, apelidada de Anna, exhibe muitos efeitos físicos devido ao uso consistente de tecnologia, exposição à tela e má postura, além de destacar possíveis problemas de saúde mental.”<sup>156</sup> A reportagem defende a necessidade de se utilizar cadeiras ergométricas e não trabalhar da cama, assim como fazer

<sup>155</sup> FILHO, Eduardo F. Garras nas mãos, corcundas e olhos vermelhos: confira como serão os trabalhadores do home office daqui 70 anos. *O Globo*. Disponível em:

[https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2023/06/garras-nas-maos-corcundas-e-olhos-vermelhos-confira-como-serao-os-trabalhadores-do-home-office-daqui-70-anos.ghtml?utm\\_source=instagram&utm\\_medium=Social&utm\\_campaign=O+Globo](https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2023/06/garras-nas-maos-corcundas-e-olhos-vermelhos-confira-como-serao-os-trabalhadores-do-home-office-daqui-70-anos.ghtml?utm_source=instagram&utm_medium=Social&utm_campaign=O+Globo). Acesso em: 20/01/2024.

<sup>156</sup> Ibidem.

alongamentos em intervalos de trabalho. “O desenho é baseado em um estudo científico. Mas quem mandou fazê-lo foi uma empresa que fabrica móveis de escritório. É pouco conflito de interesse?”<sup>157</sup>, diz o jornalista Rafael Capanema.

A repercussão dessa matéria desperta questionamentos, como a dúvida se o trabalho em escritórios é realmente tão mais saudável assim, uma vez que grande parte das cidades no Brasil, levam os trabalhadores a gastarem boa parte do dia apenas no trajeto até seus locais de trabalho, por exemplo. A discussão, que começa com essa figura retratada como monstruosa, passou a suscitar muitas outras questões além da cadeira correta para se passar muitas horas trabalhando. Não significa que o *home office* é uma boa ou má alternativa nesse período pós-pandemia, mas pode ser ambos dependendo do tipo de trabalho executado. Porém, a qualidade dos espaços onde se mora e trabalha, ou onde apenas se mora ou se trabalha deve ser repensada. Refletir sobre domesticidades durante e depois do isolamento social passa também por pensar suas relações com o espaço da cidade, agora não mais como um lugar de ameaça do vírus, mas que ainda existe em alguns imaginários como espaço de outros tipos de perigo.

Ainda que estando atualmente em um período posterior, a complexidade dessa dualidade não é parte de um momento deixado para trás a partir do momento em que a OMS declarou o fim da emergência sanitária. A cidade, o corpo e a casa se coisificaram cada vez mais nesse período, de modo que o “seguir adiante”, mesmo que distante do “novo normal” previsto anteriormente, necessita um olhar crítico de seu impacto justamente por sua assimilação tão rápida e complexa a partir da pandemia. A relação que as pessoas passaram a estabelecer consigo mesmas, entre si e entre as instituições de poder mediante o caráter híbrido do morar, imersos em tecnologias digitais, trouxe a figura do panóptico de Bentham não mais como uma espacialidade análoga, mas uma força simbólica interiorizada, como dito por Byung-Chul Han, e como o poder descrito por Foucault, em constante transferência, invisível e intrincado às estruturas da sociedade de maneira bastante eficaz.

E o que esse novo normal trouxe em termos de redefinições das domesticidades? Diante de um novo e atualizado “senso de interioridade profunda com o de hiper-conectividade com o mundo exterior”<sup>158</sup>, a casa passou a se situar no mundo ainda mais mediada por plataformas digitais. Os aplicativos demarcaram sua presença como essenciais

---

<sup>157</sup> CAPANEMA, Rafael. O pessoal está doidinho para sabotar o *home office*. *Núcleo*. Disponível em: <https://nucleo.jor.br/garimpo/complo-home-office/>. Acesso em: 20/01/2024.

<sup>158</sup> COLOMINA, Beatriz. O século da cama. In: Beatriz Colomina. Marian Rosa van Bodegraven e Marianna Boghosian Al Assal (org.). *Arquitetura, sexualidade e mídia*. Tradução: Marian Rosa van Bodegraven – São Paulo: Editora Escola da Cidade / Editora WMF Martins Fontes, 2023. p. 92.

no cotidiano do isolamento, mas não só como ferramentas capazes de manter atividades e sociabilidades de trabalho, ensino ou lazer. Essa relação com o exterior por meio desse recurso, passou a ir desde serviços de entrega por aplicativo a buscas por profissionais para pequenos consertos, assim como um hiper gerenciamento da saúde e da vida. Esse “novo normal” passou a exacerbar uma individualidade em que com poucos cliques chegam comidas, medicamentos e até profissionais na porta de casa, sem que seja necessário sair, levando a uma aparente obliteração de diversos profissionais que trabalham para que isso aconteça, como no caso dos entregadores. Com uma premissa de comodidade, que acaba por ocorrer de fato para muitos, essa domesticidade acaba se deparando principalmente consigo mesma ao evitar o contato com o mundo lá fora, uma vez que o que é necessário para o cotidiano pode estar contido do lado de dentro ou chegando até lá através de tecnologias como num passe de mágica.

Seguimos então imersos em realidades muito próximas de ficções, borrando seus limites em narrativas que não se encerram completamente a cada determinação institucionalizada, mas que seguem em curso de forma contínua. Escrever sobre esse período é quase como um exercício terapêutico de falar sobre o trauma, não exatamente pensando em termos de cura, mas sim, de tentativas de compreensão e criação de sentido para se pensar alternativas de como viver apesar dele e o que fazer nesse dito depois. A jornalista e escritora Bárbara Bom Angelo, em um texto<sup>159</sup> de 2020, já compreendia que justamente a partir da experiência do trauma que as mudanças pós-pandemia poderiam surgir.

Eu não sou adepta ao pensamento de que essa pandemia veio para mudar tudo. Não acredito num plano sádico que traga mortes e um sofrimento incalculável só para abrir os nossos olhos para o consumismo desenfreado, má distribuição de renda e a negação das relações pessoais em benefício do mundo online. Afinal, onde estaria a justiça nisso? São os pobres e todos aqueles à margem da sociedade virtual que vão sentir o maior impacto. Pra gente, da classe média e alta, é mais fácil – e até tentador – criar uma narrativa que pelo menos nos traga alguma lição, algo de positivo depois que tudo isso acabar. Eu também faço esse exercício. Já me peguei pensando nas transformações no mundo do trabalho, com mais empresas encarando que o *home office* é possível; e também no fortalecimento dos laços familiares e de amizade, já que vimos o quanto isso faz falta. Mas hoje percebo que nada disso surgirá a partir de uma iluminação coletiva, todos abrindo os olhos ao mesmo tempo para a verdade que estava logo aqui, na nossa frente. Muitas coisas com certeza mudarão, mas por causa do trauma que restará. (Angelo, 2020)

Esse exercício é também a utilização de uma metodologia de pesquisa em arquitetura, para investigar tanto as domesticidades quanto o espaço em si, utilizando-se da crônica como uma forma de narrativa que foge muitas vezes do escopo tradicional do meio

---

<sup>159</sup> ANGELO, Bárbara Bom. #116. *Queria ser grande, mas desisti*. Disponível em: <https://queriasergrande.substack.com/p/116-queria-ser-grande-mas-desisti>. Acesso em: 07/04/2024.

acadêmico. A compreensão e uso desse tipo de estrutura proveniente da literatura, retomando Vânia Carneiro Carvalho<sup>160</sup>, possibilita elaborar análises de dinâmicas espaciais traduzidas de forma mais acessível, numa tentativa de trazer uma legibilidade maior ao tema e aproximando-o de quem o lê.

---

<sup>160</sup> CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e Artefato: O Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material - São Paulo, 1870-1920*. – 1 ed., 1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2020.

**CAPÍTULO 6**  
**ESPECIALISTAS CHEGARAM À CONCLUSÃO DE QUE O VÍRUS NÃO**  
**REPRESENTA MAIS UMA AMEAÇA SANITÁRIA INTERNACIONAL (POR**  
**ENQUANTO)**

A impressão de que as coisas estão se tornando memória  
rápido demais a certeza de que deveria ter pedido açúcar  
ao vizinho e não a você a delicadeza dos gestos  
que evitamos a cegueira do desejo os lugares  
onde não chegam as palavras como os cantos  
que as vassouras não alcançam

(Marques, 2017, p. 22)

Uns dias atrás eu e um amigo estávamos conversando sobre os últimos anos. Já tem quase dez anos que moramos nesta cidade, mas especialmente de 2020 até aqui, a vida parece ter passado por um estirão como aquele da adolescência. Não, não crescemos em corpo. Mas passamos por mudanças significativas nos últimos três anos que parece que foram muitos mais do que essa quantia. Penso que estava no penúltimo semestre da faculdade quando fomos colocados à prova pelo confinamento. Penso nas mudanças na relação com meus pais, que se acalmou não só pelo ganho de idade meu e deles, mas por uma espécie de serenidade diante do assombro de acontecimentos maiores. Penso que ainda estou na faculdade, mas me acalmo ao pensar que já não é mais a graduação. Penso nas formaturas online, nas aulas online, no trabalho online – ritos de passagem à distância, sem muita presença. Penso no meu corpo que mudou e ainda batalho com essas mesmas mudanças. Penso no relacionamento que já vai chegar aos seis anos, sendo metade deles vividos durante a pandemia. Penso na mudança de apartamento. Penso na casa que começamos a construir juntos no susto e hoje chamamos de nossa. Penso no cachorro que se esparrama na sala enquanto escrevo e que chegou já faz três anos. Penso em como estive dentro nesse tempo – de mim mesma e de casa. Penso como ficar submersa nesses interiores trouxe à superfície outras partes de corpo e espaço. Mas penso que viver do lado de fora é bom também. E como fez falta.

\*\*\*

No livro “Depois do fim: Conversas sobre literatura e antropoceno”, organizado por Fabiane Secches e publicado em 2022, há uma coletânea de textos de escritores brasileiros sobre escrever na contemporaneidade. Alguns autores presentes nesta antologia já apareceram

ao longo deste texto, como Ana Rüsche e Paulo Scott, por exemplo. Muitos dos autores selecionados no livro contam sobre as maneiras como recorrem à literatura como uma ferramenta para compreender o mundo e até mesmo com potencial de catalisar mudanças. Muitos mencionam a pandemia em seus textos, assim como a crise climática, o colapso da sociedade vivendo sob o capitalismo e sobre a continuidade da vida diante desses temas nem um pouco otimistas.

O último texto desta antologia é de autoria da escritora, psiquiatra e pesquisadora paulista Natalia Timerman, chamado “O tempo da ficção e o fim dos tempos: a morte é sempre uma ficção até que aconteça”. Timerman conta no texto sobre momentos em torno da morte de seu pai em paralelo à morte do prefeito de São Paulo Bruno Covas, em 2021. Assim como Vinícius Portella em seu livro de contos, ela também traz “O Aleph”, de Jorge Luis Borges, para sua narrativa sobre a continuidade da vida após a morte de alguém, ainda que o luto seja uma presença que paira sobre aqueles que o sentem.

Na candente manhã de fevereiro em que Beatriz Viterbo morreu, depois de uma imperiosa agonia que em nenhum instante se rebaixou ao sentimentalismo ou a medo, notei que os porta-cartazes de ferro da praça Constitución tinham renovado não sei que anúncio de cigarros; o fato me tocou, pois compreendi que o incessante vasto universo já se afastava dela e que aquela mudança era a primeira de uma série infinita. (Borges, 2008, p. 136)

Ela menciona também outras autoras, como a espanhola Rosa Montero, para quem apenas a morte e os nascimentos possibilitam uma saída do tempo<sup>161</sup>; e a estadunidense Lucia Berlin, para a qual “a morte rasga o calendário, a reconfortante agitação do tempo é estilhaçada, e, quando você volta à vida normal todas as rotinas, todos os marcos do dia ficam parecendo mentiras sem sentido, como quando não conseguimos acreditar num romance que deixa de excessivamente à mostra seu artifício.”<sup>162</sup> A autora também traz o escritor e crítico literário britânico Frank Kermode em seu texto, defendendo a forma como “as ficções satisfazem nossa necessidade de fim e começo”<sup>163</sup> e são “agentes de mudança”<sup>164</sup>. Um dos elementos marcantes para Kermode, evidenciados por Timerman, é o tempo.

Em uma das passagens mais bonitas de *The Sense of an Ending*, Kermode usa, como exemplo de ficções compartilhadas acerca do tempo, o som de um relógio de ponteiros. Concordamos que o relógio diz tique-taque, uma ficção que o humaniza, o faz falar nossa língua. Somos nós que promovemos a diferença ficcional entre tique e taque, nossas palavras para um começo e um fim, e o que lhes permite ser

<sup>161</sup> MONTERO *apud* TIMERMAN.

<sup>162</sup> TIMERMAN, Natalia. O tempo da ficção e o fim dos tempos: a morte é sempre uma ficção até que aconteça. In: Fabiane Secches (org.). *Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno*. – 1. ed. – São Paulo: Editora Instante, 2022. p. 125.

<sup>163</sup> *Ibidem*, p. 126.

<sup>164</sup> *Ibidem*, p. 131.

diferentes é, segundo ele, um tipo especial de meio. "Percebemos uma duração somente quando organizada. [...] O fato de que chamamos o segundo dos sons relacionados de toc [em inglês, a onomatopeia se escreve *ticktock*] evidencia que usamos ficções para que o fim confira organização e forma à estrutura temporal." O intervalo entre tic e toc, continua Kermode, está agora repleto de significativa duração, configurando um enredo, ou seja, uma organização que humaniza o tempo dando-lhe forma. O intervalo entre toc e tic, por sua vez, representa, segundo ele, o tempo meramente sucessivo e desorganizado. Tic seria um gênesis humilde; toc, um débil apocalipse. (Timenrman, 2022, p. 129)

A percepção do tempo durante o confinamento da pandemia é uma de suas características mais marcantes. Hoje, no primeiro semestre de 2024, é possível ver muitas pessoas delimitando seus recortes temporais próprios com a virada do ano, como de costume, mas envolvendo o período entre os anos de 2020 a 2023 como um fragmento um tanto amorfo da realidade. Um tempo parado, um tempo perdido, um tempo confuso, um tempo no limiar entre o vivido e o não vivido, em que o tiquetaquear do relógio não foi suficiente para sua demarcação, ainda que marcassem pequenas gênesis e apocalipses do cotidiano pandêmico. Somente no dia 05/05/2023, a Organização Mundial da Saúde “anunciou que seus especialistas chegaram à conclusão de que o vírus não representa mais uma ameaça sanitária internacional e que, portanto, a crise é oficialmente declarada como encerrada.”<sup>165</sup> Foram quase 7 milhões de vítimas da doença em todo o mundo, sendo 700 mil mortes apenas no Brasil<sup>166</sup>, que passou por uma gestão trágica da crise sanitária por parte do governo vigente até o final de 2022. Um período recente e doloroso para tantas pessoas não é um assunto fácil de se tratar. É compreensível que muitos não queiram nem mesmo falar sobre ele, principalmente com a demanda acelerada de seguir em frente do mundo regido pelo capital neoliberal, segundo o qual depende apenas do indivíduo a superação de seus traumas e a continuidade da sua vida.

A pesquisadora independente da área de marketing e tendências Erlana Castro, em um texto<sup>167</sup> de novembro de 2023, fala sobre a sensação de encerramento do ano e uma exaustão devido à aceleração além do normal desse período. Sua percepção de tempo, e até mesmo a sua organização anual parou de fazer sentido desde a pandemia, levando-a a adotar outra fragmentação temporal:

---

<sup>165</sup> Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2023/05/05/oms-decreta-fim-de-emergencia-por-covid-19.htm>. Acesso em: 23/05/2023

<sup>166</sup> Ibidem.

<sup>167</sup> CASTRO, Erlana. Provocação criativa: quando olhamos para 2024, o que não estamos vendo? No nível de aceleração em que vivemos hoje, dois anos valem por um. *Fast Company*. Disponível em: <https://fastcompanybrasil.com/esg/provocacao-criativa-quando-olhamos-para-2024-o-que-nao-estamos-vedo/>. Acesso em: 09/01/2024.

De uns tempos para cá, adotei o estilo de pensar por ciclos de dois anos. Fica fácil de entender, pois estamos vivenciando isso: 2020 e 2021 foram um ano só para a maioria de nós. O inesperado e imperativo ciclo da Covid-19, marcado por morte, reinvenção e superação. Durante esse ciclo, entramos em contato com muitas dimensões e aspectos importantes de nossa vida individual e coletiva. Lembramos de muita coisa. Limites, fragilidade, caos. Também vivenciamos a superação de tudo isso. Já os anos de 22 e 23 formaram o ciclo de retomada, profundamente marcado por desinformação, conflito, ódio, guerras violentas e pelo despreparo e imprevisto no enfrentamento ao clima extremo. A esperança da retomada entrou rapidamente em suspensão e deixou um sabor mais para o amargo fechando o período. (Castro, 2023)

Essa organização temporal adotada por Castro é interessante para se pensar a forma como são medidos e organizados também o espaço e a linguagem. Fazer os dois anos mais severos da pandemia valerem por apenas um é um recorte na natureza da narrativa, que se assemelha à maneira como recordamos e registramos os eventos em nossa memória. Pode-se pensar também em dois anos em que os espaços por onde transitamos variavam entre o polo da casa e o polo do virtual, coexistentes e sobrepostos durante todos esses dias, deixando ainda mais marcante como um bloco único o cotidiano durante esses dois anos. Com a chegada de 2022 e o encerramento de 2023, há o sentimento de retomada, mas como diz Castro, com um gosto amargo, e com uma esperança talvez não tão renovada assim. Mas a memória é sinônimo de imaginação para James Joyce, segundo o escritor brasileiro Per Johns<sup>168</sup>. O registro por meio da escrita desse período é de grande importância para tentar construir sentido à vida vivida em confinamento e sua continuidade nesse período posterior, e a partir dele imaginar um futuro onde existam outras possibilidades mais otimistas, ainda que os alertas climáticos digam que podem vir outras pandemias.<sup>169</sup>

Com a demarcação do final da pandemia, muitas pessoas se viram colocando a própria casa em perspectiva após o isolamento. A mudança na relação com o espaço onde se mora passa também pelas relações com quem se mora, e nesse caso, com quem vivemos os períodos de quarentena. Trazendo novamente a escritora maranhense Luisa Pinheiro, no texto “Corpo e espaço”<sup>170</sup>, ela escreve sobre o momento em que mudou de apartamento após a declaração da OMS:

---

<sup>168</sup> JOHNS *apud* BERNARDINI. BERNARDINI, Aurora. Ecocrítica e antropoceno: o caso de Per Johns. In: Fabiane Secches (org.). Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno. – 1. ed. – São Paulo: Editora Instante, 2022. p. 118-123.

<sup>169</sup> REDAÇÃO NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. "O mundo deve se preparar para enfrentar uma próxima pandemia", alerta a OMS. National Geographic. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2023/06/o-mundo-deve-se-preparar-para-enfrentar-uma-proxima-pandemia-alerta-a-oms>. Acesso em: 09/01/2024.

<sup>170</sup> PINHEIRO, Luisa. Corpo e espaço. *Doses de Tiquira*. Disponível em: <https://dosesdetiquira.substack.com/p/corpo-e-espaco>. Acesso em: 07/04/2024.

A última noite bem dormida foi no dia da mudança de casa. Numerei as 26 caixas transferidas de uma casa à outra. Fora os móveis, as malas e os gatos. O processo da mudança foi um grande *graças a deus/deus nos acuda*. De uma quitinete para um apartamento de dois quartos. Não sei como escrever sobre a saída de um lugar tão desconfortável e, ao mesmo tempo, onde vivi momentos significativos. Não soube como me despedir. Sobrevivi ao isolamento num espaço pequeno, apertado. Lá peguei Covid, ainda morava lá quando virei o pé pela primeira vez, lá aprendi a viver em duas, a fazer parte de um casal. Comecei a aprender, pelo menos. Nos primeiros dias do novo apartamento, ainda ficamos sempre nos mesmos cômodos, juntas. São tantas paredes. (Pinheiro, 2023)

Esse inventário da vida confinada possui as bagagens que cabem em caixas e as que carregamos dentro de nós. Ambas vão no caminhão de mudança para o futuro lugar a ser habitado, ainda que de outras maneiras. Pinheiro também conta do impacto do isolamento em seu retorno ao trabalho presencial no seu relacionamento com as pessoas ao redor, principalmente devido ao fato de ter se habituado com a convivência apenas com mulheres desde sempre, mas principalmente durante esse período.

Voltei ao trabalho presencial desde o final de abril. Logo me acostumei. Sem a opção de trabalhar de casa, o único jeito era me acostumar mesmo. O que não esperava era me tornar uma pessoa tão conversadeira. Compartilhar atualizações sobre a mudança (*a geladeira não passou da porta da cozinha*), comentar as notícias locais (*mais de 900 passageiros confinados no trem turístico até a cidade de Morretes depois da chuva do ciclone!*), já chegar contando que quase fui atropelada um dia desses. No trabalho antigo, falava para quebrar o silêncio incômodo que aparecia nos nossos poucos encontros. Ninguém aparecia com uma anedota, uma fofoca do prédio, um comentário sobre a novela da vez. Falar, falar qualquer coisa, era inevitável. Alguém tinha que puxar um assunto. Agora é diferente. Começo a falar quando tenho vontade. Se tenho vontade. Não se trata mais de um falar a esmo. [...] Passei parte do isolamento convivendo com uma amiga, parte com a minha namorada. Quando voltei a ter compromissos de trabalho no mundo presencial, fazia parte de uma equipe composta apenas de mulheres. A convivência familiar mais próxima foi com a minha mãe e a minha irmã mais velha. A minha avó, do lado maranhense, só teve filhas mulheres. Minhas tias só tiveram filhas mulheres. Cresci sem a memória do meu avô. Na cozinha da casa de vovó, homem só entra se for convidado. Lugar de homem é, no máximo, no terraço da frente. Entre pandemia e lembranças de infância, perdi qualquer referência de já ter convivido num ambiente masculino. No computador à frente, veio sentar um colega de trabalho. Homem. Ajustei as telas da mesa para ter o mínimo de contato visual. (Pinheiro, 2023)

Retomando mais uma vez Borges em “O Aleph”, o protagonista, após se deparar com a vida depois de ter visto esse objeto/portal para o infinito simultâneo do mundo, sua capacidade de se surpreender desaparece temporariamente.

Na rua, nas escadas da Constitución, no metrô, todos os rostos me pareceram familiares. Temi que não restasse uma só coisa capaz de me surpreender, temi que nunca mais me abandonasse a impressão de voltar. Felizmente, ao cabo de algumas noites de insônia, de novo agiu sobre mim o esquecimento. (Borges, 2008, p. 151)

Anestesiados com o prosseguimento dos dias, talvez seja necessário tentar um caminho pelo qual o esquecimento não aja sobre nós. Nos deparamos com precariedades do cotidiano e da vida para além da existência em uma temporalidade crítica, mas também com

precariedades do espaço. Mas não só. As ambiguidades das muitas domesticidades germinadas durante a pandemia proporcionaram novas formas de enxergar o morar e o transitar pelos espaços públicos e privados, presencialmente e virtualmente. Formas essas que oferecem inúmeros desafios para a vida e tanto nas habitações quanto nos centros urbanos. Já se discute o cenário da educação no Brasil após o isolamento, por exemplo, com transformações expressivas a partir dele<sup>171</sup>. O uso crescente da tecnologia, principalmente com o aumento do uso de ferramentas de inteligência artificial após a migração da sala de aula para as telas de dispositivos como computadores e celulares, traz questões sobre como os docentes têm assimilado essas ferramentas agora com a modalidade híbrida sendo uma possibilidade além da retomada no presencial.

Durante o período de isolamento, a experiência do espaço da casa se tornou ainda mais múltipla, uma vez que passou a abrigar atividades que não eram comumente realizadas dentro dela, como o trabalho ou o ensino de forma remota, e, principalmente, simultânea. O hiperfoco na casa como espaço demarcado como protegido do vírus, levou parte da população brasileira a percebê-la e experienciá-la intensamente, observando suas fragilidades e potencialidades. Com isso, o morar assumiu contornos ciborgues, uma vez que a imersão dentro do espaço físico das casas estava entranhada com uma imersão em plataformas digitais, utilizadas como ferramentas para a manutenção de tarefas e de uma sociabilidade em várias atividades antes realizadas do lado de fora.

Entre usos como encontros familiares por videochamadas, aulas à distância, reuniões online, entre outros, o tempo de permanência em telas aumentou 62% durante a pandemia no Brasil<sup>172</sup>, levando também a alterações em hábitos alimentares e de exercícios físicos dos brasileiros. Em 2022, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o uso da internet chegou a 87,2% da população brasileira, com 91,5% dos domicílios com acesso à ela.<sup>173</sup> Segundo essa mesma pesquisa, entre os

<sup>171</sup> FARIA, Ana Elisa. Professores e tecnologia em sala de aula. Gama Revista. Disponível em: [https://gamarevista.uol.com.br/semana/o-que-motiva-os-professores/professores-e-tecnologia-em-sala-de-aula/?utm\\_medium=Email&utm\\_source=NLSemana&utm\\_campaign=SemanaGama](https://gamarevista.uol.com.br/semana/o-que-motiva-os-professores/professores-e-tecnologia-em-sala-de-aula/?utm_medium=Email&utm_source=NLSemana&utm_campaign=SemanaGama). Acesso em: 09/01/2024.

<sup>172</sup> SIQUEIRA, Egberto. Tempo de tela aumentou 62% na pandemia, aponta pesquisa do ELSA-Brasil. *Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia*. Disponível em: <https://isc.ufba.br/tempo-de-tela-aumentou-62-na-pandemia-aponta-pesquisa-do-elsa-brasil/>. Acesso em: 20/12/2023.

<sup>173</sup> ABDALA, Vitor. De cada 100 brasileiros, 87 usavam internet em 2022, aponta IBGE. Agência Brasil. Disponível em:

[https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-11/de-cada-100-brasileiros-87-usavam-internet-em-2022-aponta-ibge#:~:text=Foram%20citados%20tamb%C3%A9m%20o%20uso,mails%20\(59%2C4%25\)](https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-11/de-cada-100-brasileiros-87-usavam-internet-em-2022-aponta-ibge#:~:text=Foram%20citados%20tamb%C3%A9m%20o%20uso,mails%20(59%2C4%25).). Acesso em: 20/12/2023.

principais motivos para o uso da internet no Brasil, 83,6% da população entrevistada elencou o acesso às redes sociais. E, ainda que ao falar de movimentos do mundo digital o público jovem seja de fato a maioria dos usuários (96,1%)<sup>174</sup>, no Brasil houve também um crescimento de sua utilização pela população idosa com mais de 60 anos.

Para além dessa ampliação do uso de ferramentas digitais no cotidiano, outra temática que ganhou evidência a partir da pandemia foi o trabalho de cuidado. Apesar de ser um assunto já discutido por muitas teóricas feministas há mais tempo, foi a partir do confinamento que o cuidar virou um assunto de extrema relevância, principalmente em seu atrelamento às questões de gênero, se tornando até mesmo o tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) do Brasil em 2023<sup>175</sup>.

A historiadora Vânia Carneiro de Carvalho, no texto “As esculturas inspiradas na vida galante: um exercício de análise”, se volta para a cultura material com foco em objetos de valor sentimental que ocupam o espaço doméstico. Seu recorte se dá principalmente no estudo de casas burguesas e da conformação da identidade da burguesia e sua divisão por gênero, principalmente dentro da domesticidade. Carvalho pontua que a identidade masculina burguesa opera por uma funcionalidade dos objetos pessoais, que ela denomina como centrípeta e que adjetiva essa figura do homem. Já o demarcador feminino se daria pelo oposto, em uma identidade centrífuga pela qual os objetos são parte de atributos diluídos de sua personalidade, que se estende ao espaço doméstico, voltando-se para a decoração. Essa diferenciação se associa às funções diferentes que cada gênero desempenha tradicionalmente dentro da casa. Em meio a uma análise minuciosa voltada para os artefatos e as dinâmicas sociais implicadas através deles, a historiadora já menciona em seu texto a questão da invisibilidade do trabalho doméstico:

A invisibilidade do trabalho doméstico pesado ou realizado por meio de artefatos tecnológicos é uma das características mais marcantes na formação do espaço doméstico após a emergência e consolidação da sociedade de consumo. Em um movimento crescente, práticas produtivas são segregadas da casa até que esta se torne o lugar por excelência do descanso, da privacidade e, nos estratos mais abastados, do cultivo de uma convivência social expandida para além da família nuclear ou extensa, em que atividades de lazer são dirigidas por mulheres que exibem de maneira conspícua a distância do trabalho, inclusive o intelectual. (Carvalho, 2017, p. 258)

---

<sup>174</sup> Ibidem.

<sup>175</sup> G1. Tema da redação do Enem 2023 é 'Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil'. *G1 Educação*. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/enem/2023/noticia/2023/11/05/tema-da-redacao-do-enem-2023-e-desafios-para-o-enfrentamento-da-invisibilidade-do-trabalho-de-cuidado-realizado-pela-mulher-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 18/04/2024.

Essas observações de Carvalho demonstram como a invisibilidade do trabalho doméstico não é recente, bem como se realiza também de uma forma espacializada, demarcada intrinsecamente na própria organização espacial das casas. As queixas que Carla Soares pontua no Capítulo 4, por exemplo, sobre a precariedade das áreas de serviço e cozinhas se dão por uma intenção de camuflagem dessas atividades dentro de casa, invisibilizando-as, ainda que sempre possuam uma permanência para o funcionamento da domesticidade como um todo. Essa tentativa de esconder essas atividades até mesmo através da tecnologia, que, ainda que tenha contribuído para uma otimização em algum nível dessas tarefas, contribuiu também para uma aparência que pode demonstrar que elas não estão ali. Mas estão, e com sua evidência durante o isolamento, trouxeram para um debate mais amplo na sociedade civil o que já é debatido por teóricas feministas há anos pelo nome de trabalho de cuidado.

Em 2021, a economista Isabela Callegari<sup>176</sup> escreveu um texto em que define o trabalho de cuidado dentro de uma estrutura econômica. Callegari inclusive, além das definições conceituais, abre o texto com um desabafo similar ao das várias das autoras aqui já mencionadas.

Esse artigo tem uma contextualização particular, que eu não poderia deixar de apresentar. Escrevo após duas noites sem dormir, e após mais de um ano de tantas outras noites iguais, porque de madrugada tenho um trabalho. Trabalho na atividade noturna de cuidar do meu filho, o que é também um trabalho diurno em tempo integral, junto com os outros trabalhos de cuidar da casa e da comida. Para escrever esse artigo, pedi a ajuda de outras pessoas, que realizaram por algumas horas o trabalho de cuidar dele. (Callegari, 2021)

Mais adiante em seu texto, a economista pontua que essa invisibilidade do trabalho de cuidado se deve à conformação da economia capitalista, que valoriza o trabalho produtivo, ainda que dependa do trabalho reprodutivo, categoria em que o cuidado se encaixa, para a sua manutenção e existência.

Se para alguns esse pode parecer um tema marginal e de pouca relevância, isso é assim justamente porque a economia capitalista e o tipo de desenvolvimento que ela enseja são muito bem-sucedidos em desvalorizar tudo o que é central para a vida e inclusive, para a própria economia capitalista. O tratamento setorial e posterior que costuma ser destinado ao meio ambiente no pensamento econômico e nas políticas macroeconômicas, é o mesmo reservado à chamada Economia do Cuidado, que normalmente aparece nas teorias e políticas apenas de forma pontual e representada pela reivindicação de medidas voltadas à equidade de gênero. No entanto, tanto o ambiente no qual estamos inseridos, quanto os trabalhos de cuidado necessários à reprodução social, são basilares para que a própria economia aconteça. Isto é, não

---

<sup>176</sup> CALLEGARI, Isabela. Para entender a urgência da Economia do Cuidado. *Outras Palavras*, Disponível em: [https://outraspalavras.net/feminismos/para-entender-a-urgencia-da-economia-do-cuidado/?fbclid=IwAR2SwujYUHCgSL\\_9TaK5GJ0etSdWgriNRqckTdX-wlhJ7nu3BUU0l5sE3t8](https://outraspalavras.net/feminismos/para-entender-a-urgencia-da-economia-do-cuidado/?fbclid=IwAR2SwujYUHCgSL_9TaK5GJ0etSdWgriNRqckTdX-wlhJ7nu3BUU0l5sE3t8). Acesso em: 14/12/2021.

podem ser tratados de forma posterior ou paliativa, porque são os elementos que possibilitam qualquer existência social e econômica. A acumulação capitalista, inclusive, se dá pela expansão constante não apenas da economia de mercado, mas primordialmente do que está fora dela. (Callegari, 2021)

Callegari retoma o fato de que uma das consequências da pandemia, como dito anteriormente, foi justamente a explicitação dessas questões, mencionando que há uma crise do cuidado decorrente do tipo de desenvolvimento econômico atual.

Por um lado, há um aumento da demanda por cuidados, advindo do envelhecimento da população, e de novas epidemias e doenças, como ebola, HIV, zika e covid-19, propiciadas pelo crescimento urbano e industrial desordenado e em desequilíbrio com o ambiente. E por outro, há a pressão competitiva nas nossas vidas e a necessidade de despendar tempo na economia monetizada, algo que se acirra no contexto neoliberal, levando ao desinteresse, à inabilidade e à falta de tempo e desejo de se dedicar ao cuidado dos outros e de si. (Callegari, 2021)

Assim, a economista parte para uma definição do que seria a Economia do Cuidado, explicando:

De forma resumida, a Economia do Cuidado pode ser dividida em (i) trabalhos diretos, que são aqueles diretamente relacionados à outra pessoa, como, por exemplo, dar comida, dar banho, ajudar no dever de casa, levar alguém ao médico; e (ii) trabalhos indiretos, aqueles necessários à manutenção de si e dos demais, mas que não constituem uma atividade direta com o outro, como cozinhar, lavar, limpar, ir ao mercado, e, no contexto rural, adicionam-se tarefas como abastecimento de água, fazer fogo, plantar e colher. É também estratificada em (i) trabalho não pago, que pode ocorrer em contexto doméstico ou no voluntariado; e (ii) trabalho pago, que pode ser formal ou informal, englobando os setores de saúde, serviço social e educação, bem como o de trabalhadoras/es domésticos e o de cuidados pessoais. Os cuidados podem ser direcionados a crianças, idosos, pessoas com deficiência, doentes, temporariamente desabilitados e ao autocuidado. (Callegari, 2021)

Porém, diante de um aumento da carga de trabalho não pago, dentro do contexto doméstico (estrato i, segundo Callegari) realizado pelas mulheres confinadas em casa e tendo que majoritariamente realizar a manutenção da casa e cuidar de crianças, idosos e doentes, as separações entre trabalho produtivo e trabalho reprodutivo se dissiparam, tornando-o de mais difícil delimitação (Mezzadri, 2020). Callegari aponta alguns caminhos a partir da Economia Feminista diante dessas questões:

As propostas advindas da Economia Feminista voltadas aos cuidados passam pela promoção (i) do *reconhecimento* social e econômico desses trabalhos; (ii) da *redução* da carga de trabalho desnecessária, por meio de tecnologia, bens e serviços públicos; (iii) de estratégias para a *redistribuição* mais equitativa da prática de cuidados entre os gêneros, incluindo a universalização das flexibilizações trabalhistas que visam possibilitar o cuidado dos dependentes, e a diminuição geral de horas de trabalho no mercado para maior tempo para cuidados domésticos; (iv) da *recompensa* justa e com trabalhos dignos na área dos cuidados; e (v) da *representação* dessas trabalhadoras e trabalhadores na esfera política. Com isso, entendemos que o reconhecimento de tempo de cuidado para a aposentadoria deve ser sim fato amplamente comemorado, mas tal medida representa apenas uma compensação mínima pelos anos em que as mulheres, majoritariamente, não puderam estar no mercado de trabalho formal, contribuindo para a previdência. Sem

uma renda pelo trabalho de cuidados, no momento em que ele está sendo realizado, esse trabalho ainda não está sendo plenamente reconhecido como tal. As mulheres seguem assim entre as opções de estarem presas financeiramente a outra pessoa, ou de terem que trabalhar em jornadas duplas ou triplas, buscando sustento e ao mesmo tempo, realizando o cuidado com baixa qualidade e terceirizando parte dos cuidados para, novamente, mulheres. Outras culturas consideram que *desenvolvimento* é justamente o processo de auxiliar os demais nas etapas da vida onde não puderem passar sozinhos, é possibilitar o desenvolver da vida. Cuidar é, assim, desenvolver no sentido mais fundamental da palavra, e essa talvez seja a última fronteira do capitalismo, onde o individualismo, a mecanização e a mercantilização são impossíveis, sob pena de engolirem a si próprios. Na valorização do cuidado temos a chance de permanecermos vulneráveis, solidários, conectados e inevitavelmente, humanos. (Callegari, 2021)

Aqui é trazida novamente a teórica Silvia Federici, que se dedica principalmente à temática do trabalho reprodutivo, traçando suas origens e realizando um panorama histórico em boa parte de suas discussões. No texto “Marxismo, feminismo e os comuns”, por exemplo, a autora pontua que com a ascensão do movimento feminista foi possível articular uma crítica sistemática à própria teoria de Marx. Federici menciona a ausência do trabalho reprodutivo, a partir do qual propõe uma reconstrução teórica da análise d’O Capital.

Ao expandirmos a teoria do trabalho produtivo de Marx para incluir o trabalho reprodutivo em suas diferentes dimensões, podemos elaborar uma teoria das relações de gênero no capitalismo e ainda alcançar uma nova compreensão da luta de classes e dos meios pelos quais o capitalismo é reproduzido, a saber, através da criação de diferentes regimes de trabalho e de formas diversas de desenvolvimento desigual e de subdesenvolvimento. Estabelecer a reprodução da força de trabalho no centro da produção capitalista traz à tona um mundo de relações sociais que permanece invisível em Marx, mas é essencial para expor os mecanismos reguladores da exploração laboral. Isso revela que o trabalho não remunerado extraído da classe trabalhadora pelo capital é muito maior do que Marx poderia imaginar: ele se estende do trabalho doméstico, que se esperava que as mulheres realizassem, até a exploração das colônias e periferias do mundo capitalista. (Federici, 2014, p. 231)

Federici coloca que Marx não foi capaz de enxergar a coexistência de diferentes regimes de trabalho como um “componente essencial da produção capitalista e da disciplina do trabalho.”<sup>177</sup> A autora complementa:

Minha hipótese é a de que Marx ignorou o trabalho doméstico porque este não possuía as características que considerava essenciais para a organização capitalista do trabalho, identificadas com a industrialização em larga escala – a qual, em sua visão, seria o modelo mais sofisticado de produção. Fundado no ambiente domiciliar, organizado de maneira não coletiva, não cooperativa, e realizado com um baixo nível de desenvolvimento tecnológico mesmo no século XX, no auge da domesticidade, o trabalho doméstico continuou a ser classificado pelos marxistas como um resquício das formas pré-capitalistas de produção. Como Dolores Hayden (1985) apontou em *The Grand Domestic Revolution* (A grande revolução doméstica), ainda que falassem em trabalho doméstico socializado, os pensadores socialistas não acreditavam que seria um trabalho significativo (Hayden, 1985, p. 6); e, como August Bebel (1971), eles também previam um tempo em que o trabalho doméstico seria reduzido ao mínimo. Foi necessária uma revolta de mulheres contra

<sup>177</sup> FEDERICI, Silvia. Marxismo, feminismo e os comuns [2014]. In: Silvia Federici. Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns. Tradução: Coletivo Sycorax – São Paulo: Elefante, 2022. p. 235.

o trabalho doméstico, nas décadas de 1960 e 1970, para provar que se tratava de um "trabalho socialmente necessário" do ponto de vista capitalista – mesmo não sendo organizado como uma indústria, é extremamente produtivo e, em grande parte, não pode ser mecanizado. Além disso, para reproduzir os indivíduos nos quais a força de trabalho subsiste, é necessária uma variedade de serviços afetivos e físicos de natureza interacional, o que consiste, portanto, em um trabalho muito intensivo. (Federici, 2014, p. 236)

A teórica aponta inclusive que, dada essa impossibilidade de mecanizar os atos de “dar banho, carinho e alento, de vestir ou alimentar uma criança, de prover serviços sexuais ou de ajudar aqueles que estão doentes, que são idosos e não são autossuficientes”<sup>178</sup>, a demanda atual é pela coletivização dessas atividades, reorganizando e redistribuindo o trabalho de cuidado para além da concentração apenas nas mulheres.

[...] Quebrar o isolamento que caracterizou o trabalho doméstico no isolamento, não com vistas à reorganização em escala industrial, mas para criar formas mais cooperativas do trabalho de cuidado. (Federici, 2014, p. 251)

No texto de 2015 “Da crise aos comuns: trabalho reprodutivo, trabalho afetivo, tecnologia e a transformação da vida cotidiana”, Federici levanta uma discussão que se aproxima bastante da proposta dessa pesquisa. Retomando o pensamento do sociólogo francês Henri Lefebvre, a autora traz o cotidiano e sua “multiplicidade de atos e eventos diários”<sup>179</sup> como campo de análise das transformações sociais sob o viés feminista:

O ponto de vista do feminismo possibilitou o reconhecimento de que a “vida cotidiana” não é um complexo genérico de eventos, atitudes e experiências em busca de uma ordem; é uma realidade estruturada, organizada em torno de um processo específico de produção – a produção de seres humanos, que, como apontaram Marx e Engels (1970, p. 48-9 [2007, p. 47-8]), é “o primeiro fato histórico” e “condição fundamental de toda a história”. Essa descoberta desdobrou uma revolução teórica e prática que transformou nossos conceitos de trabalho, política e “feminilidade”, bem como a metodologia das ciências sociais, o que nos permitiu transcender o ponto de vista psicológico tradicional que individualiza nossas experiências e separa o mental do social. (Federici, 2015, p. 255)

A autora diz ainda que ao adotar diferentes perspectivas, destituindo o sujeito abstrato como ponto de partida para o estudo da sociedade, é possível perceber como todas as experiências partem de uma construção social. Ela diz como é bastante conveniente dentro do modo de vida capitalista a forma como é naturalizada a reprodução da vida cotidiana e da força de trabalho de forma não remunerada como um trabalho feminino, principalmente pela ausência de remuneração. A constatação do pessoal como político trouxe luz também à própria separação entre público e privado, que contribui também para mistificar “o trabalho

---

<sup>178</sup> Ibidem, p. 243.

<sup>179</sup> FEDERICI, Silvia. Da crise aos comuns: trabalho reprodutivo, trabalho afetivo, tecnologia e a transformação da vida cotidiana [2015]. In: Silvia Federici. Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns. Tradução: Coletivo Sycorax – São Paulo: Elefante, 2022. p. 255.

não remunerado das mulheres como um ‘trabalho de amor’.”<sup>180</sup> Dito isso, Federici traz sua análise para o contexto contemporâneo:

Embora algumas feministas tenham interpretado como um exemplo de progresso as mudanças ocorridas na vida das mulheres estadunidenses a partir da década de 1970, a atual situação social e econômica de mulheres e homens, em muitos aspectos, é mais difícil do que na época em que o feminismo decolou. Até a evidência de relações mais igualitárias é inconsistente. A feminização da mão de obra aumentou a autonomia das mulheres em relação aos homens. Além disso, como apontou Nancy MacLean (1999, p. 68), a luta por empregos dominados pelos homens contribuiu para "aumentar a consciência de nossa era sobre a construção e a instabilidade social das categorias de gênero, raça e classe". As mulheres, no entanto, ingressaram como mão de obra remunerada no exato momento em que se suprimiam benefícios e garantias fornecidos anteriormente ao trabalho assalariado, impossibilitando a negociação de diversas mudanças na organização laboral e na jornada semanal que poderiam lhes permitir conciliar o trabalho fora de casa com os cuidados da família e da comunidade. Poucos empregos oferecem creche ou um programa compatível com a vida doméstica. Já a comercialização do trabalho doméstico, ou seja, sua organização como serviço comprável, um processo muito elogiado, provou ter sérias limitações, a começar pelo alto custo e a baixa qualidade dos serviços prestados. (Federici, 2015, p. 260)

Federici prossegue no texto falando como os cortes públicos em educação e saúde, por exemplo, implicaram no retorno do trabalho de cuidado ao espaço doméstico, revelando como a ideia de uma independência econômica através do trabalho remunerado foi uma ilusão para a maioria das mulheres. A autora menciona o fato de que diante desse do desmantelamento dessa promessa de autonomia feminina, algumas mulheres puderam retornar à uma dedicação exclusiva às tarefas de reprodução, tendo a possibilidade de dessa forma buscarem vidas mais “sustentáveis”. Porém se trata de mais uma manifestação do individualismo exacerbado dentro da sociedade neoliberal, uma vez que esse “privilégio” não condiz com a luta social por tornar o trabalho de cuidado uma atividade coletiva, “pelo bem comum”<sup>181</sup>, como a própria autora menciona nesse e em muitos outros textos.

Outra questão levantada por Federici é a saúde mental das mulheres e seu esgotamento diante de jornadas duplas de trabalho. Ainda que não se limite ao gênero feminino a sobrecarga de trabalho e as inseguranças relacionadas ao emprego e ao planejamento de um futuro em uma sociedade em crise constante que precariza cada vez mais seus trabalhadores, a especificidade desse grupo nesse contexto cabe uma atenção urgente. Durante a pandemia, houve inclusive um aumento na vulnerabilidade das mulheres diante dessas questões, além de outras como o aumento de abusos dentro do espaço doméstico e outras formas de violência<sup>182</sup>.

<sup>180</sup> Ibidem, p. 256.

<sup>181</sup> Ibidem, p. 262.

<sup>182</sup> CAETANO, Rodrigo. COVID-19: dupla jornada aumenta vulnerabilidade das mulheres, diz ONU. *Exame*. Disponível em:

Diante desse momento, a organização não governamental brasileira Think Olga, cuja missão é “sensibilizar a sociedade sobre questões de gênero e suas intersecções e educar e instrumentalizar pessoas dispostas a serem agentes de mudança na vida das mulheres”<sup>183</sup>, criou o Laboratório de Inovação Social Mulheres em Tempos de Pandemia. A proposta dessa iniciativa é investigar e comunicar sobre “as crises desencadeadas e agravadas pela COVID-19 na vida das mulheres, bem como o mapeamento de possíveis ideias de soluções em inovação social para reduzir tais impactos.”<sup>184</sup> Uma dessas investigações se tornou o relatório “Esgotadas”, em que a equipe da organização perguntou às mulheres brasileiras “que aspectos da vida têm gerado sofrimento e insatisfação depois desse período conturbado de pandemia e de que forma elas cuidam da própria saúde mental.”<sup>185</sup> Além da quantidade alarmante de mulheres diagnosticadas com algum transtorno mental como ansiedade ou depressão<sup>186</sup>, a exaustão devido à sobrecarga de trabalho e o empobrecimento são questões existentes desde antes da pandemia.

O trabalho de cuidado envolve muitas horas dedicadas ao cuidado com a casa e com as pessoas: dar banho e fazer comida, fazer faxina, comprar os alimentos que serão consumidos, cuidar das roupas (lavar, estender e guardar), prevenir doenças com boa alimentação e higiene em casa, cuidar de quem está doente, fazer café da manhã, almoço, lanches e jantar para os filhos, educar, e isso todos os dias, por horas a fio. As mulheres dedicam o dobro de tempo dos homens nas tarefas de cuidado, segundo dados do IBGE. Em um ano as mulheres gastam 1.118 horas (47 dias) nessas tarefas, enquanto os homens dedicam apenas 572 horas (23 dias). [...] A sobrecarga de trabalho doméstico e a jornada de trabalho excessiva foram o segundo fator apontado pelas entrevistadas como tendo maior impacto em sua saúde emocional, atrás apenas das preocupações financeiras. As mães solo, um grupo dentro das mulheres que são cuidadoras, são as que se sentem mais insatisfeitas com sua carga de responsabilidade. A sobrecarga de cuidado também está relacionada a níveis mais altos de insatisfação com a situação financeira e o trabalho. Uma mulher sobrecarregada com o cuidado tem menos tempo ou condições para se dedicar ao trabalho remunerado. Uma mulher sem renda digna tem precarizados seu meio de vida e suas condições de cuidar. O adoecimento psíquico é também o resultado dessa conta que não fecha e pressiona de maneira sobre humana a saúde mental das mulheres. (Think Olga, 2023)

<https://exame.com/carreira/covid-19-dupla-jornada-aumenta-vulnerabilidade-das-mulheres-diz-onu/>. Acesso em: 25/04/2024.

<sup>183</sup> Think Olga. Quem somos. Disponível em: <https://thinkolga.com/quem-somos/>. Acesso em: 25/04/2024.

<sup>184</sup> Laboratório Think Olga. O que é o Laboratório de Inovação da Think Olga? Disponível em: <https://lab.thinkolga.com/lab/>. Acesso em: 25/04/2024.

<sup>185</sup> Novidades Think Olga. Esgotadas: o empobrecimento, a sobrecarga de cuidado e o sofrimento psíquico das mulheres. *Biweekly newsletter*. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/esgotadas-o-empobrecimento-sobrecarga-de-cuidado-e-sofrimento/?trackingId=vJEcaEVtzd3o4YT%2BH5Cqw%3D%3D>. Acesso em: 25/04/2024.

<sup>186</sup> “Quase metade (45%) possui um diagnóstico de ansiedade, depressão ou algum outro transtorno mental. Estresse, irritabilidade, sonolência, fadiga, baixa autoestima, insônia e tristeza são sintomas experimentados por elas cotidianamente. As causas apontadas pelas mulheres para essa situação se relacionam principalmente à falta de dinheiro, sobrecarga e insatisfação com o trabalho. E, assim como outras estatísticas e pesquisas já demonstraram historicamente, são as mulheres negras as que vivenciam maior sofrimento com essas condições.” Think Olga. Quem somos. Disponível em: <https://lab.thinkolga.com/esgotadas/>. Acesso em: 25/04/2024.

Esse relatório é complementado por diversas publicações dos dados obtidos nas redes sociais da ONG e na plataforma do Laboratório que se divide nos eixos “Violência contra as mulheres”<sup>187</sup>, “Saúde das mulheres”<sup>188</sup> e “Economia do Cuidado”<sup>189</sup>, sendo o último exemplificado pela postagem abaixo que tenta explicar a difícil separação entre o trabalho reprodutivo e produtivo no cotidiano de jornada dupla das mulheres no Brasil.



**Figura 09: Jornada dupla das mulheres - Think Olga**

Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/C56u691rZjL/>> Acesso em: 22/04/2024

Diante dessas iniciativas e do apontamento da forma como as questões relacionadas ao trabalho reprodutivo ficaram latentes durante o isolamento, é retomada a conclusão de Federici:

[...] em um contexto de pauperização crescente e militarização da vida cotidiana que leva à paralisia, ao afastamento e à desconfiança dos vizinhos, esses sinais de disposição em cooperar são encorajadores: são indícios de que cada vez mais pessoas percebem que enfrentar a crise sozinhas é um caminho para o fracasso, pois, em um sistema social comprometido com a desvalorização de nossa vida, a única possibilidade de sobrevivência econômica e psicológica está em nossa capacidade de transformar práticas cotidianas em um terreno de luta coletiva. Há uma outra razão pela qual é crucial criarmos novas formas de vínculo social e cooperação na reprodução de nossa vida cotidiana. O trabalho doméstico, incluindo o trabalho de cuidado e o trabalho afetivo, é extremamente segregado, realizado de uma maneira que nos separa, individualiza nossos problemas e oculta nossas necessidades e sofrimentos. Também é extremamente árduo: exige a execução de muitas atividades,

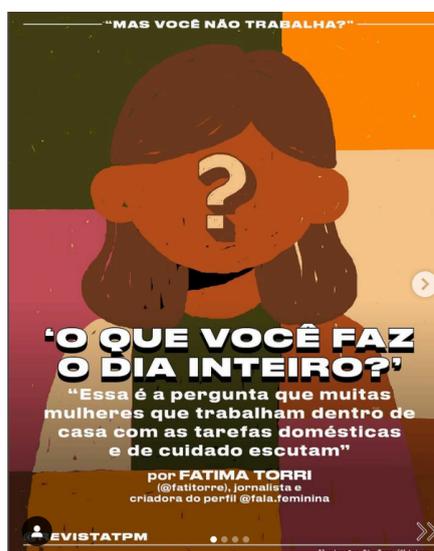
<sup>187</sup> Laboratório Think Olga. O desfinanciamento da proteção às mulheres. Disponível em: <https://lab.thinkolga.com/violencia-contra-as-mulheres/>. Acesso em: 25/04/2024.

<sup>188</sup> Laboratório Think Olga. Saúde das mulheres: Mulheres são a linha de frente da saúde e do cuidado, mas seguem sozinhas, desamparadas e adoecendo. Disponível em: <https://lab.thinkolga.com/saude-das-mulheres/>. Acesso em: 25/04/2024.

<sup>189</sup> Laboratório Think Olga. Economia do Cuidado: como podemos visibilizar o trabalho invisível das mulheres na economia do cuidado? Disponível em: <https://lab.thinkolga.com/economia-do-cuidado/>. Acesso em: 25/04/2024.

em geral simultâneas, que não podem ser mecanizadas e que são realizadas principalmente por mulheres, na forma de trabalho não remunerado, muitas vezes somado a uma atividade remunerada em período integral. Sem dúvida, a tecnologia – da comunicação, em particular – desempenha um papel na organização do trabalho doméstico e agora é parte essencial de nossa vida cotidiana. Mas, como argumenta Fortunati (1998), ela serviu principalmente para substituir a comunicação interpessoal, e não para torná-la melhor, permitindo que cada membro da família escape da crise comunicativa refugiando-se na máquina. [...] Por isso, é de suma importância o esforço das mulheres para, acima de tudo, desprivatizar nossa vida cotidiana e criar formas cooperativas de reprodução. Isso abre caminho para um mundo em que cuidar dos outros pode se tornar uma tarefa criativa, e não um fardo, e para quebrar o isolamento característico do processo de nossa reprodução, criando laços de solidariedade sem os quais a vida é um deserto afetivo no qual não temos poder social. Nesse contexto, os comuns são tanto os objetivos quanto a condição de nossa vida cotidiana e de nossas lutas. Em uma forma embrionária, representam as relações sociais que pretendemos alcançar, bem como os meios para sua construção. Não são uma luta separada, mas uma perspectiva que trazemos a toda luta e todo movimento social de que participamos. Como uma integrante de uma comunidade zapatista pontuou: "Resistência não é meramente se recusar a apoiar um governo ruim ou não pagar impostos ou energia elétrica. Resistência é construir tudo o que for necessário para manter a vida do nosso povo" (Exército Zapatista da Libertação Nacional, 2013, p. 70). (Federici, 2015, p. 270-271)

Porém, mesmo em 2024, tendo passado a declaração oficial da Organização Mundial de Saúde, e todas as latências envolvendo o trabalho reprodutivo no espaço da casa e suas precariedades e invisibilidades, ainda que evidenciadas durante o período, ainda há quem faça questionamentos como o colocado abaixo no perfil do instagram da Revista TPM em conjunto com o perfil Fala Feminina:



**Figura 10: O que você faz o dia inteiro? - Revista TPM e Fala Feminina**  
Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C507Y4muy4M/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/C507Y4muy4M/?img_index=1). Acesso em: 22/04/2024

Acompanhado da seguinte legenda:

“Eu vou listar o que uma mulher que é dona de casa me disse que faz: ‘eu sou mãe, mulher, filha, despertador, cozinheira, empregada, babá, enfermeira, faço trabalho

manual, agente de seguridade, conselheira, cobertor””, relata a jornalista Fatima Torri (@fatimatorri). Criadora do perfil @fala.feminina, ela já cansou de receber relatos de mulheres que são questionadas sobre o que fazem da vida enquanto estão cuidando da casa, dos filhos e da família. Essas atividades, atribuídas principalmente às mulheres, garantem o funcionamento da sociedade, mas ainda são invisibilizadas e desvalorizadas. “Precisamos reconhecer que essa carga não é, única e exclusivamente, amor. Ela requer energia, dedicação, tempo e conhecimento – assim como qualquer outro trabalho”, diz Fatima. Ilustração: Bia Toma (@biatoma\_) (Revista TPM e Fala Feminina, 2024)

No texto de 1975 de Federici chamado “Contraplanejamentos da cozinha”, a autora menciona como a diminuição dos tamanhos das casas e a mecanização do trabalho doméstico, que supostamente levariam mulheres a terem mais tempo de lazer, não foi exatamente eficaz. Federici menciona como o tempo que teoricamente seria para esse descanso acaba sendo ocupado por trabalhos adicionais, assim como esses dois trabalhos, um dentro e um fora de casa, leva a uma exaustão das mulheres que muitas vezes as impede de lutar contra ambos. A autora ainda traz uma noção de como o acesso a essas mesmas tecnologias que poupariam parte do tempo gasto com tarefas de casa também depende da condição assalariada dessas mesmas mulheres. Quando a teórica menciona os salários para o trabalho doméstico, ela possui a intenção de demarcar essa atividade como trabalho que mantém a estrutura capitalista funcionando.

É importante esclarecer que, ao dizer que o trabalho que realizamos no lar é uma produção capitalista, não estamos expressando um desejo de nos legitimarmos como parte das "forças produtivas" – em outras palavras, não é um recurso ao moralismo. Somente do ponto de vista capitalista é que ser produtiva é uma virtude moral, quando não um imperativo moral. Do ponto de vista da classe trabalhadora, ser produtiva simplesmente significa ser explorada. Como reconheceu Karl Marx, "ser trabalhador produtivo não é, portanto, uma sorte, mas um azar". É por isso que obtemos pouca "autoestima" disso. Mas quando dizemos que o trabalho doméstico é uma instância da produção capitalista, expomos, assim, a nossa função específica na divisão capitalista do trabalho e as formas específicas que a nossa revolta contra ela deve tomar. No fim, quando dizemos que nós produzimos capital, estamos dizendo que podemos e queremos destruí-lo, em vez de travar uma batalha perdida para passar de uma forma e um grau de exploração para outro. (Federici, 2019 [1975], p. 70-71)

Nesse mesmo texto, a autora também menciona como para a ideologia capitalista existe uma glorificação da família como um núcleo particular e idealizado como o último refúgio dos homens e das mulheres. À parte de uma romantização de um ideal falho de família heterossexual, muito provavelmente branca e de classe média, Federici diz:

A forma com que a relação assalariada mistificou a função social da família é uma extensão da forma com que o capital mistificou o trabalho assalariado e a subordinação das nossas relações sociais ao "nexo monetário". Nós aprendemos com Marx que o salário oculta o trabalho não assalariado que é destinado ao lucro. Mas medir o trabalho pelo salário também esconde a extensão da subordinação das

nossas relações familiares e sociais às relações de produção – elas se tornaram relações de produção –, de modo que todos os momentos da vida operam em função da acumulação de capital. O salário e a falta dele permitem ao capital obscurecer a verdadeira duração da nossa jornada de trabalho. O trabalho aparece apenas como um compartimento único da vida, realizado apenas em momentos e espaços determinados. O tempo que gastamos na "fábrica social", nos preparando para o trabalho ou indo ao trabalho, recuperando nossos "músculos, nervos, ossos e cérebro" com lanches rápidos, sexo rápido, filmes, tudo isso aparece como lazer, como tempo livre, como escolhas individuais. (Federici, 2019 [1975], p. 77-78)

Mesmo com o distanciamento temporal de quase cinquenta anos dessa análise teórica, poucas mudanças ocorreram de fato na forma como o trabalho reprodutivo é percebido. No tocante à “fábrica social” mencionada neste trecho, é importante ressaltar a forma como essa noção de tempo de lazer e velocidade tomada por atividades que de certa forma se tornam parte de um tempo produtivo ficaram ainda mais latentes. Isso não só no caso das mulheres, ainda que sejam as mais afetadas por esse tempo sobressalente sendo utilizado para essa manutenção de uma produtividade não apenas de si, mas também de familiares com quem convivem.

De um modo quase geral, como dito nos capítulos anteriores, o tempo da “fábrica social” de Federici se rendeu também à logística de máquinas de caça-níqueis das redes sociais, a partir das quais o acesso não é apenas uma distração ou lazer, mas um outro tipo de produção em que os usuários fornecem dados e trabalham ininterruptamente. O próprio uso dos smartphones durante o isolamento também trouxe uma espécie de “senso de disponibilidade”, em que sua conectividade 24/7 supostamente traria mais produtividade<sup>190</sup>. Outra questão que pode se relacionar até mesmo com a premissa de um “novo normal”, como também já mencionado, se relaciona com falas sobre um aproveitamento do tempo de isolamento, seja fazendo cursos ou numa premissa de “manter-se ativo” durante a quarentena. Muitas dessas falas foram bastante presentes no começo da pandemia. O filósofo Peter Pál Pelbart, trazendo o escritor André Lepecki, no texto “Espectros da Catástrofe” diz:

Segundo Lepecki, o inconsciente político cinético impõe uma coreografia social à população em geral. Qualquer suspensão ou parada ou pausa fazem o capitalismo surtar. Mas, como ele o lembra, o capital compensa a paralisação física através de uma hiperatividade digital, e em favor de uma aceleração mental produtiva. Ou seja, tudo parou, mas nada parou. Não só nada parou, mas até mesmo, num certo sentido, tudo se acelerou. A cinética neoliberal, acrescenta Lepecki, já não impõe o movimento desde fora ou desde cima, mas o coloniza desde dentro, pilotando-o segundo suas finalidades próprias. São, como diz o autor, “atividades extrativas

---

<sup>190</sup> VIEIRA, Willian; NOVA, Daniel Vila. O que aconteceu quando o celular invadiu sua vida profissional? Revista Gama. Disponível em: [https://gamarevista.uol.com.br/semana/defina-trabalho/celular-trabalho-pandemia/?utm\\_medium=Email&utm\\_source=NLGama&utm\\_campaign=MelhorGama](https://gamarevista.uol.com.br/semana/defina-trabalho/celular-trabalho-pandemia/?utm_medium=Email&utm_source=NLGama&utm_campaign=MelhorGama). Acesso em: 18/05/2024.

totais sobre experiências de movimento individuais. Não há limite para essa colonização e monetização do cinético do indivíduo neoliberal.” (Pelbart, 2021)

Mas foi possível perceber que, ainda que o capital ainda estimule esse auto aprimoramento dentro da sociedade de desempenho, pelo individualismo mantendo o status quo do neoliberalismo, esse ideal de ocupar-se o tempo todo escancarou ainda mais o absurdo da situação dentro de um contexto em que milhares de pessoas morriam no mundo inteiro. Retomando Federici:

A nossa luta pelo salário abre tanto para o assalariado quanto para o não assalariado a questão da verdadeira duração da jornada de trabalho. Até o presente momento, a classe trabalhadora – homens e mulheres – teve a sua jornada de trabalho definida pelo capital, entre bater um ponto e outro. Isso definia o tempo em que pertencíamos ao capital e o tempo em que pertencíamos a nós mesmos. Mas nunca pertencemos a nós mesmos, sempre pertencemos ao capital, em todos os momentos de nossa vida, e já é hora de fazer o capital pagar por cada um desses momentos. Em termos de classe, trata-se de reivindicar um salário para cada momento que vivemos a serviço do capital. (Federici, 2019 [1975], p. 82)

Dessa forma, diante de uma evidência não só da insustentabilidade da sobrecarga das mulheres pelo trabalho de cuidado, percebe-se uma emergência de se pensar o capital e a relação entre trabalho produtivo e reprodutivo, mesmo que já possamos sair de casa. O emaranhamento ainda de mais difícil separação durante a pandemia, em que as duas atividades se misturaram e se acumularam dentro do espaço doméstico, evidenciou também o cuidado com pessoas doentes, idosos, pessoas com deficiência e crianças.

Federici também reflete sobre especificamente sobre a posição de pessoas mais velhas dentro do capital no texto de 2009 “Sobre o cuidado dos idosos e os limites do marxismo”. A autora menciona como existe essa “insistência neoliberal de que a reprodução é uma responsabilidade pessoal dos trabalhadores”<sup>191</sup>, e, a partir da socióloga Nona Glazer, discute como esse cuidado transferido para dentro das casas coloca o próprio espaço como parte da indústria médica. Para além do escrutínio dos dispositivos de biopoder e da biopolítica de Foucault discutidos no Capítulo 1, refinados durante a pandemia, de um modo prático, a casa também foi evidenciada como um tipo de espaço hospitalar. No Brasil, ainda que a existência e eficiência do Sistema Único de Saúde (SUS)<sup>192</sup> tenha sido responsável pela não ocorrência de um número ainda maior de mortes no país, bem como pela distribuição das

---

<sup>191</sup> FEDERICI, Silvia. Sobre o cuidado dos idosos e os limites do marxismo [2009]. In: Silvia Federici. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução: Coletivo Sycorax. – São Paulo: Elefante, 2019. p. 257.

<sup>192</sup> CONASS - Conselho Nacional de Secretários de Saúde. O SUS foi importante para a pandemia e terá papel fundamental no período pós Covid, avaliam especialistas durante debate organizado pelo Conass. Disponível em: <https://www.conass.org.br/o-sus-foi-importante-para-pandemia-e-tera-papel-fundamental-no-periodo-pos-covid-avaliam-especialistas-durante-debate-organizado-pelo-conass/>. Acesso em: 18/05/2024.

vacinas, muitos dos casos mais brandos foram tratados em casa. A domesticidade passou a incluir de forma mais essa atividade, e, quando possível, mantendo células internas para que os doentes ficassem isolados dos outros moradores.

A partir dessas discussões, mais uma vez é trazido o pensamento de Federici, em “Feminismo e a política do comum em uma era de acumulação primitiva”:

Se a casa é o *oikos* sobre o qual a economia é construída, então são as mulheres, historicamente trabalhadoras e prisioneiras da casa, que precisam assumir a iniciativa de retomar a casa como um centro de vida coletiva, atravessado por múltiplas pessoas e formas de cooperação, oferecendo segurança sem isolamento ou fixação, permitindo o compartilhamento e a circulação de posses comunitárias e, acima de tudo, oferecendo uma base para formas coletivas de reprodução. Como já foi sugerido, podemos tirar inspiração para esse projeto dos programas das "feministas materialistas" do século XIX que, convencidas de que a casa era um importante "componente espacial da opressão das mulheres", organizavam cozinhas comunitárias, domicílios cooperativos e exigiam que os trabalhadores controlassem a reprodução. Esses objetivos são cruciais no presente: romper com o isolamento da vida na casa particular não é apenas uma pré-condição para satisfazer nossas necessidades mais básicas e aumentar nosso poder no que se refere aos empregadores e ao Estado; como nos recordou Massimo De Angelis, também é uma proteção contra desastres ecológicos – pois não pode haver dúvida quanto às consequências destrutivas da multiplicação "não econômica" dos bens reprodutivos e das residências delimitadas que no inverno dissipam calor para a atmosfera e no verão nos expõem ao calor sem proteção – que agora chamamos de casa. Mais importante, não podemos construir uma sociedade alternativa e um forte movimento autorreprodutivo a não ser que redefinamos de forma mais cooperativa nossa reprodução e coloquemos um fim à separação entre o pessoal e o político, o ativismo político e a reprodução da vida cotidiana. (Federici, 2019 [2010], p. 82)

Em 2024, após a turbulência que o vírus da COVID-19 impôs à população mundial, a conclusão da autora se tornou ainda mais urgente. Ainda que partindo das mulheres, essa luta não cabe apenas a este grupo. A outra metade do mundo também precisa estar presente na construção desse mundo pós-pandemia para que ele seja minimamente possível para todos. Em um momento em que já existem estudos relacionando a contaminação pelo vírus da COVID-19 e o isolamento à perda de memória<sup>193</sup>, assim como à fadiga crônica<sup>194</sup>, também sintomática da vida contemporânea, deve-se insistir em lembrar e pensar nas problemáticas suscitadas nesse período para que não sejam atropeladas por um imediatismo de uma suposta superação da pandemia.

<sup>193</sup> TUASCO, João Guilherme. Como a covid-19 provoca perda de memória. Parceria entre a UFRJ e a Unirio ajuda a entender como o vírus impacta o funcionamento do cérebro. *Conexão UFRJ*. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2023/04/como-a-covid-19-provoca-perda-de-memoria/>. Acesso em: 18/05/2024.

<sup>194</sup> VARELLA, Drauzio. O que é a síndrome da fadiga crônica? *Canal Drauzio Varella*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6bMMJgRCK0I>. Acesso em: 18/05/2024.

## EPÍLOGO

Ela procura estudar o modo como a luz se distribui  
 pelos cômodos a certas horas  
 e dar-se conta dos pontos de convívio entre o dentro  
 e o fora, o trânsito pesado nas horas comerciais  
 a rapidez dos ruídos os acidentes de percurso  
 sua imagem refletida que vem sujar ainda mais as janelas  
 que ela não sabe limpar  
 uma casa, uma membrana entre o corpo e a noite  
 Num filtro para as formas do mundo  
 anteparo contra os golpes do dia, onde as vigas  
 se põem a cantar  
 ela aqui se sente mais exposta mais exterior do que interior  
 como se a casa não fosse doméstica  
 como se morar fosse uma afronta  
 à intensidade do dia  
 (Marques, 2017, p. 10-11)

Em 2021 aconteceu de maneira híbrida o Primeiro Congresso Internacional Feminista de Arquitetura e Cuidados<sup>195</sup>, a partir da organização de pesquisadoras independentes na Espanha, vindo de diferentes universidades como a Universidad Politécnica de Madri, Universidad Complutense de Madrid, Universidad de Tesalia de Volos (Grécia), Università degli Studi di Genova (Itália) y la Facultad de Arquitectura de Quito (Equador). O informe descritivo do evento diz:

Apesar de ter havido progressos consideráveis na distribuição das responsabilidades sociais, como demonstraram os acontecimentos vividos nos meses da pandemia, as crises revelam sempre as vulnerabilidades de cada civilização. Neste caso tem sido o cuidado, que agora mais do que nunca ocupa o centro das atenções e exige a formulação de políticas adequadas e a adoção de decisões e medidas concretas e consistentes, que garantam a participação das mulheres em condições de verdadeira igualdade, tanto no setor público como nas esferas domésticas. (Primer Congreso internacional feminista de Arquitectura y Cuidados)<sup>196</sup>

O congresso se dividiu entre os eixos “Participação da mulher na cidade”, “Interações pandêmicas”, “Arquitetura e desenho dos espaços para a participação no trabalho de cuidado”, “Direitos e compromissos da cidadania”, “Filologia e semiótica espacial do

<sup>195</sup> Primer Congreso internacional feminista de Arquitectura y Cuidados <https://congresoarquitecturaycuidados.com/>. Madrid, España. 2021 – Todos los derechos reservados.

<sup>196</sup> Tradução livre do trecho: “A pesar de haber avanzado considerablemente en el reparto de responsabilidades sociales, tal y como han demostrado los acontecimientos vividos en los meses de pandemia, las crisis siempre evidencian las vulnerabilidades de cada civilización. En este caso lo han sido los cuidados, que ahora más que nunca cobran protagonismo y necesitan la formulación de políticas adecuadas y la adopción de decisiones y medidas concretas y consecuentes, que garanticen la participación de las mujeres en condiciones de igualdad real, tanto en el ámbito público como en el doméstico.” Primer Congreso internacional feminista de Arquitectura y Cuidados. Disponível em: <https://congresoarquitecturaycuidados.com/>. Acesso em: 24/04/2024.

cuidado” e “Novas domesticidades”. É possível perceber como entre esses eixos de discussão, o cuidado assume diferentes contornos em cada trabalho apresentado, levando a abordagens diversas. Há uma constante que permeia boa parte das discussões, voltando-se para as formas como o trabalho reprodutivo se insere nos espaços, principalmente sua existência na escala da cidade, se relacionando com habitações populares, mobilidade urbana, territorialidades, coletividades e a própria prática de projeto arquitetônico atravessadas por questões de gênero e pelo trabalho de cuidado. No meio desses assuntos, dois eixos do evento se alinham mais com o que foi falado nessa pesquisa até o momento. O primeiro seria o “Novas domesticidades”, dentro do qual há uma coexistência bastante mista de temas. Sua descrição diz:

Diante do surgimento de novos ambientes comunitários em que as casas se completam com pedaços de seu entorno que assumem muitas de suas funções, e diante da proliferação de lares unipessoais para mulheres, vale a pena perguntar se os aspectos político-administrativos e regulatórios, as esferas arquitetônica e urbanística estão sendo preparadas para garantir o pleno desenvolvimento das pessoas como cidadãos plenos, principal tarefa do que pode ser definido como uma cidade solidária. (Primer Congreso internacional feminista de Arquitectura y Cuidados)<sup>197</sup>

Dentro dessa temática, destaca-se o trabalho “Los Bares y el Dispositivo Doméstico” (Os bares e o dispositivo doméstico)<sup>198</sup>, apresentado por Francisco Javier Rueda Córdoba, da Universidad Complutense de Madrid. A pesquisa de Córdoba propõe uma análise da domesticidade como um dispositivo que pode se expandir para além do espaço da casa, que leva a própria domesticidade a uma ampliação temporal, com limites que aumentam ou diminuem de acordo com o momento histórico em que se situa. O componente dos bares se situa como uma atividade que faz parte das domesticidades, em que se come na companhia de outras pessoas, segundo o autor, sendo um espaço essencial para a sociabilidade. Córdoba ainda menciona como a rede de dispositivos domésticos se reduziu à sua mínima expressão durante o isolamento, levando a casa a concentrar as muitas domesticidades, atravessada por questões de gênero pré-existentes.

---

<sup>197</sup> Tradução livre do trecho: “Frente a la aparición de nuevos entornos de colectividad en los que las viviendas se completan con piezas de su entorno que toman el relevo de muchas de sus funciones, y frente al proliferar de hogares unipersonales de mujeres, cabe preguntarse si el ámbito político-administrativo y el ámbito normativo, arquitectónico y urbanístico se están preparando para garantizar el pleno desarrollo de las personas como ciudadanas de pleno derecho, principal cometido de lo que se puede definir como ciudad cuidadora.” Primer Congreso internacional feminista de Arquitectura y Cuidados. Disponível em: <Primer Congreso internacional feminista de Arquitectura y Cuidados. Disponível em: <https://congresoarquitecturaycuidados.com/nuevas/>. Acesso em: 24/04/2024.

<sup>198</sup> CÓRDOBA, Francisco Javier Rueda. Los Bares y el Dispositivo Doméstico. *Actas Primer Congreso internacional feminista de Arquitectura y Cuidados*. Disponível em: [https://oa.upm.es/69367/1/Actas\\_cuidados.pdf](https://oa.upm.es/69367/1/Actas_cuidados.pdf). Acesso em: 26/04/2024. p. 289-291.

O segundo seria o eixo “Interações pandêmicas”, que organizou os temas dentro do seguinte escopo:

A atual crise sanitária revelou todas as questões críticas e desigualdades relacionadas com o trabalho remoto: em primeiro lugar, entre muitas outras, a maioria dos lares não está suficientemente equipada para proporcionar ambientes de trabalho adequados, a distribuição de cuidados e tempos e espaços dedicados. Refletiremos sobre as consequências desta retirada do trabalho remoto em espaços e tempos que subitamente se encolheram e se sobrepuseram; Da mesma forma, serão refletidas as implicações desta situação exacerbada. (Primer Congreso internacional feminista de Arquitectura y Cuidados)<sup>199</sup>

Nesse grupo temático destaca-se o trabalho “Screen Care: Visibility, Invisibility and Metaphors of Home in the Context of Pandemic” (Cuidados de Tela: Visibilidade, Invisibilidade e Metáforas do Lar no Contexto da Pandemia)<sup>200</sup>, apresentado por Luísa Sol, Doctora Arquitecta e Investigadora en CIAUD – Facultad de Arquitectura, Universidad de Lisboa. Sol parte de imagens e do audiovisual para debater as telas como um atual dispositivo do cuidado e conexão entre pessoas, e que, durante a pandemia, com novos paradigmas impostos ao espaço da casa, esse espaço só foi considerado eficiente quando possuíam alguma ferramenta digital conectada à internet, sendo sua ausência um indicador de desigualdades. Dessa forma, a suficiência da espacialidade doméstica passou a implicar diretamente em sua emissão. Sol defende as telas como um lugar de compartilhamento que, apesar de poderem também difundir estilos de vida e estereótipos, possibilita a construção de contra-narrativas através dos meios de comunicação para a definição do que é visível ou invisível, principalmente pelo fato de considerá-las o maior espaço público da atualidade. A autora também se utiliza do pensamento de Silvia Federici para falar dessas visibilidades e invisibilidades do trabalho reprodutivo, de onde parte para defender o potencial das telas dentro do contexto do isolamento de transmitir imagens contra-hegemônicas, de forma a redefinir o que seria ser mulher e o que seria a domesticidade.

Apesar de um otimismo com as ferramentas digitais, a proposta de repensar o lar no contexto do isolamento elaborada por Sol acaba se encontrando com o que está sendo

<sup>199</sup> Tradução livre do trecho: “La crisis sanitaria actual ha puesto de manifiesto todas las criticidades y desigualdades relacionadas con el trabajo en remoto: primera, entre muchas otras la mayoría de las viviendas no están lo suficientemente equipadas para proporcionar entornos laborales adecuados), el reparto de los cuidados y de sus tiempos y espacios dedicados. Se reflexionará sobre las consecuencias de este repliegue del trabajo en remoto en espacios y tiempos que de repente se han encogido y superpuesto; asimismo, se reflexionará sobre las implicaciones de esta situación exacerbada.” Disponível em: <https://congresoarquitecturaycuidados.com/working>. Acesso em: 24/04/2024.

<sup>200</sup> SOL, Luísa. Screen Care: Visibility, Invisibility and Metaphors of Home in the Context of Pandemic. *Actas Primer Congreso internacional feminista de Arquitectura y Cuidados*. Disponível em: [https://oa.upm.es/69367/1/Actas\\_cuidados.pdf](https://oa.upm.es/69367/1/Actas_cuidados.pdf). Acesso em: 26/04/2024. p. 326-332.

proposto nesta pesquisa. Somando-se ao trabalho de Córdoba mencionado anteriormente, percebe-se que já existe um movimento de se discutir no âmbito da arquitetura as mudanças envolvendo o morar em curso na contemporaneidade e como foi impactado pela pandemia.

A filósofa estadunidense Donna Haraway, em seu “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”, discute sobre o conceito de ciborgue como o mais preciso para dizer da nossa relação com a tecnologia e com a ciência, sob um viés feminista. A palavra ciborgue pode parecer talvez futurista demais ou soar como algo vindo de uma história complicada de ficção científica em um primeiro momento, mas é bastante apropriada para o distanciamento da ideia de humano<sup>201</sup> que a filósofa propõe.

Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo. Os movimentos internacionais de mulheres têm construído aquilo que se pode chamar de "experiência das mulheres". Essa experiência é tanto uma ficção quanto um fato do tipo mais crucial, mais político. A libertação depende da construção da consciência da opressão, depende de sua imaginativa apreensão e, portanto, da consciência e da apreensão da possibilidade. O ciborgue é uma matéria de ficção e também de experiência vivida – uma experiência que muda aquilo que conta como experiência feminina no final do século XX. Trata-se de uma luta de vida e morte, mas a fronteira entre a ficção científica e a realidade social é uma ilusão ótica. (Haraway, 2000, p. 36)

Haraway argumenta que o ciborgue é um recurso da imaginação para compreender acoplamentos diante da contemporaneidade, trazendo até mesmo o conceito de biopolítica de Foucault como uma possível premonição de uma política ciborguiana, ainda que mais adiante ela diga que o ciborgue foge da sujeição à biopolítica do filósofo francês pelo fato de simulá-la e assim possibilitar “um campo muito mais potente de atividades”<sup>202</sup>. Nesse manifesto, a filósofa discute questões de limiares naturais e artificiais, separações construídas socialmente que podem ser desconstruídas a partir do momento em que essa criatura fictícia confunde essas fronteiras.

No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política. O ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica. Nas tradições da ciência e da política ocidentais (a tradição do capitalismo

<sup>201</sup>GUEDES, Vanessa. Se eu não puder brincar, não é minha revolução: Barbie, Barbarella, Donna Haraway e seus ciborgues de carne e osso. *Segredos em órbita*. Disponível em: <https://vanessaguedes.substack.com/p/se-eu-nao-puder-brincar-nao-e-minha>. Acesso em: 06/04/2024.

<sup>202</sup> HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Tradução: Tomaz Tadeu. In: Tomaz Tadeu (org.) *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. – Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 63.

racista, dominado pelos homens; a tradição do progresso; a tradição da apropriação da natureza como matéria para a produção da cultura; a tradição da reprodução do eu a partir dos reflexos do outro), a relação entre organismo e máquina tem sido uma guerra de fronteiras. As coisas que estão em jogo nessa guerra de fronteiras são os territórios da produção, da reprodução e da imaginação. (Haraway, 2000, p. 37)

Haraway prossegue em seu manifesto dizendo que o ciborgue não é estruturado por polaridades, como público e privado, por exemplo, definindo uma *pólis* tecnológica a partir de uma “revolução das relações sociais do *oikos* – a unidade doméstica.”<sup>203</sup>

Com o ciborgue, a natureza e a cultura são reestruturadas: uma não pode mais ser o objeto de apropriação ou de incorporação pela outra. Em um mundo de ciborgues, as relações para se construir totalidades a partir das respectivas partes, incluindo as da polaridade e da dominação hierárquica, são questionadas. (Haraway, 2000, p. 39)

Mesmo sendo “filhos ilegítimos do militarismo e do capitalismo patriarcal”<sup>204</sup>, os ciborgues habitam a transgressão dos limites entre animal e humano. Limite esse que não diz de uma separação, e sim de um acoplamento mencionado anteriormente. Essas distinções, para Haraway, estão sempre sujeitas a vazamentos, assim como as tentativas de colocar em lados opostos o animal-humano e a máquina. Físico e não-físico é outro dualismo desconstruído pela filósofa. A tecnologia e os dispositivos microeletrônicos modernos, por exemplo, possuem uma ubiquidade manifestada ao estar em toda parte de forma invisível, assemelhando-se às narrativas mitológicas de um “deus pai”. Dessa forma, é reforçado o papel da escrita, do poder e da tecnologia como “velhos parceiros nas narrativas de origem da civilização, típicas do Ocidente [...]”<sup>205</sup>.

A ideia da confusão de fronteiras, dominada pela “ciência ‘mais dura’”<sup>206</sup>, é aqui aproveitada para ser transgredida, com fusões e possibilidades que podem se tornar componentes de um trabalho político. Haraway está falando a respeito de uma mudança de perspectiva para poder compreender e construir outras formas de poder em sociedades que ela define como tecnologicamente mediadas.

De uma outra perspectiva, um mundo de ciborgues pode significar realidades sociais e corporais vividas, nas quais as pessoas não temam sua estreita afinidade com animais e máquinas, que não temam identidades permanentemente parciais e posições contraditórias. A luta política consiste em ver a partir de ambas as perspectivas ao mesmo tempo, porque cada uma delas revela tanto dominações quanto possibilidades que seriam inimagináveis a partir do outro ponto de vista. (Haraway, 2000, p. 46)

---

<sup>203</sup> Ibidem, p. 39.

<sup>204</sup> Ibidem, p. 40.

<sup>205</sup> Ibidem, p. 43.

<sup>206</sup> Ibidem, p. 44.

A filósofa questiona também as categorizações infinitas que algumas vertentes do feminismo fazem que acabam por reforçar um desejo de pensamento único sobre a questão das mulheres. O conceito de mulher, segundo Haraway, não une naturalmente as mulheres, por exemplo, e se torna escorregadio à medida que é encaixado em algumas definições que acabam por restringi-lo a grupos específicos. Esse sonho de uma linguagem comum, segundo a autora, é totalizante e imperialista<sup>207</sup>. Após uma discussão densa sobre questões dos movimentos feministas e suas múltiplas vertentes, ela diz que:

As taxonomias do feminismo produzem epistemologias que acabam por policiar qualquer posição que se desvie da experiência oficial das mulheres. [...] A luta teórica e prática contra a unidade-por-meio-da-dominação ou contra a unidade-por-meio-da-incorporação implode, ironicamente, não apenas as justificações para o patriarcado, o colonialismo, o humanismo, o positivismo, o essencialismo, o cientificismo e outros "ismos", mas também todos os apelos em favor de um estado orgânico ou natural. (Haraway, 2000, p. 50-51)

Assim, para Haraway, há uma urgência em se pensar num feminismo ciborgue, argumentando que não é possível aceitar uma matriz identitária como natural, assim como construções de uma totalidade. Entra em cena então a discussão da informática da dominação, aproximando-se um pouco das noções mencionadas anteriormente a partir de McKenzie Wark e sua percepção do capital em um estado de mudança. É possível compreender a discussão de Wark em consonância com a linha de raciocínio de Haraway, em que a primeira retoma até mesmo Marx nas reflexões sobre tecnologia.

Consistente com o resto de seu pensamento, Marx passa a entender a tecnologia não como possuindo uma essência, mas como algo emergente de circunstâncias históricas particulares. Isso deu a ele um modo de pensar para além da forma curiosa como a tecnologia aparece enquanto algo separado. A tecnologia está intimamente conectada, por um lado, ao humano e, por outro, ao não humano. De fato, a tecnologia pode ser a zona desumana onde as distinções entre o humano e o não humano, sem mencionar as ansiedades sobre sua permeabilidade, se originam. Entre outras coisas, a tecnologia intermedia os sentidos do humano para o ser humano. Para ocupar apenas a primeira dessas conexões por enquanto: Marx podia ver a tecnologia como conectada ao humano de uma maneira dupla. Simplificando: o *conteúdo* da tecnologia é trabalho: a forma da tecnologia é capital. É o trabalho vivo que faz a tecnologia; a tecnologia é o trabalho morto congelado – gosma rosa – que então retorna para confrontar o trabalhador na forma de capital. A *forma* de tecnologia é capital, na medida em que é moldada pelo objetivo de extrair valor do trabalho (e da natureza) da forma mais eficiente possível.[...] A tecnologia não é uma coisa separada, então. É íntimo do humano, de uma forma bifurcada: capital na forma e capital em conteúdo, é trabalho. O trabalho faz a máquina, mas não como parte de sua própria escolha. Há uma conexão paralela, por outro lado, com o não humano, a natureza. A tecnologia é feita e refaz a própria natureza. O conteúdo da tecnologia é materialidade sensível, ferro e carvão misturado com trabalho; sua forma é mais uma vez a forma do capital. (Wark, 2022, p. 84-85)

---

<sup>207</sup> Ibidem, p. 83.

A partir da passagem da sociedade industrial e orgânica para um “sistema polimorfo”<sup>208</sup> e informacional, Haraway traz essa transição de dominações hierárquicas a partir de dicotomias as quais nenhuma pode ser definida como natural, nem suas versões anteriores nem as atuais.

Pode-se pensar qualquer objeto ou pessoa em termos de desmontagem e remontagem; não existe nenhuma arquitetura "natural" que determine como um sistema deva ser planejado. Os centros financeiros de todas as cidades do mundo, bem como as zonas de processamento de exportação e de livre comércio, proclamam este fato elementar do "capitalismo tardio": o universo inteiro dos objetos que podem ser cientificamente conhecidos deve ser formulado como um problema de engenharia de comunicação (para os administradores) ou como uma teoria do texto (para aqueles que possam oferecer resistência). Trata-se, em ambos os casos, de semiologias ciborguianas. As estratégias de controle irão se concentrar nas condições e nas interfaces de fronteira, bem como nas taxas de fluxo entre fronteiras, e não na suposta integridade de objetos supostamente naturais. [...] As estratégias de controle serão formuladas em termos de taxas, custos de restrição, graus de liberdade. Os seres humanos, da mesma forma que qualquer outro componente ou subsistema, deverão ser situados em uma arquitetura de sistema cujos modos de operação básicos serão probabilísticos, estatísticos. Nenhum objeto, nenhum espaço, nenhum corpo é, em si, sagrado; qualquer componente pode entrar em uma relação de interface com qualquer outro desde que se possa construir o padrão e o código apropriados, que sejam capazes de processar sinais por meio de uma linguagem comum. (Haraway, 2000, p. 61-62)

Haraway completa:

As dicotomias entre mente e corpo, animal e humano, organismo e máquina, público e privado, natureza e cultura, homens e mulheres, primitivo e civilizado estão, todas, ideologicamente em questão. A situação real das mulheres é definida por sua integração/ exploração em um sistema mundial de produção/reprodução e comunicação que se pode chamar de "informática da dominação". A casa, o local de trabalho, o mercado, a arena pública, o próprio corpo, todos esses locais podem ser dispersados e entrar em relações de interface, sob formas quase infinitas e polimórficas, com grandes consequências para as mulheres e outros grupos consequências que são, elas próprias, muito diferentes para as diferentes pessoas, o que faz com que seja difícil imaginar fortes movimentos internacionais de oposição, embora eles sejam essenciais para a sobrevivência. (Haraway, 2000, p. 63)

A filósofa segue seu manifesto defendendo a importância das biotecnologias e das tecnologias de comunicação nessa nova forma de pensar e remodelar os corpos, levantando inclusive a questão do próprio discurso tecnológico e científico compreendidos como várias formalizações, “momentos congelados das fluidas interações sociais que as constituem”<sup>209</sup>, mas também como “instrumentos para a imposição de significados”<sup>210</sup>. Aqui a noção de Haraway se aproxima das definições de práticas instituintes e constituintes ditas por

---

<sup>208</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>209</sup> Ibidem, p. 64.

<sup>210</sup> Ibidem, p. 64.

Castoriadis e explicitadas por Pierre Dardot e Christian Laval na obra “O comum: Ensaio sobre a revolução no século XXI”, no capítulo “A práxis instituinte”.

Dardot e Laval elaboram uma discussão a partir das definições de Castoriadis, para quem o conceito de instituição não coincide com o do instituído, trazendo a ideia de instituinte. Para ele, o instituído em si é resultado do exercício do poder instituinte enquanto poder criador. Castoriadis nomeia a história como o elemento novo de natureza radical, com o potencial de criar os imaginários radicais e um imaginário social. Dardot e Laval dizem a partir dele que:

É esse radicalmente novo que é preciso tentar tornar inteligível, e não a variação do existente. A instituição não deve ser vista acima de tudo, e principalmente, como instituído, mas como instituinte que origina instituído, que, por sua vez, será subvertido pelo radicalmente novo. O momento instituinte é testemunho de uma capacidade humana específica que consiste em criar a partir de nada um significado inteiramente original. Nesse sentido, a representação não é *imagem de*, mas é forma radicalmente nova, da esfera daquilo que Castoriadis chama de "imaginário". Esta última noção é introduzida em sua obra por intermédio do conceito de "significação imaginária social", a contrapelo das concepções funcionalistas, que reduzem toda instituição social à função de satisfação das necessidades humanas. Para ele, trata-se de trazer à tona a dimensão própria do simbólico à qual pertencem não só a linguagem, como também, mais amplamente, todo o sistema de significações. Toda simbolização provém do imaginário, na medida em que ela pressupõe a capacidade de "ver numa coisa o que esta não é ou de "vê-la diferente do que é." (Dardot, Laval, 2016, p. 347)

Os filósofos apontam que o que é chamado de imaginário para Castoriadis possui duas dimensões, do instituído e do instituinte. A primeira está associada às significações simbólicas já instituídas, contribuindo para sua reprodução. Já a segunda dimensão seria aquela capaz de instituir o radicalmente novo, responsável ao longo da história pelas rupturas inéditas e emancipatórias. Para Castoriadis, é o imaginário radical instituinte que caracteriza o “social-histórico humano”<sup>211</sup>.

Por "imaginário é preciso entender, aqui, nem tanto a capacidade de representar uma coisa ausente que já foi dada à percepção o que diz respeito à imaginação "reprodutora" –, mas a capacidade incomparavelmente radical de "fazer surgir como imagem uma coisa que não existe e não existiu", ou ainda a "faculdade original de estabelecer ou conceber, no modo da representação, uma coisa e uma relação que não existem (não são dadas ou nunca foram dadas à percepção). Essa valorização teórica do imaginário não parece ser independente da ideia revolucionária que move Castoriadis. Pois, se é verdade que "a sociedade instituída é sempre trabalhada pela sociedade instituinte", e que, "sob o imaginário social estabelecido sempre corre o imaginário radical", também é verdade que, no mais das vezes, a sociedade se dedicou a negar e encobrir sua própria dimensão instituinte. Por isso, o projeto radical de emancipação não pode ter outro objetivo senão o de uma sociedade conscientemente autoinstituinte, que é apenas outro nome para "democracia". Percebe-se por que uma posição revolucionária na política requer que se parta de

---

<sup>211</sup> Ibidem, p. 348.

uma definição do social ruptura e à emergência de um significado inteiramente inédito na história. (Dardot, Laval, 2016, p. 347)

Segundo Dardot e Laval, a atividade instituinte conceituada por Castoriadis possui dimensões sociais e políticas, na medida em que, em determinados momentos dramáticos da sociedade, como nas revoluções, será a partir dela que haverá o questionamento da instituição estabelecida e a criação de significações imaginárias novas e compartilháveis por todos. Posteriormente, os autores trazem a práxis como conceito para pensar as possibilidades de surgimento de novos significados sociais. Para eles, pelo fato da política ser fundamentalmente práxis, ela não pode ser destruída. Vale ressaltar que, ao contrário da oposição aristotélica, há novamente uma concordância com o pensamento de Castoriadis, no que se refere à aproximação entre práxis e poiesis. Contudo, diferentemente de Castoriadis, para os filósofos, há uma intenção revolucionária na práxis instituinte, e para afirmá-la recorrem à frase de Marx em “18 Brumário”, que diz que “os homens fazem sua própria história”<sup>212</sup>.

Ela nos diz, em substância, que esse "fazer", que não é da ordem da fabricação técnica, nem por isso é uma "criação a partir de nada" ou uma "criação absoluta". Os homens, embora "façam" sua história, fazem-na sempre em circunstâncias e condições que eles não escolheram, que eles "encontram sempre já aí, porque foram herdadas das gerações anteriores. Por esse lado, o "fazer" dos homens é sempre condicionado pelos resultados da atividade daqueles que os precederam. Todavia, esse condicionamento não apenas não exclui a criação do novo, como o torna possível. Isso porque as condições encontradas já aí por cada geração não são um meio neutro, ao qual a ação dos homens só poderia se conformar passivamente. Pois esse é o segundo lado do "fazer", ao agir em determinadas condições, os homens agem sobre essas condições de tal modo que "estabelecem" novas condições. Eles subvertem assim o antigo estado de coisas e trazem à existência o que não possui precedentes na história. (Dardot, Laval, 2016, p. 357)

Para os autores, as pessoas agem nesses períodos críticos a partir do que já está dado e que as precede, de um instituído. Porém, essa ação não é exatamente apenas repetição desse precedente, uma vez que nesse agir no presente em meio ao “herdado” também se dá por uma ocupação de brechas onde surgem o novo. Essa ação também produz a história e seus atores simultaneamente, transformando ambos nesse processo, sem ser necessariamente uma relação de causalidade entre si. Para Dardot e Laval, a práxis instituinte promove na sua ação a automodificação, e, conseqüentemente, a autoprodução de seu sujeito, reforçando, assim, a noção de que trata-se de uma práxis capaz de estabelecer novos sentidos e novas regras. Essa

---

<sup>212</sup> MARX *apud* DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian. Capítulo 9: A fábrica do sujeito neoliberal. In: Pierre Dardot e Christian Laval. A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal. – São Paulo: Boitempo, 2016. p. 357.

práxis também possui a função demarcar a necessidade de uma contínua atividade instituinte, um processo cíclico e ininterrupto.

Portanto, a práxis instituinte é ao mesmo tempo a atividade que estabelece um novo sistema de regras e a atividade que tenta reiniciar permanentemente esse estabelecimento para evitar a paralisação do instituinte no instituído; por conseguinte, ela é a práxis que antecipa conscientemente, desde o início, a necessidade de modificar e reinventar o instituído que ela estabeleceu apenas para fazê-lo funcionar melhor no tempo. [...] A práxis instituinte produz seu próprio sujeito na continuidade de um exercício que deve se renovar para além do ato criador. Mais exatamente, ela é *autoprodução de um sujeito coletivo na e pela coprodução continuada de regras de direito*. (Dardot, Laval, 2016, p. 363)

Ao trazer esses conceitos para a discussão aqui proposta, percebe-se o potencial e a necessidade de redefinições para o que são as domesticidades a partir desse momento de isolamento social devido à pandemia, colocado como período de ruptura em maior ou menor grau para muitas pessoas. Essa modificação de seus significados, assim como dos sujeitos em meio à imposição de um cotidiano atípico, traz um senso de possibilidade de reinterpretar o que é o morar atualmente, algo que não cabe mais em definições ditas em contextos históricos distantes e bastante distintos. Os projetos analisados por Colomina e discutidos anteriormente foram aqui trazidos não só pela sua familiaridade com as condições de isolamento dadas durante a pandemia, por exemplo, mas também como materializações de um outro momento de ruptura de ideais de uma domesticidade concebida previamente. As próprias contra-domesticidades que a arquiteta propõe também tem sido atravessadas por outras práxis do século XXI, em que esse ciclo de mudança dos sujeitos e das ações tem se dado de uma forma também simultânea e ainda mais rápida devido a uma aceleração intrínseca à contemporaneidade.

A domesticidade trazida aqui, como um conjunto de ações no espaço, carrega tanto a dimensão do imaginário reprodutor de um simbólico instituído, como de uma práxis instituinte, capaz de fazer emergir novas significações radicais. Entretanto, não é possível afirmar que, durante a pandemia, tenha prevalecido uma ou outra dimensão, já que os sentidos compartilhados nesse período foram múltiplos, controversos e não necessariamente novos.

Retomando Donna Haraway, seu manifesto aborda ainda a permeabilidade das fronteiras entre mito e ferramenta, instrumento e conceito, sistemas históricos de relações sociais e anatomias históricas dos corpos possíveis. Com a tradução do mundo em sistemas de codificação pelas tecnologias, o próprio mundo se tornou permeável à informação, uma vez

que esta busca uma linguagem comum para que toda heterogeneidade possa ser “submetida à desmontagem, à remontagem ao investimento e à troca.”<sup>213</sup>

As ciências da comunicação e a biologia caracterizam-se como construções de objetos tecnonaturais de conhecimento, nas quais a diferença entre máquina e organismo torna-se totalmente borrada; a mente, o corpo e o instrumento mantém, entre si, uma relação de grande intimidade. A organização material "multinacional" da produção e reprodução da vida cotidiana, de um lado, e a organização simbólica da produção e reprodução da cultura e da imaginação, de outro, parecem estar igualmente implicadas nesse processo. As imagens que supõem uma manutenção das fronteiras entre a base e a superestrutura, o público e o privado ou o material e o ideal nunca pareceram tão frágeis. (Haraway, 2000, p. 67)

Nesse mesmo manifesto, há também um capítulo intitulado “A ‘economia do trabalho caseiro’ fora de ‘casa’”. Nele, Haraway discute a forma como a chamada “Nova Revolução Industrial” passou a produzir uma nova classe trabalhadora, com uma divisão internacional do trabalho interligada com a “emergência de novas coletividades e com o enfraquecimento de grupos familiares.”<sup>214</sup> A filósofa menciona o papel das mulheres nessa nova configuração econômica em que há uma feminização do trabalho, colocando-as em um lugar vulnerável na maioria das vezes, mas também capaz de sofrer essa remontagem e desmontagem, ainda que de forma exploratória atualmente. As noções do trabalho de cuidado e da feminização da pobreza, anteriormente aqui trabalhada pelo pensamento de Silvia Federici, também aparecem no Manifesto Ciborgue, quando Haraway diz que “o sustento da vida cotidiana cabe às mulheres”<sup>215</sup>.

Entretanto, o conceito de "economia do trabalho caseiro" não se refere apenas à desqualificação em larga escala, nem pretende negar que estão emergindo novas áreas de alta qualificação, inclusive para mulheres e homens anteriormente excluídos do emprego qualificado. Em vez disso, o conceito quer indicar que a fábrica, a casa e o mercado estão integrados em uma nova escala e que os lugares das mulheres são cruciais e precisam ser analisados pelas diferenças existentes entre as mulheres e pelos significados das relações existentes entre homens e mulheres, em várias situações. A economia do trabalho caseiro, considerada como uma estrutura organizacional capitalista mundial, torna-se possível por meio das novas tecnologias, embora não seja causada por ela. O êxito do ataque contra empregos relativamente privilegiados dos trabalhadores masculinos sindicalizados em grande parte brancos está ligado à capacidade que têm as novas tecnologias de comunicação de integrar e controlar os trabalhadores, apesar de sua grande dispersão e descentralização. As consequências das novas tecnologias são sentidas pelas mulheres tanto na perda do salário-família (masculino) – quando elas chegaram a ter acesso a esse privilégio dos brancos – quanto no caráter de seus próprios empregos, os quais estão se tornando capital-intensivo como, por exemplo, no trabalho de escritório e na enfermagem. Os novos arranjos econômicos e tecnológicos estão relacionados também à decadência

<sup>213</sup> HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Tradução: Tomaz Tadeu. In: Tomaz Tadeu (org.) Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. – Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 64.

<sup>214</sup> Ibidem, p. 68.

<sup>215</sup> Ibidem, p. 70.

do estado do bem-estar e à consequente intensificação da pressão sobre as mulheres para que assumam o sustento da vida cotidiana tanto para si próprias quanto para os homens, crianças e pessoas mais velhas. (Haraway, 2000, p. 69-70)

A partir dessa discussão econômica, a filósofa segue sua linha de raciocínio discutindo o papel das tecnologias de comunicação na erradicação da vida pública de todas as pessoas. Ela menciona inclusive os videogames e a televisão como cruciais para o que dá o nome de “produção de formas modernas de vida privada”<sup>216</sup>. Porém, essa produção passa por mecanismos militarizados, para além da nossa imaginação.

Haraway também menciona a impossibilidade de permanecer utilizando uma caracterização ideológica dicotômica das vidas das mulheres, seja pela separação entre os domínios público e privado, reforçado pela distinção entre a casa e fábrica no recorte operário, ou pela casa e o mercado no recorte burguês. Até mesmo a separação entre pessoal e político se torna uma categoria impossível para a filósofa. Ela propõe então a ideia de uma rede ideológica em que há “uma profusão de espaços e identidades e a permeabilidade das fronteiras no corpo pessoal e no corpo político.”<sup>217</sup>

Mais adiante, Haraway retoma a figura do ciborgue e cita teóricos que trabalham com essa ideia ou conceitos similares. Ela cita Audre Lorde e sua obra “Sister Outsider” (Irmã Forasteira), assim como Cherríe Moraga em “Loving in the war years” (Amor nos anos de guerra), por exemplo, e defende uma espécie de escrita-ciborgue.

A escrita é, preeminentemente, a tecnologia dos ciborgues – superfícies gravadas do final do século XX. A política do ciborgue é a luta pela linguagem, é a luta contra a comunicação perfeita, contra o código único que traduz todo significado de forma perfeita – o dogma central do falocentrismo. É por isso que a política do ciborgue insiste no ruído e advoga a poluição, tirando prazer das ilegítimas fusões entre animal e máquina. São esses acoplamentos que tornam o Homem e a Mulher extremamente problemáticos, subvertendo a estrutura do desejo, essa força que se imagina como sendo a que gera a linguagem e o gênero, subvertendo, assim também, a estrutura e os modos de reprodução da identidade “ocidental”, da natureza e da cultura, do espelho e do olho, do escravo e do senhor. “Nós” não escolhemos, originalmente, ser ciborgues. A ideia de escolha está na base, de qualquer forma, da política liberal e da epistemologia que imaginam a reprodução dos indivíduos antes das replicações mais amplas de “textos”. [...] Isso não é apenas uma desconstrução literária, mas uma transformação limiar. Toda história que começa com a inocência original e privilegia o retorno à inteireza imagina que o drama da vida é constituído de individuação, separação, nascimento do eu, tragédia da autonomia, queda na escrita, alienação; isto é, guerra, temperada pelo repouso imaginário no peito do Outro. Essas tramas são governadas por uma política reprodutiva – renascimento sem falha, perfeição, abstração. (Haraway, 2000, p. 88-90)

A partir das discussões levantadas ao longo desta dissertação, é possível elaborar novas definições para a domesticidade. Parte-se primeiro da noção de que não se pode criar

---

<sup>216</sup> Ibidem, p. 73.

<sup>217</sup> Ibidem, p. 76.

um conceito único, um consenso absoluto, seguindo o raciocínio de Haraway, uma vez que deve haver espaço para que as várias manifestações do doméstico defendam seu lugar de existência. O fato de essa pesquisa se ater a um recorte temporal e de classe para fins metodológicos e para sua escrita, deixa claro como propõe uma análise que parte de um fragmento do cotidiano da pandemia, uma moldura diante da temática analisada, a partir da qual muito fica de fora. É impossível estabelecer um princípio de universalidade na análise do social, mas isso não invalida o conhecimento aqui produzido, apenas demarca a sua posição como um entre muitos outros, ainda que seja defendida a proposta de reelaborar um conceito que passou por mudanças significativas durante os últimos anos a partir de uma metodologia pouco utilizada para sua análise, nesse caso, a narrativa cronicizada do cotidiano.

Retomamos então as perguntas feitas no começo desta dissertação. Como a domesticidade relacionada a um ideal de refúgio é atravessada pela imposição da superposição de outras atividades, explodindo inclusive as delimitações pré-estabelecidas de público e privado? Como ficam as fronteiras entre dentro e fora, simultaneamente bastante demarcadas, mas também borradas devido à invasão de tecnologias que mantiveram sociabilidades que nos conectaram e ainda conectam com o mundo exterior à casa? Como a casa passou a ser percebida durante o isolamento devido à ameaça sanitária do coronavírus? Como nossas adaptações do espaço perpassam a forma como se fala sobre ele para além da linguagem da arquitetura? Como essas diferentes percepções de moradores constroem múltiplas manifestações de domesticidades atualmente, com hibridismos permeados pelo isolamento social da pandemia dentro do espaço da casa?

Ao longo dos capítulos foi possível perceber como a casa se tornou uma unidade de análise no dia a dia de muitos, sendo influenciada por mecanismos de controle que não necessariamente a atingiam de forma clara antes da imposição do isolamento social. O trabalho transferido para o espaço doméstico evidenciou as condições precárias dos trabalhadores no Brasil e no mundo, submetidos a regimes de trabalho em que a distinção entre as outras esferas da vida ficaram ainda mais complexas ao analisarmos como a construção de um sujeito de desempenho não cessou nem em um estado de emergência sanitária mundial.

Houve também mudanças na percepção de um morar em que as janelas se tornaram ainda mais privilegiadas, as físicas como meio mais próximo do exterior imediato, e as digitais, em que o exterior era e ainda é o mundo inteiro. Esse tipo de casa quase que hermeticamente fechada para seu entorno também mostrou-se como algo já existente a partir

de premissas de outros projetos de épocas passadas em que, apesar de inseridos em outros contextos, também pensavam sua ocupação em um estado de isolamento.

E as domesticidades do presente não exatamente provaram pontos desses vislumbres de futuro, mas escancaram abismos de como o habitar lida com questões que parecem saídas de ficções científicas, mas sem o menor preparo para elas para a maioria das pessoas. Porém, o individualismo da nave espacial navegando de forma solitária, no caso da House of The Future, ou a Underground House que pode controlar o que vê de sua janela se protegendo das ameaças do mundo exterior, se aproximou mais da experiência narrada pelas cronistas aqui analisadas. A continuidade entre material e virtual, ainda que não tão fluida como as ficções, se estenderam ainda mais entre si, partindo principalmente de telas-janelas dentro do espaço onde se mora.

Entre os excessos de traumas, mídias e de informações desse período vivido, a domesticidade aqui encontrou também seus impasses: ainda que lidando com essa extensão ao virtual, o físico também se impôs dramaticamente. Essa hibridização do cotidiano que privilegiou a concentração das atividades antes presenciais em torno e dentro de telas, escancarou as precariedades de muitas moradias. O confinamento de forma mais rígida e imposta por instituições de saúde e respeitado por muitos, nos trouxe o questionamento se já não vivíamos confinados de certa forma, em espaços que não nos cabem, como bem disse Carla Soares. Com todas as atividades como trabalho, estudo, lazer, e outras sociabilidades banidas de sua realização da porta para fora durante a pandemia, percebeu-se a impossibilidade de tudo ser contido do lado de dentro. O Aleph de Jorge Luís Borges, encontrado embaixo de uma escada de um porão, não serve apenas como imagem ilustrativa do vortex infinito de informação que as ferramentas digitais podem proporcionar. Mas também funciona nesse contexto como uma metáfora de espaços apertados e não muito confortáveis de se estar, ainda que possibilite conhecer o mundo inteiro sem que se saia do lugar.

Assim, após caminhar para um novo normal que de novo não possuía muita coisa, muitas precariedades da vida e do trabalho se impuseram a partir da casa. A emergência da temática da economia do cuidado e a exaustão das mulheres durante a pandemia foi uma delas. Depois de tantas lives, de decretos de fim de uma emergência sanitária, de retorno ao presencial, da não necessidade de usar máscaras, os questionamentos se sairíamos disso tudo melhores, feitos no início do isolamento por muitos, quando não se sabia o quão aterrador seria esse período, talvez não faça mais tanto sentido. Nesse momento posterior em que nos

encontramos, é possível perceber que essa não é a melhor pergunta a ser respondida. De agora em diante o ponto principal talvez seja fazer perguntas melhores – uma vez que a crise devido à pandemia de COVID-19 muito provavelmente não será a última –, principalmente aquelas que envolvam as maneiras de morar em um mundo que, apesar de ter aos trancos e barrancos sobrevivido a essa contaminação crítica e em escala mundial, não se encontra nem perto de respondê-las.

Dessa forma, retomando o que foi discutido ao longo dos capítulos, é possível entender a domesticidade atualmente como um híbrido. Haraway já questionava o purismo das divisões binárias entre natural e artificial, e o espaço doméstico e suas práticas aqui chamadas de domesticidades também desafiam uma análise dicotômica na contemporaneidade. Diante da ubiquidade da tecnologia no dia a dia da maioria das pessoas, a espacialidade digital funciona de forma conjunta ao espaço físico, não exatamente de forma simbiótica, mas sobreposta. A casa, ainda que se imponha espacialmente delimitando seu lugar de importância como abrigo e privacidade ligada à ambiência física, não se situa da mesma forma quando esses mesmos fatores são transpostos para a digitalidade, por exemplo.

Por isso a ideia do ciborgue de Haraway é mais próxima da forma como a domesticidade pode ser definida atualmente. A possibilidade de desconstruir ideais construídos como naturais e dados como certos cabe tanto para a explosão de categorias como privacidade e abrigo, mas também para o constructo social do doméstico como feminino. Ainda que a maior parte das referências utilizadas como disparadoras para esse estudo e dos pontos analisados em cada capítulo tenha sido escrita por mulheres, isso não leva ao fato de que a casa deve continuar a ser colocada como um “habitat natural” da mulher, o anjo do lar idealizado que pauta muitas das investigações a respeito da domesticidade.

A questão, ideologicamente carregada, a respeito do que conta como atividade cotidiana, como experiência, pode ser abordada por meio da exploração da imagem do ciborgue. As feministas têm argumentado, recentemente, que as mulheres estão inclinadas ao cotidiano, que as mulheres, mais do que os homens, sustentam a vida cotidiana e têm, assim, uma posição epistemológica potencialmente privilegiada. Há um aspecto atrativo nesse argumento, um aspecto que torna visíveis as atividades femininas não valorizadas e as reivindicam como constituindo a base da vida. Mas: "a" base da vida? E o que dizer sobre toda a ignorância das mulheres, todas as exclusões e negações de seu conhecimento e de sua competência? O que dizer do acesso masculino à competência cotidiana, o acesso ao saber sobre como construir coisas, desmontá-las, jogar com elas? Que dizer de outras corporificações? O gênero ciborguiano é uma possibilidade local que executa uma vingança global. A raça, o gênero e o capital exigem uma teoria ciborguiana do todo e das partes. Não existe nenhum impulso nos ciborgues para a produção de uma teoria total; o que existe é uma experiência íntima sobre fronteiras sobre sua construção e desconstrução. Existe um sistema de mito, esperando tornar-se uma linguagem política que se possa constituir na base de uma forma de ver a ciência e a tecnologia e de contestar a

informática da dominação – a fim de poder agir de forma potente. (Haraway, 2000, p. 97-98)

Por fim, Donna Haraway conclui:

A imagem do ciborgue pode ajudar a expressar dois argumentos cruciais deste ensaio. Em primeiro lugar, a produção de uma teoria universal, totalizante, é um grande equívoco, que deixa de apreender – provavelmente sempre, mas certamente agora a maior parte da realidade. Em segundo lugar, assumir a responsabilidade pelas relações sociais da ciência e da tecnologia significa recusar uma metafísica anticiência, uma demonologia da tecnologia e, assim, abraçar a habilidosa tarefa de reconstruir as fronteiras da vida cotidiana, em conexão parcial com os outros, em comunicação com todas as nossas partes. Não se trata apenas da ideia de que a ciência e a tecnologia são possíveis meios de grande satisfação humana, bem como uma matriz de complexas dominações. A imagem do ciborgue pode sugerir uma forma de saída do labirinto dos dualismos por meio dos quais temos explicado nossos corpos e nossos instrumentos para nós mesmas. Trata-se do sonho não de uma linguagem comum, mas de uma poderosa e herética heteroglossia. [...] Significa tanto construir quanto destruir máquinas, identidades, categorias, relações, narrativas espaciais. (Haraway, 2000, p. 98-99)

Haraway diz preferir ser um ciborgue a uma deusa. O morar e as domesticidades talvez caminhem atualmente mais próximo dessa percepção menos idealizada, um *oikos* para além de sua definição original, que diz:

Oikos é um termo em grego que pode fazer referência a casa, família e propriedade familiar. Na Grécia Antiga, tratava-se de uma unidade básica da sociedade, organizada de forma hierarquizada em torno da figura do pai, a principal autoridade dentro da casa, associando-se à descendência de pai para filho. O conceito de família dentro do oikos, segundo Aristóteles, em Política, não se restringia aos laços sanguíneos, uma vez que todos que contribuíam para o bem-estar e desenvolvimento do oikos eram considerados família, incluindo-se aí todos os familiares diretos e os escravos. (Nota das Editoras in (Federici, 2019 [2010], p. 82)

Passemos aqui para uma atualização desse termo da Grécia Antiga, presente nesse imaginário de um panteão de conceitos que regem a vida para novos termos, em que essas domesticidades possam ser compreendidas de maneira mais condizente com o presente, com as pessoas que habitam e com novos imaginários do morar.

## REFERÊNCIAS

Parte dos títulos dos capítulos de 1 a 4 foram retirados de um texto informativo publicado no site do Governo Brasileiro intitulado “**Como se proteger? Confirma medidas não farmacológicas de prevenção e controle da pandemia do novo coronavírus**”, publicado em 08/04/2021 e atualizado em 22/06/2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/como-se-protger>. Acesso em 26/10/2023.

Parte do título do capítulo 6 foi retirado da reportagem do portal Uol escrita por Jamil Chade “**Após milhões de mortos em 3 anos, OMS decreta fim de emergência da covid**”, publicado em 05/05/2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2023/05/05/oms-decreta-fim-de-emergencia-p-or-covid-19.htm>. Acesso em 26/10/2023.

\*\*\*

Poemas de Ana Martins Marques retirados do livro “Como se fosse a casa (uma correspondência)” abrem o prólogo, os capítulos de 1 a 6 e o epílogo.

MARQUES, Ana Martins. JORGE, Eduardo. **Como se fosse a casa: uma correspondência**. – Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.

\*\*\*

ANDRADE, Luciana. **essenciais no lockdown**. *flows magazine*. Disponível em: <https://flowsmagazine.substack.com/p/os-essenciais-no-lockdown>. Acesso em: 06/04/2024.

ANDRADE, Luciana. **presente**. *flows magazine*. Disponível em: <https://flowsmagazine.substack.com/p/presente>. Acesso em: 23/01/2024.

ANGELO, Bárbara Bom. #113. *Queria ser grande, mas desisti*. Disponível em: <https://queriasergrande.substack.com/p/113-queria-ser-grande-mas-desisti>. Acesso em: 07/04/2024.

ANGELO, Bárbara Bom. #116. *Queria ser grande, mas desisti*. Disponível em: <https://queriasergrande.substack.com/p/116-queria-ser-grande-mas-desisti>. Acesso em: 07/04/2024.

ANZALDÚA, Gloria E. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo**. [1981]. In: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. *Histórias das mulheres, histórias feministas: vol. 2 antologia* / org. Adriano Pedrosa, Amanda Carneiro e André Mesquita. – São Paulo: MASP, 2019. p. 85-94.

BENJAMIN, Walter. **Paris, a capital do século XIX**. In: KOTHE, Flávio; FERNANDES, Florestan. Walter Benjamin. *Sociologia*. – São Paulo: Ática, 1985.

BERNARDINI, Aurora. **Ecocrítica e antropoceno: o caso de Per Johns**. In: Fabiane Secches (org.). *Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno*. – 1. ed. – São Paulo: Editora Instante, 2022. p. 118-123.

BODEGRAVEN, Marian Rosa van. ASSAL, Marianna Boghosian Al. **Apresentação**. In: Beatriz Colomina. Marian Rosa van Bodegraven e Marianna Boghosian Al Assal (org.). *Arquitetura, sexualidade e mídia*. Tradução: Marian Rosa van Bodegraven – São Paulo: Editora Escola da Cidade / Editora WMF Martins Fontes, 2023. p. 6-13.

BORGES, Jorge Luis. **O Aleph (1949)**. Tradução: Davi Arrigucci Jr. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BRADBURY, Ray. **As crônicas marcianas**. Tradução: Ana Ban. Apresentação Jorge Luis Borges. – 2. ed. – São Paulo: Globo, 2013.

CALLEGARI, Isabela. **Para entender a urgência da Economia do Cuidado**. *Outras Palavras*, Disponível em: [https://outraspalavras.net/feminismos/para-entender-a-urgencia-da-economia-do-cuidado/?fbclid=IwAR2SwujYUHcGSL\\_9TaK5GJ0etSdWgriNRqckTdX-wlhJ7nu3BUU0l5sE3t8](https://outraspalavras.net/feminismos/para-entender-a-urgencia-da-economia-do-cuidado/?fbclid=IwAR2SwujYUHcGSL_9TaK5GJ0etSdWgriNRqckTdX-wlhJ7nu3BUU0l5sE3t8). Acesso em: 14/12/2021.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **As esculturas inspiradas na vida galante: um exercício de análise**. In: Flávia Brito do Nascimento, Joana Mello de Carvalho e Silva, José Tavares Correia de Lira, Silvana Barbosa Rubino (orgs.). *Domesticidade, Gênero e Cultura Material* – São Paulo; Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2017. p. 253-273.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e Artefato: O Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material - São Paulo, 1870-1892**. – 1 ed., 1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2020.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. – São Paulo: Editora Paz e Terra, 1982.

COLOMINA, Beatriz. **A parede cindida: voyeurismo doméstico**. In: Beatriz Colomina. Marian Rosa van Bodegraven e Marianna Boghosian Al Assal (org.). *Arquitetura, sexualidade e mídia*. Tradução: Marian Rosa van Bodegraven – São Paulo: Editora Escola da Cidade / Editora WMF Martins Fontes, 2023. p. 18-83.

COLOMINA, Beatriz. **Ainda escrevendo**. In: Beatriz Colomina. Marian Rosa van Bodegraven e Marianna Boghosian Al Assal (org.). *Arquitetura, sexualidade e mídia*. Tradução: Marian Rosa van Bodegraven – São Paulo: Editora Escola da Cidade / Editora WMF Martins Fontes, 2023. p. 15-17.

COLOMINA, Beatriz. **Arquitetura, sexualidade e mídia**. Marian Rosa van Bodegraven e Marianna Boghosian Al Assal (org.). Tradução: Marian Rosa van Bodegraven – São Paulo: Editora Escola da Cidade / Editora WMF Martins Fontes, 2023.

COLOMINA, Beatriz. **Domesticity at war**. The MIT Press. – Cambridge, Massachusetts, 2007.

COLOMINA, Beatriz. **O século da cama**. In: Beatriz Colomina. Marian Rosa van Bodegraven e Marianna Boghosian Al Assal (org.). *Arquitetura, sexualidade e mídia*.

Tradução: Marian Rosa van Bodegraven – São Paulo: Editora Escola da Cidade / Editora WMF Martins Fontes, 2023. p. 84-95.

COLOMINA, Beatriz. **Observar, descrever, questionar**. In: Beatriz Colomina. Marian Rosa van Bodegraven e Marianna Boghosian Al Assal (org.). *Arquitetura, sexualidade e mídia*. Tradução: Marian Rosa van Bodegraven – São Paulo: Editora Escola da Cidade / Editora WMF Martins Fontes, 2023. p. 106-130.

CÓRDOBA, Francisco Javier Rueda. **Los Bares y el Dispositivo Doméstico**. *Actas Primer Congreso internacional feminista de Arquitectura y Cuidados*. Disponível em: [https://oa.upm.es/69367/1/Actas\\_cuidados.pdf](https://oa.upm.es/69367/1/Actas_cuidados.pdf). Acesso em: 26/04/2024. p. 289-291.

COUTINHO, Tato. **Janelas abertas: lugar de fala**. Revista Gama. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/sociedade/janelas-abertas/lugar-de-fala/>. Acesso em: 08/04/2024.

CRARY, Jonathan. **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**. Tradução: Joaquim Toledo Jr. – São Paulo: Ubu Editora, 2016.

D'ANGELO, Helô. **Isolamento**. – 1 ed. – Rio de Janeiro: IndieVisível Press, 2022.

DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian. **Capítulo 9: A fábrica do sujeito neoliberal**. In: Pierre Dardot e Christian Laval. *A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. – São Paulo: Boitempo, 2016. p. 316-370.

DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian. **Capítulo 10: A práxis instituinte**. In: Pierre Dardot e Christian Laval. *O comum: Ensaio sobre a revolução no século XXI*. Tradução: Mariana Exalar. – São Paulo: Boitempo, 2016. p. 335-373.

DICK, Philip K. **Sonhos Elétricos**. Tradução: Daniel Lümann. – São Paulo : Aleph, 2018.

DIDION, Joan. **O álbum branco**. In: Joan Didion. *O álbum branco*. Tradução: Camila Von Holdefer. – Duque de Caxias, RJ: HarperCollins Brasil, 2021.

ERNAUX, Annie. **A escrita como faca e outros textos**. Tradução: Mariana Delfini. – São Paulo: Fósforo, 2023.

FARIA, Paula Lemos Vilaça. **A casa como substantivo feminino: atividades de manutenção e perspectivas futuristas**. *Anais do 7º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais*. 1. ed. Belo Horizonte: EdUEMG, 2022. ISSN: 2674-7847. p. 186-195. DOI: 10.5281/zenodo.7489770. Disponível em: [https://zenodo.org/records/7489770#.Y64fBLlv\\_qt](https://zenodo.org/records/7489770#.Y64fBLlv_qt). Acesso em: 04/07/2024.

FARIA, Paula Lemos Vilaça. **Do humans dream of android houses? Science fiction architecture as a symbol of rise and fall of Modernism**. In: Congresso SIGraDi 2020, 2020, Medellín. *Blucher Design Proceedings*. São Paulo: Editora Blucher, 2020. p. 713. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/348054575\\_Do\\_humans\\_dream\\_of\\_android\\_houses](https://www.researchgate.net/publication/348054575_Do_humans_dream_of_android_houses)

Science fiction architecture as a symbol of rise and fall of Modernism. Acesso em: 04/07/2024.

FEDERICI, Silvia. **A reestruturação do trabalho doméstico e da reprodução nos Estados Unidos nos anos 1970 [1980]**. In: Silvia Federici. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução: Coletivo Sycorax. – São Paulo: Elefante, 2019. p. 87-113.

FEDERICI, Silvia. **Contraplanejamentos da cozinha [1975] [Com Nicole Cox]**. In: Silvia Federici. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução: Coletivo Sycorax. – São Paulo: Elefante, 2019. p. 62-86.

FEDERICI, Silvia. **Da crise aos comuns: trabalho reprodutivo, trabalho afetivo, tecnologia e a transformação da vida cotidiana [2015]**. In: Silvia Federici. Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns. Tradução: Coletivo Sycorax – São Paulo: Elefante, 2022. p. 254-271.

FEDERICI, Silvia. **Feminismo e a política do comum em uma era de acumulação primitiva [2010]**. In: Silvia Federici. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução: Coletivo Sycorax. – São Paulo: Elefante, 2019. p. 303-323.

FEDERICI, Silvia. **Marxismo, feminismo e os comuns [2014]**. In: Silvia Federici. Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns. Tradução: Coletivo Sycorax – São Paulo: Elefante, 2022. p. 221-253.

FEDERICI, Silvia. **Reencantando o mundo: tecnologia, corpo e construção dos comuns [2015]**. In: Silvia Federici. Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns. Tradução: Coletivo Sycorax – São Paulo: Elefante, 2022. p. 272-285.

FEDERICI, Silvia. **Salários contra o trabalho doméstico [1975]**. In: Silvia Federici. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução: Coletivo Sycorax. – São Paulo: Elefante, 2019. p. 40-54.

FEDERICI, Silvia. **Sobre o cuidado dos idosos e os limites do marxismo [2009]**. In: Silvia Federici. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução: Coletivo Sycorax. – São Paulo: Elefante, 2019. p. 253-276.

FEDERICI, Silvia. **Sobre o trabalho afetivo [2011]**. In: Silvia Federici. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução: Coletivo Sycorax. – São Paulo: Elefante, 2019. p. 324-353.

FELITTI, Guilherme. **A sangria da tecnologia é consequência de um “novo normal” que nunca chegou**. *Podcast Tecnocracia*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1UbaYyNhIgpviJ8NXba2tl?si=30da8275cb62455c&nd=1&dlsi=a581abd6c55c407f>. Acesso em: 13/06/2023.

FERRANTE, Elena. **As margens do ditado: Sobre os prazeres de ler e escrever**. Tradução: Marcello Lino. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2023.

FERRARI, Vanessa. **O lugar das palavras: primeiros embates do narrador contemporâneo**. – Belo Horizonte: Moinhos, 2023.

FISHER, Mark. **Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** Tradução: Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato, Maikel da Silveira. [Coordenação: Manuela Beloni e Cauê Ameni]. – 1. ed. – São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FLUSSER, Vilém. **A não coisa [1]** (1989). In: O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação. Org. Rafael Cardoso. Tradução: Raquel Abi-Sâmara. – São Paulo: Ubu Editora, 2017. p. 47-54

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. – Rio de Janeiro: Editora GRAAL, 1979.

FUÃO, Fernando Freitas. **Arquitetura e domesticação II**. *Arquitextos / Vitruvius*. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/23.273/8721>. Acesso em: 25/05/2023.

FUKS, Julián. **Adeus à crônica: sobre o fim silencioso e tímido de um gênero literário**. *Ecoa Uol*. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/julian-fuks/2023/08/05/adeus-a-cronica-sobre-o-fim-silencioso-e-timido-de-um-genero-literario.htm>. Acesso em: 04/09/2023.

FUKS, Julián. **No tempo da morte, a morte do tempo**. In: The New York Times Magazine. O Projeto Decamerão: 29 histórias da pandemia. Tradução: Isabela Sampaio ... [et al] – 1ª ed. – Rio de Janeiro, Rocco, 2021. p. 251-257.

GUEDES, Vanessa. **Se eu não puder brincar, não é minha revolução: Barbie, Barbarella, Donna Haraway e seus ciborgues de carne e osso**. *Segredos em órbita*. Disponível em: <https://vanessaguedes.substack.com/p/se-eu-nao-puder-brincar-nao-e-minha>. Acesso em: 06/04/2024.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos: em busca de outro tempo**. Tradução: Lucas Machado. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Não-coisas: reviravoltas do mundo da vida**. Tradução: Rafael Rodrigues Garcia. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Tradução: Lucas Machado. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: O neoliberalismo e as técnicas de poder**. – Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Tradução: Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução: Enio Paulo Giachini. 2ª ed. ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. Tradução: Tomaz Tadeu. In: Tomaz Tadeu (org.) *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. – Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 37-129

hooks, bell. **Constituir o lar: um espaço de resistência**. In: bell hooks. *Anseios: raça, gênero e políticas culturais*. Tradução: Jamille Pinheiro. – São Paulo: Elefante, 2019. p.102-117

KAPP, Silke. **Teoria crítica da arquitetura. Tese apresentada à Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a promoção docente à classe de Professora Titular**. – Belo Horizonte, 2023.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa da ficção**. Tradução: Luciana Chieregati, Vivian Chieregati Costa; introdução de Juliana Fausto; posfácio de Luciana Chieregati. – São Paulo: n-1 edições, 2021.

LEMOS, Carlos A. C. **Nos processos de domesticidade, a superposição de práticas cotidianas no mesmo espaço arquitetônico**. In: Flávia Brito do Nascimento, Joana Mello de Carvalho e Silva, José Tavares Correia de Lira, Silvana Barbosa Rubino (orgs.). *Domesticidade, Gênero e Cultura Material – São Paulo; Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2017. p. 241-250.*

MARQUEZ, Renata. CANÇADO, Wellington. **Domesticidades**. – Guia de Bolso. Instituto Cidades Criativas / ICC. – Belo Horizonte, 2010.

MEZZADRI, Alessandra. **On the value of social reproduction: informal labour, the majority world and the need for inclusive theories and politics**. *Radical Philosophy* 2.04, 2019.

MEZZADRI, Alessandra. **The informal labours of social reproduction**. *Global Labour Journal*, 2020, 11 (1).

MONTERO, Rosa. **O perigo de estar lúcida**. Tradução: Mariana Sanchez. – 1. ed. – São Paulo: Todavia, 2023.

MUNDURUKU, Daniel. **Literatura indígena**. In: Fabiane Secches (org.). *Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno*. – 1. ed. – São Paulo: Editora Instante, 2022. p. 30-39.

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. **Wanda Pimentel: envolvimentos**. Curadoria Adriano Pedrosa, Camila Bechelany; organização Adriano Pedrosa; textos Camila Bechelany... [et al.] – São Paulo: MASP, 2017.

NASCIMENTO, Flávia Brito do; SILVA, Joana Mello de Carvalho e; LIRA, José Tavares Correia de; RUBINO, Silvana Barbosa. (orgs.) **Domesticidade, Gênero e Cultura Material**. – São Paulo; Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2017.

PASSARELLI, Gaía. **essa coisa da crônica**. *Tá todo mundo tentando*. Disponível em: [https://www.gaiapassarelli.com/p/cronica?utm\\_source=substack&utm\\_campaign=post\\_embed&utm\\_medium=web](https://www.gaiapassarelli.com/p/cronica?utm_source=substack&utm_campaign=post_embed&utm_medium=web). Acesso em: 04/09/2023.

PELBART, Peter Pál. **Espectros da catástrofe**. Revisão: Mariana Lacerda. *Wrong Wrong Magazine*. 2021. Disponível em: <https://wrongwrong.net/artigo/espectros-da-catastrofe>. Acesso em: 09/01/2024.

PHILIPS, Patricia C. **Out of order: The Public Art Machine**. *Artforum*. 1988. Disponível em: <https://www.artforum.com/features/out-of-order-the-public-art-machine-2-206041/>. Acesso em: 09/03/2024.

PINHEIRO, Luisa. **A marcha da vacina**. *Doses de Tiquira*. Disponível em: <https://dosesdetiquira.substack.com/p/a-marcha-da-vacina>. Acesso em: 07/04/2024.

PINHEIRO, Luisa. **Corpo e espaço**. *Doses de Tiquira*. Disponível em: <https://dosesdetiquira.substack.com/p/corpo-e-espaco>. Acesso em: 07/04/2024.

PINHEIRO, Luisa. **Um gostinho de home office**. *Doses de Tiquira*. Disponível em: <https://dosesdetiquira.substack.com/p/um-gostinho-de-home-office>. Acesso em: 07/04/2024.

POGREBINSCHI, T. **Foucault, para além do poder disciplinar e do biopoder**. Lua Nova Nº 63. 2004.

PORTELLA, Vinícius. **Concentração**. In: Vinícius Portella. *O inconsciente corporativo e outros contos*. 1. ed. – São Paulo: DBA Editora, 2023. p. 11-12.

PORTELLA, Vinícius. **O inconsciente corporativo e outros contos**. 1. ed. – São Paulo: DBA Editora, 2023.

PRECIADO, Paul. **Pornotopia: an essay on Playboy's architecture and biopolitics**. – Cambridge, Massachusetts, and London, England. Distributed by The MIT Press: Zone Books, 2019.

**Primer Congreso internacional feminista de Arquitectura y Cuidados**. <https://congresoarquitecturaycuidados.com/>. Madrid, España. 2021 – Todos los derechos reservados.

Rádio Batente. **O chefe pode te vigiar até em casa?** *Podcast Trabalhadora*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/37r41LfG6Wt494gMZ2g3Kg?si=1-sAdznxSkylamhrUEg38A>. Acesso em: 26/04/2026.

RAMOS, Nuno. **A destruição minuciosa de tudo**. In: Guilherme Wisnik e Tuca Vieira (org.). *Futuros em gestação: cidade, política e pandemia*. – São Paulo: Editora Escola da Cidade / WMF Martins Fontes Ltda. 2022. p. 181-189.

RÜSCHE, Ana. **Floresta é o nome do mundo: Capitaloceno e resistência na obra de Ursula K. Le Guin**. In: Fabiane Secches (org.). *Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno* – 1. ed. – São Paulo: Editora Instante, 2022. p. 40-49.

SANDLER, Carolina Ruhman. **A crônica está viva – e ela mora no Substack.** *Vou te falar*. Disponível em: [https://voutefalar.substack.com/p/a-cronica-esta-viva-e-ela-mora-no?utm\\_source=profile&utm\\_medium=reader](https://voutefalar.substack.com/p/a-cronica-esta-viva-e-ela-mora-no?utm_source=profile&utm_medium=reader). Acesso em: 04/09/2023.

SANDLER, Carolina Ruhman. **Você não vai abrir a câmera?** *Vou te falar*. Disponível em: <https://voutefalar.substack.com/p/voce-nao-vai-abrir-a-camera>. Acesso em: 07/04/2024.

SCHENIDER, Katy. **The Pandemic Skip By now, many of us have fully resumed our post-COVID lives.** But what about all the years we missed?. *The Cut*. Disponível em: [https://www.thecut.com/article/post-covid-pandemic-age-essay.html?utm\\_source=substack&utm\\_medium=email](https://www.thecut.com/article/post-covid-pandemic-age-essay.html?utm_source=substack&utm_medium=email). Acesso em: 02/04/2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **De perto ninguém é normal (ou o ‘novo normal’).** *Revista Gama*. Disponível em: [https://gamarevista.uol.com.br/sociedade/de-perto-ninguem-e-normal-ou-o-novo-normal/?utm\\_medium=IG\\_Stories&utm\\_source=Social&utm\\_campaign=LivresGama](https://gamarevista.uol.com.br/sociedade/de-perto-ninguem-e-normal-ou-o-novo-normal/?utm_medium=IG_Stories&utm_source=Social&utm_campaign=LivresGama). Acesso em: 01/04/2024.

SCOTT, Paulo. **Linguagem, intemperança e direito à literatura: o direito que precisa ser buscado.** In: Fabiane Secches (org.). *Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno* – 1. ed. – São Paulo: Editora Instante, 2022. p. 89-95.

SECCHES, Fabiane. (org.) **Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno.** – 1. ed. – São Paulo: Editora Instante, 2022.

SOARES, Carla. **Eu adoro morar aqui.** *Outra cozinha*. Disponível em: <https://outracozinha.substack.com/p/outracozinha-44-eu-adoro-morar-aqui#details>. Acesso em: 11/01/2023.

SOARES, Carla. **Falar de si mesma: o vivido narrado também é literatura?** *Outra cozinha*. Disponível em: [https://outracozinha.substack.com/p/falar-de-si-mesma-o-vivido-narrado?r=61rvw&utm\\_campaign=post&utm\\_medium=web&utm\\_source=substack&triedRedirect=true](https://outracozinha.substack.com/p/falar-de-si-mesma-o-vivido-narrado?r=61rvw&utm_campaign=post&utm_medium=web&utm_source=substack&triedRedirect=true). Acesso em: 11/01/2023.

SOL, Luísa. **Screen Care: Visibility, Invisibility and Metaphors of Home in the Context of Pandemic.** *Actas Primer Congreso internacional feminista de Arquitectura y Cuidados*. Disponível em: [https://oa.upm.es/69367/1/Actas\\_cuidados.pdf](https://oa.upm.es/69367/1/Actas_cuidados.pdf). Acesso em: 26/04/2024. p. 326-332.

SONTAG, Susan. **A imaginação da catástrofe [1965].** In: Susan Sontag. *Contra a interpretação e outros ensaios*. Tradução: Denise Bottmann. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 266-287.

STIGGER, Veronica. **Texto de orelha do livro.** In: Vinícius Portella. *O inconsciente corporativo e outros contos*. 1. ed. – São Paulo: DBA Editora, 2023.

SZENDY, Peter. **Tempos virais**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, seção Extra! [conteúdo exclusivo online]. 2020. Disponível em: <https://piseagrama.org/extra/tempos-virais/>. Acesso em: 20/06/2023.

The New York Times Magazine. **O Projeto Decamerão: 29 histórias da pandemia**. Tradução: Isabela Sampaio ... [et al] – 1ª ed. – Rio de Janeiro, Rocco, 2021.

TIMERMAN, Natalia. **O tempo da ficção e o fim dos tempos: a morte é sempre uma ficção até que aconteça**. In: Fabiane Secches (org.). Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno. – 1. ed. – São Paulo: Editora Instante, 2022. p. 124-132.

VALEK, Aline. **Afetos digitais**. *Uma palavra*. Disponível em: <https://alinevalek.substack.com/p/afetos-digitais>. Acesso em: 23/03/2024.

VALEK, Aline. **Futuro tá em falta**. *Uma palavra*. Disponível em: <https://alinevalek.substack.com/p/futuro-ta-em-falta>. Acesso em: 23/03/2024.

VALEK, Aline. **Hora da sincronia**. *Uma palavra*. Disponível em: <https://alinevalek.substack.com/p/hora-da-sincronia>. Acesso em: 23/03/2024.

VELLOSO, Rita. **Pensar por constelações**. In: Paola Berenstein Jacques e Margareth da Silva Pereira (orgs.). Nebulosas do pensamento urbanístico: Tomo I. - modos de pensar. – Salvador: EDUFBA, 2018. p. 98-121.

VIRILIO, Paul. **O Espaço Crítico: e as perspectivas do tempo real**. – 2. ed. – Edição revista e aumentada pelo autor. Tradução: Paulo Roberto Pires. – São Paulo: Editora 34, 2014.

WARK, McKenzie. **O capital está morto**. Tradução: Dafne Melo. – São Paulo: Editora Funilaria e sobinfluencia edições, 2022.

WARK, McKenzie. **Um Manifesto Hacker**. Tradução: Victor Barcellos. – São Paulo: sobinfluencia edições, 2023.

WEISSBERG, Jean-Louis. **Real e virtual**. Tradução: Ivana Bentes. In: André Parente (org.). Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual. Tradução: Rogério Luz *et al.* – 4ed – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 117-126

WISNIK, Guilherme. VIEIRA, Tuca. (orgs.) **Futuros em gestação: cidade, política e pandemia**. – São Paulo: Editora Escola da Cidade / WMF Martins Fontes Ltda. 2022.

WISNIK, Guilherme. **Para onde ia o mundo no momento em que, de repente, ele parecia não ir mais a lugar algum?** In: Guilherme Wisnik e Tuca Vieira (org.). Futuros em gestação: cidade, política e pandemia. – São Paulo: Editora Escola da Cidade / WMF Martins Fontes Ltda. 2022. p. 25-33.

ZUCCOTTI, Paula. **Future Archeology of a global lockdown**. Disponível em: <https://lockdownessentials.org/>. Acesso em: 07/04/2024.